

SÃO PAULO JUNHO A DEZEMBRO DE 1918 ANNO XVIII

REVISTA DE ENSINO

ORGAM

DA

Associação Beneficente

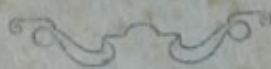
DO

PROFESSORADO PUBLICO DE SÃO PAULO

Publicação trimestral, sob os auspícios da Directoria Geral
da Instrução Publica

NUMEROS 1-4

Publicado em Outubro de 1919



SÃO PAULO

INT. DO « DIARIO OFFICIAL »

1919

Revista de Ensino

ANNO XVIII

JUNHO A DEZEMBRO DE 1918

NS.

Razões diversas, todas independentes de nossa vontade, occasionaram o desaparecimento momentaneo da *Revista de Ensino*. Assim é que, desde Março do anno passado, não mais foi ella publicada.

O desenvolvimento das nossas escolas creou novas e prementes necessidades, ás quaes vamos tentar satisfazer, dando á *Revista* outra feição mais pratica e mais util. Não quer isto dizer que vamos transforma-la, de alto a baixo, para apresental-a como uma entidade completamente nova e desconhecida.

Respeitando a fôrma, que lhe demos até agora, aproveitando tudo que de bom nella se contém, iremos, pouco a pouco, adaptando as suas paginas ás necessidades actuaes.

Ha muita cousa que precisa de ser repetida, de tempos a tempos, sob novas fôrmas, encerrando o mesmo fundo. A razão é obvia. Annualmente novas turmas de jovens professores são escalonadas a tomar parte no trabalho do ensino. Embora essas turmas tragam das Escolas Normaes vasta bagagem de pedagogia e metodos de ensino, ha tanta differença entre o ensino das mesmas escolas e a vida pratica, que, uma outra iniciação tem que se fazer, quando os professores principiantes tomam a regencia de suas escolas. Os proprios professores, em exercicio, por diversos motivos, assoberbados com as difficuldades crescentes do ensino e da sua vida particular, esquecem-se muitas vezes das boas normas pedagogicas, ou, aos poucos, vão lhes dando outras interpretações um tanto afastadas do natu-

ral, sendo mister chamar-lhes a attenção mais de uma vez.

Apparecem a todo o momento innovações perigosas, baseadas, embora, em principios verdadeiros, abstractamente considerados, mas de resultados detestaveis na pratica. E' preciso, pois, que a *Revista*, como unico organo do ensino no Estado, zele cuidadosamente do patrimonio existente e aproveitavel, e indique, mais cuidadosamente ainda, quaes as novidades accetaveis, sem prejuizo do trabalho commum.

Não sendo possivel, porém, nem util, traçar uma unica forma de proceder para todos os professores, como, mais de uma vez, nós mesmos temos infructiferamente tentado fazer, publicaremos dentre as variadissimas opiniões sobre ensino, tudo quanto nos parecer util, com a responsabilidade de seus autores. Cada professor que leia, estude e julgue os trabalhos de seus collegas e tire as conclusões mais favoraveis ao desempenho de suas funções.

Compreende-se que, para satisfazer taes exigencias, temos, ao lado de publicações ineditas, de inserir muitas outras que correm mundo, além da reedição de muito trabalho util, convenientemente elaborado, de accôrdo com as necessidades presentes e já recommendado pelo serviço que prestou.

Assim, pois, sem desprezar o nosso passado, antes procurando rebuscar nelle as suas phases brilhantes de mais de uma epoca, recommecemos a publicação da *Revista de Ensino*, para a qual reclamamos o valioso auxilio do professorado paulista, pois convem não perder de vista que a vida de nossa classe, tanto material como moral, tem de sahir do proprio seio da classe, a não de elementos estranhos.

Nossa missão é, e será sempre, ensinar estudando e estudar ensinando. Com a experiencia de uns, outros se aperfeiçoarão na pratica do ensino, e com a illustração e estudo de muitos, a experiencia commum attingirá, dia a dia, maior efficacia, em beneficio da educação do povo de nosso Estado.

QUESTÕES GERAES

Publicamos nesta secção, dous excellentes trabalhos: um do sr. dr. Thompson, Director Geral do Ensino, e outro do prof. Kuhlmann, inspector escolar.

Ambos merecem ser lidos e meditados por todos os que se preocupam com tão palpitantes questões.

O dr. Thompson aborda o ensino das profissões á nossa mocidade; o sr. Kuhlmann enfrenta a educação civica dos moços, para que estes melhor correspondam ás esperanças, que a patria nelles deposita.

Discurso pronunciado pelo Exmo. Sr. Dr. Oscar Thompson, D.D. Director Geral da Instrução Publica do Estado de S. Paulo, paronymphando aos graduandos em commercio do Lyceu Salesiano N. S. Auxiliadora de Campinas, na solenne entrega dos diplomas, em 21 de Abril de 1919.

Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano, Illmo. e Revmo. Sr. P. Inspector das Casas Salesianas, Revmo. Sr. P. Director do Lyceu de Artes e Officinas, Dignos Srs. Representantes dos Poderes Municipaes, Exmas. Scas. Meus Senhores. Meus Amigos, Srs. Diplomandos.

Num dos dias de maior movimento, na Repartição, que tenho a honra de dirigir, apparecia, em meu gabinete, um illustre sacerdote, que era portador de honroso convite. Esse sacerdote era o P. Luiz Zanchetta, director desta Escola e figura de destaque, na Congregação Salesiana. Solicitava elle, em nome da esperançosa phalange dos primeiros diplomandos do curso commercial, a minha presença, neste acto, para preferir o curso de paronympho, apresentando-os á culta sociedade campineira, no momento, em que deixam a escola, que lhes foi nutriz, e balisando-lhes a estrada com alguns conselhos de orientação.

A honra era grande, a perspectiva captivante: para quem moureja no magisterio, ha um goso real nesses encontros com a mocidade, porque a mocidade é a vida, é o entusiasmo, é a mais radiosa encarnação do ideal. E, contudo, senhores, o meu primeiro impulso foi para declinar a honra, porque, assoberbado de affazeres, deede logo se me antoihou a impossibilidade de preparar uma peça oratoria, que estivesse á altura deste acto tão significativo e tão promissor.

E, se não levei para diante o intento, foi porque a amabilidade conquistadora do P. Luiz Zanchetta me desarmou a coragem. É uma homenagem que rendo, em sua pessoa, á benemerita Congregação, que tantos serviços vem prestando á nossa Patria e que apresenta como expoentes de sua operosidade vultos da estatura de um D. Lazagns, dum D. Malas, dum D. Aquino, dum Lourenço Giordano, dum Pedro Rota e de tantos outros.

Não tive tempo, como disse, para brular períodos. Vou dizer o que penso em termos muito singelos, esperando que a minha boa vontade encontre uma compensação na vossa indulgente generosidade.

Vai para dois annos que, um dos lentes da Escola Normal de S. Paulo, falando por occasião da festa anniversaria daquelle instituto, depois de referir-se á guerra mundial, procurava fazer a interpretação deste facto.

— Quando se desce ao fundo das cousas, dizia elle, quando se faz abstracção das apparencias, dos accidentes, que velam a realidade e desorientam a analyse, o que se vislumbra, através desta vasta conflagração, é o embate de duas concepções educativas, de dois ideaes antagonicos de formação humana, dos quaes, um gravita para o *estatismo* e outro tende para o *particularismo*.

E de facto, meus senhores, nessa pugna homérica, suscitada pelas ambições do imperialismo germanico, que foi que vimos?

Vimos de um lado a *kultur*, que para realizar os seus planos de dominação universal, convertera a escola num laminador das mentalidades, num viveiro de almas afeitadas á obediencia passiva, fascinadas pelo prestigio da hierarchia.

E de outro lado?

De outro lado estavam o bom senso anglo-saxonico e o idealismo latino. Para estes, a escola não era um leito de Procusto, onde se soffocava a originalidade dos individuos. Não! Para estes, a escola não era senão um ponto de apoio para o livre desenvolvimento da personalidade humana.

Era a luta entre a autocracia e a democracia, e vós sabeis quem venceu nessa luta. Quem venceu, em ultima analyse, foi a concepção educativa dos anglo-latinos, essa construcção erguida sobre os alicerces da dignidade humana, argamassada pelo bom senso, sustentada pelo direito, orientada para a liberdade.

Mas a victoria das armas não é a victoria definitiva, integral.

A guerra pôz em fóco uma infinidade de problemas, cada qual mais complexo — problemas estrategicos e problemas politicos, problemas nacionaes, e problemas internacionaes, problemas economicos e problemas sociaes. São problemas de tal magnitude, de tal relevancia que, para resolver os, se reuniu um congresso mundial, um congresso, cujos *leaders* são super-homens da estatura de Wilson, Lloyd-George, Clemenceau.

Toda a humanidade, neste momento, se volta interessada e ansiosa para a Conferencia da Paz, na capital da França. Todos os povos acompanham com sympathia os seus trabalhos, certos de que um mundo novo vai surgir dessa immensa elaboração. Aos olhos dos espiritos optimistas, novas nacionalidades se desdobrarão na Europa, na Asia e na Africa: novo direito regulará, dentro em breve, as relações internacionaes; novas leis, mais consentaneas com os direitos dos povos, vão ser decretadas por toda a parte. Mais do que isso: o capital e o trabalho vão entabolar um entendimento efficaz — de parte a parte haverá concessões, teremos o equilibrio das suas aspirações respectivas. O effeito desse equilibrio será a paz entre patrões e operarios, e essa paz será uma condição de trabalho fecundo, organico, cujo resultado final collimará a felicidade dos individuos e a prosperidade das nações.

Tal é, se me não enganam as apparencias, a sumula das esperanças das almas idealistas, neste grave momento historico, neste estagio, sem precedentes, na evolução da humanidade.

Não posso, infelizmente, partilhar essas esperanças tão optimistas.

Por melhores que sejam as intenções dos estadistas, dos diplomatas enviados á Conferencia da Paz, penso que esse conclave terá sempre algo de tumultuario, que as suas discussões serão forçosamente influenciadas pelas correntes das ambições desta ou daquela nação preponderante. E assim sendo como contar com a serenidade necessaria para a solução das graves questões, que ali se agitam?

As soluções de todos esses problemas não podem surgir como resultante do trabalho de alguns dias, nem mesmo de alguns mezes.

Não. Essas soluções só podem vir lentamente, como uma conquista da educação juvenil; só podem vir como fructos de uma elaboração pacifica, serena, como aquella, que se opera no seio do casulo, donde a crisalida sai transformada em borboleta.

O que decide o destino dos povos, na guerra, como na paz, é sempre a concepção educativa. Só os espiritos superficiaes podem ver no guerreiro e no diplomata os arbitros da vida dos povos.

Na guerra de hontem, como já disse, o que venceu foi o ideal educativo do anglo-saxonico. Esse ideal se compedia na bem conhecida formula: *to learn by doing* (aprender fazendo).

De todas as escolas inglezas, as mais representativas desse ideal, as que mais contribuem para a realização dos seus intuitos são indubitavelmente as escolas profissionais. A escola profissional, a escola de trabalho manual, é tambem a escola da

iniciativa e da virilidade moral. Ella não só adentra a mão do futuro operario, como lhe educa e fortalece o cerebro. Nella o alumno aprende desde logo o desenho, que lhe permittirá esboçar os seus planos; por um treinamento gradual e seriado, elle se habilita a executar aquillo, que planeja; a execução, por seu turno, leva-o a ganhar confiança em si proprio, e, confiado em si, a tornar-se uma personalidade autonoma, um homem, um caracter. (1)

O desenho é uma das grandes fontes de riqueza das nações e é mister ensinál-o a todo o homem do mesmo modo que a escripta. (2)

O ensino profissional tem uma eficiencia educativa tão evidente, que pode ser erigido num axioma pedagogico. A Inglaterra, no anno passado, decretou uma lei que constitue uma lição para o mundo: em plena guerra, ella achou tempo para elaborar um projecto de lei, cujo fim é intensificar a capacidade productiva do seu povo.

Sabeis como? Incluindo no programma das escolas publicas primarias o trabalho manual sob modalidades diversas: — arte culinaria, lavagem, governo domestico, fabricação de manteiga e de queijo, officios mecanicos e jardinagem. Esse ensino é obrigatorio para todos, dos 5 aos 14 annos de idade. Mas o legislador não visou apenas as escolas primarias. A lei tornou obrigatoria a matricula, posteriormente, numa escola technica de continuação, para todos os jovens dos 14 aos 18 annos, sem distincção de sexo sem excepção de classes.

Para a execução de uma reforma tão importante, a Inglaterra terá de gastar, annualmente, a respeitavel verba de cento e vinte mil contos.

Esse projecto foi convertido em lei, em 8 de Agosto de 1918, graças aos esforços do Ministro Fischer, cujo gesto faz lembrar o novo enadoso Cesario Moita, quando, ao assentar a pedra fundamental da Escola da Luz, na imminencia da invasão federalista, apontou para o sul e pronunciou estas palavras lapidares: — Enquanto os outros destróem, nós construímos.

Sim, instruir é construir, sobretudo quando se trata da instrução manual e da instrução profissional. Tal instrução, como é sabido, occupa lugar saliente no plano educativo de D. Bosco, e este tacto é mais que sufficiente para revelar o genio, o alto descorrimo do fundador da Pia Sociedade Salesiana.

(1) Monographia apresentada ao Congresso Catholico de S. Paulo pelo Professor João L. Rodrigues.

(2) Comte de Laborde, Londres, 1851.

Attestam-no eloquentemente os seus institutos profissionais, os seus lyceus de artes e officios e as suas escolas de ensino commercial, espalhadas pelo velho mundo.

Mas si a expansão do ensino profissional constitue uma necessidade social tão premente nos paizes europous, que dizer dos paizes novos como o nosso?

Paiz em formação, o Brasil será forçosamente influenciado pelas idéas, que se implantarem no velho continente e, dahi, se irradiarem através do Atlantico. Mas quaesquer que sejam essas idéas, ellas não serão sufficientes para resolver certos problemas, que nos são peculiares.

Aqui, de preferencia a medidas legislativas, é na escola, no preparo de novas gerações para novos misteres, que devemos confiar.

Sim, é na escola, é na escola nova para a juventude que está a solução dos problemas, que preoccupam o velho mundo, sobretudo quando os consideramos sob o ponto de vista brasileiro, nacional.

E na nova orientação, que teremos de imprimir, já e já, sem perda de tempo, na educação da mocidade brasileira, que poderemos encontrar remedios para os nossos males presentes e futuros.

Este aserto pede uma breve explanação.

Ninguem ignora que o nosso grande erro, desde a Independencia, e especialmente depois da auren lei de 13 de Maio de 88, foi o de encaminhar a mocidade brasileira, quasi que exclusivamente, para as carreiras liberaes.

Outra seria por certo, a nossa posição economica se, desde os primordios da nossa vida autonoma, tivessemos aberto escolas de artes, officios e industrias por todos os recantos do país. Essas escolas teriam contribuido, em primeiro logar, para dignificar o trabalho manual, tão aviltado pelo elemento servil; ellas teriam preparado, em seguida, uma legião respeitavel de brasileiros para as profissões manuaes, no momento actual, tratadas com carinho quasi que exclusivamente pelo elemento alienigena.

Em face das nossas condições, ha uma orientação educativa que se impõe: a larga diffusão do ensino manual e das profissões manuaes. Destarte, conseguiremos formar uma classe nova de homens novos, com uma adequada educação profissional, educação, que allás não será eficiente, senão sob a condição de ser calcada sobre uma rigorosa educação moral e civica.

Sem essa dupla formação, sem o homem afeito á pratica do bem, sem o homem crente, sem o homem, que pratique com hombridade a sua religião, mas respeite as crenças dos seus semelhantes, sem o homem, que cultúe a Patria, sem o homem, que conheça os seus direitos e os seus deveres cívicos, a instrução profissional de pouco servirá: sem essa dupla formação, os operarios, que sahirem das escolas profissionais, irão engrossar as fileiras desse socialismo revolucionario, que surge dos escombros da Russia e da Alemanha, e constitue uma séria ameaça á paz universal.

Pro aris et focis — tal foi a divisa da nossa antiga metropole, no período aureo da sua expansão marítima.

Antes de tudo, a educação moral e cívica. Depois disso, ou de par com isso, a educação profissional. São as escolas assim orientadas, que hão de dar á nossa patria homens de consciencia e homens de acção; são os institutos technicos, que hão de dar aos nossos patricios aptidões industriaes, bom senso, vistas praticas sobre os homens e as cousas, qualidades essas que, a cada passo, nos faltam.

Se as nossas industriaes, o nosso commercio e as nossas officinas não são dirigidas por brasileiros, queixemo-nos da nossa velha educação. Ella só tem cuidado, como já disse, de encaminhar os moços para as carreiras liberaes, para a conquista dos títulos de bacharel e doutor, porque aos seus olhos, as profissões independentes e o trabalho manual são occupações humilhantes: não garantem uma posição social de destaque e brilho.

Aquelles que, por escassez de meios, não se podem dar ao luxo de ter um filho doutor, impellem-no á conquista de um emprego publico, porque o homem do trabalho, o homem que produz, no seu entender, vale menos do que aquelle que tem um lugar seguro na mesa do orçamento do Estado.

Urge, pois, que estabeleçamos em nossas escolas, sem excepção alguma, officinas, embora embryonarias, de trabalho manual. E' preciso, porém, que não nos limitemos a isso. O que importa é multiplicar, é disseminar as escolas profissionais, os institutos technicos de todas as modalidades requeridas pelas nossas condições especiaes.

Desses estabelecimentos é que sahirá, definitivamente preparado, o operariado nacional, na plena e integra consciencia do seu poder economico, capaz de concorrer eficazmente para o desenvolvimento das forças vivas da nação. Trabalhar por esse ideal é fazer obra authentica de patriotismo.

Eu devo deixar consignado, neste discurso, a magnifica impressão, que me causa o encontrar, nesta casa de ensino, a realização das idéas, que acabo de expor.

Este facto, aliás, não me devia surpreender. Eu sei que a terra campineira é a terra, por excellencia, das iniciativas ousadas. Estudando a sua historia, no domínio politico, vê-se que foi daqui que partiram os primeiros propagandistas da Republica. Estudando-a no domínio economico, verifica-se que foram os capitães campineiros, sobretudo, que dotaram o Estado com duas de suas mais importantes empresas de viação terrea.

E, facto recente, que ha de ser integrado ao patrimonio da historia desta cidade, afirma que Campinas é tambem a terra da clarividencia e do patriotismo.

Foi aqui que se fez ouvir, pelo orgam de um prelado, que é uma das glorias do episcopado brasileiro, foi aqui que se fez ouvir o primeiro grito de alarma contra o imperialismo allemão, num momento, em que os espiritos fluctuavam e os estadistas tergiversavam, cheios de indecisão.

Esse birpo é o Exmo. Sr. D. João Nery. Sua figura moral lembra S. Francisco de Sales e, por isso, nada ha de extranhavel no acolhimento, que aqui tiveram os filhos de D. Bosco, e nos progressos, que elles estão realizando. Ao lado de uma escola agricola, que prepara o moço para as lides do campo e lhe garante um futuro independente, eu vejo aqui uma escola commercial, onde ao influxo do ideal christão, se hão de formar negociantes conscienciosos, que hão de desbancar, estou certo, esses vendilhões sem escrupulos, e ses *cigamos* impenitentes, que levados pela sede do lucro, da fortuna rapida, não têm escrupulos em adulterar os generos alimenticios, envenenando a sua clientela, a pobre clientela, de cujas suorres se locupletam.

Não ha, meus jovens diplomandos, não ha no presente, não haverá, talvez, no futuro, uma carreira, que tenha mais necessidade dos brasileiros, de que aquell-, que resolvistes abraçar.

A carreira commercial acha-se quasi monopolizada pelos estrangeiros, porque, segundo pensam certos de nossos patricios, o brasileiro não tem a bossa commercial.

Não. E' uma, inexactidão, que está a entrar pelos olhos. Examinee o nosso passado, através da historia do nosso desenvolvimento commercial, e vereis que os poucos brasileiros, que se dedicaram a essa carreira, de corpo e alma, nella revelaram decididas aptidões, nella grangearam mais do que o bem estar ou uma modesta abastança. Sem sahir daqui, de Campinas, temos magnifica demonstração na pessoa de Bento Quirino dos Santos, de inolvidavel memoria.

thesouros dos Incas, vós também vencereis e vereis coroados os vossos esforços.

Eu vos saúdo como as primícias, que sois, desta casa. Não vos esqueçaes de que os vossos successos, na vida, serão a melhor recommendação do instituto, que acaba de armar-vos para ella.

A gratidão vo-lo ordena.

Parti! Recebei o meu adeus e sede felizes.

O CIVISMO NAS ESCOLAS

Guilherme Kuhlmann.

(CONFERENCIA LIDA NA ESCOLA NORMAL EM CASA BRANCA A 3 DE MAIO DE 1919)

Senhor Director da Escola Normal de Casa Branca.

Senhores Professores.

Senhores Alumnos.

Meus Senhores.

Ao receber das mãos do Exmo. Sr. Dr. Director Geral da Instrução Publica, o convite para realizar esta palestra, incumbiu-me S. Excia. de felicitar os alumnos desta Escola, pela perseverança e interesse com que têm mantido o seu gremio e de dizer-lhes, que os velhos professores, que lutam corajosamente no campo bemdito do magisterio, esperam os novos mestres, para proseguir, com mais animo, na tarefa emprehendida, pois, o contacto da mocidade, alenta, dá vida e estimula, pelo exemplo da coragem, que o verdor dos annos proporciona.

O silencioso operario da civilização e do progresso, a quem está ligada a grandeza da nação, a quem um destino tão grande contrasta com a sua humildade de aspecto, esgota, em beneficio do ensino, todo o seu ser physico, intellectual e moral e consome, em holocausto á educação infantil, o melhor de suas energias e as preciosas manifestações de sua actividade. Esse obreiro, que tem necessidade de alliar o preparo intellectual á aptidão profissional; que reúne á austeridade — virtude, intelligencia, conhecimentos e abnegação; que tem a Patria como alienataria de seu ser, esse factor do bem estar humano, sente-se por vezes abatido e vacilla, temendo proseguir na jornada de sacrificios, que só as recompensas moraes suavizam. E, quando vê um espirito joven, cheio de coragem, enfrentar as tormentas da vida, quando divisa um animoso espirito atacar, resolutamente, o problema da educação, enche-se de alento, porque a mocidade o estimula com o seu exemplo vivificador.

Acceitae, senhores normalistas, as minhas felicitações e o conselho, que vos dou, de tornar em realidade potente os vossos sonhos de hoje.

Pela terceira vez, acudindo o chamado dos distinctos colegas desta escola, aqui estou, senhores, satisfeito por dirigir-vos a minha palavra incolor, certo, porém, de que a vossa bondade desculpará as deficiências de minha pobre linguagem. Uma circumstancia attenuará, por certo, as falhas deste meu trabalho: — a intenção, que sempre tive, de acertar, na orientação do ensino cívico, em nossas escolas primarias. A frutescência do que temos feito no assumpto, não corresponde, infelizmente, ao esforço expendido. Falta-nos uma orientação firme, mente, ao esforço expendido. Falta-nos uma orientação firme, mente, ao esforço expendido. Falta-nos uma orientação firme, mente, ao esforço expendido. Falta-nos uma directriz segura, que proporcione a formação do caracter cívico dos futuros cidadãos.

Não vos venho trazer novidades, nem tenho a pretensão de ser criador, num assumpto que, para os estudiosos, não tem segredos. Ides ouvir, apenas, algum trabalho de methodização e systematização dos planos de ensino. Dir-vos-ei alguma coisa do muito que tenho observado em doze annos de magisterio, dos quaes seis de inspecção escolar.

Não envolvem as minhas referencias o menor vislumbre de critica; apontarei apenas as falhas naturaes, oriundas da deficiencia de orientação.

Seria, para mim, grande satisfação, se me fosse dado observar, futuramente, que os meus ouvintes, estudantes normalistas, sahisses desta casa animados das melhores intenções no sentido de imprimir ao ensino cívico o cunho pratico, que deve ter, inaugurando assim, para a escola popular, a era do civismo, que tem estado em lamentavel abandono.

O minguaudo ensino cívico, que em tudo feito em nossas escolas, não corresponde ás necessidades do momento. A par da decoração mecanica de trechos, que nada dizem ao espirito das crianças, pois, encerram quasi sempre concepções philosophicas que escapam ás mentalidades em evolução, o professor ministra o ensino da constituição, que tambem nada fala á alma infantil.

As festas nacionaes são commemoradas de forma a produzir poucos resultados; enaios estafantes, programmas vastissimos, produzem, na criança, dissabores, ao envez de despertar-lhes enthusiasmo. Na maior parte das vezes, as crianças nem sabem porque festejam uma data, pois, as solennes preleções do dia são feitas em linguagem, que lhes não é accessivel.

Só nas vespersas dos feriados é que os alumnos ouvem falar nas datas, que vão commemorar.

Ha annos, fui assistir a uma festa de sete de Setembro, em um Grupo Escolar. A commemoração foi iniciada com a ausencia de quasi metade dos professores do estabelecimento. O

adjuncto, encarregado da preleção, leu um discurso substancial e erudito; citou uma enfiada de nomes celebres e procurou tirar conclusões do facto historico, terminando por arrastar a um ridiculo extemporaneo, o nome de D. Pedro I. Quando terminou, os alumnos, num gesto natural de supremo allivio, romperam em vivas. O director possesso, percorreu as fileiras e de punhos fechados, olhar feroz, impoz silencio. Eram prohibidas as acclamações.

Os professores, que compareceram, permaneciam de pé, alheios a tudo, dando mostras de revolta pela solennidade, que os privou de um dia de folga.

Hão de convir os meus ouvintes que a narração feita não é a de uma festa patriótica.

O ensino cívico deve ser a principal preocupação do professor, que tem nitida comprehensão das responsabilidades cahidas sobre os seus hombros, quando se dedicou ao magisterio primario. De todas as occasiões, o professor deve tirar partido, a favor da educação cívica. E' um trabalho insistente, tenaz, mas do qual não nos podemos afastar, a menos que se não queira transformar a escola num centro de indifferentes ás cousas patrias, numa incubadora de espiritos apathicos, e, por conseguinte, de individuos perfeitamente inuteis ao paiz. Pois, se os elementos componentes de uma tribu selvagem, recebem a orientação necessaria para se manter em disciplina, para obedecer os chefes e para se conduzir nos seus deveres; se sabem perfeitamente emitir as suas opiniões nos conselhos, porque nós, que atingimos a quasi perfectibilidade da civilização, deixamos de parte, abandonamos, quasi, o ensino cívico, contribuindo assim para avolumar a massa dos inconscientes, sem vontade propria.

O ensino moderno permite que perguntemos aos professores que especie de homens pretendem fazer de seus alumnos. E' preciso, portanto, que os homens de amanhã, que são os alumnos de hoje, tenham as suas faculdades educadas e sejam os factores do progresso da sociedade, em que vão viver, e, ainda mais, que comprehendam perfeitamente os direitos e deveres de um cidadão da democracia. E' necessario que sejam educados na nitida comprehensão, de que o cidadão tem o direito de escolher os seus governantes, que é livre na manifestação dos seus ideaes politicos; que o seu voto pesa na batança dos reconhecimentos e que a elle cabe as responsabilidades da escolha, dos que tem de presidir os destinos do municipio, do estado, e da nação.

Na escola deve-se combinar os dois aspectos do ensino cívico: — o educativo e o instructivo.

A educação cívica deve ser ministrada occasionalmente, aproveitando-se todas as aulas. Tem, por assim dizer, influencia directa sobre todas as occupações escolares; não constitue materia do programma, nem tem lugar fixo no horario.

A instrucção cívica, deve ser graduada e progressiva como as outras materias; é distribuida convenientemente nos annos do curso primario e tem lugar determinado no horario.

E encarando esses dois aspectos, que vou estabelecer um plano para o ensino cívico.

* * *

O trabalho nacionalizador da escola brasileira é de capital importancia. E' necessario que o professor encaminhe o seu ensino, de modo a assimilar esses elementos, que crescem e vivem no nosso meio, estranho aos nossos habitos e costumes, alheios ás nossas tradições. A escola é o unico factor de educação cívica para essas pequenos compatriotas. Faz-se mister uma orientação especial do ensino, uma orientação firme, inexistente, que prosiga sempre sem vacillações, de modo a fazer despertar na alma da joven geração, que se educa em nossas escolas, a sincera admiração pela patria. Quasi todas as disciplinas do programma contribuem para a educação do character cívico.

O ensino da lingua deve merecer especial attenção. As suas bellezas, desdobradas gradativamente, diante da criança, conduzem-n'a a admirar o idioma nacional, tão rico e tão sonoro. A cultura cívica iniciada pela systematização do ensino do portuguez, da unica lingua que se fala em todo o territorio nacional, consolida o sentimento patrio, relembrando as tradições de honra dos nossos avoengos.

No ensino da geographia, afastem-se o mais possivel da nomenclatura enfastiante. Encaminhem as lições para a descripção completa do territorio nacional; façam referencias ás suas riquezas naturaes, ás florestas, aos grandes rios, cujas quedas d'agua constituem fonte segura de prosperidade. A fertilidade do solo, o clima, as innumeras riquezas, que só esperam a actividade do homem, para se manifestarem, devem ser objecto de constantes commentarios.

A historia, ensinada pelos feitos heroicos de todos os que contribuíram para a formação da nacionalidade e pela biographia dos nossos pró-homens, tem a vantagem de evidenciar bem o

nosso tradicional sentimento de liberdade e frizar bem as nossas tendencias de altivez.

Nas aulas de sciencias naturaes, ao lado da descripção da nossa fauna e da nossa flora, dos ramos da nossa agricultura, patentear sempre que o solo da Patria pôde produzir muito, e é incomparavel a sua fertilidade e, que considerando-se a vastidão do territorio, temos climas propicios para todas as culturas.

Completando essa orientação, temos a educação physica que contribue para se tornar uma realidade a escola nacional. A educação physica predispõe o espirito para a luta, sanha o physico e provoca o aperfeiçoamento da raça; é uma fonte de energia tão necessaria á elevação moral do povo. Activando a circulação, fortalecendo os músculos e estimulando as trocas organicas, conseguimos uma actividade geral e homogenea, de que resultam a elevação do valor intellectual, a resolução prompta, a firmeza e a altivez.

Tudo isso o professor fará sem esforço, naturalmente, sem ter a preocupação de dar aulas de instrucção cívica. O fim é bem comprehensivel: fazer surgir o amor pela terra em que nascemos, o amor sincero e forte que constitue a fonte do são patriotismo. Esse sentimento não se adquire pela contemplação passiva dos factos e das cousas, é preciso que haja a intervenção da actividade surgida do interesse pelas cousas conhecidas, pela contemplação do que é nosso e a convicção do quanto valemos. Não se ama, não se venera uma coisa desconhecida, incomprehendida.

Que valeria uma aula succulenta de instrucção cívica, se os seus ensinamentos cahissem no terreno sáfaro do indifferentismo. Que valem as explicações do texto constitucional, se os nossos alumnos lêem livros mal escriptos; se em geographia só aprendem que a terra é espherica ou que o equador é uma linha imaginaria; que, nas aulas de sciencias naturaes, decoram androceus, corollas e pistillos; que valeriam aulas nessas condições para a educação cívica? Não tenho, porém necessidade de enumerar todos os defeitos desse ensino desorientado, que transforma o alumno num receptaculo passivo de conhecimentos dispensaveis.

Todos vós comprehendéis, estou certo, o alcance do ensino feito de accordo com o interesse na elevação do civismo popular.

* * *

O que ficou exposto constitue o plano geral. Vejamos as particularidades.

Em todo o ensino cívico é factor preponderante o exemplo do professor; as suas acções, como cidadão, são copiadas pelos

alunos. De resto, não é racional, que se aconselhe a pratica de um direito, como o voto, se, quem o aconselha nunca se quiz envolver na trabalhadeira do alistamento.

Em resumo, as preoccupações constantes que o professor deve ter ao exercer as suas funções devem ser as seguintes: — pelo estímulo, despertar e fortalecer os sentimentos de amor pela patria e respeito á mesma; pela disciplina, formar habitos de respeito ás autoridades, ás leis e ás instituições, reprimindo as inclinações perniciosas de duvida e de descrença pelas nossas cousas e pelos nossos homens; pela idéa de responsabilidade, cultivar a consciencia civica do cidadão da democracia, e, finalmente, pelo ritual civico, formar habitos de conducta do cidadão.

Ritual civico é o conjunto de ceremonias que constituem o culto externo da religião da patria.

A liturgia seguida no ceremonial da patria, austera e altamente suggestiva, servirá para cimentar, para consolidar todas as convicções adquiridas por meio da insistencia, com que se deve falar das cousas patrias.

Existem, actualmente, duas correntes com relação ao ritual civico; uma, que o condemna, por achar que a sua pratica importa na manifestação da idolatria. Outra corrente acha que o ceremonial deve ser insistente e realizado diariamente. O termo médio é que deve ser adoptado, evitando-se sempre cair no exaggero. Acho que, depois de iniciarmos a formação do caracter civico, depois de termos a certeza de que a moral civica tem entrada segura nos habitos de nossos alumnos; ou de nos convencermos de que poderemos formar um directorio seguro na pratica dos deveres do cidadão, o ritual, levado a effeito sobriamente, com discreta solennidade, impressiona os espiritos juvenis, provocando a admiración e o respeito pelas cousas patrias.

Que é civismo? A religião da patria. Como conseguem as religiões conquistar adeptos fervorosos? Pela educação religiosa, e principalmente pelo ceremonial atrahente, que provoca em nos o espirito essa elevação de alma, que encanta e que convida á meditação e ao recolhimento. Porque não proceder da mesma forma no ensino civico, se o ritual é o complemento da educação civica? Sabemos perfeitamente que o bom catholico não é aquelle que só evidencia a sua creença em face dos altares ou sob a impressão da liturgia mystica das solennidades da egreja, mas sim o que em todos os actos de sua vida não se afasta da moral christã; aquelle é o idolatra; este, o crente integro.

Na religião da patria succede o mesmo. O verdadeiro patriota não é aquelle que exhibe as suas convicções publicamente, mas aquelle que pratica sempre a moral civica, não deixando, a todos os momentos, evidenciar as suas qualidades de

cidadão, que ama a liberdade, que é capaz de defender a patria, quando, para isso for chamado; que paga os impostos, com a satisfação de quem contribue para a manutenção dos serviços publicos; que não permite a lesão do fisco pelos inconscientes, que não pagam impostos; que intervem com o seu voto na escolha dos governantes; que respeita as leis, fiscalizando a sua execução; que não se exhibe ao serviço do jury; que ama a sua lingua e, finalmente, que não permite nem provoca as discordias, que surgem da intriga e da perversidade das boatos.

E, observando estes deveres e obrigações que nós nos aprimoramos na nossa auto-educação civica.

E' preciso, porém, que relacionemos o ritual civico com a consciencia dos deveres, que nos prendem á patria. Isso não vale dizer que dispensem o ritual, pois, a educação civica, só se firma com o seu auxilio, com o ceremonial que é a parte suggestiva.

A palavra constante do mestre de nada valerá, se as solennidades não viessem consolidar as noções preleccionadas.

O ritual civico comprehende, principalmente, os hymnos patrióticos, as poesias, o culto á bandeira e a commemoração das datas nacionaes. Cada uma dessas particularidades deve ser objecto de especial attenção.

Os hymnos patrióticos devem ser cantados sempre com a musica official. Já ouvi o hymno á bandeira, cantado com a musica pertencente á partitura de uma ópereta, que não prima pela moralidade de suas secças. As poesias dos hymnos devem ser explicadas aos alumnos, para que estes não se deixem impressionar unicamente pela sonoridade da musica arrebatadora, mas que tambem se enthusiasmem pelas bellezas da letra.

As poesias escolares, que tenham fundo patriótico, antes de serem decoradas, devem ser objecto de um estudo completo.

As festas nacionaes não se devem limitar ás commemorações theatraes, em que a exhibição prejudica o fundo educativo que devem ter. As festas apparatusas só servem para agradar o povo, que se deleita com as encenações vistosas. Não é este o escopo das festas escolares. Congreguemos em taes solennidades o elemento infantil, façamos portanto festas para crianças.

Acha que não basta a prelecção official, e o trabalho escripto, para que as commemorações das datas nacionaes produzam effeito. Depois de um mez, as crianças já não se lembram que data commemoraram no mez anterior. E' preciso que se faça mais alguma coisa que esta festividade pas-ageira. Seria de grande vantagem se pudessemos consagrar o mês todo ás datas

que nesse mês se festejam. Teríamos assim no nosso calendario escolar: o mês de Tiradentes. O mês do descobrimento e da liberdade. O mês da independência. O mês da America. O mês da Republica e da bandeira. Nesses meses o professor aproveitaria todas as occasões que se lhe apresentassem, para fallar da data a ser commemorada. Seria mais insistente e produziria melhores impressões.

O calendario escolar poderia ser completado pela leitura e commentario das ephemerides. Nas escolas isoladas o professor, antes da aula, escreveria no quadro negro as principaes ephemerides do dia, que depois de lidas seriam explicadas rapidamente. Nos Grupos Escolares, antes do inicio das aulas, as ephemerides seriam escriptas num quadro, collocado no pateo de recreio, a disposição dos alumnos, que soubessem ler, e, nas salas de aula, seriam commentadas e explicadas pelos professores. Compreende-se que algum beneficio adviria desta pratica, alguma cousa ficaria no espirito das crianças.

O culto á bandeira condensa, por assim dizer, todo o sentimento affectivo, que temos pela terra de nascimento. É uma solemnidade tocante e altamente suggestiva. A bandeira representa tudo quanto é nosso, desde as riquezas destes 8.500.000 kls. quadrados de nosso territorio ao sentimento, que anima os 25.000.000 de habitantes. Diariamente deve ser feita uma referencia ao nosso pavilhão. Não com os exaggeros dos vivas e acclamações, por demais dramaticas para serem sinceras, mas sim, conscientemente, deve-se declarar que tudo quanto se faz na escola, é para honrar o pavilhão, o symbolo da patria, a bandeira gloriosa da paz e da guerra. Assim teremos o anno todo consagrado á bandeira, cuja festa teria mais pompa e mais entusiasmo. A festa da bandeira é, ao meu ver, a mais propria para a distribuição dos premios. O esforço foi feito pela patria, a recompensa deve ser dada no dia em que seu symbolo recebe a glorificação de todos os brasileiros.

São esses os complementos da educação civica.

Aos meios de educação, além dos que tentamos descrever, que são indirectos, poderemos acrescentar ainda as seguintes: — no decorrer das aulas, extrahir assumptos para lições de instrução civica sem que venha a entrar a nossa acção a esquadra intoleravel do programma. Os programmas não contém tudo quanto o professor intelligente e criterioso póde e deve ensinar. E, nem seria digno do bom mestre, se houvesse completa dosagem da materia. Não é possível dar em um plano de ensino toda a materia a ser explicada, o que seria annular a iniciativa do professor, prejudicando-lhe as vantagens occasio-

naes. Deixemos a rigidez angular das cousas dosadas, preferamos a curvatura suave, a elasticidade das simples suggestões.

O mestre intelligente vê, perfeitamente, que com o material fornecido pelo frontespicio dos planos de estudo, poderá construir o edificio, solido nas suas bases, pelo preparo consciente das lições ministradas.

Os meios de educação occasionaes são os que mais interessam.

Directamente poderá o professor valer-se dos contos civicos, das conversações e leituras, das descripções de scenas heroicas, dos casos praticos de deveres civicos, o voto, o jury, etc.

Quanto ao respeito ás leis e ás autoridades, ha necessidade de muita insistencia, afim de ficar bem assentado que o respeito ás autoridades não importa na abdicção da dignidade individual e, que a disciplina digna é o mais bello caracteristico da liberdade.

Devem ser feitas constantes referencias ao exercito disciplinado e forte, que constitue a garantia da estabilidade nacional.

O serviço militar deve entrar nos nossos habitos, deve ser considerado como uma consa necessaria e por isso mesmo fatal. A infancia deve ouvir desde a mais tenra idade referencias elogiosas ao exercito, ao seu valor, ao seu papel na defesa da patria e das instituições.

Empreceu lamentavelmente o entusiasmo que, com prazer, observamos ha tempos pelo serviço militar. Actualmente notamos um quasi indifferentismo pelo sagrado dever. Mais de 50 % dos sorteados, deste anno, deixaram de se apresentar. Será possível que num estado, como o nosso, em que as vias de comunicação são faciles, em que o correio mantém agencias nos logares os mais afastados, em que o telegrapho estende as suas linhas por toda a parte, não sejam conhecidas as repetidas convocações do Quartel General? É o professor que intervem tambem nesse caso, lendo aos seus alumnos a lista dos conscriptos sorteados.

Serão assumptos das lições os feitos historicos de facil comprehensão, feitos de heroismo, de elevação patriótica tirados da historia da patria, do estado e do municipio, a descripção da vida dos homens que tomaram parte nos principaes feitos da historia e explicação completa e insistente de maximas patrióticas; poesias que falem dos nossos herões, que digam alguma cousa sobre nosso sólo e sobre os destinos grandiosos desta terra bem fadada.

Os alumnos de nossas escolas primarias aperfeiçoarão seus sentimentos civicos, com o conceito nitido da honestidade do cidadão.

Nós, brasileiros, temos tido, por vezes, os nossos créditos abalados, devido á conducta sem lisura de alguns elementos, que não trepidam em lançar mão de meios menos dignos, a fim de realizar transacções de grandes lucros actuaes.

Ha pouco tempo, o nosso eminente e venerando patriota sr. dr. Luiz Pereira Barreto, em discurso pronuciado em S. José do Rio Pardo, fez uma dolorosa referencia, dolorosa, porém verdadeira, sobre o conceito do que goza o país, nas altas espheras commerciaes do mundo. Uma de nossas mais promissoras fontes de renda, a exportação da borracha, cahiu em crise aguda, devido unicamente á desonestidade dos exportadores, que, sem escrúpulos, adicionavam substancias extranhas á borracha bruta, com o fito de augmentar-lhe o peso. A Inglaterra, principal consumidora do producto, percebeu a fraude, porém manteve-se em silencio, enquanto mandava fazer grandes plantações de seringueiras em suas colonias. E, quando as arvores começaram a produzir, o preço de nossa borracha começou a descer até chegar á condição infima em que tem permanecido nestes ultimos annos.

Quando nos transformamos em país exportador, durante a ultima guerra, os negocios attingiram ao maximo do desenvolvimento. Eis senão quando, os consumidores começaram a recusar os nossos productos, porque a nossa banha além de impura, continha elevada porcentagem de agua; porque o feijão era embaçado já em máu estado, finalmente porque as clausulas contractaes não eram cumpridas com exactidão.

Seis frizar bem aos vossos alumnos, que a honestidade individual, constitue seguro elemento para a estabilidade dos credits da collectividade e que um povo acreditado está sempre em prosperidade.

Nós podemos produzir muito, e os nossos productos são bons, não havendo necessidade de lançar-se mão de meios vergonhosos para assegurar o augmento das fortunas individuais, fazendo, no entanto, periclitar o conceito honesto de que goza a nação.

Ocasionamente, o professor tirará conclusões dos incidentes occorridos dentro da escola ou fóra della. Fazá referencias sobre factos culminantes tirados da chronica diaria dos jornaes, presenciados na vida diaria do municipio e do lugar.

Uma sessão de jury deve ser aproveitada para uma explicação sobre a instituição. As eleições municipaes, a eleição annual das mesas das camaras, etc., darão assumpto, para excellentes aulas de educação civica.

Em tudo o caracter pratico e occasional.

Tudo isso, como vedes, não pôde, nem deve ter lugar fixo no programma e no horario. Depende do interesse do professor. Se este não tiver amor ao seu sacerdocio, nada conseguirá. Se estiver incluído na referencia feita por Charles Wagner, na sua *Vida Simples* « aquelle que na instrucção da infancia só ama o lucro que ella dá, é um triste professor, porque esse lucro é mediocre, mas o seu ensino mais mediocre ainda » — é bem não tentar o trabalho.

Passemos agora a considerar a instrucção civica, que é a condensação, a systematização do que se conseguiu na primeira parte, já exposta. E', por assim dizer o complemento indispensavel á firmeza das convicções.

Nos dous primeiros annos do curso, o programma pouca importancia tem. Pôde mesmo ser posto á margem, desde que as occasiões, proporcionadas pelas outras aulas, sejam bem aproveitadas, para se formarem as bases de todo o ensino.

Do terceiro anno em diante, o ensino vai-se accentuando e as noções mais positivas vão apparecendo. Deve-se ter sempre o cuidado de serem as lições e sua extenção adaptadas ao desenvolvimento mental dos alumnos.

Depende de absoluta cautela o firmarem-se as noções de governo, autoridade, obediencia ás leis, etc. Será de conveniencia que tome como ponto de partida, o ambiente em que vive a criança: — a familia e a escola.

Depois do estagio necessario em cada uma dessas partes, paulatinamente, poderá passar-se para o municipio, para o estado e para a nação.

Escreverá o professor a composição da familia e suas autoridades: o mesmo fará em relação á escola. Trataré em seguida das autoridades da localidade em que está situada a escola e das do municipio. Será conveniente que todas as vezes que se fale nas autoridades da Camara faça-se uma re-venha dos serviços municipaes. Em seguida vem o estado e depois o país.

Com o criterio necessario e repetidas sondagens, para verificar-se a solidez da base, os alumnos receberão rapidas noções do conceito da patria.

Esclarecer bem os termos condiscipulos, visinhos, conterraneos, coestadoano, compatriota, cidadão, concidadão, povo, brasileiro, estrangeiro.

Só depois de bem explicado o que acima ficou dito é que vêm as noções mais accentuadas da patria, sua posição geographica e a sua formação historica.

Com esses elementos poderemos começar a falar do patriotismo, dos deveres do cidadão, da defesa da patria e dos trabalhos pela patria.

O governo, então, entrará a ser explicado: — seu objecto, governo municipal, estadual e federal; caracteres do governo brasileiro; diferentes formas de governo. Vantagens do governo republicano.

Dar-se-á uma idéa concreta dos tres poderes, legislativo, executivo e judiciario; suas attribuições e seus deveres. De que modo são formados.

O PODER LEGISLATIVO. Composição das camaras municipais, camaras dos deputados e senado, estaduais e federaes. Necessidade das leis.

O PODER EXECUTIVO deverá ser explicado; o do município; o do Estado; e o da Republica.

O PODER JUDICIARIO. Sua organização. Maneira de ser administrada a justiça. Juizes e tribunales. Jury. Simular sessões de Jury. Encarregar dois ou mais alumnos dos mais adelantados, para assistir a uma sessão de jury, com a obrigação de relatar em classe o que foi observado.

Definir os direitos de liberdade, egualdade, propriedade e segurança. Direitos civis e politicos. Direito eleitoral. Requisitos para ser eleitor. Trabalhos eleitoraes. O professor simulará eleições em sua classe, obediendo aos dispositivos da lei. Formará associações escolares permitindo os debates nas sessões.

O ministerio.

As obrigações escolares. A disciplina escolar. Dadas essas noções fazamos sentir a necessidade do serviço das armas.

A policia. Organização policial e sua necessidade.

A nação brasileira e sua origem.

Republica federativa. Autonomia dos Estados e dos municípios.

Tudo isso dosado convenientemente e distribuido pelos annos do curso preliminar, abre caminho á explicação do texto constitucional.

O professor sempre se valerá de casos concretos para illustrar as suas explicações.

Está claro que, se o mestre não tiver enthusiasmo, nada conseguirá. O enthusiasmo do professor deve ter uma feição toda especial. O seu principal fim é suggerir convicções, e isto se consegue com a linguagem vibrante, incisiva, porém, sem o ridiculo das exclamações tragicas.

Torno a dizer-vos, que o melhor ensino civico é feito conjunctamente com o das outras materias. Isto, porém, não autoriza a dispensa dos planos de estudos que são necessarios para a orientação do professor.

Todo o ensino civico nas escolas é completado, é aprimorado pelo escotismo.

Essa instituição, que, providencialmente, veio em auxilio do professor para melhorar, para aperfeiçoar as qualidades educativas da escola primaria, deve ser tratada com carinho. O escotismo, por si só, vale por um programma succulento de instrução civica. Animar o escotismo é conquistar um auxiliar poderoso no ensino da disciplina maxima da escola brasileira!

No momento actual, em que a indisciplina estende os seus tentáculos peçonhentos, envenenando a conducta do homem, implantando a desordem e ameaçando as instituições, não seria tempo perdido o mestre dedicar-se a esclarecer bem os beneficios que emanam da ordem. Não me posso furtar ao desejo de ler-vos a pagina magistral com que Charles Wagner remata o seu capitulo sobre a obediencia: « Obediencia é a proclamação, pelo individuo, do grande facto da solidariedade. Fugir o homem á obediencia é separar-se do conjuncto, proclamar-se superior ao organismo social ou constituir-se em seu seio um como corpo estranho. Não ha sciama que seja mais grave do que esse. De resto, a tentativa é baldada. A desobediencia absoluta seria a dissolução total dos laços que o prendem á humanidade. Seria o suicidio. Para aquelle que se colloca exilado da humanidade, só lhe resta o nada.

A obediencia, ao contrario, é a livre confissão da dependencia do individuo em face da sociedade; ella lhe concede todas as forças da união.

Quanto mais absoluta for esta obediencia, tanto mais digna de admiração.

Ha dias em que, pela razão de consciencia, o homem deve concordar em ser apenas uma roda subalterna e seguir o que se lhe ordena. Isso não é reduzir-se elle ao estado de simples machina; é praticar a solidariedade, é sentir que ha alguma coisa maior do que os maiores e que é digna de todas as abnegações e sacrificios. Ha uma coragem, humilde e obscura, que é mais difficil, e de maior valia do que as mais brilhantes manifestações de valor pessoal, e esta coragem consiste em nos apagar-mos. De todas as energias particulares, esta virtude consegue fazer um feixe, reunindo os membros da sociedade como

e cimento liga as pedras de um muro e forma um todo compacto. Por ella, o individuo se torna a communitade; não a turba servil que segue o seu senhor como um rebanho, mas a turba disciplinada, que tem uma alma e que sabe, conforme a hora, resistir como um rochedo ou lançar-se como uma torrente. A mais alta manifestação da vida consistiu sempre na associação submettida a regras e fundada sobre a obediencia livre; os melhores, dentre os que passaram pela terra, foram tambem os melhores, e os que comprehendem, em toda a sua extensão, a felicidade de desaparecer na commuhão com os outros, e de marchar unido a alma a alma da multidão unanime.

Em face desta demonstração da virtude toda poderosa da obediencia, que fica sendo o espirito de indisciplina pelo qual cada um discute a ordem, critica a lei e se erige em chefe? Que faz elle, pela revelação de sua esterilidade, de sua incapacidade em fazer marchar dez homens em fila, se não apresenta-nos por abeiro a prova de que não ha salvação fóra da obediencia, a despeito daquelles a quem esta palavra irrita! Auguro mal de um jovem que não obedece a seus superiores, que não pode concordar com seus companheiros em uma acção commum, de marchar em fila, nem se amoldar a uma regra, nem supportar o jugo com essa ufanía interior que é a marca dos corações firmes.

A escola da obediencia ainda é boa para della se retirar um outro genero de coragem. Não é a dos combates, do esforço individual ou collectivo, mas aquella outra, mais penosa, da paciencia e resignação. É necessario que bem cedo o homem se familiarise com o inelutavel. Se elle não vem a conhece-lo, pouco a pouco, e por degraus, no choque de sua vontade com as vontades mais fortes, contra as quaes é inutil recalcitrar, a vida se encarregará de lh'o ensinar, talvez de um só golpe, com risco de o esmagar. A resignação é uma das forças da humanidade soffredora. Provejamo-nos de uma tal força na manhã da vida, quando, ainda, pouco precisamos della. Todos sabem que as provisões se fazem antes do tempo em que ellas vão ser precisas. No inverno já não ha tempo de enchermos o celeiro, e não se deve esperar, para exercitar as tropas, que o inimigo se nos mostre aos olhos ».

Como vedes, é uma pagina bellissima essa que acabo de ler, do magnifico livro «O valor», cuja leitura, com enthusiasmo, aconselho a todos os moços.

Meus senhores! Todo o plano, que acabo de expôr, nenhum bem produzirá se não conseguirmos impressionar a criança. A palavra fria do mestre falto de enthusiasmo e de interesse não poderá sensibilizar o campo de impressões, que possuímos desde a infancia, e, impressionar mal, mais vale não tentar esse trabalho. Façamos á criança com a alma. Façamos a vibrar nas mais intensas emoções. As impressões recebidas na infancia não se apagarão jámais; no arduo percurso da vida, os dissabores, por mais intensos que sejam não conseguirão destruir o que sentimos na aurora da vida. Na tranquillidade da noite, depois de horas agitadas de um labor intenso, as nossas idéas, muitas vezes cahem no deslizar suave das recordações e da saudade. Impressionemos bem a criança, lembremo-nos que isso proporcionar-lhes-á momentos ducissimos no enigma de sua vida. Lembremo-nos sempre das palavras de Aimé Martin: «Os sentimentos que duram sempre são os que nascem em torno de nosso berço; e a voz dos velhos nos repete muitas vezes que as nossas primeiras emoções tambem são as nossas derradeiras saudades.»

PEDAGOGIA

O Ensino da Leitura pelo methodo analytico

Pelo Inspector Escolar B. M. Tolosa

Logo que foi estendido o uso deste methodo a todas as nossas escolas, iniciámos uma série longa de experiencias, afim de acharmos os motivos do fracasso, verificado em muitas classes.

Desse estudo chegámos á conclusão de que o methodo estava soffrendo séria mystificação por parte de muitas professoras, que, applicando ao ensino da leitura as instrucções recommendadas officialmente, viam seus esforços inteiramente perdidos. As crianças recebiam tres a quatro meses de leituras de sentenças, de accordo com as regras estabelecidas, mas, na maioria, não aprendiam a lêr.

A professora, devendo dar promoção no fim do anno, lançava mão de recursos diversos para salvar sua classe, entre as quaes figurava, em primeiro lugar, a syllabação. E syllabava-se francamente alguns logares, veladamente em muitos outros. Assim, com este stratagem, attingia-se a uma promoção de quasi, 60%, apenas, em quasi todo o Estado.

Diante de tão grande insuccesso, alguns professores julgaram conveniente declarar que a pequena promoção não era um mal; fazia-se questão da qualidade e não da quantidade. E a porcentagem de promoção desceu a menos de 40% em muitos logares.

Em vista da autoridade dos que assim declaravam, e mesmo desesperado, em nossas experiencias pessoais, de melhores resultados, resolvemos accellar a preliminar da qualidade sobre a quantidade, abandonando um pouco as nossas observações nos primeiros annos.

Passámos, então, a trabalhar nos 2.^o annos, para verificar os resultados vindos dos 1.^o annos, através de uma seleção accurada, em que a qualidade sobrepujava a quantidade. A nossa decepção foi enorme: quase trinta por cento das classes de 2.^o anno eram um pouco menos de analfabetos. Espe-

ravamos encontrar bons alumnos, nos 2.^o annos, e os que encontramos, em grande parte, estavam aquém das mais modestas esperanças.

Reconhecemos, então, que o mal estava nos 1.^o annos e, para elle, de novo, voltámos com mais tenacidade.

Talvez mais de duzentas classes foram inspecionadas cuidadosamente, o que equivale a dizer, o ensino de mais de duzentas collégias, sobre cuja dedicação podemos attestar favoravelmente, sem lisonja. Todas trabalhavam, mas seus alumnos apenas aprendiam a ler pela syllabação.

O resultado foi que o methodo analytico tornou-se aos poucos antipathico, sendo apenas tolerado como uma instituição official obrigatoria.

A leitura, porém, dos trabalhos do Dr. Oscar Thompson e do professor Theodoro de Moraes, como de outros trabalhos, sobre o assumpto, nos captivaram á convicção de que no methodo analytico de leitura estava toda a verdade. Restava descobrir o segredo de sua applicação, e era este segredo que tenazmente, durante muito tempo, procuravamos.

Na *Revista de Ensino*, de Junho e Setembro de 1917, publicavamos o resultado de nossas observações, com a pretensão de ter descoberto o segredo procurado. Nesse trabalho accentuavamos as principaes causas do fracasso desse ensino, e indicavamos naturalmente os remedios applicaveis.

Accusavamos então como causas do insuccesso:

- 1.^o — a obrigação de dominar sentenças;
- 2.^o — a prolação forçada da sentença completa por parte das crianças;
- 3.^o — o muito auxilio dos professores ás crianças para aprehender a aprendizagem da leitura;
- 4.^o — a confusão entre a linguagem oral, a lição de cousas e a leitura;
- 5.^o — a longuissima palestra em cada aula de leitura;
- 6.^o — a repetição massante das lições para o fim de dominar sentenças;
- 7.^o — a conducção forçada da criança para a analyse;
- 8.^o — a passagem abrupta da sentença á decomposição das palavras;
- 9.^o — a monotonia das aulas;
- 10.^o — a má collocação das crianças diante do quadro-negro;
- 11.^o — a má classificação dos alumnos, pois em geral, todas as turmas eram muito heterogeneas;

- 12.^o — a preocupação dos professores só com os bons alunos;
- 13.^o — a entrega prematura do livro ás classes;
- 14.^o — a falta de variedade nas lições e falta de accôrdo com a evolução exigida pelo methodo analytic.

A marcha seguida geralmente era a seguinte: — Palestras com as crianças para conseguir as sentenças da lição de leitura. — Leitura répetida dessas sentenças até sua dominação perfeita. — Decomposição forçada da sentença em palavras e ás vezes, formação de novas sentenças. — Nalguns logares classificação de palavras pelas syllabas iniciaes e finais. — Decomposição das palavras em syllabas. — Recomposição e composição de vocabulos por meio de syllabas. — Decomposição das syllabas em letras e recomposição de syllabas.

Durante esta marcha observavamos as irregularidades apontadas acima. E a mais grave de todas era a falta real de participação do alumno como seu proprio cooperador na aprendizagem da leitura.

Depois da publicação da *Revista*, de Junho a Setembro de 1917, sujeitamos a novas experiencias as conclusões então formuladas, e vendo sua completa affirmação em todas as classes, que inspecionamos, resolvemos escrever um ensaio de instrução, que inserimos na presente edição. Para facilitar a sua immediata applicação, traçamol-o so correr da penna, sem um plano preestabelecido, além do que naturalmente vai indicado pela marcha das numerosas experiencias que realizámos.

A principio realizavamos taes experiencias em cada classe separadamente. Isso nos causava muito e mal aproveitava ao unico professor que as assistia.

Ultimamente preferimos reunir os professores todos de cada Grupo Escolar, diante de uma classe de 1.^o anno, e realizar os trabalhos com o concurso de todos. Assim temos feito com maior ou menor successo, segundo a educação do corpo de professores assistente, no Grupo da Lapa, no da Moóca, nos de Sant'Anna, Prudente de Moraes, São Bernardo, nos de Sorocaba, São Roque, Capivary, Ita, Itatuba, Itatiba. Em muitas escolas isoladas tambem temos feito razoaveis experiencias.

A nosso vêr, porém, o ponto capital da questão está no modo de ensinar ás crianças o dominio das palavras.

Procurando a razão dos resultados mediocres alcançados pela decomposição forçada da sentença em palavras, e dos vocabulos em syllabas, descobrimo-la no processo com que o alumno aprende, reconhece e domina umas e outras.

Esse processo mental das crianças passava inteiramente despercebido aos propugnadores do methodo analytic, o que explica a importancia que todos dão aos exercicios de decomposição, erroneamente chamados de analyse.

Em 1917 diziamos: « Nesta phase, a da sentença, não ha necessidade de dominar a sentença, pois o objectivo actual não é a leitura da sentença, e o objectivo futuro é aprender a ler, e isto se consegue lendo palavras ». « A leitura das palavras vem naturalmente com a leitura de muitas e variadas sentenças, produzidas pela propria classe ».

As experiencias realizadas mostram, a quem quer vêr, que em uma sentença, cada criança aprende uma palavra determinada, de sua escolha, aquella que mais a impressiona. Assim cada criança aprende um certo numero de palavras. Ora, se isto é um facto, facilmente verificavel, porque havemos de mortificar uma criança, obrigando-a a aprender certas e determinadas palavras de nossa escolha, em logar daquellas que ella espontaneamente aprende? Despreoccupada da obrigação de dominar sentença, a sua attenção, acompanhando a analyse que faz a professora, quando escreve a sentença dada pela classe, fixa as palavras, que mais a impressionam, e fica logo de posse de muitas dellas. E não é isso que se têm em vista, quando obrigamos as crianças a decompor as sentenças, sublinhando-lhes as partes, ou escrevendo-as umas debaixo das outras? Neste facto está o segredo do inicio da aprendizagem da leitura.

A experiencia confirma, pois, que a sentença serve apenas como meio de a criança aprender e reconhecer palavras, ou na expressão, mais feliz do professor Cavalheiro, serve apenas de vehiculo da palavra.

Aproveitando o vocabulario de cada alumno, forja a professora novas sentenças para serem decifradas (lidas) pelos mesmos. Estes exercicios, 2.^o passo da nossa 1.^a phase, retrospectos da cartilha de Theodoro de Moraes, tornam communs os vocabularios varios da classe, vocabularios que formam o fundo de palavras, sobre as quaes, por via de analyse, os alumnos chegam ao conhecimento do mecanismo syllabico da lingua, e tornam-se aptos para ler todos os vocabulos, que se lhes forem apresentados.

O cabedal de palavras, assim adquirido, submettido aos diferentes exercicios analyticos da 2.^a phase, combinados sempre

com os da 1.ª phase, resolvem todas as difficuldades do methodo analytic da leitura.

Intentavamos demonstrar a veracidade dos factos acima, com o apoio das principaes regras da analyse e da synthese, quando o prof. Raphael Cavalheiro, tomando conhecimento dos resultados alcançados por nossas experiencias, nos mostrou o excellente capitulo — *Methodologia do Ensino e litteratura didactica* — do illustrado professor de Pedagogia da Escola Normal Secundaria da Capital, sr. dr. Sampaio Doria.

Reconhecendo o professor Cavalheiro que as nossas observações e experiencias estavam de pleno accordo com os ensinamentos do dr. Doria, promptificou-se a escrever uma demonstração do facto — e o *Correio Paulistano* publicava, em Junho do anno passado — *O Ensino Natural de Leitura*, de lavra daquelle que agora com prazer transcrevemos. A leitura desse professor excelente trabalho muita luz projecta sobre o systema que vimos organizando.

Tambem, devido á gentileza do Dr. Doria, transcrevemos o seu excelente artigo — *Methodologia do Ensino* — no qual verão os distinctos collegas a procedencia de nossas experiencias e a confirmação de nossas observações.

Para um e outro trabalho chamamos attenção dos leitores, que facilmente saberá tirar para o caso todas as razoaveis deducções.

Segue, na integra, o bom trabalho do prof. Raphal Cavalheiro, que, tambem, muito tem estudado esta questão.

O ENSINO NATURAL DE LEITURA

RAPHAEL CAVALHEIRO

Ao meu preclaro mestre dr. Oscar Thompson,
dignissimo director geral do ensino

Aprendi algures que toças as doutrinas ou idéas devem ser ventiladas, desde que em sua essencia encerrem os germens da sinceridade e a consciencia de uma base scientifica, muito embora essas doutrinas ou idéas não correspondam ao pensamento dominante da época.

Permitti, pois, illustrado mestre, que o mais obscuro de vossos alumnos venha distrahir, por alguns momentos, a preciosidade do vosso tempo e o esforço da attenção, para, com a sinceridade que sempre o caracterizou e com os conhecimentos scientificos hauridos nos sabios e preciosos ensinamentos que vós e outros lhe ministrastes nos bancos da Escola Normal, apresentar-vos sua idéa sobre o debatido problema do ensino de leitura, pelo methodo analytic, aos analphabetos de nosso paiz.

Procurarei ser simples, comprehensivel e claro, tal como o escriptor que deseja vêr, ao terminar a leitura de um trabalho seu, apparecer a essencia do assumpto, com a sua verdade, clara como a luz meridiana.

Além disso, presado mestre, ha longos annos que mourejo nesse labutar sem fim de lapidar intelligencias, e, desse tempo, ha dois lustros venho dedicando a minha actividade ao ensino analytic de leitura, quer directamente — por necessidade —, quer indirectamente — pela responsabilidade de cargos em que tenho estado. Assim, pois, creio ter explicado a razão destas linhas e a pauta natural do meu intuito, que outro não é sinão concorrer para a grandeza do majestoso edificio do qual sois eminente chefe.

Dito isto, entro sem mais delongas no assumpto que desejo tratar.

I

A efficacia do ensino é uma questão de methodo — e, si assim é, nada mais logico de que, para bem ensinarmos a ler, devemos procurar o methodo proprio. E' bem de

propósito que eu me refiro a este ponto, porque, si o methodo é um meio idoneo de que lançamos mão para um fim determinado, o ensino de leitura requer essa condição, que, não sendo satisfeita, será a sua completa fallibilidade.

Collocada nestes termos a questão, concluimos que, para ensinar a ler, é indispensavel um methodo com a sua idoneidade, implicando base, segurança e brevidade. O a. uma rapida vista no objecto proposto, um voltar de olhos pelos estudos physiologicos e psychologicos feitos na criança desde ha muitos annos bastariam, quando outras razões não houvessem, para indicar-nos o methodo proprio para o ensino racional da leitura aos pequenos analphabetos.

II

A propria natureza nos mostra que o methodo proprio para o ensino de leitura é a intuição analytica — e, de facto, quando uma criança nasce, a sua massa cerebral — que é o germen ou o condensamento de toda a sua actividade futura — não possue a menor ou imperceptivel sombra de impressões; dessa hora em diante é que, pelas sensações que receber do mundo interno e externo, principiará ella a fazer segura e intelligente provisão para o futuro. Por aqui poderemos avaliar, seja dito de passagem, o incomensuravel valor que têm, para o futuro, as impressões recebidas pelas crianças nesta primeira phase de sua vida: si forem perfectas, nítidas, precisas, assim o serão suas sequencias logicas do porvir.

E', pois, pelo contacto da intelligencia cognoscente com as realidades a conhecer que o educando iniciará a sua educação e, ipso-facto, é pela intuição que elle, realmente, adquire os varios conhecimentos, seja embora essa intuição real — por meio de objectos — (percepção), seja ella apparente — por meio comprehensivo — (raciocinio).

Aliás, ahí temos, para concretizar a facto em nosso assumpto, o modo pelo qual a criança aprende a falar. E' intuitivamente, é pelo contacto della com as cousas, que vai adquirindo noções, idéas, nomes, etc. Quando lhe mostramos uma boneca, um gato, o papae, a mamãe, etc., e lhe dizemos: olha o gato, — esta é mamãe, — este homem é papae, — isto é uma boneca, — outra cousa não fazemos do que collocar a sua intelligencia em contacto com as realidades do mundo exterior. Assim de que, uma vez impressionadas as suas cellulas cerebraes, adquire ella noções precisas e exactas daquellas realidades com todas as suas resultantes, como fala, sentimento, vontade, memoria, consciencia, etc.

E' por isso que, de alguns annos para cá, em S. Paulo, o ensino de leitura tem sido baseado nesses conceitos, e foi o meu preclaro mestre o primeiro a reconhecer o facto, o primeiro a mandalo executar e o seu mais forte estelo até á hora presente. Uma vez reconhecido o meio idoneo para o ensino de leitura, era claro que, sem a menor tergiversação, elle fosse executado.

Nesta execução, porém, é que quasi todos tiveram a attenção voltada para o facto da sentença, dando isso logar a que não fosse verificada a verdadeira marcha que ora apresento ao espirito culto e esclarecido de v. exc., sem ter em vista ja-tancias.

III

A natureza, entretanto, mostrava implicitamente que a criança só adquiria noções por intermedio de pensamentos: só o que é claro é que a mesma comprehende — e é por isso que, quando queremos ensinar o nosso methodo, temos de partir do todo.

Ora, todo é uma palavra equivocada e que, si não for precisada, poderá levar-nos a um emaranhado tal, do qual não teremos sahida. E' que o todo é a totalidade de uma só cousa e não as suas abstracções; a humanidade é um todo, mas um homem o é tambem, porque pôde ser analysado parcialmente, sob differentes aspectos reaes e não abstractos. Tal não se dá porém, entre a palavra e a sentença. Esta é um todo porque exprime um pensamento que pôde ser analysado em partes concretas, mas aquella não o é, porque os seus elementos são abstracções das quaes o espirito só toma conhecimento pelas leis de analyse. Erraria, pois, imperdoavelmente, quem quizesse ensinar a ler começando por palavras, isto é, pela palavração.

IV

O todo, pois, no ensino de leitura é a sentença, a unidade do pensamento — como muito bem diz o notavel professor e psychologo Alfredo Binet, e agora, visto isso, eis-nos chegados ao amago de nosso assumpto.

Segue-se, então, que para ensinar a ler uma criança lançarei mão de objectos, primeiro, — illustrações ao depois, — e por meio de palestras lhe farei vêr no quadro negro ou no papel as suas proprias expressões, as unidades dos seus pensamentos, sobre o objecto que puz em contacto com os seus sentidos.

V

Em torno deste ponto é que está o **pivot capital da questão do ensino de leitura**; — entendem, porém, que fornecidas essas expressões do pensamento — as **sentenças** — a criança deveria **dominal-as**, isto é, **conhecel-as pelas impressões conjuntas de cor e forma**, e em consequência **immediata — le-las**.

Tão convencidos estavam alguns mestres disso, que preconizavam o processo de repetir a criança a leitura das sentenças com as costas voltadas para o quadro-negro, facto esse que muito concorreu para o insuccesso do methodo e para o abuso da **decoração** em prejuizo do ensino.

Outros professores, porém, esposavam o ideal opposto, mas vendo que o resultado falhava, sabiam logo da sentencição para cabir nas palavras e dahi na **syllabação** — que era o seu unico allivio.

E, eis ahí, como o ponto de partida foi o pomo de discordia e dispersão de idéas, por falta, creio, de um pouco de reflexão.

VI

No entanto, é ahí que está a **chave do problema** — o que procurarei demonstrar dividindo o assumpto em duas partes: 1.^a) Qual é o resultado obtido quando queremos transmitir a criança em pensamento qualquer; 2.^a) Qual é o phenomeno psychico que representa esse trabalho do espirito.

A

A **sentença — o todo** — a **unidade do pensamento**, na expressão de Binet — é apenas um **vehiculo**. Quando mostramos a uma criança, que ainda está aprendendo a falar, um **gato**, e lhe dizemos — **este animal é o gato** — isto é um **gato — olha o gato** — etc., a criança entende o que se diz, por um phenomeno de natureza cerebral, mas não procura falar o **pensamento todo** e sim o **nome do animal**, que se lhe mostrou, e que foi o que **mais** lhe impressionou a massa nervosa cerebral. Dahi por diante, uma modificação se realiza nas células dessa parte de sua intelligencia e, cada vez que vê o **gato**, diz seu **nome**, **chama-o**, **mostra-o**, etc.

Da mesma forma, quando lhe mostramos o **papae** e lhe dizemos — **este é papae — olha o papae** — aqui está o **papae** —, a criança começa a repetir a palavra **papae**, que lhe impressionou o **cerebro**, e no qual ficando registada dá ori-

gem a uma modificação de natureza tal, que todas as vezes que ella vir o **papae**, sabe quem é, conhece-o, chama-o, distingue-o.

Se eu lhe mostrar uma coisa, ao acaso um **giz**, e lhe disser — **olha o giz — isto é um giz — péga o giz** —, a criança registará o nome **giz** em sua massa cerebral, começando então a falar o seu nome.

Disto concluo eu, pois, que as sentenças fornecidas na aprendizagem de leitura ás crianças são apenas **vehiculos** — como a agua e os xaropes, em medicina — **de palavras que vão impressionar a massa cerebral dellas**, ahí **registrar-se e associar-se de accôrdo com as leis deste phenomeno psychico**. Umás crianças gostarão, por effeito das impressões, de umas palavras; outras — de outras palavras, e assim por diante. Este é o facto em si.

Em conclusão: desde que em palestra forneçamos sentenças (pensamentos) ás crianças, estas sofrerão uma modificação cerebral que lhes permitirá, conforme a intensidade, **conhecer e reconhecer** algumas, muitas ou quasi todas as palavras desses pensamentos.

B

O **phenomeno cerebral do registo de palavras é uma simples impressão de cor e de forma**. Supponhamos que eu queira ensinar a uma criança que ainda não saiba o nome **giz**; que faço eu?

— Pego no **giz** e mostro-o ao menino, dizendo-lhe que aquella coisa é um **giz**, se **chama giz**, etc. Faço-o depois **pegar no giz**, sentir-lhe a **impressão de seu comprimento**, de sua **forma**, etc. Em seguida **faço-o pronunciar o nome do objecto**, graças ao seu mecanismo da palavra e ao ouvido que o percebeu de mim, primeiramente. Que se passou então em seu intellecto?

— Em primeiro lugar forneci á criança uma **impressão de cor** — a **branca** ou outra qualquer — do **giz**, impressão essa que é recebida pela retina e vai impressionar ás células da zona visual — no occipital; em segundo lugar, forneci á criança o **giz** e os **musculos** da sua retina tomaram a sua **forma**, — impressão essa que foi modificar as células da zona motora da região do sulco de Rolando; em terceiro lugar, forneci ao seu ouvido um som (**giz**), impressão essa que foi modificar as células da zona auditiva; em quarto lugar, fiz-lhe dizer o nome **giz** e com o acto elle impressionou as células da região de Broca, ou da fala. — Em todas estas impressões as células cerebraes soffreram uma modificação qualquer e, como se tratava

de uma só coisa — giz — essas impressões se relacionaram, se ligaram entre si. Todas as vezes, pois, que eu mostrar a criança um giz, essas impressões serão **evocadas, despertadas**, ouça um giz, conhecerá e reconhecerá o giz. Ainda mais, entre e ella dirá, conhecerá e reconhecerá o giz, do qual ficou com outros objectos saberá mostrar qual é o giz, e qual ficou com uma imagem consciente transmittida pela unidade do pensamento.

Pois bem; tudo quanto dissemos com relação á palavra falada, se realiza com a palavra escripta. Quando a criança vê escrever sentenças, as palavras que ella ouve pronunciar e vê escrever, lhe fornecem as mesmas impressões — fórma, côr, audição e motora — graças ao que ellas se registrarão em seu cerebro. Depois destas impressões primeiras, a simples vista das mesmas palavras evocará e pronunciará um funcionamento daquelles organos cerebraes impressionados, em virtude do qual a criança poderá ler os pensamentos.

E eis como, por este simples mecanismo, a palavra do **todo**, que mais impressionar a criança se registrará hoje, amanhã será outra, e assim por diante.

VII

E' ainda por meio destas impressões e associações que a criança pôde ler novas unidades do pensamento — porque se, para ser dominada, cada palavra necessita de um registo proprio, a criança que já tiver accumulado em seu cerebro uma provisão regular, graças ás acquisições anteriores, com um simples golpe de vista, as reconhecerá e lerá o pensamento com **perfeito conhecimento**. O exercicio de formação de novas unidades de pensamento com as palavras usadas nas primeiras lições é o exercicio complementar e logico deste primeiro passo no ensino da leitura. Convém notar que este exercicio tem ainda a vantagem de fazer com que os alumnos, que não hajam dominado muitas palavras nos exercicios anteriores, o façam agora, pelo interesse, que lhes chama a attenção, de conhecerem a palavra que não sabem, e pelo exercicio de repetição immediata em novas unidades.

VIII

O processo é, realmente, o mais natural e impede a decoraçào.

Todos os dias as lições serão novas, embora as palavras empregadas sejam, em grande parte, as mesmas; todos os alumnos podem aproveitar as lições, embora não tenham assistido ás primeiras; e todos se habituarão a vêr, na leitura, as expressões

de sua fala, de sua linguagem, de seus pensamentos. O que é necessario fazer é proceder á escolha do material para as primeiras lições, tomar nota das expressões usadas e jogar sempre com ellas. O exercicio e a repetição consciente assegurarão a nitidez um pouco fraca das primeiras impressões.

IX

A primeira phase deste ensino se completa com a analyse, mas não esta syllabação inconcebivel em que cáem quasi todos os que se dedicam ao mysterio.

Analyse feita pelo professor á medida que escreve no quadro negro e que, observada pelo alumno, lhe desvendará o segredo da leitura, consubstanciado nestas tres leis:

- 1.ª) — Tudo que se repetir em cousas variadas tende a ser objecto de uma consciencia á parte;
- 2.ª) — Tudo que variar em cousas eguaes tende a ser objecto de uma consciencia á parte;
- 3.ª) — Analysam-se numa cousa isolada tantas abstracções quantos attributos e relações dessa cousa já se tenham percebido.

X

Eis ahí, meu mestre, a nova phase que já agita uma parte da moderna geração de professores alliada a outra de já velhos e experimentados educadores.

Possivel é que novas idéas venham completar esta obra já iniciada com bello resultado; é por isso que, ventilando-a, nos sentimos satisfeitos.

E a vós caro mestre, como expoente maximo desta construcção, a distincção destas linhas e os louvores que, por acaso, mereçam.

S. Paulo, 30 — 6 — 918.

Methodologia do ensino e literatura didáctica

DR. A. DE SAMPAIO DORIA

O attributo específico da literatura didáctica é a intuição *analytica*.

A efficacia do ensino é, em substancia, uma questão de methodo. Não que se desmereça no valor dos *programmata*. Elles são projectos humanos de uma obra divina. Mas ficarão letra morta, si não forem executados, como devem. Na execução, o methodo é o arbitro oracular da maneira intelligente de agir. O professor, que explica ou expõe, nas aulas ou nos livros, si não se saturar do methodo, fará obra de máo quilate. sinão, ás mais vezes, semeará germens de ruinas. A literatura didáctica, sob o aspecto oral ou escripto, se deve aprimorar das mesmas qualidades da literatura *commum*. O que a extrema desta, é a influencia dominante do methodo, na escolha dos seus *assumptos*, e na maneira de os encadear e expôr.

I

Que é, então, methodo?

Diz quasi tudo a etymologia da palavra: *meta*, para fim; *hodo* caminho. Methodo é caminho para um fim.

Mas caminho intelligente.

A intelligencia do caminho é a sua propriedade e efficacia para o alcance dos fins. E' caminho capaz de os attingir, com o minimo esforço e menor prazo. Dado que, para um mesmo fim, haja dois caminhos, um seguro e longo, outro breve e perigoso, é de bom senso que o da segurança prevaleça. Para ir de uma sala á rua, ninguem vae pular janellas, a pretexto de ser, por ahí, o caminho mais curto: não é, evidentemente, o mais seguro. A brevidade vem depois da segurança. A intelligencia ou idoneidade do caminho é, em *summa*, a segurança mais breve, com que se evita o inutil, na consagração do mais proprio.

Sendo esta a noção generica do methodo, qual é o methodo preciso da educação?

Cada coisa tem o seu methodo. Os methodos da guerra, os da administração publica, os do commercio, não hão de ser os do ensino. Os meios estão em funcção dos fins. Variando os fins hão de os meios variar. Na guerra, os fins são a destruição do poder militar do inimigo, e os meios seguros e breves, para lograr estes fins, são a estrategia e a tactica dos combates.

Em educação, preciso é lembrar os fins e os meios, para fixar a idoneidade destes.

Os fins supremos da educação são dois: a formação do corpo e do espirito, e a formação profissional. A formação do corpo e do espirito é a correccção e o enfortalecimento da intelligencia e da vontade, com os cuidados subentendidos da saude, força e vigor *physicos*. A formação profissional é a criação de habilidades praticas, no genero da actividade, para o qual se siota talhado de nascença o espirito.

Em segundo logar, os meios são as actividades do educando e as do educador. A cada um toca uma actividade certa em qualidade e quantidade.

Professores ha que a chamam toda a si, ensinando demais, reduzindo os seus alumnos a ouvintes passivos. Ainda que os anime a intenção bondosa de proporcionar aos alumnos a maxima facilidade, o caminho é máo porque não vae ter aos fins visados. Sem esforço proprio o estudante não aprende, não fórma o seu espirito, não se habilita para a vida. — o que anularia de todo a generosidade do professor.

Por outro lado, cae-se no extremo opposto, deixando ao estudante o trabalho de, por si só, redescobrir, para melhor aprender. Teria elle de observar, como faz o sabio orientado apenas pelos canones logicos da inferencia, observando e accumulando factos, para, na variedade delles, lhes accentuar a unidade, ou eliminando, ou variando antecedentes, para, na ausencia, ou variação de consequentes, apanhar a relação de causalidade entre os elementos do phenomeno, que estuda. Adoptada esta doutrina, bem pouco viria o estudante a conhecer. Excluido o concurso do mestre, que abrevia e dirige, o estudante precisaria condensar, em si, os genios de todos os inventores, dilatar por seculos e seculos a sua vida, e ter a boa estrellada dos acasos felizes, para, então, ficar senhor da sciencia do seu tempo.

A actividade educadora ha de ser uma cooperação do professor e do estudante. Nem só o esforço do educando, nem só o esforço do educador. O essencial é que os dois se coordenem e se ajustem, na realização dos mesmos fins.

Vejamos, primeiro, a justa medida do esforço, que cabe ao educador.

É uma tarefa dupla. Antes de tudo, lhe cumpre fixar e graduar o objecto da actividade educativa para si e para o alumno. Já na criação das escolas, na organização dos programmas, na feitura de livros didacticos, na regencia escolar, o educador, legislando, administrando e ensinando, determina a materia e o grão de estudos, a que os educandos têm de submeter-se. É uma determinação inspirada na evolução psychica, e no preparo dos escolares. Em segundo logar estando a escola em via de funcção, releva ao professor dirigir o esforço do educando, que se fórma, se habilita e aprende. Nesta sua direcção, não substitue o esforço do educando, tal como as mães que, para ensinar a andar os seus filhos, não andam por elles mas os fazem andar, encaminhando-os e amparando-os. O educador encaminha os educandos na sua formação mental, moral e profissional, evitando-lhes esforços inúteis, e apontando-lhes o oriente que devem seguir.

Vejamos, agora, a justa media da actividade que cabe ao educando.

É uma tarefa de obediencia e de iniciativa. Não da obediencia do phonographo, que tudo regista e tudo reproduz. Mas, apenas na phase de sua experiencia, uma subordinação providencial a actividade, que o educador lhe indicar, por melhor, para a sua formação.

É uma obediencia preparatoria da sua autonomia futura no pensamento e na acção. Com a maioridade, que ella prepara, já pôde o educando dispensar a orientação obrigatoria do mestre. Por isto mesmo, é que, dentro da orientação traçada pela escola, o educando não deve ser um auditor sem voz, mas um principio de energia, que se orienta, para avultar e dominar-se. É o caso da criança que aprende andar. Da mesma fórma, um professor de dança não valsa pelo alumno, mas o faz valsar, ensinando. Um professor de dactilographia não ha de reduzir os seus alumnos a meros assistentes da sua maestria no officio: sem a actividade propria do educando, escrevendo elle mesmo, a machina, sob a direcção do seu professor, jámais veria elle a ser dactilographo. O mesmo para todas as disciplinas. Principio da actividade propria do educando é o unico apto a criar e aperfeiçoar a capacidade de acertar, e o habito successivo de agir com acerto.

Lembre-nos que a razão suprema da educação da infancia e da mocidade é a sua adaptação ás necessidades de subsistir e prosperar. A eficiencia desta adaptação depende da mais viva capacidade de acerto prompto e seguro, e de acção

viril e perseverante. Logo, não criar e não desenvolver esta capacidade, mais ha de a escola parecer um pacto diabolico, no intuito secreto de forjar vilões e servis, com que as demagogias deverão contar para tudo. Nunca será formar homens dignos de liberdade, como é de rigor nas democracias, homens criadores do seu destino, bemeitores de si e dos seus, da patria e da humanidade. Só pela actividade propria, pela livre iniciativa, pelo habito de observar, interpretar e verificar as leis da natureza, pôde o educando adquirir a confiança em si na luta, que o espera, fóra da escola, por todo o decorrer, suave ou aspero, de sua vida.

Accentuemos, entretanto, ser esta actividade criadora necessariamente orientada pela proficiencia do educador. É este quem determina ao educando o genero das actividades formadoras. Estas serão o que fór a orientação do mestre. Logo, o que a tudo prima, nos meios educativos, é a cooperação do educador. Si ella prestar, prestará a actividade obediente do alumno: si ella nada valer, por manca ou errada, nada valerá a actividade obediente do escolar. E todo o prestimo da cooperação educadora está na sua idoneidade para alcançar os fins da educação.

PASSEMOS, então, a ver quaes devem ser os moldes idoneos desta cooperação.

O phenomeno, em que ella intervem, é a formação intellectual, moral e profissional, dos educandos. Ora não se pôde favorecer o desenvolvimento de nenhum phenomeno, senão obedecendo ás leis que o regem. É o luminoso principio baconiano, com que se abrem as portas do exito, em todos os empreendimentos. Logo, a cooperação educadora se ha de pautar pelas leis, que regulam a evolução formadora das crianças e dos moços.

Mas a cooperação do educador consta de duas secções: uma preparatoria e outra realizadora. A preparatoria é a organização das escolas, dos programmas, da hygiene, da ordem interna, disciplina, recreios, férias. É tudo isto a estrutura e o ambiente propicio á actividade dos alumnos e dos mestres. A alma da escola, o que se espera de toda esta organização, é o ensino, é a suggestão magistral de actividades ao educando que as effectua. O dever supremo do professor é suggerir actividades, com cujo exercicio o educando se fórma, se habilita e aprende. Ora se a efficacia das intervenções humanas, em phenomenos naturaes, depende da conformação dellas com as leis que os regem, o professor só terá entendido, com inteireza, no

instinto de se educarem os alunos, se a sua cooperação obedecer ás leis da capacidade humana de aprender.

Mas a capacidade de conhecer ou é percepção ou é raciocínio. Ou conhecemos provando, cheirando, vendo, ouvindo, movendo, palpando, introspectando, ou conhecemos por meio de raciocínio. Sei, por exemplo que, o céu é azul, percebendo. Sei, que sou mortal, raciocinando.

Summariemos, então, o mecanismo da percepção e a marcha adquirente de noções claras.

Apresentam-me, agora, um homem que nunca vi, e de que nunca ouvi falar. Cinco minutos depois nos separamos. Que idéa fiquei fazendo do recém-conhecido? Sem duvida, uma idéa vaga e geral: alguma coisa do seu porte, do seu olhar, do seu vestuário, da sua sala. É uma impressão incompleta e obscura. Dias depois, porém, me acontece revel-o, e, durante uma hora, conversamos sobre assumptos gerais. Deixou-me elle a descoberto uma face da sua intelligencia, não percebida no primeiro encontro. Succedem-se as occasiões de convivência, durante as quaes tenho ensejo de lhe observar as crenças, o preparo, os preconceitos, os principios, a sensibilidade, e, sobre tudo, os actos. No fim de certo tempo, a minha idéa sobre elle é bem mais completa que a primeira.

A marcha para este resultado é, em todos os casos, a mesma.

Que noção tinhamos nós, quando infantes, da personalidade humana? Uma noção muito geral e obscura. Podemos conhecendo as partes constitutivas do organismo, com as suas diferenças individuais. Na idade escolar, aprendemos, por grosso modo, a anatomia, a circulação do sangue, a digestão, a respiração pulmonar, as secreções, o metabolismo cellular, a convergencia de todas estas funcções, interdependentes, para o fim unico de manter a vida. Mais tarde, nos revelam certas leis de hereditariedade, que nos solidarizam com as gerações passadas. Então, nos inteiram da influencia decisiva que, sobre a nossa formação, exercem os factores da alimentação, do clima, das instituições politicas, dos usos e costumes sociaes, na inevitavel e eterna evolução das cousas. Depois, nos iniciam no emaranhado mecanismo dos phenomenos psychicos, em suas relações com a actividade cerebral. E sempre noções novas sobre renovados aspectos, corrigindo e ampliando as impressões anteriores ou nos revelando o absolutamente novo. Então a idéa que faziamos da nossa propria individualidade, se foi substituindo por idéas cada vez mais claras e mais exactas sobre a mesma realidade em estudo.

É o que succederia, em um vasto recinto, com numerosas lampadas espalhadas por todos os cantos. Estava accesa, a principio, só uma, e, por isto, a claridade era mortíca. Accende-se logo, uma segunda, e o clarão primeiro se intensifica. Accende-se, depois, uma terceira, e o clarão augmenta. Continua-se. Cada lampada nova, que se accende, aclara mais o clarão precedente. Andou-se, aqui, da penumbra inicial do começo, para a claridade viva do fim.

Esta marcha deixa ver bem o que se passa no espirito. É, de entrada, uma noção geral e vaga, a que se dá o nome de «syncretica». São, em seguida, noções novas sobre os varios aspectos, elementos, e relações do mesmo objecto, occorrença ou phenomeno. E, com cada uma destas observações parciaes, as idéas anteriores se vão substituindo por idéas melhores em clareza, integridade e exactão.

Costuma-se chamar «synthetica» a idéa final desta marcha, como si ella fosse a synthese das noções anteriores com as innovações das analyses. Preferivel será, entretanto, dispensar o termo, porque estas idéas melhoradas, resultantes, não são, como parece ao associacionismo, fusão das idéas anteriores mais as adquiridas pela analyse do mesmo objecto. Em verdade, a verdade, as idéas anteriores e as analyses preparam o cerebro para uma actividade conjugada, de que resulta a idéa nova, melhorada.

A noção primeira, de entrada, note-se bem, a impressão syncretica, recae sobre toda uma realidade complexa. Ninguém começa o conhecimento de uma coisa por uma abstracção, uma generalidade. A escola, muitas vezes, nos impinge esta inversão, mas é quasi sempre em pura perda. Partindo da noção, imprecisa e geral, do primeiro momento, sobre a realidade total, repara-se neste outro ponto: a marcha acquisitiva de conhecimentos aperfeiçoados se compõe de analyses. A chamada percepção synthetica, não é senão o termo de cada analyse, o resultado mesmo das analyses. Por se compor sómente de analyses o trabalho da intelligencia que aprende, se tem dado o nome de «methodo analytic» ao curso acquisitivo de percepções nitidas, exactas e fiéis das cousas.

Vale a pena, por isto, lembrar, aqui, as leis de analyse, já para a acquisição de abstracções, já sobre o seu mecanismo mental, quando abstrae em face de um objecto isolado.

Uma criança, até a idade de oito meses, só se alimentára com leite adoçado. Um certo dia, por descuido, lhe dão a beber leite sem assucar. Com a mais natural das energias,

ella recusa semelhante leite. O que determina a recusa, dada a igualdade das demais condições, é a impressão da ausencia do assucar. Não lhe sendo innata a consciencia de doçura, nem a tendo sentido senão só de mistura com o leite, a noção distincta de doçura só agora lhe surge, mas que imprecisa, no dominio da consciencia. Com repetições de phenomenos semelhantes, a consciencia da doçura se aclara. A mesma abstracção-poderia, tambem, a criança te-la obtido, se, não tendo sentido a doçura senão só no leite, um dia lhe dessem a comer qualquer cousa doce. Neste caso, como no primeiro, a consciencia isolada da doçura começa a ter a existencia propria no espirito em formação da criança. No decorrer de suas experiencias, estas abstracções, como as demais, esboçadas e obscuras, se accentuam e se aclaram.

Já no primeiro caso, se entrevê a lei: **tudo o que varia em cousas semelhantes, tende a ser objecto de uma consciencia distincta.** E' a lei das variações na unidade, ou na semelhança. Tambem, no segundo caso, já se vislumbra, do mesmo modo, a lei: **tudo o que se repete em cousas variadas, tende a ser objecto de uma consciencia distincta.** E' a lei da unidade nas variações.

E' por esta fórma que vamos adquirindo as nossas idéas sobre cousas abstractas. Depois de as termos armazenadas na memoria, com facilidade as podemos reviver, em face de um só objecto, ou phenomeno, capaz de as produzir. Esta operação se submete a uma lei conhecida: **analysam-se, na observação de um objecto, tantas abstracções, quantas relações e aspectos deste objecto já se tenham percebido.** E' a lei do mecanismo das analyses. Costuma-se annunciar esta mesma verdade, dizendo-se que a percepção é uma recepção ou uma prepercepção.

Considerae, nesta altura, um facto permanente, a condição substancial na marcha acquisitiva das percepções: **é o contacto da intelligencia percebente com as realidades a perceber.** Podem-se adquirir noções sem este contacto, mas não se digerem: será uma violencia á natureza.

Mas extractemos o mecanismo da percepção. Já não se trata, aqui, do curso acquisitivo de noções valiosas, mas de summariar o jogo mental da percepção.

Conhecemos, de longa convivencia, um certo individuo. Certo dia, avistamos, ao longe, um homem que passa. Mais não percebemos, agora, de característico do que o seu geito de andar. Nem mais é preciso, para nos certificarmos que se trata do tal conhecido. Tantas e tantas vezes o vimos a andar por aquelle geito, tão seu, tão differente do andar de todos, que bastou a impressão do seu andar, para lhe termos a imagem inconfundivel. Podemos jurar te-lo visto naquelle dia.

Eis uma percepção, igual, em substancia, a todas. Qual foi o seu mecanismo?

Primeiro, uma abstracção, a visão de um attributo, o geito do andar. Segundo, a communicação da actividade cerebral deste attributo com as actividades dos demais attributos, conhecidos, da mesma pessoa. Esta communicação é possível, porque os varios attributos, constitutivos do referido ser, se nos associaram mentalmente, por contiguidade, na marcha descripta, com que lhe adquirimos a percepção. Então, mercê desta reactividade cerebral, iniciada pelo attributo de agora, se tem a consciencia de ser fulano, conhecido nosso, aquelle vulto que passa ao longe, e de que, agora, notamos claramente o andar.

De sorte que o mecanismo da percepção se compõe de tres partes: uma abstracção actual, a actividade cerebral das imagens evocadas, e a consciencia de que o objecto da abstracção e o objecto das imagens evocadas são uma só e a mesma realidade.

Variae o caso a vontade. O mecanismo da percepção será, sempre, o mesmo. Ouço, agora, um ruido característico, e affirmo que um bonde passa a pouca distancia de onde estou. O ruido foi uma abstracção, e nada mais. Estava, porém, elle associado, em minhas experiencias anteriores, com as outras impressões do mesmo objecto. Foi a reactividade cerebral destas impressões evocadas pela impressão do ruido, que me deu a consciencia de se tratar de um bonde que passa.

O numero e o valor das imagens, evocadas pela impressão actual, varia com os individuos, a idade e a cultura. Uma criança, aos quatro annos, não pôde ter num olhar rapido sobre uma arvore, senão uma percepção falha e obscura. Aos quinze annos, porém, tendo já feito estudos especiaes de botanica, a sua percepção, mesmo numa visão ligeira, inicial, já será bem mais completa. A um botânico profissional, então, com a simples impressão geral da côr e da fórma, que seu olhar apauha de relance, a percepção da mesma arvore é sufficientemente completa e nitida.

O que, neste momento, mais convem accentuar, é a miopia e superficialidade das massas aperceptivas da criança, ou

imagens do mesmo objecto, evocáveis pela impressão actual, São poucas e não muy seguras as actividades cerebraes associadas á da impressão inicial, e de cujo concurso resultam as **percepções.**

— Summariemos, nesta altura, a marcha acquisitiva e o mecanismo do raciocínio.

Assisto á morte rapida de um homem, victima de um tiro no coração. Mesmo que nunca me houvessem falado da gravidade de tal ferimento, de agora em diante, a idéa de tiro no coração me suggere a idéa da morte. São duas cousas que me impressionaram em contiguidade, e que, por isto, se associaram mentalmente, de modo que a idéa de uma dellas, que, primeiro, se reproduza, tende a despertar a idéa da outra.

Admittamos, em seguida, ter notado o acerto de um homem em suas previsões. O que elle dizia ir acontecer, aconteceu de facto. Então o objecto do **homem** e o objecto **infallibilidade** se associaram mentalmente, de sorte que a idéa de um delles, que se reproduza, tende a despertar a idéa do outro. Como a infallibilidade, as idéas de bondade e de maldade, de sabedoria e de atrazo, de religiosidade e de atheismo, de combatividade e de sociabilidade, e sem numero de outras, se acham associadas, por contiguidade, com a idéa de homem.

Mas a relação entre o objecto dellas e o objecto homem ora é contingente, possível ou provavel, ora é necessaria, certa, inevitavel. Sabe-se que o attributo humanidade coexiste sempre com o attributo mortalidade, ao passo que o attributo atheismo ou infallibilidade ora coexiste, ora não coexiste, com o objecto homem.

Como havemos de adquirir a consciencia da contingencia ou da necessidade desta coexistencia?

Observando uma e muitas vezes, accumulando experiencias. Vi que fulano morreu de um tiro no coração; era ainda moço. Vi, tambem, que sicrano acertou nas suas previsões. Formulo as duas hypotheseas: **tiro no coração mata, o homem é infallivel.** Eis o primeiro passo.

Continuo, porém, a observar. Percebo que outros tiros no coração mataram outras pessoas, fossem velhos ou moços, ricos ou pobres, varões ou mulheres, brancos, amarellos e pretos: todos morreram rapidamente por terem sido feridos á bala ou a faca no coração.

Em meio desta variedade de pacientes, uma cousa me fica em evidencia, constante e a mesma: é que, onde houver ferimentos de bala ou faca no coração, a morte estará. É uma idéa generica, a idéa de uma cousa abstracta, que me resulta suave-

mente da observação, segundo a lei de que a constancia na variedade tende a ser objecto de uma consciencia nova.

Agora, a segunda hypothese: o homem é infallivel, formulada tão legitimamente como a primeira, pois que nasceram ambas da observação da coexistencia de dois factos. Continuando, como no primeiro caso, a observar, noto ter aquelle mesmo homem que acertou muitas vezes, errado uma vez. Além d'elle, outros muitos individuos erraram em suas opiniões, fallharam em suas crencas, se desmentiram em suas previsões. Do confronto da hypothese inicial com as outras observações, não se verifica a constancia na relação entre o objecto **homem** e o objecto **infallibilidade.** Pelo contrario, os homens ora acertam, ora erram. A coexistencia da humanidade com a infallibilidade não é, pois, necessaria, mas sim contingente.

Em qualquer hypothese, a marcha adquirida da generalidade é, primeiro, uma hypothese, depois comparações do facto da hypothese com factos semelhantes, ou da mesma especie, e, como resultado desta comparação, a consciencia da necessidade ou contingencia, na relação dos dois factos, a consciencia da co-existencia, fatal ou fortuita, dos dois factos em uma só e mesma realidade. É a inferencia.

Assim se adquirem as idéas geraes, os principios, os axiomas.

— Passemos, em seguida, a examinar o mecanismo do raciocínio.

Um medico, chamado a vêr um doente em artigo de morte, logo ao primeiro exame, desengana os interessados — **Não amanhece,** declara, sem rodeios. Este prognostico não é evidentemente uma percepção pura e simples, pois se trata de um facto futuro. É o resultado de um raciocínio, é uma conclusão, uma previsão.

Qual devia ter sido este raciocínio?

O que o medico percebeu, agora, foi certo symptoma. É uma abstracção, a consciencia de alguma coisa na realidade presente, que observa. Mas, graças aos seus estudos, e, sobretudo, á sua pratica profissional, o symptoma percebido desperta a idéa da morte inevitavel, dentro de horas. Não foi só uma, senão muitas vezes, que observou, na fórma da marcha exposta, a sequencia da morte rapida ao symptoma que nota. É a consciencia de que onde houver o tal symptoma estará inevitavelmente a morte rapida, o que lhe dá ensejo ao prognostico desconsolado.

O mecanismo deste raciocínio, como o de todos, se compõe de uma percepção inicial: o symptoma do doente. É o que em logica, se chama premissa menor. Vem, em seguida, a evo-

cação de uma idéa pelo attributo, que se analysa, do objecto em observação. Esta evocação é o attributo, que a evoca, constituem a premissa maior. É uma generalidade, que se logra por analyse de factos variados, é uma inferencia obtida na observação das cousas sobre que dispõe, quando não é conclusão de um raciocínio anterior. Por fim, tendo-se a consciencia de que o objecto da imagem evocada coexiste, necessariamente, como objecto da idéa evocadora, se substitue na premissa menor a imagem suggeridora pela suggerida. É a integração, ou conclusão.

Notemos, agora, este facto culminante para as applicações do ensino. A premissa menor, que abre o raciocínio, é um apañhado dos sentidos, suppõe o contacto da intelligencia, que raciocina, com as realidades, sobre que conclue. A premissa maior, que o predicado da menor suggere, é uma generalidade analytica de factos em contacto com a intelligencia, que infere. E, por ultimo, a conclusão é um desdobramento ou corollario explicito do que, implicitamente, a premissa maior contem, e por isto, se origina, como ella, no contacto da intelligencia com as realidades.

Todo o raciocínio, pois, tira os seus dados da observação das cousas.

Comparando, então, a percepção com o raciocínio, chegamos á evidencia desta verdade: **a origem primaria de ambos, isto é, de toda a capacidade de conhecer é o contacto da intelligencia cognoscente com as cousas a conhecer.** Tudo o que se conheça, sem este contacto, é conhecimento de segunda mão, o qual havia de ter origem, ainda que remota, na observação da natureza.

Ao contacto da intelligencia com as realidades se dá o nome de Intuição. Não é toda a observação, mas tão sómente a observação directa, pessoal, do sujeito cognoscente. Este contacto se realisa, a principio, com os sentidos, e, depois, sem os sentidos. O que constitue essencialmente a intuição, é o contacto da intelligencia percebente com as coisas cognoscendas. O que a elimina de todo, é a interferencia, a interposição de uma intelligencia estranha entre o sujeito, que conhece, e as realidades que vai conhecer. Para saber o que se passa no theatro da guerra, ha dois meios: presenciar os factos, é intuição; ouvir ou ler narrações de quem os tenha presenciado, já não é intuição. Da mesma fórma, para saber a lei das evocações psychicas, ha

como para a aquisição de todos os conhecimentos, dois meios: observar os factos, para, do confronto, se inferir a lei nos termos intuitivos e analyticos já descriptos, é intuição; escutar, lêr e decorar a lei, já formulada por outros, não é intuição. Será um conhecimento de segunda mão, raramente assimilavel com utilidade prática, e, de nehumuma fórma, efficaz, para a formação das faculdades.

A intuição é, em summa, a fonte de toda a sabedoria: percebe-se por intuição, e raciocina-se com os dados, que a intuição fornece. O que se aprende sem intuição, havia de ter sido obtido por alguém intuitivamente, para, só depois, se transmitir pelo boato, pelo testemunho, de bocca em bocca, por tradições oral ou escriptas.

E sempre se compõe de analyses a marcha acquisitiva de conhecimentos.

A verdade sobre o methodo de ensino, então, se impõe. A cooperação do professor, na realização dos fins educativos, é suggerir actividades, com que os educandos se formem, se habiliem e aprendam. Ora a capacidade humana de conhecer se exerce no contacto da intelligencia, que percebe, com as cousas que vai conhecer, isto é, na intuição constante em analyses. Logo é pela intuição-analytica que se ha de modelar a cooperação educadora do mestre.

A intuição-analytica é o methodo supremo e unico do ensino. Tudo mais são confusões e aberrações.

Insistamos.

Tenhamos a paciencia heroica de assistir a algumas aulas de uma grande escola. Esta é de botanica. O professor discorre longamente sobre as plantas. Ninguem lhe pôde negar, com justiça, a enorme erudição; mas, no seu ensino, não mostra nunca, quando lhe seria tão facil, os objectos sobre que disserta.

Nesta aula de chimica, o desastre é ainda maior. Na lousa, o professor algebriza as reacções chimicas, depois de ter feito decorar, durante alguns dias, as nomenclaturas fastidiosas. Nehumuma experiencia que analize ou synthetize os corpos. Nem por sombra se realisa o contacto da intelligencia do estudante com os phenomenos ensinados.

Aqui, aula de physica. Discursa o professor sobre installações domiciliarias da electricidade. Mas acontece, ninguem sabe como, que, sendo noite, a luz se apaga, e ninguem sabe fazel-a voltar. Chamado um mecanico, a difficuldade se resolveu com a substituição de um fusivel, que se queimara. Ninguem na aula conhecia realmente a função do fusivel.

Nesta outra sala, ensina-se grammatica. A lição é da pagina tanto á pagina tanto. Pobres crianças!.. Já sabem definir a grammatica, conhecem phonemas e ditongos, metaplasmos e affixos, regras e excepções de genero, numero e gráu dos substantivos, adjectivos, regras e excepções de concordancia do sujeito com o verbo, collocação de pronomes, uso dos infinitos pessoais e impessoaes, definições de adverbios, preposições, conjuncções, figuras de syntaxe, e ainda nada sabem da proposição, que é no caso, o facto de todos os dias, a unidade psychica!

Só mais uma aula. E' de methodologia. O que logo notaes, é o tom pedagogo da voz do professor, e a sua sabedoria privilegiada de iniciado em mysterios cabalisticos. Os methodos, doutóra elle, são quatro para fulano, seis para sicrano, onze para beltrano. Fala em synthetico, com os olhos postos na synthese chimica. Fala em analytico sem saberem os alumnos as leis de analyse. Fala em inductivo, sem desvendar o mecanismo da inducção. Fala em deductivo, sem explicar a estrutura psychica do raciocínio. Não se preoccupa com os factos, sobre que versam os methodos; a acção do professor que dirige, á do alumno que se educa, as condições, sobre que se exerce a co-operação directora do mestre. Parece que, de proposito, todos estes factos, constitutivos da materia do methodo, são afastados da intelligencia do auditorio, para maior gloria da sua immensa sabedoria.

Será que estas aberrações são o privilegio da escola primaria e secundaria?

Não. Nas escolas superiores, os estudos de pedagogia ainda se não acclimaram. Salva uma ou outra excepção, o methodo ahí é uma algaravia de phrases, ás vezes sonoras, vazias quasi sempre. Repassam-se as opiniões, ensinam-se pontos de vista, não se argumenta com razões, não se mostram factos. A preoccupação das definições iniciais é da pragmatica. O ensino rola de abstracção em abstracção, entre nevoeiros de metaphysica, e innocencias de estylo. O espirito atordoado e cansado, do estudante sai daquelle recinto augusto, ignorando as realidades que fora conhecer. Já é proverbial dizer-se que, só com a pratica ulterior, se aprende, de quasi nada valendo o curso academico. Mas a pratica do methodo pelos cathedrauticos conseguiria a realidade do ensino academico, como o exige o bom senso e a dignidade profissional.

O segredo está na pratica do methodo intuitivo.

A aula é de botanica? Trata-se, por exemplo, da influencia da luz sobre o crescimento das plantas. Porque não ha de o professor plantar, á vista dos alumnos, um certo legume de ra-

pido crescimento, deixando um delles exposto ao sol, e o outro á sombra? De dias em dias, notem os alumnos as differenças no crescimento, na cor, na vida e belleza de ambos. O phenomeno será, por esta fórma, aprendido com agrado e para sempre e, o que é mais, terá concorrido para que os alumnos se habituem a observar a natureza, adquirindo o geito e a segurança de lhes explorar os segredos.

A aula é de chimica? Tende piedade dos estudantes, e não lhe cresteis em flôr a disposição nativa por conhecer a natureza dos corpos. Em lugar de lhes engurgitar a memoria de mythos phrasologicos, fazei experiencias poucas, mas fazei algumas. O ideal é que cada alúmno faça a experiencia, para aprender devéras. Fazer o professor uma só, para todos, serve como recurso de brevidade na falta de laboratorios. Supponde que a explicação versa sobre o que seja mistura em physica, combinação chimica, sobre o que seja analyse e synthese. Reuni um pouco de enxofre em pó e limalhas de ferro: é uma mistura. Per mais que a revolvais, cada ingrediente conservará a sua existencia autonoma: basta que deiteis a mistura em um pouco d'agua, para que sobrenade o enxofre, e o ferro repouse no fundo. Para a idéa da combinação, aquecei parte desta mistura, em cadinho, até á fusão tranquilla: o enxofre e o ferro perdem a existencia propria, fundindo-se, combinando-se em um corpo novo, sulphureto de ferro. E' uma synthese. Para evidenciar intuitivamente a analyse, aquecei, com um maçarico, em um tubo de vidro, um pouco de pyrita de ferro, bisulphureto de ferro, encontradico em toda a parte; logo o enxofre se desprende do ferro, adherindo ás paredes superiores do tubo de vidro fechado. Por esta fórma, os alumnos jámais se esquecerão destas noções, comprehendidas integralmente. O que, de todo, não se tolera, é este ensino abstracto de chimica, reduzido a decorar nomenclaturas, algebrizando, na lousa, analyses e syntheses, sem uma palpação de vida e realidade.

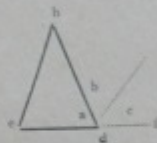
E' de physica a aula? Vede esta lição aos mestres: — « Apresente o professor, diz Ruy Barbosa, aos seus discipulos um magnete natural ou artificial; dê-lhe a examinar, ponha-o em contacto com fragmentos de ferro, aço, um pouco de limalha, umas agulhas; approxime successivamente dos polos estas substancias; afaste-as, trazendo-as pouco a pouco até á parte média; mostre-lhes varias hastes imanizadas, suspensas livremente; faça-os distinguir a orientação em que todas se fixam depois de oscillarem algum tempo; encaminhe com discreção as perguntas: e, no correr destes exercicios, os meninos attentos, satisfeitos, avidos terão descoberto — elles mesmos — a propriedade attractiva do iman, a sua polaridade, a sua tendencia fatal para o norte.

Adquiridos assim, estes conhecimentos serão indelevelis no espirito do menino, e contribuirão com a mais prodigiosa efficacia para a evolução educativa da aula? Em vez de decorar a grammatica, proporcione o professor a observação directa dos factos da lingua, para com esta base, inferir a regra. E' por exemplo, uma classe secundaria, o encantado problema da topologia pronominal. Já se havendo os alumnos iniciado na leitura dos classicos da lingua, no manuseio dos seus melhores escriptores, chame o professor a sua attenção para a posição dos pronomes átonos em relação aos verbos, de que elles são complementos. Ha uniformidade nesta posição? E' a regra. Não a encontraes, por se contradizerem os factos classicos a respeito? Aproveite o professor a oportunidade, para lhe ensinar a evolução da lingua: a sua marcha vagarosa e eterna para a clareza, que é a sua condição de ser, e para a belleza que é o seu primor de arte. Mostre, então, como o progresso do idioma no caso em estudo, dado o caós da tradição classica, é a selecção daquellas formas, que mais se aproximarem da clareza e da belleza. A selecção feita é a regra. Nesse teor, se chega á lei, ao preceito, á generalidade, pela observação dos factos individuais. E', porém, uma classe primaria? As crianças, mercê da convivencia com os maiores, já falam com relativo acerto, na concordancia, na construcção de phrases, torneios, inflexões, e conhecem o sentido de numerosos vocabulos. Pois aproveite o professor este cabedal de noções da lingua, adquirido intuitivamente, na convivencia com os grandes. Examine com elles as sentenças que usam desde os primeiros alvares da sua intelligencia. Será facil fazel-os distinguir, nas sentenças, as palavras que dão nome ás cousas, ás qualidades, e ás acções: são os substantivos, qualificativos e verbos. As especies de substantivos, e suas regras de numero e genero, as classificações subtis dos verbos, as demais fórmulas do adjectivo, a noção do pronome, das relações expressas em preposições, conjuncções, os adverbios, virão progressivamente, com o tempo e o desenvolvimento mental. O que se não comprehende, é esta pratica generalizada de se começar o estudo da expressão verbal do pensamento pela analyse grammatical, por abstracções, como são as palavras, desarticuladas sem sentido completo. O abandono da sentença, como ponto de partida, tem gerado o mais entranhado horror aos estudos de linguagem.

Chegou a vez da aula de psychologia. O methodo não pôde variar: tem o professor de pôr o objecto do seu ensino em contacto com a intelligencia de seus alumnos, para que estes descubram, por assim dizer, a lei, a verdade sobre elle. Trata-se,

por exemplo, da lei de que a repetição attenciosa favorece a conservação das idéas. Já ha de ter acontecido que, depois de explicada certa materia, não tenham os alumnos dado boas lições. O professor naturalmente ha de ter reexplicado a mesma materia e, então, os alumnos já dão mostra de melhor conhecer. Numa terceira chamada, todos elles enunciam admiravelmente o que ouviram. São factos comecinhos, de todos os dias. Pois, chamando a attenção para elles, os alumnos se embebem na evidencia da realidade, cuja lei, só então deve ser enunciada.

Nem mesmo a mathematica, que, de proposito, só agora appareça, escapa á necessidade da intuição. Toda demonstração de mathematica é um encadeamento systematico de raciocinios. A premissa maior de cada raciocinio é a conclusão de raciocinio anterior, a premissa maior do qual é conclusão de outros raciocinios, ou é axioma. Mas os axiomas são afinal, verdadeiras inferencias, são productos racionais de observações anteriores. De modo que, pelo lado da premissa maior, a fonte originaria dos estudos de mathematica é a communicação da intelligencia com as realidades. Pelo lado da premissa menor, em qualquer raciocinio, a intuição é immediata. Seja a demonstração de que a somma dos tres angulos internos de um triangulo vale 180° : Tome-se qualquer raciocinio, entre os encadeados na demonstração:



Vêde que os angulos a, b, c, somados, são todos os angulos, possíveis em torno do ponto d sobre a recta ef. E' a premissa menor de um dos raciocinios, é o facto que evoca a idéa de que os angulos formados em torno de um ponto sobre uma recta, valem 180 grãos. E' a premissa maior, resultado de raciocinios anteriores. Então, concluimos que os angulos a, b, c, valem dois rectos. O resto da demonstração se compõe de raciocinios como estes. E qualquer que seja a demonstração de mathematica, é toda ella baseada em percepções actuaes, que fazem de premissas menores, e de evocações, que são, ou se reduzem a inferencias intuitivas. Logo, no ensino da mathematica, o contacto da intelligencia, que aprende, com as realidades ensinadas, é a condição de exito e normalidade. Se por maior facilidade se sub-

situe as cousas concretas, sobre que versam os theoremas, por solidos, ou figuras, que as representam, nem por isto a intelligencia se deixa de contagiar com a realidade.

Chegam afinal estas exemplificações, todas tendentes a mostrar as vantagens do methodo intuitivo, não só para fazer conhecer, como, principalmente, para desenvolver a capacidade de conhecer pelo fecundo contacto com a natureza.

Passemos, agora, a ver as fórmulas de apresentação das realidades ao espirito do estudante, e a successão natural destas fórmulas na pratica das escolas.

As realidades se podem apresentar de dois modos: aos sentidos, ou á imaginação.

Aos sentidos, primeiramente. Nos seus inícios, a educação não supporta outra fórmula de apresentação das realidades. A linguagem pura sobre cousas ausentes não tem quasi sentido ao entendimento infantil, e principalmente, não lhes attrae a attenção, não lhes interessa a curiosidade. A presença, porém, das cousas aos sentidos mantem os meninos sob a encantada magia de um espectáculo sempre renovado. Espontanea e permanente é a sua attenção pelas cousas animadas que a circundam.

Acontece, entretanto, que nem sempre se podem ter á mão as realidades em si. Por contingencia inevitavel a presença dellas, em si mesmas, é de todo impossivel, como a dos factos historicos. Outras vezes, ainda que possivel, a presença material dellas ao espirito do educando acontece ser de tal maneira difficil, que tornaria impraticavel a intuição, se a intuição não podesse existir sem ella. E' o caso dos estudos da geographia de paizes longinquoos, ou da zoologia de animaes de outras terras e outros climas.

Note-se que a impossibilidade pratica da presença material de taes realidades não deriva da natureza dellas, mas de um concurso de circumstancias inevitaveis. Neste caso, o primeiro recurso é a sua figuração em estampas, gravuras, desenhos, ou, ainda melhor, em projecções luminosas, que as tragam animadas aos sentidos.

Em geographia, por exemplo, se lança mão de cartas mu-ras, mappas, planispherios, cinematographia. Em historia, porque se não ha de recorrer ás estampas, que representem certos usos e costumes, artes industriaes e guerreiras, habitações, navios e vias de rodagem? Em geometria ha os solidos, tão em uso nas classes intelligentes, os traçados, os desenhos, figurações, em summa, das realidades ausentes, a respeito das quaes se de-

terminam, pelo raciocinio, verdades imperceptiveis pelos sentidos.

Mas, para que as illustrações possam supprir, com interesse, facilidade e proveito, a presença material das realidades, preciso é que os educandos se habilitem a interpretar-as. Para isto, ainda na phase escolar das realidades em si, presentes aos sentidos, cumpre se adextrem na plastica, no desenho, na cartographia geographica, em que as realidades se figuram com dimensões reduzidas, e posições relativas umas ás outras. A aprendizagem destas cousas é condição para o bom andamento do methodo intuitivo: ella facilita ver, com nitidez e exacção, em representações graphicas, as realidades ausentes, em si, aos sentidos.

Por melhores, contudo, que possam vir a ser as figurações das realidades, nunca se deve dispensar a presença material dellas, desde que haja possibilidade. No ensino da anatomia humana, por exemplo, ha illustrações admiraveis em nitidez, relevo, fidelidade. Mas não serão jamais capazes de dar ao estudante a consciencia animada e palpante, que recebem, observando os corpos reaes em necroterios, hospitaes e laboratorios.

Agora, em segundo lugar, á imaginação. Ha realidades imperceptiveis aos sentidos, como a da philosophia e sciencia juridica. E', digamos, um lente de direito internacional, que vai explicar a doutrina de que, com o apparecimento dos submarinos, como arma de combate, as leis de moralidade e de humanidade, vigentes na guerra, não se derogam, pois não deixam de ter a mesmas razões de existencia. Como ha de evidenciar esta doutrina, apresentando as realidades em si na sua materialidade viva ou mesmo, por illustrações?

E' claro que não pôde ser. Mas note-se bem, nem por isto deixa de ser possivel o **contacto da intelligencia que aprende, com as realidades a conhecer.** As realidades se podem apresentar á imaginação, evocando vestigios do que os sentidos apunharam, vestigios capazes de pôr em evidencia o facto que se expõe, se explica e se prega.

Por esta fórmula admiravel, se apresentaria á intelligencia a realidade juridica alludida: « Deade que ha, entre os homens, diz Ruy Barbosa, a noção do **meu** e do **ten**, se considerou como acto reprovado o de um individuo que se apodera do alheio. Por isto, as gavetas do proximo são sagradas. Isto não é de hoje... Um bello dia, porém, inventa-se a gazua, e o inventor da gazua... nos vem dizer: — Realmente, até hontem, era vedado metter a mão nas gavetas do proximo; mas ainda não se tinha inventado a gazua que é incompativel com esta lei — Inventada a gazua, o que se segue, não é que a policia deva

da leitura pelo alphabeto, em nome de um falso methodo synthetico, por inspiração de uma falsa doutrina associacionista, como tem sido de uso quasi universal; ou começar o estudo da geographia por generalidades, como paralelos, meridianos, movimentos da terra, segundo é de uso na quasi unanimidade dos compendios. Já é uma velharia, que se apregôa, e não se cumpre, dever o ensino ir do concreto ao abstracto.

Por onde começamos a adquirir a idéa, que hoje fazemos, da arvore? Já, antes da escala, muitas e muitas vezes tivemos o ensejo de vê-las, compara-las, de lhes notar diferenças, de lhes discernir muitas de suas partes, de dar nomes a todas. Na travessia da escola nos ensinaram botanica, sem, por hypothese, nos alhearem da natureza. Depois da escola, ainda podemos continuar o nosso estudo sobre o mesmo objecto, cujas diferenças, funcções e relações, se perdem no infinito. Mas sempre o começo de todos os nossos estudos a respeito foi a primeira visão, em criança, de uma arvore.

É o todo inicial.

O que seja, exactamente, o **todo** inicial dos conhecimentos não tem sido isento de incertezas e duvidas. A môr culpa é da equivocidade do termo.

O **todo** pôde significar duas cousas. O conjuncto dos homens, dos gatos, dos elephantes, e congeneres, é um todo, chamado animal. Neste caso, o **todo** significa o total de muitas cousas, diversas entre si, mas ligadas por caracteres communs. É evidentemente, uma generalidade, faz parte de uma classificação doutrinsaria, implica um trabalho ulterior do espirito. O globo terraqueo é um todo, nesta acceção, pois comprehende numerosas cousas genericamente consideradas.

Cada homem, cada gato, cada elephante, cada objecto da geographia, como um rio, ou a orientação do sol, é, por sua vez, um **todo**. Um homem é um todo de muitos orgãos, capacidades, qualidades e relações sem fim. Neste caso, o **todo** é a totalidade de uma cousa. Não se trata de uma generalidade scientifica, mas de uma individualidade como se nos depára a natureza.

Em methodologia, o **todo** inicial é a individualidade, e o que tem existencia real e propria na natureza, é por onde começam os nossos conhecimentos, antes da escola e depois da escola. O erro commum da escola é ser uma solução de continuidade na marcha acquisitiva das idéas. Os todos, como generalidades, não são realidades encontraveis na natureza, mas criações uteis do espirito, que divide os objectos cognosciveis do universo em objectos de varias sciencias, e, ainda, para maior

clareza, os subclassifica dentro das sciencias. As generalidades são, em verdade, abstracções, a que se deve, e se pôde chegar.

Afastada qualquer duvida sobre a significação do **todo** na marcha acquisitiva dos conhecimentos, consideremos o segundo objecto capital da intuição, a sua marcha.

São as analyses. Toda ella se compõe de analyses, na marcha da percepção e na do raciocinio. Quem quer que tente aprender uma sciencia, ou conhecer um objecto complexo, terá de proceder a estudos successivos sobre as partes, ou componentes della, ou delle. Cada these, cada problema, cada aspecto de uma sciencia, ou de uma individualidade, é objecto de analyses, de estudos proprios.

Na aprendizagem da leitura, é a sentença o todo inicial, o facto de todos os dias, a realidade psychica, a individualidade capaz de analyses. A marcha analytica decompõe a sentença, não ao acaso, mas com observancia restricta ás leis de analyse. A criança ignora a syllaba e a letra, a que não corresponde nenhuma realidade na vida objectiva. A letra e a syllaba são abstracções, que ella vai adquirir, como adquire qualquer abstracção no curso de sua existencia. Aprende, digamos, em dado momento a dizer **casa**, ao desenho calligraphico, ou palavra, que o professor escreve na lousa. É claro que não lê propriamente aquella palavra, só com nomeal-a: limita-se a dar nome aos signaes, que fita, da mesma fórma que chamaria casa, ou arvore, ao desenho destes objectos. Depois, a mesma criança aprende a dizer **cadeira** á palavra, que o professor escreve na pedra. Então, do confronto mental das duas palavras **casa** e **cadeira**, a syllaba inicial **ca** se destaca mentalmente, segundo a lei de que **tudo o que se repete em cousas variadas tende a ser objecto de uma consciencia distincta**. Por combinações intelligentes, com que o mestre prepara, ou ensêja a que os seus discipulos analysem, chegam elles a conhecer todas as letras, ao mesmo tempo que aprendem a ler tudo, sem esforço esterilizante, e sem jamais se divorciarem da significação, não commettendo o grave erro de ler, sem a imagem mental dos objectos lidos, psyticamente, como acontece a todos os que aprenderam a ler pelo detestavel methodo synthetico, vibrante das leis naturaes.

Na aprendizagem de qualquer lei scientifica, intuitivamente acompanhando a inferencia, ou a marcha mental de que ella resulta, os passos são sempre de analyses. Seja, por exemplo, a noção de egualdade entre o dividendo e o producto do divisor pelo quotiente: é uma lei de mathematica. Ao invés de deocar este principio, assim enunciado, pôde o professor fazer

que os seus alumnos o adquiram por intuição. Tendo, digamos, o professor trazido á aula dez objectos quaesquer, divida-os igualmente por dois alumnos: cada um recebe cinco. Como já sabem multiplicar, faça-os sommarem os dois grupos iguaes de objectos, ou multiplicar um delles por dois. O resultado é o total de objectos do começo. Varie, em seguida, a experiencia, augmentando o numero de objectos, que se repartem igualmente, augmentando o numero de pessoas, com quem os reparte. Em todos os casos, a multiplicação do numero, que cabe a cada um, pelo numero de alumnos, com quem se dividem os objectos, é sempre igual ao numero total de objectos totaes. Diante destes factos, que o professor pôde tornar bem variados, uma cousa é sempre a mesma: **O numero total das cousas, que se dividem, é igual ao producto do que toca igualmente a cada um pelo numero daquelles, com quem se dividem.** A generalização se produz suavemente e necessariamente, segundo a lei da unidade nas variações.

A intuição-analytica foi o espirito deste ensino, a marcha seguida foi inspirada na marcha adquirente das premissas maiores, a qual é regida por uma lei de analyse. O estudante, com semelhante exercicio, fará, por si mesmo, a generalização, terá, por si mesmo, **descoberto** a lei.

Trata-se, pois, de obter uma simples percepção, cada vez mais clara, mais exacta e mais completa, ou se trate de obter uma generalidade, uma regra, uma inferencia, a marcha da intuição é sempre regida por leis de analyses, se compõe de considerações sobre as partes, os elementos do objecto, occorrença, ou phenomeno, que se estuda.

Afinal, ainda e só duas palavras sobre qual deva ser a ordem de successão dos **todos**, iniciadores de conhecimentos. Sendo, no dominio de cada sciencia, sem conta o numero de realidades, capazes de serem o ponto de partida dos conhecimentos, por qual delles se ha de começar e que successão hão de ellas seguir?

Supponha-se, na historia da humanidade, os seus infinitos factos, pelos quaes se pôde começar o ensino, tanto pela antiguidade, como pelos tempos modernos, tanto pela civilização de povos estranhos, como pela historia da patria. Será pela genese da humanidade, ou pela historia da vida do proprio estudante, o melhor ponto de partida, para semelhantes estudos? Asum, em direito, se ha de começar o seu estudo por philosophia

juridica, e por direito romano, ou por noções do direito positivo, actual, em nossa terra?

A solução scientifica destes problemas está no espirito mesmo do methodo intuitivo. O essencial é a apresentação das realidades á intelligencia do estudante, a principio, tanto quanto possível, mediante as cousas em si, ou suas illustrações, e, só depois, com os residuos mnemonicos desta primeira phase, mediante imagens. Por isto, entre o longe e o perto no espaço e no tempo, é claro que se ha de preferir o perto, por mais capaz de relevo, vibração e calor, por mais susceptivel de intuição. Com o que se haja aprendido mais de perto, será facil atinar com o distante.

Em geographia, por exemplo, o **todo**, por que se ha de começar, é qualquer facto geographico do lugar onde se ache o aprendiz: a orientação pelo nascimento do sol, a sala de aulas, o pateo, as ruas, a cidade, as collinas, os corregos, tudo o que for susceptivel de uma observação directa e autonoma. Não será difficil cartographar estas cousas vistas e reproduzi-las, na medida do possível em alto relevo, modelagem, ou plastica. A extensão destes estudos, relacionados com estas noções primeiras, depende das necessidades e capacidades do estudante.

Em historia, o **todo** inicial não pôde ser a genese biblica, ou evolucionista, do genero humano, com que se costuma preambular a historia, para, logo depois, divagar sobre um amontoado de nomes, datas, factos, numerosas dynastias, narrações de perfidias, proezas gigantescas, triumphos occasionaes do crime, sem nenhum sentimento da naturalidade dos seus personagens, nenhum sentimento da realidade historica, nenhuma observação da alma humana, nenhuma visão da vida pratica. O **todo** inicial dos estudos da historia é a historia do proprio individuo, a da escola que frequenta, a da cidade que habita, consultando, o estudante mesmo, documentos, certidões de baptismo, monumentos historicos, inscrições, confrontando costumes e tradições. Depois, num encadeamento intelligente, se passa ao estudo da historia patria, na evolução dos seus principios politicos, nos factos dominantes da sua formação, desenvolvimento, aspirações e glorias.

Em direito, o **todo** inicial não pôde legitimamente, ser direito romano, nem tão pouco philosophia do direito, como se faz entre nós. É um começar pelo passado longinquo, e pelas generalidades de factos, ainda por conhecer. A philosophia juridica, no começo do curso, é exactamente, como a grammatica no começo dos estudos da lingua: é um começar pelo fim. Antes, numa cadeira introductoria de encyclopedia juridica, se aproveitasse a observação, tão de todos, das relações entre os

membros de uma casa: a situação dos paes é uma, a dos filhos é outra, e ainda outra é a dos criados. A cada qual toca uma determinada esphera de acção, ha regras, ainda que não reduzidas a escripto, sobre o que compete a cada qual fazer, ou deixar de fazer, para que seja possível a vida harmonica e prospera de todos. A noção, doutrinaria e verdadeira, do direito se pôde derivar suavemente desta simples observação intuitiva.

Em resumo, pois, quer se trate do ensino primario, quer do superior, o methodo é sempre a intuição-analytica.

II

Insistamos, agora, na literatura didactica.

A linguagem do professor, que fala ou escreve, se confundiria com a literatura commun, si não fora a sua preocupação intuitiva, na escolha dos assumptos, e na maneira de os conectar e expôr. Quem quer que se aventure a escrever para a infancia, não logra a uma linha do seu intento, si não pautar toda a sua linguagem pelas indicações da intuição analytica no seu espirito, no seu curso, e nos seus fins.

a)

No seu espirito

O espirito do methodo intuitivo é o contacto da intelligencia cognoscente com as realidades a conhecer. A negação completa do espirito intuitivo é a interposição de uma intelligencia estranha entre as realidades e o sujeito que as vai conhecer. A intelligencia do educador não deve interferir por este modo, mas fazer que a intelligencia do estudante se contagie com as realidades, guiando-a e amparando-a.

A realização deste contacto admite duas fórmulas capitais: a presença das realidades em si, ou por illustrações aos sentidos externos ou internos; e a presença, imaginada, das realidades ao pensamento. A primeira fórmula é a unica que vai bem com a infancia, a cujos ouvidos passam geladas e ócas, como sopro, as palavras cujo sentido ella ainda não aprendeu intuitivamente. A fórmula supersensorial da intuição é a continuidade normal e necessaria da primeira, que a facilita e a prepara. A sua existencia é de absoluta necessidade para o ensino. Não é o detestado verbalismo, que esteriliza, mas o verbo animado e vibrante, que, com os vestigios sensoriaes, organiza, na imaginação, realidades novas, suggerindo imagens semelhantes ás que se logram no contacto material com a natureza.

O livro, que não apresentar as realidades novas ao espirito do leitor, por illustração ou por imagens, se aoha vazio do espirito intuitivo. Do que o leitor já conhece, por intuição, pôde o livro limitar-se a lembrar, mas do que o leitor ainda não conhece, daquillo para cujo ensino, afinal, o livro appareceu, não pôde fallar senão por imagens, vestigios memtaes da observação, ou auxiliado de preferencia por illustrações.

Como o numero de noções intuitivas vai crescendo com a idade, o livro didactico pôde ir diminuindo, com o preparo do leitor, a que se destina, no emprego das illustrações e das imagens, pois mais enseo tem elle de apenas relembrar. Quanto menor for, porém, o preparo do leitor, tanto menos pôde o livro didactico fallar sem imagens, ou illustrações.

Não se conclua que seria improprio o uso das imagens e das illustrações na madureza e na velhice. **Sempre que se tiver de fallar de cousas ineditas ao leitor, a imagem é o espirito da clareza.** Além disto, agrada mais a linguagem constellada de imagens mesmo sobre cousas já sabidas.

Não obstante, a razão suprema das imagens é a necessidade da clareza. Vede como nenhum escriptor de merito as dispensa. Ao acaso, lêde esta comparação, usada por Coelho Netto, para dar a impressão do homem que, tendo claudicado uma vez, roubando para jogar, roubando depois, para recuperar o perdido e salvar-se, se perde de uma vez: — « montauha escarpada: a gloria e pureza, estão no cimo, no sopé alastra-se o tremedal dos crimes cheios de seducções, de miragens, de enganos. Quem se inclina sente a vertigem e soffre a atracção. Si desce um passo, resvala, rola, precipita-se, aprofunda-se. Raros são os que conseguem agarrar-se ás raizes do arrependimento, ás arestas energicas da vontade, salvando-se da perda fatal ».

Não é menos clara e encantadora esta imagem da eloquencia ruybarbosesana: « A natureza, amiga de antitheses, debuxa na rampa de nossas praias, entre o lamarão e a areia, a vida rasteira do carangueijo, que nos distrae a ociosidade nas horas de vasante: as suas tontas correrias de lura em lura, a exophthalmia de estrabica dos seus pediculos oculares, o escondo de sua marcha, o disforme dos seus appendices maxillares, o hostil dessas pinças, promptas na aggressão e innocuas na mordedura, toda uma existencia pequenina, rojante, enlameada, á orla do immaculado anil, da isomensidade marinha, omnipotencia incomprehensivel, entre cujos braços se estreitam os continentes. Emquanto o sopro de uma grande causa agita em vastas ondulações a opinião nacional, e a grande reivindicção popular, em

vagas e vagas, açoita os diques da rotina, o campo inteiro da politica se vai lucrando, como a ribeira descoberta pela baixa-mar, e dos esconderijos esparsos estrevilha á superficie a rale amphibia, predatoria, carniceira, voraz, fugindo sobre dez pernas á onda que se acerca, e ameaçando com as tenazes dentadas o elemento irresistivel, que daqui a pouco, na enchente, a submergirá ».

Não se pode exprimir com mais clareza, nem mais belleza, tão complicado factio social, nem estygmatisar, com mais acerto e indelebilidade o character dos intrigantes, de baixa extracção social, os adventicios de fachada austera e consciencia a premio.

Não é pois, privilegio da literatura didactica o uso das imagens. O que, neste particular, a differencia da commum, é a quantidade e a qualidade das suas imagens: são mais numerosas e mais simples, mais triviaes, mais correntias, mais ao alcance da intelligencia do estudante a quem se falla.

A apresentação das realidades desconhecidas, ou mal entrevistas, por meio de imagens de cousas conhecidas, ou mais facéis de entender, é o segredo supremo da clareza. O seu mecanismo mental na linguagem humana. Se quizerdes explicar o que é methodo, e o que é processo, porque não haveis de usar de meios facéis, como este: « para ir de um ponto a outro, o caminho mais curto é a rua tal; mas podeis ir a pé, a cavallo, de bonde, de carro, de automovel, sosinho, acompanhado, silencioso, palraudo. O caminho é o methodo, e os modos de o trilhar são os processos ». Ou se quizerdes explicar como um processo admite subprocessos, e, neste caso, se poderia chamar ao primeiro methodo, e aos segundos processos, porque não explicar de modo semelhante a este: « animal é genero de que são especies o homem, o macaco, o boi, o gato e as aves; mas a ave é, por sua vez, um genero de que são especies o canario, a araponga e o tico-tico. Assim ha processos, que são methodos para novos processos ». Ou ainda se quizerdes dar a idéa de que, nas classificações scientificas, nem sempre ha fronteiras definidas entre os grupos classificados, mas uma região fronteiriça, onde a distincção é impossivel, fallae por este modo: « no correr do tempo, ha dia, ha tarde, ha noite; mas qual o momento exacto, em que deixa de ser dia, tarde ou noite? Experimentae marcar, com precisão, este momento indeciso. Assim, em geral as classificações scientificas: objectos ha que se vacilla em classificar num grupo, ou no seu vizinho, como em grammatica, verbos transitivos, relativos e intransitivos. »

O livro, que se abster de usar esta linguagem em tudo o que pretenda explicar, pecca por obscuro, e não dá nenhuma

idéa de que o seu autor pratique a didacticidade. Não se supponha didactico o livro, que é claro para o seu autor: a clareza é para o leitor a quem se destina o livro. Dahi, a necessidade de apresentar as realidades, sobre que disserta, por imagens, ou vestigios de que antes o leitor, provavelmente, tenha sabido. E' a marcha do conhecido para o desconhecido, do facil para o difficil, do velho para o novo.

O bom tino está em saber utilizar-se do que provavelmente se acha na experiencia do leitor. A observação mostrará o preparo em media, para cada phase da infancia. O livro, então, usará de imagens, que reproduzam alguma cousa deste preparo. Por isto, pôde um livro ser didactico para os dezeseis annos, e não o ser, para os dez. A clareza didactica requer a adaptação das imagens, de que se vale, ao preparo do leitor, a quem elle se destina.

De par com as imagens, que apresentam as cousas ineditas, os livros da infancia se devem aprimorar de illustrações tanto e onde couberem. Será, de um lado, mais um meio de continuar a intuição sensorial, que prepara a imaginosa. E, por outro lado, um meio de augmentar o agrado aos livros: ellas são o prato appetecido de todos os dias.

b)

No curso

Passemos a ver a marcha do methodo: a passagem de impressões indiscriminadas e obscuras para noções melhores, por meio de successivas analyses.

O objecto inicial dos conhecimentos são os **todos**, na accepção indicada, como realidades complexas individuais. A iniciação de estudos novos por abstracções é um absurdo, porque viola a ordem mental de acquisições de conhecimentos. Neste particular, o dever dos livros didacticos está em começarem o seu ensino por **todos**, e não por attributo, elemento ou realções.

O mais difficil aqui, é saber quaes são esses todos, porque ha de a literatura iniciar o seu officio. Sendo elles innumeraveis, dentro de cada sciencia, por qual ha de começar, e que sequencia hão de seguir?

Só a psychologia pôde resolver estes problemas. Ha realidades que, numa idade, interessam com energia, e, não obstante, aborrecem solenemente em outra idade. Romances de aventuras, capa e espada, comedias fanfarronas e zombeteiras, fan-

toches, palhaçadas e polichinellos, que eram a nossa delicia até quasi aos vinte annos, já não são de molde a nos agradar aos trinta. Parece que declinamos pela collina do occaso, enquanto aquellas cousas ficam eternamente em sol nascente, aos olhos encantados da mocidade em perpetua renovação. Mesmo em dada phase da vida, ora nos agrada, ora nos enfara o mesmo assumpto, segundo a disposição do momento.

Mercê destas razões, a litteratura didactica tem, primeiro, de seleccionar, entre os assumptos possiveis, aquelles que mais se adaptam á idade do leitor, a que se destina. Além disto, força lhe é trata-los de modo a manter, contra as indisposições do momento, o agrado e o prazer da leitura.

E' preciso que o assumpto do livro satisfaça as inclinações psychicas dominantes na idade. Si se falar de sciencia da administração a uma criança de nove annos, ella não poderá comprehende-la, nem escutará, com agrado dois minutos a fio, emquanto, mais tarde, poderá ser o assumpto da sua maior predilecção. Por emquanto, ella prefere ouvir contos de fadas, historias illustradas sobre a natureza viva, que a rodeia. E o que está adequado á sua comprehensão, e se harmoniza com as suas preferencias em transitio.

A observação psychica assenta a ordem natural de successão destas preferencias. E' uma sequencia constante e natural de instinctos que amadurecem para a vida. Só lograrão proveito as actividades que os puderem satisfazer. A principio, o que mais interessa, attrae e fascina, são as impressões dos sentidos, como quem andasse a fazer uma larga provisão de idéas, para a incerta e longa caminhada da existencia que começa. Vem, depois, com os vestigios da observação, as criações da imaginação ardente, em busca de sahida para as realidades, na amizade e no amor, nas viagens e nas aventuras, nos jogos e nos perigos. Chega um dia a idade da razão fria, dos calculos prosaicos, do pensamento logico, dirigindo a pratica ramerrona da vida commum. São os tres cimos dominantes na evolução das tendencias humanas: as sensoriaes, as imaginativas, e as racionais. Depois disso, só o declínio, temperado pela saudade do que foi.

A litteratura da infancia deve esmerar-se em satisfazer as necessidades psychicas do estudante, acariciando-lhe os sentidos, e insinuando-lhe esperanças, mediante o que tenha intimas affinidades com a sua vida.

Na preocupação de accomodar o assumpto com a idade, releva, entretanto, evitar os exggeros das trivialidades, que enfadam. E' um peccado commum na litteratura que entedia a infancia, esterilizando-lhe o futuro. As crianças são sequiosas

da novidade: estão na phase acquisitiva e constructiva por excellencia, e não toleram que as estacionem nas mesmas cousas. Por isto, as futilidades, os logares communs, já lhes não aguçam os appetites, não lhes despertam interesse.

Mas, mesmo depois de accomodado o assumpto a idade, muitas vezes o prazer da leitura se amortece, seja por indisposição de momento, seja por secura de linguagem. Para a mantença firme do interesse e do prazer, é preciso que se anime e vibre a linguagem. Um discurso, feito com monotonia e frieza, dorme o auditorio mais gentil. O mesmo assumpto, porém, tratado e recitado á Bilac, inflamma e exalta, entre applausos, o auditorio mais commedido. O assumpto se transfigura aos toques da arte; o enthusiasmo e a eloquencia lhe insinuam, nas veias, palpitações de vida. Adequada a eloquencia á infancia, na maneira de conduzir os assumptos e no modo de os expôr, ella mantem e cresce o interesse, enthusiasma e fecunda o trabalho. Por influencia dynamogenica, a emoção agradável da leitura eloquente tonifica o organismo, e concorre prodigiosamente para a saúde e o futuro.

c)

Nos fins propostos

Attendendo, agora, aos fins da educação, a litteratura didactica se ha de aprimorar em moralidade, verdade e belleza.

Ninguém ousaria, para a formação moral das gerações novas, inocular, no seu espirito, theorias subversivas e damnosas. Em que pese as divergencias sobre a noção legitima do bem, num ponto se harmonizam as opiniões: é no dever da conformidade com a natureza individual e social do homem, e, correlativamente, no horror ao que a possa amesquinhar, violar ou destruir. A litteratura didactica não pôde allegar a desculpa de que a arte não tem olhos postos na moral, mas na belleza e na graça. Ella é, por destino, moralizadora, e, como se dirige á infancia, o seu rigor, neste particular, tem de ir além do da litteratura commum. Cousas ha que não se podem taxar do menor deslize moral, se forem bem consideradas na estrutura intima de suas causas e efeitos. Todavia, ellas mesmas, tomadas por partes, sem o nexo logico que as crystaliza em uma só criação, podem semear no espirito incauto, as suggestões mais seductoras e mais daminhas aos bons costumes. A moralidade de uma these, em didactica, varia com o gráo de desenvolvimento do leitor. Assim, para exemplificar, a leitura do « Primo Basilio » de Eça, ainda que se não possa arguir de immoral

para uma senhora inteligente, é de todo pernicioso para uma criatura de quinze primaveras, romantica e sonhadora. Ella se apega, talvez, aos episodios, aos incidentes, sem os relacionar com as suas consequencias inevitaveis, determinadoras do caracter moral. Da mesma fórma, é danosa á infancia esta litteratura negativista da correção moral, num endeamento suavel e premioso da força, da energia e do trabalho. Coisas são estas que se hão de recommendar, mas sob a puzera das intenções moraes, sob o imperio do respeito e da justiça. Mais do que qualquer outro genero de litteratura, a didactica deve insinuar, suavemente, no espirito infantil, como o ar que se respira e tonifica, a paz e a moralidade da vida.

A segunda qualidade, que se deve accentuar na litteratura didactica, é a sua constante preocupação da verdade. A mentira, o absurdo, o monstruoso, terminam por enfiar e viciar o espirito por toda a vida. As crianças preferem as realidades reais. Encher-lhes o espirito de abusos, deturpações e mentiras, é arruinar-lhes todo o futuro, engaiolando-o na rotina que atraz, no preconceito que inferioriza, nas superstições que geram a intolerancia. No ensino, só se deve dizer a verdade, e, si hypotheses são inevitaveis, passem por hypotheses — o que é sempre dizer a verdade. Não se allegue que a verdade é um mytho, no teor de uma philosophia, que se compraz em pregar a impossibilidade humana de alcançá-la. É uma das mais ridiculas hypocrisias, que jamais aprendeu o sal. A verdade se obtem, a cada momento, sobre quasi tudo, e por toda parte. A litteratura didactica, por isso mesmo que é didactica, ha de ser uma escola de horror á mentira, ainda que provisoria. O que lhe cumpre, é o culto fervoroso da verdade pura e limpida. Porque idéas falsas, que se embem na infancia, se consolidam na madureza, para enfiar no erro e na maldade toda uma existencia talha.

A terceira qualidade essencial da litteratura do ensino é a belleza. A formação do espirito do educando envolve, evidentemente, a sua formação esthetica. Mas o culto da arte na expressão verbal do pensamento, não chegará jamais a crear raizes, si não for começado desde cedo, na linguagem com que se fala á infancia. Porque ha de esta linguagem ser manca, arida e feia? A simplicidade e naturalidade, em que, por ser didactica, se extrema, não lhe tolhe o bom gosto e a pureza e a vernaculidade. Preciso é ir habitando a criança ao atticismo da fala simples e elegante. O que se deve evitar, é a contaminação do rebuscado, da frouxidão e das asperezas. Para isto, bastara que se insinue, na linguagem diaria, a transparencia e a graça do verbo criador.

Resumamos:

Methodo é a idoneidade dos meios para o alcance dos fins.

Os meios, com que se alcançam os fins educativos, são a cooperação do educador com a actividade do educando. Esta cooperação se effectua praticando, ensinando, suggerindo actividades, que os discipulos realizam.

Mas, a idoneidade desta cooperação educadora, a sua capacidade para atingir os fins, depende da sua conformidade com a capacidade humana de conhecer. Ora esta capacidade se exerce, de natureza, no contacto da intelligencia, que aprende com as coisas a conhecer, isto é, mediante a intuição. Logo a idoneidade dos meios educativos, ou methodo de ensino, é, na sua essencia, a intuição.

O contacto da intelligencia com a realidade se effectua pela presença material, ou illustrada, das coisas, ou por meio de imagens, que reproduzam impressões sensorias. Porque, nas crianças predomina a acção dos sentidos, a intuição, que lhe cabe, é a da apresentação material, ou illustrada, das realidades, e, á medida que, com a experiencia, a actividade interna for crescendo, as realidades se podem apresentar por meio de imagens, que a palavra suggere. De modo que, a intuição é, de começo, sensorial, e, depois, supersensorial.

Porque os objectos dos conhecimentos, que começam, são, naturalmente, as realidades, taes como se encontram na natureza, e, só depois, é que ellas se decompõem, mentalmente, em tantas partes, quantas se puder, ou coerier, e se confrontam, para obter generalidades, regras ou leis, a intuição tem de começar por **todos**, as realidades socotraveis na natureza, e proceder em seguida a analyses, segundo a lei do seu mechanismo, ou accumular factos, de que se analysa, segundo leis determinadas, a generalidade, a regra, a lei.

Visto serem passos de analyses todo o andar da intuição, bem se poderia chamar intuição-analytica o methodo didactico no seu espirito e na sua marcha.

Por isto, a litteratura didactica, ou linguagem do professor, tem de ser intuitiva-analytica no seu espirito, na sua marcha e nos seus fins. Intuitiva, no seu espirito, para dar nascimento á clareza; analytica, na sua marcha, para criar e manter o interesse; educativa, nos seus fins, para melhor formação moral, amor á verdade e afeição á belleza e á graça.

DA EDUCAÇÃO DOS PROFESSORES

CARLOS DA SILVEIRA

(Continuação)

§ 3.º — COLLABORAÇÃO DA FAMÍLIA
NO TRABALHO ESCOLAR.

Constantemente, no nosso país, attrictos diversos surgem nas escolas e nas famílias, em virtude de mal entendidos entre discípulos e mestres. As mais das vezes questões sem a minima importancia provocam lutas que, em certos casos, tornam-se violentas e vão mesmo até ás secções livres dos jornaes, bem como ás cartas denunciatorias ás autoridades superiores do ensino, ou aos officios de queixas contra o professor, com todo o cortejo de asperezas e agruras proprias a esses factos, tudo concorrendo afinal para o desprestigio dos educadores, contrariades dos chefes e aborrecimento das famílias.

Noutras occasiões, uma palavra mal ouvida, um gesto equivoco, uma expressão infeliz, geram um estado de guerra entre o lar e a escola, o que não é absolutamente edificante. De um lado, a familia a proceder acintemente, de outro o mestre a fazer pirraças; intervem a politiquice soez em nome dos mais inconfessaveis interesses... é inutil concluir que só o desprezo geral nasce de semelhantes inconveniencias, muito mais frequentes do que geralmente se suppõe. Considere-se que já a simples antipathia é tão perniciosa ao trabalho escolar quanto mais os successos de mór valto!

Bem avisados e conhecedores desses acontecimentos, os países adiantados em materia de instrução publica têm dado largos passos no sentido de se favorecer um estado de cousas muito superior ao exposto, trazendo o auxilio das famílias e o de todos os cidadãos intelligentes e operosos ao trabalho da escola, comparticipação essa indispensavel para o progresso dos alumnos e dos proprios ensinantes, tantas vezes malquistados e até mais ou menos peiados nos seus trabalhos, por questões de nonada.

Encarada a escola como o natural prolongamento do lar, numerosas foram as ligas e associações de paes e de mães de familia, ou ainda de simples almas caridosas, afim de trazerem

seu valioso concurso ao mestre, cuja funcção educativa, importantissima, tanto se reduz, se attendermos ao numero restricto de horas, que o alumno passa na escola, comparado com o durante o qual está na sua casa, ou apenas sob a responsabilidade paterna. Sabemos não serem muitas as familias que, tendo os filhos na escola publica, occupam-se em verificar e acoroçoar o adiantamento dos mesmos, quer instruindo-os, quer educando-os. E é exactamente neste ponto que reside a principal differença entre a escola publica e a escola particular, qualquer que seja o credo a que esta se filie. A primeira, mantida com o dinheiro de todos, recebendo crianças de todas as procedencias, não podendo eliminar alumnos por serem de côr (como ainda agora, em Petropolis) ou por pertencerem a partidos politicos ou grupos religiosos diversos, tem uma difficillima e delicada missão, que não escapa mesmo ao investigador descuidoso. Demais, o facto da familia haver escolhido uma determinada escola para o filho denota, da parte della, certa orientação educativa e uma attenção e vigilancia muito favoraveis á obra do educador, segundo observa o pedagogista portuguez Albano Ramalho, no seu livro de impressões de visgem.

A escola privada pôde, pois, seleccionar os alumnos, rô mantendo as crianças que convierem aos seus intuitos, por quaisquer motivos, e esse facto insignificante na apparencia, é a chave do problema da melhor frequencia de taes estabelecimentos, e do exito do trabalho educativo, com relação aos ideaes, que se pretendem criar no espirito dos alumnos de semelhantes institutos de ensino.

Resulta disso, dessa collaboração muito mais assidua dos paes dos discentes das escolas privadas, a apparente superioridade numerica nos resultados das mesmas, sobre os estabelecimentos de publica instrução, isto é, aquelles mantidos pelo Estado e, portanto, obrigado a matricular discipulos de todas as classes sociais e de todos os principios e até os que norma alguma professam. Como bem nota o citado Albano Ramalho, a comparação ha de ser feita não entre numeros brutos, e sim entre porcentagens, levando-se ainda em conta o que acima foi dito.

De maneira que na Europa (Allemanha, Inglaterra, França, Belgica) e nos Estados Unidos da America do Norte, as instituições, que trazem á obra escolar, formas variadas de auxilio estão muito generalizadas e, pelos excellentes serviços prestados, é de crer que proliferem, não só onde já existem, como tambem nas outras partes do mundo ainda não em gôzo de tão grandes beneficios.

O concurso é prestado, ora sob a forma de assistencia medica e dentaria, ora pelos fornecimentos de roupas e alimenta-

ção (sopa escolar, ração suplementar), ora em dádivas de livros, cadernos e mais utensílios escolares necessários, ora com a abertura de bibliothecas escolares infantis e para adolescentes, assim como para adultos, ora favorecendo-se festas escolares, passeios e mais diversões apropriadas, e ainda no soccorro aos paes, afim de que os filhos possam frequentar assiduamente as classes, etc.

E, porém, sobretudo pelo amparo á formação do caracter, pelo patrocínio, no que diz respeito ao fortalecimento da educação moral, que essas ligas e associações prestam um inestimavel serviço.

Sob tres pontos de vista deve ser exercida a cooperação da familia ou dos philanthropos na vida da escola: quanto á educação physica, quanto á educação intellectual, quanto á educação moral.

1.º — Relativamente á EDUCAÇÃO PHYSICA, vê-se logo que, desde o periodo de gestação, podem as mães concorrer para a efficacia do trabalho escolar futuro, cumprindo as regras prescriptas pelos hygienistas; de tal maneira a criança nascerá robusta e é dos tempos e da autoria de Juvenal (42-125) o preceito *mens sana in corpore sano*. Depois, na primeira infancia, quantos cuidados a observar no aleitamento, na passagem para a alimentação solida, no vestuario, na habitação e até nos brinquedos a fornecer á criança! Cada assumpto destes, que se attenda convenientemente, é um proveito immediato para a robustez do corpo, de que dependerá o bom temperamento, o gráo de resistencia á fadiga e ás molestias, a assiduidade ás aulas, á disciplina, a calma na vida do alumno, a alegria de viver, abençoada alegria que jamais existirá ao lado de um systema nervoso irritado, ou de um estomago preguiçoso, de musculos flacidos, ou ainda de um sangue pobre.

E os deveslos para que se não estraguem os órgãos dos sentidos, e os carinhos para não se deteriorarem os dentes das crianças! Entretanto, por causas multiplas, a maioria dos paes ignora quasi completamente que nessas pequenas cousas está uma parte da felicidade dos filhos. Muitos paes, olhando a prole enfraquecida, por ter crescido ao Deus dará, e porque herdou mazellas dos progenitores, dizem orgulhosos, na sua inconsciencia, « os moços de hoje não prestam, são fracos; no meu tempo, sim, é que havia gente forte; eu, com esta idade, ainda tenho mais saúde do que os filhos ». De quem a culpa entretanto?!

2.º — Na parte referente á EDUCAÇÃO INTELLECTUAL, a ajuda que a familia poderá dispensar ao professor, é de dupla natureza — ou instruído simplesmente o alumno, sem a preocupação prejudicial, está claro, de formar pequenos sabios senão apenas

ampliando lentamente as noções compatíveis com a perfeita saúde physica e mental do educando (este trabalho exige muita finura e observação especial da vida infantil); — ou então exercitando os processos mentaes, que devam ser desenvolvidos, por azares. Ha treinos facéis e adequados ao aguçamento das faculdades acquisitivas, das conservatorias e das elaborativas, cuja synthese constitue a intelligencia. Todavia, como taes exercicios estão fóra do alcance de muitas pessoas e exigem certas precauções da parte de quem os applica, melhor será que a collaboração, neste capitulo, só se manifeste quando solicitada pelo docente.

3.º — Com referencia á EDUCAÇÃO MORAL, não custa descobrir que é aqui que transcende a valia de cooperarem, mestres e discipulos, nas tarefas escolares, *pra* e *post* escolares. Tratando-se da escola publica, leiga, os principios sãos precisam ser apresentados quotidianamente no seio do lar domestico e na continuidade da vida escolar, não só por palavras, o que evidentemente não basta mas é de modo necessario, por exemplo, que edifiquem.

Inutil é prègar por palavras, que não por exemplos; não só inefficaz, como prejudicialissima é a contradicção entre o meio escolar e o meio familiar. Para que os preceitos se gravem no subconsciente do alumno, e só então servem como normas de conducta, devem elles ser sempre ouvidos na casa e na escola, em harmonia de vistas; observados na vida de ambas e do meio ambiente; e ainda praticados por imitação dos naturaes modelos (paes e mestres).

Sejam de vez afastados os commentarios deprimentes, os boatos malevolos e inconsistentes, a intriga aviltante, as questiuiculas de intolerancia religiosa, politica e quejandas; congreguem-se todos os esforços no sentido de ser a criança rodeada, no lar e na classe, dos mesmos optimos ensinamentos, dos mesmos elevados ideaes.

Se a familia professa alguma religião, que mande os seus filhos ás Igrejas catholico-romanas, aos templos evangelicos, ás synagogas judaicas, ás mesquitas mahometanas, aos templos positivistas et., conforme fór o caso, para, nesses meios apropriados, receberem as crianças os ensinamentos dessas crencas. Tal ensino religioso completará o trabalho moralizador da escola, collocando a fé ao lado dos principios universaes e leigos, para a formação de mais solidos caracteres; evite a escola ataques ás crencas dos alumnos, abstenham-se os sacerdotes das diversas seitas de referencias desairosas ás escolas publicas, oralmente e por escripto, pois taes conceitos gerarão a anarchia mental, moral e religiosa nas crianças, segundo temos observado.

Se o professor se esforça por inculcar bellos preceitos da moral para moral christã, como, por exemplo: NÃO FAÇAM A OUTREM AQUILO QUE NÃO QUIZEREM QUE OS OUTROS VOS FAÇAM; DEVEIS AMAR-VOS UNS AOS OUTROS COMO A VÓS MISMOS, NÃO SE DEVE PERDOAR SÓ SETE VEZES, MAS SETENTA VEZES SETE VEZES, encontrando os discípulos, em casa ou algures, preceitos e praticas contrarias a esses ensinamentos biblicos, claro é que não será, no curto prazo de quatro ou cinco horas de convivencia na escola, que os bellissimos principios de moral ficarão tão intimamente gravados no espirito do alumno, que vão servir de base para a sua conducta na vida, porque a escola prepara a vida (*non schola sed vita discimus*, já dizia Seneca).

Pesa-nos, no entanto, declarar que nada temos ainda no Brasil a este respeito de collaboração da familia na escola. Indagando bem, percebe-se até uma certa indisposição quanto á escola pública, da parte de numerosos membros da nossa sociedade, má vontade, que nada mais é do que a incompreensão absoluta do alcance social da escola e do papel, que ella representa no evoluir da humanidade. Não é menos prezando a escola e muito menos desprestigiando o professor, que se ha de obter para o Brasil o que outros povos mais adiantados têm obtido para si. Nunca o desprezo ao mestre primario gerou energias cívicas na massa da população de pais algum: a collaboração effectiva da familia na escola tem, entretanto, operado maravilhas onde ella se pratica.

Quaes são, porém, os meios de obter a entrada, na tarefa escolar, das familias ou dos philanthropos apenas? Varios são elles, e nosso intuito não é apresentar um quadro completo dos expedientes possiveis, e sim, unicamente, dar algumas indicações nesse sentido.

Em primeiro lugar expurgue-se o magisterio de alguns elementos máus, que porventura possui, e quiçá tolerados por motivos estranhos á pedagogia. Isto levantará o moral da classe e a collocará bem no seio da sociedade. Não nos esqueçamos jámais de que o mestre deve ser o exemplo vivo da moralidade inatacavel.

Depois crie-se o habito, que entre nós não existe, de visitarem as familias, por si ou por seus representantes, as escolas locais, para conhecerem-n'as de perto, para saberem como se tratam ali as crianças, qual o regimen disciplinar, qual o methodo do professor, etc. Os professores devem ser os primeiros a querer mostrar a excellencia do trabalho que fazem e procurarão, a bem da propria tranquillidade, e bom nome, revelar a vida escolar em toda a sua intimidade. Desse modo gerarão uma sólida confiança no animo dos interessados — parentes ou quem

quer que seja —, confiança que será de valor real na eficiencia educativa.

Mais uma vantagem que advirá das visitas — o desembaraço do professor. Em geral, o professor não é acanhado e todos sabemos que o acanhamento profissional é um máu companheiro do mestre.

Crie-se tambem o *livro de apontamentos*, *caderninho de notas*, *boletim do alumno* ou que outro nome convenha e ahí, para uso exclusivo do educador e do encarregado do discipulo, sejam indicadas as faltas commettidas, bem como as correções, se foram feitas e de que maneira. Esse livrinho, reservado, será escripturado sem rancor, sem espirito prevenido, superiormente, de parte a parte, e por elle muitos dissabores desaparecerão.

Não convindo o *livrinho de apontamentos*, o melhor é organizar-se em cada localidade, independentemente da acção do Governo, uma junta de pessoas cultas e interessadas pela causa do ensino, junta essa á qual competirá a solução dos mal entendidos entre mestres e paes de alumnos que, assim, perderão o costume de dar ouvidos a quantas invenções a criança haja por bem dizer em casa, baseada na credulidade excessiva dos paes.

Ao espirito inventivo dos entusiastas cabe descobrir outras vias, de accordo com as condições locais, para que seja uma realidade, entre nós, aquillo que os povos mais civilizados reconheceram, ha muito, como necessario e que praticam com vantagens dignas de uma superior imitação.

§ 4.ª A MEDICINA PEDAGOGICA E SUA ACCÃO NO LAR E NA ESCOLA. — GABINETES DE ANTHROPOMETRIA ESCOLAR.

Está muito na ordem do dia, nos países civilizados, a acção do medico sobre as crianças que frequentam escolas.

Com um papel, mais ou menos amplo, funcionario publico ou representante de algum movimento philanthropico, individual ou social, ou ainda investigando por conta propria, agido com maior ou menor liberdade, o medico é considerado, nos tempos que correm, indispensavel collaborador á boa marcha do aparelhamento escolar.

Não causa surpresa, porisso, o facto de alguns tratadistas, embora eminentes, considerarem, como questões de pedagogia, numerosos pontos de pura hygiene, dando a confusão margem para alguns desvios como, por exemplo, o do professor que, nos seus planos de estudo de pedagogia, apenas encarar o lado

prophylatico e o therapeutico das molestias communs no meio escolar, proprias desse meio ou da idade infantil.

De tal pecha não estão isentos alguns scientistas italianos que, entusiasmados talvez pelos estudos sobre anthropologia criminal, dos quaes nasceu o renome de Cesar Lombroso e outros, enveredaram francamente pela trilha anthropologica, em cujo termino vêem o ideal da pedagogia do futuro, a pedagogia scientifica que, na verdade, apenas ensaiá hoje es seus primeiros balbuçios.

Para esses pseudo-pedagogias, a pedagogia não pode ainda existir como sciencia do ensino, por faltar-lhe conteúdo proprio, sendo uma arte somente, formada de preceitos tirados daquí, dalli, conforme costuma succeder com as demais artes.

Como quer que seja, e deixando de lado numerosas questões interessantes, que a proposito se poderiam referir, passemos a tratar da medicina escolar e da sua benefica influencia para o individuo e para a sociedade.

Organizada na Hollanda, em 1865; na Inglaterra, em 1870; na Russia, em 1874; na Belgica, em 1878; na França, em 1879; na Suissa, em 1885; na Hungria, em 1887; na Noruega, em 1889; estabelecida depois na Alemanha, Austria, nos Estados Unidos, na Turquia, Bulgaria e no Japão (onde por 1910, havia 9.000 medicos escolares), conforme noticia do sr. professor dr. Alexandre Lusting, no seu livro «*Igiene della Scuola*», tambem fundada na Argentina e em mais um ou outro pais americano, conforme o voto do Congresso Internacional de Hygiene de Bruxellas, em 1903; e criada entre nós, no Rio de Janeiro e em São Paulo, tal instituição ganha terreno em toda a parte e constantemente vê augmentado o seu já respeitavel prestigio.

Em São Paulo, onde recente reforma deu origem ao serviço de medicina escolar, subordinado á Directoria Geral do Ensino, está elle sob a chefia do abalisado sr. dr. Vieira de Mello, especialista na materia e autor de trabalhos sobre o assumpto, entre os quaes o optimo livrinho «*A hygiene na escola*», merecedor de farta leitura e cuja nova edição ha pouco sahida, porventura mais interessante, ainda não temos o prazer de conhecer.

O corpo medico escolar paulista foi instituido para operar exclusivamente na Capital; no interior ficou o serviço a cargo das Municipalidades que, ou contam com recursos bastantes e pagam um funcionario idoneo, ou então deixam a inspecção em abandono, a não ser que algum dedicado patriota se apresse em iniciar ou proseguir obra de tanta monta.

Não é, entretanto, a primeira vez que se tenta organizar a inspecção medico-escolar em São Paulo. O Decreto 2.441 de

44 de Novembro de 1911, nos seus artigos 66, 67 e paragrafos 455 até 458, trata de questões referentes a escolas; a letra g do artigo 556 do mesmo Decreto criou o serviço de inspecção medico-pedagogico no interior do Estado, a cargo dos sr. medicos do serviço contra o trachoma. Os resultados, porém, dessa tentativa cremos foram inteiramente fálhos. E como não o serem?

«*O officio de medico escolar é um officio muito complexo e delicado, para o qual, somente, podem ser chamadas pessoas de grande tacto, de nobres sentimentos, que demonstrem especies vocações para semelhantes occupações e taes estudos, que sintam amor e ternura pelas crianças; mas de nenhum modo, um tal officio deve ser o de um medico clinico, nem estar em antagonismo com a direcção didactica.*»

Eis umas sabias palavras do sr. prof. dr. Lustig, no seu livro supracitado. Nem é outro o modo de dizer dos tratadistas da materia e, parece, tudo quanto não esteja aferindo por esse padrão, está mais ou menos errado.

Entre nós, qual devesa ser a acção da medicina pedagogica? Evidentemente o papel de medico escolar, no Brasil, ha de ter amplitude e importancia maiores do que as que se notam nos paises mais adiantados, cujas normas administrativas costumam servir de modelo para a orientação dos nossos homens publicos.

A influencia do medico-escolar, no nosso pais, deve se exercer desde a escolha do local onde tenha de ser construido o predio da escola (e só assim serão evitados certos erros nas construcções escolares), até á assistencia domiciliaria ao alumno, que della precise, manifestando-se, portanto, durante o cyclo escolar e procurando criar um ambiente de saúde, de conforto e de bem estar, que ainda não existe nas nossas terras. Nem é razoavel limitar, entre nós, a inspecção medica a um rapido exame oto-rhino-laryngologico e ao exame ophthalmologico, com o accessorio dos cinco dispensarios da Capital, annexos a Grupos e nos quaes se faz um tratamento odontologico.

O trachoma, a opilação, o paludismo, a syphilis, a tuberculose, o mal de Carlos Chagas, o alcool e toda uma lista negra de agentes morbidos criam, para a quasi totalidade das crianças brasileiras, maxime no interior do Estado e da Republica, uma desoladora situação.

Pais sem cultura physica, lavrando neste sentido uma ignorancia bem maior do que a que se suppõe, nelle o olho do medico pedagogico precisa abranger casos de que muitos povos não cogitam. Que não seja o trabalho de inspecção predeterminado num regulamento minucioso e... falho; em havendo aquelle

amor, de que fala o sr. dr. Lustig, a consciencia do medico e a sua fé scientifica serão a melhor garantia de trabalho util e proveitoso. Mas é um apostolado! dião, e tudo quanto se aproxima desse estado de cousas é tido como idealismo, como utopia: o magisterio, porém, e sua irmã-gemea, medicina-pedagógica, são funções pesadas, encargos trabalhosos, e não aeneuras condemnaveis como as ha tantas, no Brasil. Tenhamos todos, professores e medicos-escolares, grande energia na acção e demonstremos aos mais incredulos o que valem o esforço continuado e confiança na propria obra.

Não seja jámais esquecido que o pais é vasto, de população pouco densa; que não ha recursos medicos sufficientes e, em numerosos logares, nem meios de obtellos; que o povo se alimenta mal e a mulher brasileira no geral é franzina e tantas vezes incapaz de amamentar os filhos que, criados no regimen de alimentação artificial, crescem com deficiencias organicas mais tarde insuperaveis; nunca olvidemos que nós, brasileiros, somos fracos, afeitados, doentios e tristonhos e que as gerações futuras têm de herdar as taras dos antepassados quasi sempre as aggravando. Lembrem-se todos de que a robustez physica é condição indispensavel para a excellencia das funções mentaes e dellas, por sua vez, depende a fortaleza do character. Não saia da nossa memoria de bons patriotas que, logo no primeiro sorteio de meços para o serviço militar, cerca de mil rapazes foram recusados por incapacidade physica, o que todavia não os inibirá de, pelo casamento, gerarem degenerada prole.

As investigações feitas nos estabelecimentos de ensino dos países da vanguarda da civilização vieram indicar, entre outras cousas dignas de interesse, que as classes favorecidas da fortuna gozam de melhores condições de saúde e robustez que as classes pobres. Reflecta-se agora que o nosso pais é de gente mais pobre do que rica e que das classes humildes da sociedade têm de sahir os que vão auxiliar as verdadeiras fontes da riqueza — agricultura, industria e commercio.

Escola brasileira e familia brasileira, ambas superiormente orientadas pelo medico-escolar, são afinal o meio com que a Patria conta para, melhorando-se cada dia as condições sanitarias entre nós, apresentar dentro de algumas dezenas de annos, uma população, cujo grão de fortaleza physica possa rivalizar com a que existe nos povos que gozam de uma vida higienizada.

Para a determinação das características do typo brasileiro normal, para se organizarem quadros pelos quizes seja possível conhecer claramente a evolução somatica do nacional, desde as

mais tenras idades; afim de as tornarem conhecidas e vulgarizadas as mais frequentes anomalias na primeira infancia e na segunda, nas tres phases da adolescencia (pre-puberdade, puberdade e post-puberdade), e na juventude, bem como, se possível for, as causas efficientes de taes anomalias, um auxiliar magnifico da escola e da medicina-pedagógica pôde ser encontrado nos gabinetes de anthropometria escolar.

Entendo por gabinetes de anthropometria escolar as repartições annexas ás escolas e encarregadas de uma investigação minuciosa e profunda da parte physica da nossa gente, para os fins que a sciencia tem em vista: fins anthropologicos, physiologicos, pedagogicos, sociaes, e politico-administrativos.

Aos encarregados dos gabinetes de psychologia experimental das escolas normaes secundarias (S. Paulo, Itapetinga, S. Carlos) caberia muito naturalmente, por estar dentro da attribuição que lhes compete, á vista da competencia, boa vontade, espirito de iniciativa, patriotismo e outros predicados proprios dos que devem ser encarregados desses gabinetes, caberia, repito, promover investigações dessa natureza, qual a de determinar as referidas características, do typo brasileiro normal, indagações aliás muito difficeis entre nós, em virtude da necessidade de analysar-se a massa da população e serem attendidas suas partes constitutivas — elemento nacional propriamente, elemento negro e mestiços delle, elemento indigena e suas combinações, elemento estrangeiro de varias origens e suas misturas. Tomar medidas de conjunto, deixando de lado esses factores, é empreza inutil por não permitir conclusões mesmo approximadas, e perigosa por induzir em erro.

Não foram mesmo outros os intuitos da lei que criou os impropriamente chamados «gabinetes de psychologia experimental», nas Escolas Normaes Secundarias; basta que se examinem as fichas adoptadas entre nós para se verificar desde logo a grande superioridade dos dados puramente somáticos, sobre as indicações da natureza psychologica.

Além disso, quando o M. D. Governo de S. Paulo entendeu convinha orientar a acção dos professores paulistas para uma pedagogia melhor, mais efficiente pelas suas bases psychicas experimentaes, adoptou as normas da tendencia italiana e contractou o sr. prof. dr. Ugo Pizzoli, autor de muitos trabalhos já conhecidos, para dirigir um curso de «Pedagogia Scientifica» a mestres primarios e secundarios, directores de escolas, et coetera, curso esse com chamada diaria, programma, exames finaes obrigatorios, notas e diplomas, official portanto.

Ora os que acompanharam as lições do entusiasta scientista de Milão puderam vêr que elle dava um desenvolvimento

enorme ao estudo da parte physica e da parte physiologica da criança, — pontos de vista estes que dominavam as aulas, — designando « psychologia » apenas as questões referentes á educação dos órgãos dos sentidos, e a pouco mais do que isso, facto aliás já notado pelo eminente psychologo italiano dr. Morzelli, conforme se lê em Gaston Richard « Pedagogie Experimentale » — 1.ª edição — 1914, pag. 2 e 3.

UM PADRÃO DE LIVRO DIDACTICO

I

Sem o intuito de uma classificação scientifica rigorosa, mas apenas de uma systematização util, reduziremos a tres os requisitos substanciaes de um bom livro didactico: a boa linguagem, a propriedade do assumpto, e o methodo de exposição, que o anime.

a) A linguagem. Nem todo estylo fica bem nos livros didacticos. Sem duvida, as boas qualidades da expressão verbal se requerem na linguagem destinada á infancia. Mas, por ser didactica, se exige o maior apuro de umas, maior rigor de outras, e, mesmo, qualidades novas.

Em sãmo aprego se deve ter, antes de tudo, a correcção grammatical. O menor cochilo neste sentido, mesmo no intento de reproduzir com fidelidade certos erros de fala, característicos das personagens em acção, é jáça condemnável, e mal se comprehende que seja apregoado em virtude e bom fim. Com a correcção grammatical, cumpre a maxima vernaculidade nos termos e na construção das phrases. Os selesicismos e os estrangeiramos, que se insinuarem na alma infantil, concorrem, mais que tudo, para a desnacionalização e deturpação do energico e meigo idioma dos nossos maiores.

Mas, além das qualidades elementares de toda lingua que se preze, o estylo didactico ha de extremar-se em clareza até a evidencia. O segredo maximo do exito em clareza está, sem duvida, no methodo didactico, com que os autores tratam os seus assumptos. Mas está também na escolha intelligente das palavras, terras, limpidas, transparentes, dos torneios e modismos legitimos, da mais extreme vernaculidade; está em dispôr os termos novos, de modo que, do contexto mesmo da phrase, lhes resulte o sentido exacto; está em graduar as difficuldades da lingua, inexistentes para os adultos, mas grandes e, não raras, desanimadoras, para os escolares, que estream.

Conjunctamente com a correcção grammatical e a clareza da expressão, a linguagem didactica necessita de certas qualidades de belleza. Deve ser natural e simples, sobria e elegante. Nada, mais improprio que o estylo de arreloques, degrações e

rebuscado, atravancado de lugares-communs, fofo e declamatorio, todo em brilhos falsos, com que se busca supprir a carencia de idéas e sentimentos. A simplicidade, a sobriedade e a elegancia são o minimo de attributos de arte, exigiveis em linguagem didactica.

Bem se vê, do que precede, precisar o autor didactico de ser mestre na palavra e mestre na sciencia da criança. Não basta ter lidado a vida inteira com a escola primaria, para que adquira qualidades de escriptor. Não basta, por outro lado, ser literato, para merecer as honras de autor didactico. Nem só pedagogo, nem só conhecedor da lingua. Mas escriptor e psychologo. Associae, num só homem, a mestria da palavra, e a posse das leis de evolução mental, e tendes gerado a capacidade de autor pedagogico. Em quem quer que mingue um destes requisitos, não encontrareis o autor didactico, e, se elle se metter a escrever para a infancia, baterá em falso, fará obra de tamarca grossa, e jamais um livro primoroso, como, para as escolas italianas, este incomparavel « Coração » de Amicis.

b) A propriedade do assumpto. Nem todas as idéas, conhecimentos e situações moraes se prestam ao trato diario das escolas primarias.

Já nos não deteremos na finalidade moral dos livros. Os objectivos supremos de toda educação séria se submettem ao respeito e á gloria da natureza humana. As leituras dadas á assimilação infantil, devem preparar as crianças, sementeiras fecundas para a vida ampla, sadia, productiva, dentro da moralidade humana. Se, nas bellas artes, em geral, as obras que arredarem de si a intenção moralista, devem ser condemnadas, como subversivas, que se dirá de livros que propinem ao espirito incauto da infancia as falsas moralidades, que seduzem?

Mas, depois da influencia moralizadora, ainda o assumpto dos livros não será proprio, se não se adaptar ao momento da evolução, e ao gráo de cultura das crianças, a que se destinarem os livros. E' preciso que haja uma perfeita correspondencia do objecto da leitura com a capacidade intellectual do leitor. Desta concordancia começa a nascer o interesse, que prende suavemente a attenção do leitor. A gradação do assumpto com o estado evolutivo e a cultura das crianças é um dos mais conhecidos preceitos pedagogicos, a despeito de sua constante violação em toda parte, e todos os tempos. Ainda hoje, se obrigam crianças tenras a decorar maximas moraes, que não comprehendem, nem conviria comprehenderem, como, por exemplo, em aulas de catecismo, o peccado da luxuria. O erro neste ponto é mais generalizado do que se pensa. No emtanto, desprezada a conformidade do assumpto com a capacidade in-

fantil, o livro será falho, quando não fór nocivo, e o educador será o mais detestado supplicio, para a alma ingenua das crianças.

c) A didacticidade, ou methodo no tratar os assumptos. Pode um thema ser admiravel, como suggestão moral; pode estar inteiramente ao alcance dos seus leitores; pode a linguagem, em que se desenvolve, ser a mais pura, a mais clara e correntia, a mais limada e elegante, e estar, contudo, exposto de modo absolutamente improprio, para o entendimento infantil. Por isto, é que, com o mesmo programma, ha entre gente illustrada e sabedora, bons e máus professores. As qualidades professionaes do mestre, ou do autor didactico se esteriorizam e objectivam na intelligencia, com que sabem conduzir e desenvolver os assumptos, que explicam.

Não cabem, aqui, longas explanações sobre a didacticidade, mesmo só no que ella tem de irreductivel, de substancial e de eterno. Apenas, como esboço, alguns traços geraes.

A didacticidade, á parte as exigencias da linguagem e da conveniencia psychica e moral do assumpto, abrange o methodo de exposição, e as condições hygienicas do material.

Quanto ás condições hygienicas, já hoje quasi não se discute. Os congressos de hygiene pedagogica, e os especialistas da materia deram, talvez, a ultima palavra, mercê de observações conscienciosas e constantes. Ha côres, fórmulas e grandezas de letras, distancias entre si das linhas, extensão e harmonia dellas, côr e qualidade do papel, onde se imprimem, preferidas, aconselhadas, consagradas. Os tratados de hygiene escolar os indicam, e os bons livros didacticos, hoje, não se furtam á obediencia das suas prescripções.

Quanto á maneira de movimentar, porém, os assumptos, ainda hoje reina nalguns espiritos, allás esclarecidos, a confusão, a incerteza, a innocencia. A materia é, de facto, das mais complexas e abstractas, e, dahi, a expansão facil de opiniões menos verdadeiras.

Uma das convicções, que mais extranha se deve ter por estes dominios, é a de que a didacticidade é puramente subjectiva. Um livro, dizem, é admiravel nas mãos de um professor, e nada vale nas mãos de um outro.

Nada mais enganoso. Verdade é que certos professores sabem tirar de alguns livros inestimaveis proveitos, emquanto, com os mesmos livros, não logram outros professores haver-se da mesma fórma. Nem por isto, porém, o livro perdeu as qualidades didacticas, que ostentava nas mãos do primeiro. A consideração de que certos professores chegam a tirar vantagens praticas de livros que não prestam, para provar a subjectivida-

de absoluta da didacticidade de um livro, ainda não colhe. Por que, neste caso, são as qualidades magnificas do mestre, que suprem as deficiencias do livro. Mesmo sem nenhum livro, um bom mestre é sempre um bom mestre. O livro é elle mesmo. Ninguém negará a existencia de finura, geito e vocação do professor. Mas, por outro lado, não se podem pôr em duvida as qualidades objectivas dos livros. E', por exemplo, o que acontece com dous violinos, um bom e outro máu, nas mãos de um violinista exímio, e nas de um principiante. Este não colherá louros e applausos, qualquer que seja o violino que tocar, ao passo que aquelle se sahirá bem com um e outro, ainda que melhor com o primeiro. Ha violinos bons e maus, como ha violinistas de valor e méros estreitantes. Assim os livros didacticos e os professores, que os manuseiam. O aproveitamento das qualidades de um livro didactico é que depende essencialmente do valor do mestre, que o trate.

Em si, a didacticidade dos livros é objectiva, é um conjunto de qualidades que o livro tem de possuir. E' a sua adaptação ás leis que regem a actividade cerebral do conhecimento. Estas leis se acham formuladas, provadas e mal conhecidas. A condição, fundamental e primeira, do conhecimento, é o contacto da intelligencia cognoscente, com as realidades que se vão conhecer. Mas, como a existencia mesma do livro exclue a presença das realidades em si aos sentidos do estudante, a condição, acima referida, passa a ser a apresentação das realidades cognoscendas á intelligencia que aprende, mediante imagens apropriadas, evocações mentaes convenientes, coordenação de idéas preexistentes no cerebro do estudante. Todos os livros, verdadeiramente didacticos, começam por não dispensar, tanto quanto possível, as illustrações, que substituem approximadamente a presença material das realidades aos sentidos. Depois, filiam o que vão explicar, com o que se presume razoavelmente existir na memoria dos seus leitores. Por esta fôrma, a exposição do assumpto se accomoda ás leis que presidem ao mecanismo da percepção. E' a velha e repetida marcha do conhecido para o desconhecido, do velho para o novo, do facil para o difficil.

Não é possível, nos moldes de um parecer, como este, dar desenvolvimento desejavel á exposição de uma doutrina desta complexidade. Ainda, entretanto, illustraremos o que ahí fica delimitado, com um exemplo que esclarece. E', digamos, a noção do heroismo que a criança não conhece, e o livro vai ensinar. Seria um erro imperdoavel a definição inicial, a declamação, no começo, do heroismo, a declamação de heróes ás personagens, cuja historia se vai contar. Seria empanzar a me-

moria da criança de termos e exclamações, cujo sentido exacto lhe escapa. Seria, porém, didactico o livro que comece desenvolvendo a narração, encadeando os factos accessiveis á intelligencia dos seus leitores, dando desenvolvimento natural, que vá interessando e empolgando. O espirito do estudante se sente atrahido, se exalta por força mesma das realidades, que a palavra lhe suggere. E, então, por uma analyse espontanea, se lhe destaca mentalmente a heroicidade das personagens em acção. E' neste momento opportuno que se lhe fale em heroismo, em heróes. O termo vem a seu tempo, para preencher uma necessidade, para se associar a uma idéa nova, estabilizando-a e prendendo-a, por assim dizer, na memoria do leitor aprendiz. O autor do livro, assim, se revela, a nosso vêr, com qualidades de professor e escriptor. Marchou do concreto para o abstracto, dos factos individuaes para as generalidades do attributo, das cousas conhecidas para o desconhecido e novo, que, então o discipulo assimila, filia e systematiza com o que já sabe, já aprendeu, já se lhe estruturou no cerebro, e se lhe incorporou no espirito. Só desta fôrma, a leitura é útil, e o autor do livro se pôde gabar de ter methodo didactico.

Em linhas geraes, eis o padrão, por onde se devem moldar as obras didacticãs. Linguagem progressivamente enriquecida, correcta, clara, sobria e elegante. Assumpto accessivel ao entendimento das crianças, e não menos capaz de lhes concorrer para a formação da mentalidade e do caracter. Condições typographicas de saúde visual, e de agrado. Methodo na movimentação dos assumptos, segundo as leis que disciplinam o phenomeno do conhecimento. As obras, que não se subordinarem a esta orientação, sobre não valerem o papel, em que se imprimem, são prejudiciaes ao ensino. Porque, não só deixam de ensinar e educar com efficacia, como vão ensinando, no espirito infantil, o aborrecimento nocivo e fatal pelas boas leituras.

II

Obras adoptadas

Foi debaixo desta orientação pedagogica, que procedemos á revisão dos livros didacticos, submettidos ao nosso exame.

Em rigor, raro teria sido o que satisfizesse, em toda a linha, aos requisitos essenciaes das obras didacticãs. Umaz estavam bem, quanto á linguagem, mas eram inconvenientes, quando ao methodo de exposição, ou quanto ao interesse que podessem offerecer. Com outras se dava o inverso. Em quasi todas, falhas lastimaveis. Força nos foi, para não deixar em grande deficien-

cia as escolas, abrandar o critério de julgamento, que deve, em revisões futuras, manter o rigor, desde que novas obras appareçam, como é de desejar, por amor ás crianças.

Foram estas obras que, com todas as suas deficiências, nos pareceram preferíveis :

- 1.º — Para a aprendizagem da leitura, o « Meu Livro » de Theodoro de Moraes, « Cartilha Infantil » de Gomes Cardim, « Cartilha Analytico-synthetic » de Mariano de Oliveira.
- 2.º — Para a leitura no primeiro anno, o Primeiro Livro de João Köpke. São 66 lições, que os pequenos escolares não podem vencer, com proveito, senão no dobro, no triplo de aulas correspondentes. Basta considerar no triplo de aulas correspondentes. Basta considerar que, no ensino de linguagem, nenhum professor agirá, com proficiência, senão, primeiro, narrando a historia da lição; procedendo, depois, ao exame das palavras mais difficéis, mediante phrases que escreve no quadro negro; ordenando, em seguida, uma leitura silenciosa por toda a classe; encaminhando, após, a leitura expressiva, em que um ou varios alumnos leiam successivamente trechos da mesma historia nos dialogos, conforme as necessidades; e, por fim, tirando, com explicações adequadas, todo o proveito que os ensinamentos da lição comportarem. O tempo gasto em todo este trabalho esgota, com o necessario á aprendizagem da leitura, todo o anno lectivo. Se, contudo, alguma classe houver, de notavel precocidade, ou extraordinario adiantamento, que chegue ao fim do livro com proveito, antes de terminado o anno lectivo, o recurso será lançar mão de um outro livro de leitura. Para esta hypothese, adiante se exara uma lista de livros aproveitaveis, entre os quizes pode cada professor, com inteira liberdade, escolher o que lhe pareça mais conveniente á classe, que dirige.
- 3.º — Para a leitura no segundo anno, o Segundo livro, de João Köpke. Ainda que o professor saiba no processar a leitura, ter aquelle vagar, que é o segredo da pressa em todas as cousas humanas, algum tempo ainda terá para outras leituras no segundo anno. Convem que o professor fique com a iniciativa de adoptar, entre os livros da lista complementar adiante registados, um, ou dois, que julgar mais adequados ao preparo e capacidade dos seus alumnos. Os interesses mesmos do ensino aconselham esta liberdade, tanto mais quanto todos os livros,

entre os quizes elle pode escolher, sejam approvados officialmente para esse fim. E indispensavel a escolha pelo menos de um, para que possam os alumnos seguir com proveito, o terceiro livro do anno seguinte.

- 4.º — Para a leitura no terceiro anno, o Terceiro Livro de João Köpke. Aqui e sempre, a efficacia do ensino exige uma certa iniciativa e liberdade do professor, para supprir com livros bons, as necessidades que verificar. A lista dos livros supplementares, abaixo indicados, lhe dará ensejo a uma selecção appropriada.
- 5.º — Para a leitura do quarto anno, o livro de leitura, que o professor achar melhor na lista supplementar, e « Através do Brasil » de Olavo Bilac e Bomfim, e mais os livros necessarios ao bom desempenho dos programma, tirados da lista que segue.
- 6.º — Para leituras supplementares e auxiliares: « Poemas Infantis » de Olavo Bilac, « Leituras Preparatorias » de Rita de Macedo, « Leituras Preparatorias » de F. Vianna e Miguel Carneiro, « Contos Infantis » de Julia Lopes, « Fabelas » de Justiniano da Rocha, « Paginas Infantis » de Mariano de Oliveira, « Cousas Brasileiras » de Puiggari-Barreto, « Paginas Infantis » de F. de Almeida, « Contos, infantis » de Julia Lopes, « Alma Infantil » de Francisca Julia, « Historias de Nossa Terra » de Julia Lopes, « Contos Patrios » de Coelho Netto e Olavo Bilac, « Nossa Patria » de Rocha Pembo, « Contos Moraes e Civicos » de C. Goes, « Leituras Moraes » de Arnaldo Barreto, « Biblioteca Infantil » organizado por Arnaldo Barreto, « Minha Patria » de Pinto e Silva, « Pequenos Trechos » de Octaviano de Mello, « Leituras Practicas » de João Köpke, « Leitura Manuscripta » de B. P. R., « Moral Practica Elementar » de Emilia Costa, Don't, « Meu Livro » de Theodoro de Moraes, « Livro de Leitura » (1.º 2.º e 3.º) de Puiggari-Barreto, « Segundo e Terceiro Livro » de Galhardo, « Primeiro, Segundo e Terceiro Livro » de Francisco Vianna, « Novas Leituras » de Roca e M. Oliveira (1.º 2.º e 3.º), « Coração das Crianças » de Rita de Macedo, « Palestra sobre as Plantas » de C. Brilho, « Leituras Intermediarias » de Maria Rosa.
- 7.º — Os demais livros e material didactico, com excepção dos « Quadro de Linguagem » de M. B. Roca, dos « Mappas de Parker, dos « Cadernos de Arithmetica » de R. Roca e do « Desenho Profissional » de Aprigio Gonzaga, os primeiros para cooperarem com o ensino de linguagem, e da arithmetica nas escolas preliminares, e o quarto

para auxiliar o desenho nas escolas primarias profissionais, foram rejeitados. Uns por não valerem nada; outros, por estarem acima da comprehensão infantil; alguns por excessivos peccados didacticos; muitos por não terem quasi applicação, como todos os compendios de arithmetica, de geographia, de historia, de geometria, de physica, de historia natural, cadernos de calligraphia, de cartographia, cartongem, modelos de trabalhos manuaes. Ao professor compete o ensino vivo destas materias, sempre fiel á intuición, com o seu principio de actividade do educando, com a cooperação educadora e orientadora do mestre, com a marcha necessariamente analytica, e o contacto das realidades que se pretendem ensinar ás crianças, o contacto das cousas em si, ou figuradas, com a intelligencia dos estudantes. Numeroso material, para o ensino destas materias, só serve para enfatiar o professor e aborrecer os alumnos.

III

Algumas suggestões opporfunas

A despeito de parecer grande, é, em verdade, deficiente esta lista de obras didacticas, não só em relação á qualidade, como no tocante á quantidade. Com ella, ainda o professor não tem a necessaria liberdade de selecção, para maior proveito dos escolares.

Dir-se á que, para uniformizar a instrucção publica, é conveniente dar ao professor o livro e o processo do ensino. Se, por toda a parte, o ensino tivesse uma organização uniforme, as almas, que elle formasse, pensariam e sentiriam com um fando de unidade indispensavel á cohesão nacional. Além disto, acrescentar-se á, a imposição do mesmo livro e do mesmo processo de ensino ao professor é o meio pratico de evitar o fracasso do ensino, quando feito por professores mal preparados, presumidos, sem geito, como não póde deixar de haver em todas as classes profissionais numerosas.

Mas não procedem taes allegações. Onde quer que reduzam o professor a um profissional sem iniciativa, elle será um automato malmachado no desempenho da sua missão, e, por mais viva que lhe seja a consciencia do dever, nem sempre logrará o bem-estar e o bom humor, a facilidade e o entusiasmo, que efficaciam as tarefas complexas. De modo que, projectando o Estado obter certa uniformidade na formação das gerações novas, com o travamento da iniciativa e liberdade que impõe

aos professores, não conseguirá nenhum beneficio real, estavel, nem quanto á formação espontanea dos individuos, nem quanto á formação de sentimentos geraes, ou mesmo, de nacionalidade. Um professor, sem liberdade profissional nos processos do ensino, é um ente nocivo aos escolares e a si. Dentro de programmas, esmiuçadamente completos, de livros individualizados, impostos, de maneiras de ensino fixadas por outros, o professor, por mais maleavel que consiga ser, vagará desagelhado e esquelado, como quem se ostentasse, em publico, enroupado em traje, feito sob medida alheia.

É evidente que, no intuito de cooperar para a boa formação mental e moral da infancia, sob certa unidade basica, necessaria á cohesão nacional, ao Estado importa a uniformização dos programmas fundamentaes, dos methodos de ensino, e dos livros escolares. Mas um programma fundamental admite desdobramentos varios, sob o influxo dos temperamentos, e os methodos de ensino comportam os mais variados processos e modos, ao sabor das preferencias individuais e dos elementos da occasião. Assente, pois, o Estado as linhas geraes dos programmas, dos methodos, dos livros didacticos, mas deixe ao professor, para maior efficacia mesma dos methodos e dos objectivos de ensino, a liberdade de desenvolver, sob sua orientação profissional, os programmas officiaes, formulados, apenas, nas suas bases; a liberdade de applicar o methodo, segundo as suggestões do seu criterio pedagogico; a liberdade de adoptar, entre livros que satisfaçam aos interesses fundamentaes do Estado, aquelles que melhor lhe pareçam. Será esta a fórma pratica de conciliar as necessidades do ensino publico com a elevação e a dignidade profissional dos professores. Não erraria, até, quem affirmasse que, só por esta fórma, conseguirá de veras o Estado a educação real e benefica da infancia, sob a inspiração dos interesses superiores da patria.

Conviria, para o bem deste ideal, que os poderes publicos animassem, mediante concursos premiados, a publicação de obras didacticas.

Nada se tem, de valor real, sobre a educação da linguagem na parte referente ao mecanismo do pensamento exposto em palavras. Mais do que o ensino da analyse grammatical, mesmo occasional, releva ao professor primario ir inculcando aos seus alumnos o gosto pela analyse do pensamento nas suas relações fundamentaes. As vantagens seriam grandes, incomparaveis, para a capacidade, que se iria formando e desenvolvendo, de comprehender a linguagem classica do presente e do passado. A intelligencia infantil é mais capaz de assimilar a analyse lo-

gias, fundamental, despida da sobrecarga phraseologica, do que as categorias grammaticas em que a escola tem por habito fatiga-lo, não so futilmente, senão prejudicialmente. A rotina secular, ou milenaria, faz preceder o estudo da analyse grammatical ao estudo da analyse logica, gerando o aborrecimento, que é mais tarde horror, pelos estudos da linguagem. O methodo intuitivo, na sua marcha analytica, condemna, de uma vez por todas, este anachronismo de ensinar abstracções, como preposições e conjunções, antes de conhecer o alumno a sentença, que é o facto commum de todos os dias.

O material didactico é, infelizmente, muito falho, neste particular.

Tambem não ha quasi obras, que despertem o amor á terra, ao ar livre, á cultura dos campos. Sobretudo, para as escolas ruraes, conviria abolir os livros que suggeram a seducção da cidade, e o desamor á vida productiva e saudavel dos campos. Animar a producção daquellas obras é um beneficio prestado ás crianças, nascidas e habitadas com as « fazendas », e uma necessidade publica do paisaes agricolas, como o nosso.

Mais que em tudo isto, porém, ha uma lacuna grave no apparelho escolar, e a correspondente carencia de livros. E' a preoccupação em attender ás differenças somaticas, physiologicas e psychicas das crianças, já para a boa ordem, disciplina e proveito instructivo nas classes, já para a correcção e florescimento, urgentes, dos sentidos dos escolares. Hoje, ninguém, por cujo espirito tenha passado a idéa dos fins educativos, deixa de proclamar que a educação orthopedica dos sentidos e o desenvolvimento seguro delles para maior fidelidade, exactão e nitidez das impressões sensoriaes, bases do futuro trabalho criador do espirito, são a grande, a suprema e mais nobre preoccupação da escola primaria ideal, e dos jardins da infancia. Ver bem e ouvir bem, pelo habito de saber ver e ouvir, mover-se com destreza e elegancia, saber realisar em argila, em desenho, ou madeira, as imagens, que os sentidos educados apanham no ambiente, e, por cima, começar os seus ensaios de logicidade, é a dadiua divina das escolas primarias. Não ha pae, que não prefira, para os seus filhos, entre saber muito, decorado, e exercer bem os sentidos e a intelligencia, este ultimo beneficio, que prepara as crianças para a gloria da vida independente e prospera. Mas, para obter este resultado, nada, ou quasi nada, se tem organizado: nem preparo dos mestres, sem livros, que encetem a realização pratica deste ideal magifico, necessario e urgente.

Estas suggestões indiciam numerosas outras, que a deficiencia, dos livros didacticos, para as necessidades do ensino publico, gera em nosso espirito, como, ainda, para citar uma, esta confusão de systemas orthographicos, que pede solução definitiva. A duplicidade de fórmulas graphicas perturba a representação cerebral, inconsciente, da linguagem. Por outro lado, se se quiser a generalização pratica de um systema, não ha mais seguro do que adopta-lo nas escolas primarias. A criança se habituará com elle, e terá mais tarde, pela confusão actual, a mesma repugnancia que os adultos, propensos a rotina, e os velhos, que vivem do passado, nutrem pelas reformas simplificadoras, os meramente uniformizadoras.

Mas já vai ultrapassando do razoavel a extensão deste parecer. Por isso, terminamos aqui, esperando que o criterio, a sabedoria e o patriotismo de v. excia. suppram as nossas facilidades, as nossas falhas, a deficiencia de nossas luzes. De uma coisa, todavia, nos podemos dar por satisfeitos: é ter posto todo o empenho em bem servir a infancia de nossa terra, á despeito do conflicto de interesses e vaidades, a que a somma imparcialidade venha, talvez, dar ensejo. Descontentassemos, embora, a quantas ambições se digam prejudicadas, não temos por mal empregado o nosso tempo, livrando as crianças das escolas da influencia menos boa, e, ás vezes, inconveniente, de alguns livros, em que se aborreciam.

A consciencia do dever, cumprido com lisura, nos recomendará do esforço, com que envidamos servir o Estado.

S. Paulo, 12 de Janeiro de 1918.

(Assignados:)

A. de Sampaio Doria (relator)
Americo de Moura
Plinio Barreto

Relação dos livros de leitura, adoptados pela Directoria do Ensino durante o anno de 1918, nas escolas publicas do Estado

1.º Anno

MEU LIVRO — Theodoro de Moraes.
CARTILHA INFANTIL — Carlos A. Gomes Cardim.
CARTILHA ANALYTICA — Mariano de Oliveira.
LEITURA PREPARATORIA — D. Rita Barreto.
1.º LIVRO — João Köpke.

2.º Anno

- 2.º LIVRO — João Köpke.
 1.º LIVRO — Puiggari-Barreto.
 CORAÇÕES DE CRIANÇAS — D. Rita Barreto.
 MINHA PÁTRIA — Pinto e Silva (leitura suplementar).

3.º Anno

- COCORAS BRASILEIRAS — R. Puiggari.
 CORAÇÕES DE CRIANÇAS — D. Rita Barreto.
 3.º LIVRO — João Köpke.
 MINHA PÁTRIA — Pinto e Silva (leitura suplementar).

4.º Anno

- 5.º LIVRO — Puiggari-Barreto.
 ATRAVÉS DO BRASIL — Bilac e Bonfim.
 HISTÓRIA DA NOSSA TERRA — Julia Lopes.
 POESIAS INFANTIS — Olavo Bilac.

NOSSA GENTE

JOÃO TOLEDO

NOTAS PEDAGÓGICAS PARA MEUS ALUNOS

Nossos estudos anteriores sobre as tendências fundamentais do educando, sobre a evolução e a hereditariedade, autorizavam-nos a tentar, sem temeridade, as características étnicas de nossa gente e, á luz da situação actual, prever, em linhas muito gerais, suas possibilidades futuras. Essa tarefa, entretanto, não é ainda possível, senão como esboço para um trabalho ulterior. A falta, quasi completa, de dados estatísticos impede qualquer tentativa desse genero. Não se argua dahi, porém, que deixamos de lado o problema. Fazemos o que for possível; dia virá em que a questão ha de receber luz nova, que a ponha clara aos nossos olhos. Hoje limitamo-nos ao que quasi todos sabem, repetindo que nosso povo se origina de tres fontes principaes — do português, do selvagem e do africano. É um conflicto de raças que se estabeleceu e em que a primeira coube a preponderancia, pois é o elemento étnico mais evoluído, melhor preparado, e que, por estas circunstancias, deveria actuar sobre os outros dois, assimilando-os lentamente. Effectua-se esta assimilação em virtude da melhor adaptação do factor branco ás condições da vida social, como tambem pela imitação instinctiva e fatal, a que estamos todos sujeitos, especialmente as crianças e as raças atrasadas. O português, pois, será primeiro examinado.

A historia conta-nos cousas extraordinarias desse pequeno povo. Herdeiro da civilização grega latina, elle tem ainda « a resistencia physica dos celtas, o amor do oceano como os phenicios, o instincto commercial dos cartaginizes, as qualidades guerreiras dos gótos; e dos árabes elle tem a melancolia suave e doce, a ternura do sentir, o amor do mysterio e das cousas desconhecidas. » Seus reis cantavam trovas na corte, andavam pelas estradas distribuindo esmolas e ao mesmo tempo fundavam observatorios, organizavam universidades, povoavam campos e armavam esquadras poderosas que desvendavam mundos (U. Paranhos) Do seio do povo surgiram poetas como Cambes, pre-

sadores como Castilho, juristas como João das Regras, navegadores como Gama, guerreiros como Nun'Alvares, estadistas como Pombal, que se immortalizaram engrandecendo sua pátria.

O valor desse povo atravessou os séculos sem nada perder: — é hoje maior do que dantes. A bravura inexcedível e a lealdade commovente, manifestadas pelos portuguezes na actual conflagração européa, attestam sua pujança crescente e a vitalidade de suas tradições. Delles diz Sylvio Romero: « É gente, em geral, farta e feliz, sem extravagancias de temperamento, sem monstrosidades de caracter. Da Europa é a terra onde tem havido menos revoluções, onde se dão menos suicidios e onde o verdadeiro e pavoroso pauperismo brilha pela ausencia. É um povo equilibrado, brando de indole, avesso a tyrannias e crueldades. As classes plebeas tem como divertimento predilecto o *fado* e jámais sentiram prazer nas corridas de touros, em que se destripam vinte cavallos e se dão outros accidentes terríveis... » São bem differentes estas affirmações de algumas que se nos fazem, relativas á vida e aos costumes dessa gente, lá pela época do descobrimento de nossa terra. Lembremo nos de que não se julga um individuo, como um povo, fóra das condições do tempo e do meio em que elle viveu. Cotejá-lo com os povos de hoje, sem attender a essas circumstancias, é errar redondamente, agir como criança.

Ouçamos ainda a opinião de Alberto Torres: « Quanto ao portuguez, diz elle, que nossa ironia nos habituou a ver como um typo bisonho — figura de facto extravagante e bizarra, por força do contraste que resulta do singular estabelecimento do homem do campo europeu, alaphabeto e rude, no commercio e nas industrias urbanas — nenhuma raça deu jamais melhores provas de energia, de intelligencia e de coragem nos mais arrojados empreendimentos, poucas se lhe aventajaram na cultura e na producção litteraria, e muito raras possuem, ainda hoje, povo mais sóbrio, mais trabalhador, mais honesto, de mais candida alma e sensibilidade moral mais delicada. » É raça branca, de typo pequeno, porém bello, de actividade demonstrada pelos seus feitos e que orgulha seus descendentes de tê-los por avós. « Seu legado, entre nós, é vastissimo. Devemos-lhe a lingua, a religião, o direito, a arte, a poesia, a litteratura, todas as manifestações espirituas que nos fazem co-participes da cultura moderna occidental ». (S. Romero).

É lamentavel que, em 1527, época em que o Brasil começou o seu povoamento, Portugal possuísse uma população de 4.422.442 habitantes somente. Como, com tão pouca gente, povoar tão grande sólo? Fez muito, entretanto. Para cá vieram familias de alta linhagem, que aqui consumiram fortunas feitas

no oriente, tentando o povoamento das capitania. É verdade que tambem foram mandados para cá prisioneiros criminosos, vagabundos e mulheres de má vida que infestavam o reino. Seu numero in-ignificante, porém, não podia influir pesadamente no destino ulterior da nacionalidade. Em contacto com o selvagem, a seriedade dos costumes foi tenazmente fiscalizada pelos jesuitas, o que, sem duvida, não impediu grandes abusos; em relação aos pretos, porém, a liberdade foi completa. Apesar disso, o elemento portuguez actua no Brasil de modo honroso para elle. Sem duvida tinha defeitos, e não pequenos, mesmo em relação áquella época. Um confronto do nosso paiz com a poderosa Republica da Norte-America faz resaltar nossa inferioridade, devida em grande parte a vicios de origem. A formação communitaria do portuguez, bem como a extrema facilidade no cruzamento das raças, como logo veremos, plantaram-nos na alma habitos e sentimentos que nos têm peado as acções, dificultando a marcha ascencional para o progresso. Ha, ainda hoje, uma tendencia parasitaria em nossa conducta e uma certa imprevidencia decorrente da confiança que nos inspiram a protecção dos governos e o amparo dos paes, parentes, amigos e simples conhecidos — parasitismo e imprevidencia que nos fazem descuidar de nossa preparação para a vida. Não assim com os americanos do norte: entre elles cada homem prepara-se para ser independente e viver sem o apoio dos governantes e sem o auxilio de quem quer que seja. É homem — é um factor de producção, não é um simples consumidor; é uma força propulsora, não é um fardo para ser arrastado. Mas, si o cotejo com os irmãos norte-americanos nos abate, não temos razão para nos entristecer, quando nos collocamos ao lado de qualquer outro povo que surgiu para a vida, quando nós surgimos. Temos defeitos graves, porém temos um energico poder de acção para varre-los de nossa conducta.

A população aqui cresce rapidamente. Em 1801, quando Portugal contava apenas 2.960.000 habitantes, já o Brasil contava cerca de tres milhões e meio; e em 1819 affirmava-se que já possuía elle um pouco mais de quatro milhões, dos quaes um milhão era de brancos puros ou presumidos puros.

Os primeiros encontros dos portuguezes com o indigena foram cordiaes e de modo a estabelecer a mais segura aliança entre elles. A facilidade, porém, de fazer fortuna accendeu a cobiça no espirito commercial dos descobridores; escravizar os selvícolas era meio caminho andado para attingir as riquezas;

dahi os maus tratos que lhes infligiram e os horrores desnecessarios das celebres *entradas*. Os primitivos povoadores do solo se rebelaram e reagiram de todo o modo contra o invasor europeu. Isto deu causa á lenda dolorosa de traidores e barbaros, levantada em torno dessa gente que, como justa repulsa, atacava os que primeiros atacaram. Asim procedia porque ella se caracteriza fortemente por um amor violento á liberdade e uma coragem physica extraordinaria. Não é este, entretanto, um argumento que prove a ferocidade e a malvadez dos indigenas. Uma centena de factos ãhi estão a demonstrar seu espirito hospitaleiro, sua doçura nativa, e até um certo grau de indiferença confiante pelo branco. Estas qualidades, pouco desenvolvidas, é certo, mudaram-se, por força de circumstancias, mascarando um fundo biologico que se pôde chamar bom, em um povo de caçadores, que atravessava ainda o periodo da astrologia. Não supponhamos, porém, que esse povo tivesse a alma isenta de graves falhas; elle as tinha e muito pronunciadas. Era de uma grande instabilidade de espirito, que ainda hoje vemos na falta de perseverança de nossos homens; de um desinteresse completo, decorrente da incapacidade de previsão e que é infelizmente, uma caracteristica de nossa gente; e de uma indolencia de que ainda se acoima o nosso caboclo e que, si não tivesse algumas justificativas, chamaríamos criminoso.

Esse elemento era numeroso. « A população indigena do Brasil que, ao tempo do descobrimento, não devia ser inferior a quatro milhões de vidas, talvez não seja hoje mais de um meio milhão espalhado por todos os nossos sertões ». (Couto de Magalhães). No inicio do povoamento, o portuguez esteve sempre ao lado do selvicola por interesse, por conveniencia e ás vezes por cordialidade. Era tão completa a intimidade em alguns lugares que, no lar portuguez, se falava a lingua tupy e somente na escola a lingua portuguesa. « Tempo houve em que, só ao redor de São Paulo e em São Paulo existiam mais de 60 mil indios escravos e a população branca ou mestiça não excedia provavelmente de 4 mil ».

Alguns traços do elemento preto são bem conhecidos de vós todos. Falta de educação principalmente, essa gente ainda hoje rasteja numa inferioridade desoladora, sua alma, entretanto, está modificada profundamente que diz respeito ás crenças, ás tradições e aos costumes de seus avós, trazidos das terras africanas. Não eram máus, embora sob o ponto de vista ethnico não os possamos chama-los bons. Oriunda de uma civilização rudimentar de pastores, vivendo em pleno fetichismo, aquella pobre gente, a par de más

qualidades, possuía outras que a recommendavam. Era extremamente affectuosa e dedicada. « A escrava maltratada pela senhora na véspera, cria lhe o filho com a dedicação sublime de uma maternidade desinteressada ». (M. Bomfim). Toda a gente fala da fidelidade dos antigos africanos, e todos sabem que resistencia organica era necessario que possuissem para suportar o peso da carga, que se lhes punha aos hombros. Eram, entretanto, submissos até o servilismo (contrastando de modo chocante este facto com a insubmissão indomavel do tupy-guarany) e a vontade lhes era completamente frouxa.

« No começo do seculo XIX, para uma população de 5.600.000, havia 1.440.000 escravos pretos e mulatos. Dahi até 1850 entraram mais 1.250.000 pretos no Brasil ». A lei do ventre livre (1871) e a da emancipação dos sexagenarios (1885) tinham libertado muitos escravos e descendentes de escravos; mesmo assim em 1888 elles eram em numero de 700.000 ». (Afranio Peixoto). Lembremo-nos de que todos os pretos, nesse tempo, menores de 48 annos, eram livres; livres tambem todos os maiores de 60, além de um grande numero libertado pelas sociedades abolicionistas, por almas caridosas, ou graças ás suas proprias economias. Essa gente toda vivia conosco em completa communhão, separada apenas pela ganancia de quem gosa e explora e pela dor de quem soffre e é explorado. Nós, os que já podiamos ver antes da lei aurea, sentiamos a intimidade que havia entre brancos e pretos. A senhora e suas filhas, as mulheres brancas das cidades e dos campos trocavam com as escravas ideas e sentimentos; os rapazes viviam nas senzalas; os meninos tinham nos crioulinhos seus companheiros habituaes.

Uma estatistica da população do Brasil, datada de 1872, dá-lhe o numero de 10.125.000 habitantes; 20 por cento da população, ou sejam cerca de dois milhões, eram pretos. Calcula-se que hoje o numero de pretos não exceda de oito por cento sobre os 25 milhões, do que resultarão aproximadamente os mesmos dois milhões de 46 annos atrás, localizados principalmente na Bahia, no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Pernambuco, e nas Alagoas. Ha quem affirme que a população negra não attinge a 1.800.000 individuos.

Nossa gente proveio desses tres elementos, cujas caracteristicas mais salientes procurámos pôr em destaque. Restá-nos agora estudar a maneira pela qual estas raças entraram em fusão; e, para a constituição dos mestiços, quasi os caracteres que vararam o filtro do caldeamento e hoje os assignalam, de-

nunciando-lhes as origens. Antes do mais, lembremo-nos de que o africano quasi não apparece nos paizes hispano-americanos, e que isso nos dá uma feição que esses povos não tem; por outro lado, o selvagem no-so forma, talvez, só uma raça, a *brasilho-guarany*, differente das raças selvagens de outras regiões — é uma outra feição exclusivamente nossa. Mas a fusão não terminou; ella continua, complicando-se cada dia, pela entrada de elementos novos. Assim, não é possível dar uma descripção segura do *mestiço brasileiro*, de seu corpo e de sua alma, porque não ha um *mestiço*, mas varios typos de *mestiço*, todos brasileiros. Provém elles de cruzamentos varios e, por isso, cada um tem sua feição propria, que se não confunde com a de outo nascido ao seu lado. Ensiemos um ligeiro esboço dos mais communs, principiado pelo *mulato*, que é tambem de nós o mais conhecido; e, ao finalizar, daremos em traços muito largos a feição que, supponho, terá nossa gente no futuro, continuando ella a rota que actualmte vai seguindo.

O *mulato* é um typo de transição, que não constitue raça e que, por todas as razões, procura approximar-se do branco. É de notavel belleza physica, ama a ostentação, não tem aptidões commerciaes e não é trabalhador agricola, que se diga bom. Inteligente, o *mulato* revela invejavel capacidade artistica e scientifica; na politica, muito se tem notabilizado. Uma legião de patricios nossos, de que o paiz se gloria, provariam este asserito: seria longo entretanto enumerál-os.

Como os pretos não tivessem grande penetração no interior do paiz, nós o vemos especialmente em uma larga faixa do litoral e, conforme ficou dito, são elles mais abundantes onde maior foi a lavoura assucareira. Ahí continuam, diluindo sua alma e sua côr no sangue do branco, pois que é esta a união por elles preferida. Não escapou, até aos observadores menos perspicazes, a intimidade de relações entre portuguezes e africanos; e a facilidade de uniões entre elles é melhor comprehendida quando se sabe que, em começo do seculo dezesseis, como nos conta Euclides da Cunha, Lisboa possuia dez mil pretos a salpicarem-lhe as ruas, e, em Évora, eram mais numero-os que os brancos. Se estes, aqui entre nós, exerciam uma influencia poderosa sobre aquelles, modificando-lhes os costumes, as crenças, apagando-lhes o brilho das tradições, por sua vez as mãas (as mãas, como nós as chamávamos) enchiam nossa mente com as *histerias* que nos contavam, á noite, á beira do fogo, sobre as esteiras de taboás. Velhas recordações de sua raça, pedaços de sua alma que se ligavam á nossa, eram influencias que experimentavamos nesse intercambio de sentimentos e de idéas, em que tanto nos apraziamos, nós, as crianças e tam-

bem os adultos de cultura superficial. Por certo, nessa acção nesse conflicto foi e será preponderante, mais isso não nos eximiu, nem nos exime, de receber o quinhão imposto pela intimidade. O psychólogo, em estudos comparativos, encontrará no brasileiro de hoje, elementos constitutivos da alma africana, que se caldeou com a nossa, deixando vestígios bem claros: nossa *affectuosidad*, muitas vezes piegas, nossa vontade frôuxa, nossa fresqueza no perseverar — não virão de lá?

Ao mesmo tempo que as crenças, as tradições, os costumes, os sentimentos se amalgamavam no trato de cada dia, cada hora, o sangue se transfundia em abundancia, e os filhos eram um novo laço de approximação. São multissimos os descendentes de brancos e pretos. Ainda hoje, a cada passo, se nos depaeram casares assim constituídos. Conhecemos brancos brasileiros, portuguezes, italianos e de outras nacionalidades que se casaram com *mulatas* e cujos filhos alegram os olhos pela esplendida conformação do rosto e do corpo, e encantam pela vivacidade de espirito e pela lucidez da intelligencia. Este cruzamento continuará por muitos annos ainda, até que os ultimos signaes africanos desapareçam, o que talvez se dê em pouco mais de um seculo. Para cá não mais vem pretos de outras regiões; os infelizes que o « 15 de Maio » encontrou na escravidão, por ahí rolam, em completo desamparo, sem instrucção, sem hygiene, como prezas faceis do alcool, da tuberculose e da syphilis, que os dizemam; os melhor dotados para a vida desaparecerão em contacto com o branco; e assim em tempo que não vem tão longe, essa infeliz raça negra será uma simples recordação.

* * *

Da fusão entre brancos e selvagens resultou o *cabôlo*, tambem um typo de transição, do qual o paiz ainda está cheio. Sob esta denominação comprehende-se hoje uma multidão de individuos, cujos ascendentes indigenas são as vezes muito remotos. Chamamos *cabôlos* aos *caipiras* do sul e aos *talarias* do norte; entretanto convem accentuar-se que a denominação *cabôlo* só é exacta quando applicada ao descendente do branco com selvagem. Como acontece com o *mulato*, este *mestiço* determina tambem a approximar-se do branco. Entre os factores determinantes desta tendencia, não são de se desprezarem as considerações de que, em conflictos de raça, os filhos desejam pertencer á vencedora; e ainda a crença existente entre os nossos indigenas (Cadores) de que os filhos procedem exclusivamente dos lombos lógeras) de que os filhos procedem exclusivamente dos lombos dos paes. Não é estranha esta crença, já os indus tinham prevideza das diversas partes do corpo de Brahma, as quatro classes

em que se dividia o seu povo: — da cabeça, sãiu o sacerdote e chefes, o *brahman*; do braço, o guerreiro, *kchãtrya*; da coxa, o lavrador, *vasya*; e dos pés, o servo, o escravo, o *sudra*. Em regra, o cabôcio tinha por pae o portuguez e por mãe a indigena. Aproximando-se do pae, adoptou-lhe os costumes, as idéas, os sentimentos e, ás vezes, o interesse, chegando a ser terrível perseguidor de seus avós selvícolas. Ligando-se este facto á influencia da vida civilizada que passou a gosar, tem-se explicado sua incorporação á nossa raça.

As ligações entre brancos e selvagens, logo no começo do povoamento, e até muito mais tarde, foram em numero elevado, muito mais elevado do que geralmente se pensa. O proprio governo da metropole, conta-nos o sr. Affonso Celso, reconheceu a superioridade do indigena brasileiro e, por alvará de 1755, animou o cruzamento, declarando que os vassallos do Reino, na America que se casassem com indias, não ficariam por isso com infancia alguma, antes se fariam dignos da régia attenção. Hoje o indigena só é visto no interior de nossas mattas. As ligações entre elles e os brancos diminuem dia a dia. Podemos affirmar que essa fonte se estanca. Os poucos sobreviventes desaparecem com rapidez, seja pela fusão, seja pela guerra que lhes movem os nossos rudes sertanejos. Ainda ha pouco tempo, no fundo bravo de nossas selvas, ondas de exploradores que desejam enriquecer-se em pouco tempo (refiro-me ás primeiras explorações do noroeste paulista para o assentamento da estrada de ferro), atacaram e destruíram tribus inteiras que de qualquer fórma, dificultavam os fins almejados. Oppondo-se a um Rondon, pacificador e humanitario, ha dezenas de aventureiros que, chefiando escoltas de assalariados, penetram em nossas mattas destruindo os seus velhos habitantes. Do aborigene brasileiro tambem, dentro de pouco tempo, só nos restará a lembrança. Os chamados cabôcios, que diariamente encontramos, já são netos, bisnetos ou tetraneos dos tupys-guarany. Estão espalhados pelo paiz inteiro, principalmente nas regiões do norte. No sul é o *gaúcho*: «Veste o ponche, a bombacha, arma-se de rebenque, bebe chimarrão e come churrasco.» E' cavalheiresco e espectraloso. As vastas campinas de excellentes pastagens, onde vivem rebanhos immensos, deram-lhe costumes de pastores. Ama seu cavallo com carinhosa ternura, porque o conduz, em carreira virtiginosa, atravez das coxilhas, seja para alcançar uma rez tremalhada, seja para perseguir um inimigo. A vida larga que leva, alargou-lhe a alma: é valente até a temeridade, jamais fugindo ao perigo, e conserva um eminente espirito de liberdade no que diz respeito á sua vida particular. No litoral o typo cabôcio é demasiado heterogeneo: foram muitos os elementos que entra-

ram em fusão. Não se deu isso no interior do paiz. O sertanejo abí ficou isolado. As bandeiras para lá levaram brancos que abí se deixaram ficar, sem mais se communicar com os homens da beira mar. Conservam os *jigunços* e os *coribebis* as tradições peninsulares. A ingratição do meio os fez desgraçados e tristes. São em geral vaqueiros. Vestem o gbião de couro curtido, perneiras, joelheiras, montam seus cavallos e inclinam-se para um lado com aspecto de cansaço. São fortes, resistentes, supersticiosos, crédulos, ignorantes. (Euclides da Cunha). Na luta têm os habitos que seus avós selvícolas foram obrigados a tomar — são traçoeiros, astutos, vingativos.

A vida, quasi primitiva, que arrastam muitos de nossos cabôcios, autorizou sobre elles uma série de asserções deprimentes. Vivem em palhoças, nas clareiras das mattas ou á beira dos córregos, descalços, maitrapilhos, desgrenhados, sujos, alimentando-se miseravelmente. Pescam, entre nós, o bagre, a traíra, o mandy, a tabarana; nos côvos apanham os cecidões; nas côvas caçam as rãs, os inhambús, os urús, os jacús e os macucos; nos fôjos e mundéus apanham as cutias, as pacas, os capivaras e os caetetés; criam raras gallinhas, amam os cães, fabricam farinha de mandioca, plantam abóbora e pouquissimo feijão, tecem esteiras de taquara, e de tabua, fazem mutirões, cantam ao som da viola, dançam o catetê, desprezam a escola, adoram as rézas, o truque e o lúzio. Para elles não ha patria, a educação é inutil, a vida civilizada — uma impostura. Fumando grandes cigarros, deixam-se ficar meditativos, na doce imprevidencia de crianças, debilitados pela méria, toidos pelo impudismo e pela ankylostomíase, saturados de alcool, e, por isso, sem animo, sem aspirações, sem valor. Parecem condemnados ao aniquillamento, perdidos irremediavelmente. Entretanto, a recente campanha pró-saneamento veio desfazer essa lenda de indolencia e de imprestabilidade. A voz autorizada de médicos illustres, que estudam com escrupuloso carinho as condições de nossa gente, proclamou já, com segurança e convicção, que seu mal, seu grande mal, está nas endemias que reinam em nossos sertões, no uso immoderado do alcool e na pobreza da alimentação. Hygiene, clamam todos, e educação, acce-recentamos nós! Curemos, asseemos, alimentemos, eduquemos nossos caipiras e elles demonstrarão a excellencia do fundo ethnico que possuem, mascarado, desfigurado agora por circumstancias que a previdencia dos governos e as providencias das classes cultas farão desaparecer. Gente boa, mas gente infeliz. O caso da Trappa de Tremembé, neste Estado, onde mais de quinhentas familias de cabôcios, convenientemente cuidadas pelos irmãos da ordem, prestam inestimaveis serviços na cultura

isso, o primeiro passo está em multiplicarem-se as vias de comunicação, pondo-se assim os meios cultos em contacto directo com as zonas agrícolas e pastoris. Deste modo a civilização irradiar-se-á dos centros á periphéria, com mais rapidez e facilidade. Essa gente estará, talvez dentro de vinte annos em condições muito melhores. Carada, alimentada, educada, ella virá encorporar-se á população sã do paiz e exercer sua acção sobre os estrangeiros aqui aportados, que, então, assimilaremos sem embarços. Não teremos receios de ver formarem-se grupos distinctos de população em diferentes pontos do territorio: — a unidade da raça com seus caracteres somáticos e dynamicos, tão bons como os melhores das raças europeas, será um facto, ainda que se observem ligeiras differenciações inevitaveis, diante da immensa extensão territorial do paiz. Temos dado sobejas provas de que somos capazes de attingir as mais altas esferas da civilização. A uridade da raça conservará a unidade da patria. Se tomarmos caminho opposto ao que fica indicado, não é arrojado affirmar-se que possivelmente formaremos núcleos heceterogeneos de população, com interesses differentes, e, como consequencia disso, teremos a desagregação dos actuaes Estados em tres ou mais republicitas. — E' o que penso e o que, rómamente por dever de officio, exponho a meus alumnos sobre o mais grave dos problemas nacionaes que nos enfrentam.

São Carlos, outubro de 1918.

De quem deve ser publicado

PUERICULTURA

Nos programmas preliminares, ultimamente decretados pelo poder competente, figura a *Puericultura*. Para facilitar o desenvolvimento dessa these, recommendamos a leitura da *Dona de Casa*, de Sylvino Junior, edição da casa Alves, donde, em falta de cousa mais pratica, extrahimos os principaes titulos que figuram nos programmas.

Agora, para desenvolvimento maior recebemos do operoso professor de pedagogia da Escola Normal de Itapetininga, sr. José Escobar, o substancioso trabalho que a seguir publicamos.

Ha nesse trabalho muito que consultar a respeito da materia, e por isso, temos a certeza de que procurarão os nossos collegas tirar d'elle todo o proveito para seus alumnos.

PUERICULTURA

JOSÉ ESCOBAR

Lente da Escola Normal Secundaria de Itapetininga

Subscritas
g. p. l.
M. Paula

SUMMULA: — Prefacio. — Aleitamento materno: uso da balança. — Aleitamento misto. — Aleitamento artificial. — O grito das crianças. — As obras das crianças. — Cuidados no nascimento. — Crianças nascidas antes do tempo em fracas. — Banhos. — Vestuario. — Somno. — Passeios e brinquedos. — O andar. — Vacinação. — Dentição. — Doenças. A syphilis nas crianças.

Prefacio

Transcrevo, á guiza de preambulo ás noções da puericultura que aqui se vão publicar, a carta que, em começo de Setembro de 1916, tive a honra de endereçar ao preclaro Secretario do Interior, exmo. sr. dr. Oscar Rodrigues Alves.

« Quem já, ha quasi tres lustros, se consagra indefessamente aos problemas complexos do ensino — ora nas varias cathedras que occupou; ora em artigos pedagogicos pelo « Estado de S.

Paulo de julho a dezembro de 1915; ora, em viagem á sua casa, perquirindo e observando desde as oito da manhã ás cinco da tarde, durante tnta dias, os processos de ensino de dezenas de escolas normaes e escolas primarias de Buenos Ayres, de La Plata (onde numa escola maravilhosa ouviu Nelson, de Montivideo, do Rio de Janeiro; quem, benedictamente mergulhado no estudo, se não pôde forrar á necessidade de cotejar as nossas escolas com as estrangeiras, colimando o nosso aperfeiçoamento — e allegando estes factos por abonarem o ouso de minha presença — vem respeitosamente solicitar a preciosa e esclarecida attenção de V. Excia. para uma falha inqussima no programma das escolas normaes e dos grupos escolares, respeito ao tão de preço quanto humanitario ensino da puericultura.

Já se a gente admira que o não possuam as nossas escolas quando, com esse nome og o de maternologia, lá o vemos relativamente encastado nos programmas, nos países civilizados, onde a pedagogia excolle e lhe cata um gratissimo respeito.

E' de todo ponto certo que as causas das enfermidades e da hecat-ube tragica das crianças de peito em todo o mundo, residem primordialmente nos maus regimens alimentares e na ignorancia universal sobre a criação physiologica desses entezinhos, que têm o direito de nascer saos e de crescer saos.

De feito, menor probabilidade tem uma criança ao nascer, para viver 8 dias, do que um velho de 90 annos; e menor de viver 1 anno do que quem já fez 80. E é sempre no mesmo circulo latidico das affecções digestivas, que ella recebe a tritissima das sentenças: dyspepsias graves, gastro-enterite aguda e chronica, entero colite, colera infantil, etc. Sem embargo, sendo tão facil procurar a tangente desse circulo — a gastro-enterite é a mais evitavel das enfermidades! — assistimos a criminosas crucifixação de milhares de bracinhos, quando S. Paulo supplica a immigração estrangeira.

O «Il y a plus de cercueils que de berceaux» tinha de necessidade que alarmar as ventades piedosas para evitar o desespero laocentico das mães — infantidas innocentes — para desatrolhar a estrada da vida a milhares de francezes. Não mingaram as instituições, como a «Gotta de leite» e o «Consultorio de recém-nascidos» do eminente pediatra, prof. Budin, que conseguiram reduzir quasi a zero as cifras da mortalidade da população infantil que se procurava, com dois meios apenas: a educação das mães e a assistência aos pequenas.

Era muito de inveja ver que — quando morriam em Paris 200 crianças por semana, durante os mais fortes calores do verão, victimas de diarrheas quasi todas — na clinica de Tarnier e

no Hospital de Caridade não se registava um só caso de morte por alterações digestivas.

Não é este um assumpto de somenos importancia, a todas as luzes que se considere. Sou forte encomiasta do que proverbeia Strauss no «Traité de dépopulation et puériculture»: O amor não confere um diploma de capacidade. Em todos os tempos o mister de mãe deveria ser ensinado, maiormente agora que uma verdadeira revolução se operou nos methodos de criação e se conheceu o perigo da infecção microbiana.

O USO DOS BANHOS DE LIMPEZA, A ESTERILIZAÇÃO DO LEITE, O EMPREGO DA BALANCA, A NOÇÃO DE ASEPSIA, constituem uma bagagem de conhecimentos elementares que NENHUMA MULHER ACIMA DE DOZE ANNOS TEM O DIREITO DE IGNORAR.

Dahi decorre a imprescindivel obrigação de instruir as mães, não tardiamente, no momento em que vão ser mães, mas, quando ainda meninças, os cerebros como uma cera, são capazes de receber impressões indeleveis.

E' no 4.º anno das escolas primarias que se deve ministrar o ensino da hygiene-cultura, a salvaguarda mais efficaz da primeira infancia. Ahi é que passa o grosso da população, maxime a dos pobres; e nas Normaes poucas seriam as beneficiadas.

Em Reims, após o ensino theorico, todas as quintas-feiras iam as alumnas mais edosas das escolas primarias praticar nas crèches. Assim iniciadas, tornavam-se auxiliares preciosas para suas familias na criação dos irmãozinhos, sobre aproveitarem ellas mesmas quando mais tarde fossem mães.

As alumnas das escolas profissionais e primarias de Saint Gilles iam á Sociedade Belga de Paidotechnia durante tres mezes para aprenderem puericultura. Ao demais, visitavam es domicilios para conhecerem as miserias do lar operario, comprehendem o perigo das más condições hygienicas em que viviam as crianças e assim eram impellidas a remediar em parte as desgraças dos necessitados. Estas especificações azam-me enojeo a dizer que, nos Estados Unidos, as meninas praticam a puericultura com bonecos, lavando os, vestindo-os, deitando-os, etc. e que na Argentina uma opinião recente exige que a pratica se faça mesmo com as crianças de peito.

São que farte os exemplos similares desde ensino em muitos paizes, e, pelos não fazer fastidiosos numa enumeração prolixa, restrinjo-me áquelles, typicos.

Não ha lacunas de que se vigiem as mais bellas organizações escolares. Por isso, quando convidado pela redacção do «Estado de S. Paulo» a deplor no inquerito a que procedeu sobre a instrução paulista, num trecho de um longo artigo de

20 de Março de 1914, não me corri de confessar a nossa deficiência, senão indigência no ensino de puericultura e hygiene.

De mim digo que sempre me affligiu a espessa ignorancia popular a esse respeito. Indultam-se todavia os a quem fallecem meios de cultura — e a esses cumpre assistir; mas as vaidades de nossa opulencia elegante haverão de mister, para se edificarem, de uma evangelização amorosa, onde lampeje o dístico que Pinard gravou na parede da sala de aula da Faculdade de Paris — « A criança tem direito ao leite da mãe »; tal o abuso minacissimo de negar avaramente o seio aos debéis estomagos, cuja pressura infallivelmente precipitará massas compactas no leite artificial ingerido e tornará a digestão exulcerantemente laboriosa.

Ao Estado de S. Paulo, num total de 68.695 fallecimentos entram as crianças de 0 a 2 annos com 35.848, não incluídas ahí os nascidos mortos; entra Campinas com 842 crianças mortas naquella idade, Ribeirão Preto com 541, Santos com 754; S. Paulo com 3.897, dos quaes 2.020 por diarrhéa e enterite. Esta estatística é do anno de 1914.

Sobejas são e ponderosas estas razões. De esperar é que V. Exc. nos obrigue e muito com o ordenar nos grupos escolares o ensino da puericultura durante as aulas de hygiene, concitando as mães ao melhor porvir da infancia de nossa Patria.

Dissera-se que a estimam em pouco os educadores paulistas, ou que lhe votam um desdem diogenico olhos orgulhosos que della nunca se desfitam, quando, só vesada aos tratos de uma alimentação grosseira é pretendida a competencia pela despedaçadora tortura das doenças ou pelo tumulo confrangente. Estou que a morte andará sempre rondando as affeições do lar, os infanticídios innocentes serão sempre em numero innumeravel, emquanto não nos embebermos devéras nos conselhos da puericultura.

O desejo de que os corações maternos aquinhõem dos benefícos da hygiene, que não a pretensão egoistica, me animou por só despertar competencias lucidas, a sujeitar á approvação de V. Exc. daqui a um ou dois mezes, uma singela puericultura (compendio de 50 paginas) para ser adoptada no ultimo anno das escolas primarias.

Se a V. Exc. aprouver que seja preferentemente post-escolar o ensino da puericultura, ha professoras nos grupos escolares que apenas trabalham tres horas por dia e poderiam dar á tarde tres vezes por semana, uma hora de aula daquella materia e tambem de hygiene, a meninas na idade que V. Exc. julgar conveniente. Como esse curso não ultrapassará tres mezes, no segundo semestre, poderia incumbir-se desse ensino uma outra professora que tambem só trabalha tres horas.

É de ver que com essa resolução facil, se não averbará a pavorosa mortalidade infantil á nossa incuria. O 4.º Congresso Internacional das Gottas de leite, reunido em Paris, em 1905, emittiu este voto: Que os poderes publicos facilitem por todos os meios a vulgarização da hygiene infantil. Este voto reiterado pelo 2.º congresso da Gotta de leite, em Bruxellas, em 1907, deve ser o de todos os brasileiros, pois « o interesse das mães e das familias se confunde com o interesse nacional ».

A cidade de Paris publicou centenas de mil exemplares das « Instrucções officiaes » sobre puericultura, para serem distribuidas pelas mulheres e, nos cartorios de paz a todas as pessoas que vão registrar o nascimento de uma criança.

Já eu parece que me posso contentar do que levo dito, apresentando razões valedias quanto as que mais o forem. Cumpre-nos, de presente, levá-las de velas concavas a bom porto e fundesdouro.

V. Exc., em quem se reconhece a proceridade da estatura moral, em quem se pode muito breve saudar o novo Cesario Motta da instrucção publica paulista, pelas reformas que superiormente planeja com o inclyto presidente dr. Altino Arantes, cujo quadriennio de ouro só eximios louvores grangeia, V. Exc., para quem já se vêm germinando, e crescendo e ramalhando de louros com que a gratidão paulista ha de coroar a fronte; V. Exc., com apenas uma ordem generosa, um gesto humanitario, que exoro, para a diffusão dos preceitos da puericultura, lembrando-se de que os primeiros banhos de escola da criança são os joelhos da mãe; V. Exc., receberá milhares de beijos das mãosinhas borboleteando nos berços que salvou, receberá milhares de benções das gerações porvindouras que illuminou ».

Obrigado a esquadrinhar — como um bandeirante em busca de manchas de ouro — o campo da physiologia, em cujas fontes se vão abeberar a psychologia e a pedagogia, objectos de meu estudo carinhoso, muitas vezes extraviel-me em atalhos que, longe de me desencantarem, novos fides auríferos me offertaram ao rude alvião de faisqueiro paciente. É o caso da puericultura.

De longos annos vem a minha luta em prol do ensino daquella materia. E estudei, comparei, interrogué. E, após versar especialistas emeritos, dos conselhos que hauidarei a summa nestas paginas.

Tive a ventura de ver acolhidas minhas ideias por um grande homem de intelligencia e de acção, a quem cabe a gloria de ser o primeiro a incluir o ensino de puericultura nas nossas escolas primarias: o Dr. Oscar Thompson.

Alimentação materna

4. É dever absoluto da mãe amamentar ao filho.

Porque: 1.º) o leite materno é o alimento ideal, de digestão fácil, e adaptado à natureza e constituição da criança, é chamamento o alimento necessário e completo; 2.º) passa directamente do seio da mãe à bocca da criança, sem contaminação, sem sujeira, de quaes, no aleitamento artificial, produzem perturbações digestivas, diarrheas, gastro-enterites e o dobro da mortalidade infantil; 3.º) a mãe que cria o filho se restabelece mais facilmente do parto e es-põe-se menos às affecções loeas que delle resultam; 4.º) a ama-mentação tem muitos vezes lã influencia sobre a saúde das mães; 5.º) desenvolve mutuo amor entre mãe e filho.

2. Só não amamentará a mãe que tiver: typho, tuberculose, doença do coração, rins, diabete a-sucarada, nevroses graves, loucura, epilepsia, hysteria com grandes ataques, etc.; mas o medico é que o dirá.

5. Nos ultimos mezes antes de dar a luz, evitae compri-mir o bico do peito com collete apertado; limpae e ensaboea a pelle do bico e da areola todos os dias e passae no 1.º algodão hydrophilo com alcool a 90º (ou polvilhae-o com tanino).

4. Dae de mamar 12 horas após o nascimento ou 24 ho-ras após, si a criança não o reclama pelo choro. Dahi em diante, de 4 em 4 horas, durante 2 dias, com uma pausa das 11 da noite às 5 da manhã; no 3.º e 4.º dias, de 3 em 3 ho-ras. Nos tres 1.º dias são inuteis e nocivos a agua a-sucarada (dá colicas) agua de flor de laranjeira, xaropes purgativos e outras substancias. Dae, si o vosso leite não vier, leite esterilizado com agua.

Nessa epoca os seios contém um leite especial — o colostro — que nutre quasi sem trabalho digestivo e é ligeiramente purgativo, fazendo evacuar as materias do intestino.

5. Ponde o bico de seio sobre a lingua da criança e de-primi-o, para o nariz não apoiar nelle (pois a criança, se respira mal, deixa o seio). A criança se cança logo: recomeçae, e, no fim de 15 m., tirae a definitivamente.

6. A sucção provoca rapida e facilmente o apparecimento do leite. Mesmo que o leite salte 8 dias, fazei a criança (ou outra mais robusta) sempre sugar o peito, que o leite virá.

7. Na 1.ª e 2.ª semanas dae 10 vezes o seio, de 2 em 2 h.: 7 da manhã, 9, 11, 4 da tarde, 5, 5, 7, 10 da noite, 12 e 4 da manhã. Na 3.ª e 4.ª semanas 9 vezes, supprimindo a de

meia noite. No 2.º, até o 6.º mezes, 7 vezes, com intervallo de 2 h. e meia e, á noite, nada; depois do 6.º mez, 6 vezes, com intervallo de 3 h., á noite nada.

8. Dae o seio a horas fixas. Muita severidade na regularidade das horas de mamar. Que a criança chore! não ha perigo de herna. Não deis o leite á noite.

Porque: 1.º) a estomago da criança é muito pequena (na 1.ª semana não chega a 50 cm³; no fim do 1.º mez, 100 cm³; e no fim do 3.º, 150 cm³;) 2.º) viu-se com o ratão X que a digestão na criança dura de 1,ª 30 a 2ª; mais tarde 3ª; 3.ª) é preciso esse tempo para renovar-se o leite na quantidade sufficiente e em qua-lidade nutritivos necessarias; 4.º) o choro da criança não indica fome (v. n. 57) mez, em geral, que o leite não foi bem digerido e dar de mamar de novo é augmentar o mal-estar e produzir de-indigestões e inflamações do estomago; 5.º) o leite á noite é inu-cessario e inutil e a mãe precisa de repouso para a secreção de bom leite, e o estomago da criança tambem.

9. De dia, se a criança dorme, despertae-a na hora propria para mamar. (Para regularidade digestiva e evitar que fique acordada de noite; alguns mandam deixae-a dormindo e dar um pouco mais de mamar, na hora propria seguinte).

10. No começo dae os 2 seios successivamente na mesma occasião; depois um só, alternando regularmente.

11. Deixae a criança a mama (o leite não tem a mesma com-posição no começo e no fim). Alguns mandam dar 10 minutos (para evitar as rachaduras dolorosissimas, a metade do tempo em cada peito) e, si o leite é abundante e a sucção vigorosa, o que é rarissimo, 6 minutos; ás vezes são precisos 15 ou 20 m.: a BALANCA O DIRÁ. (V. n. 25).

12. Antes de mamar, fazei a « toilette » da criança; após, dorme; ponde-a no berço, de lado; não a deixeis dormir no seio.

13. Antes e depois de darde o seio, lavae-o com agua fervida, agua boricada; lavae-lhe a ponta com alcool puro (ou misturado com metade de agua) e seccae-a cuidadosamente (a humidade é a grande causa das rachaduras); ponde no bico pó de bismutho, que se tira antes de dar de mamar e separe-o das roupas por comprehensões seccas, finissimas e macias.

14. Lavae a bocca da criança com algodão embebido em agua boricada, ou com bicarbonato de soda (para impedir a fermentação do leite que fica na bocca e dá « sapinho »).

15. Regimen de quem amamenta: (não o altereis brusca-mente; quando a ama engorda muito, a criança emmagrece; 1.º) alimentos ricos em materias nutritivas e em quantidade suf-ficiente — carne, leite, ovos, trigo, etc.; dobrados de a-bomina, de gordura, de agua necessarias para dar leite: o supprimento

se far com leite de vacca ou cabra, o melhor galactogeno (que faz ter leite); 2.º) os decoctos ou mingaus de cereas (cevada, aveia, milho — anglica) são nutritivos e calmam a sede; 3.º) evitar (pois communicam ao leite qualidades irritantes e provocam na criança colicões e convulsões): conservas, crustaceos, condimentos excitantes (alho, cebola, pimenta, etc.), vinagre, alcohol, cerveja, café em excesso, certos remedios — opio, belladona, melindro, estramonio, rhuibarbo e senna, bromureto, iodo, mercurio, arsenico, purgantes drasticos (eliminam-se pelo seio); antipyrina, camphora, chloral (possuem no leite, alteram-no e diminuem a secreção lactea); as carnes « falsandões » (passadas), a caça, os peixes de mar não frescos, salchichas, os legumes verdes e principalmente a couve, agrião, alface, azeda (dão obras duras às crianças, tornando-as temporariamente dyspepticas); 4.º) evitar o abuso de carne, ou de vinhos (causam insomnia e perturbações digestivas na criança), de purgantes (podem seccar o leite); 5.º) evitar bailes, jantares, sarauz, fadigas, emoções, excessos de colera (podem provocar na criança convulsões, por intermedio do leite: sendo ella muito sensivel, as reacções são violentas); 6.º) durante a refeição da mãe, a criança nunca deve estar perto.

16. Eis a quantidade de leite para uma criança normal: 1.º dia, por vez, 0, em 24 h. 0; 2.º, por vez, 3 gr. e em 24 h., 30; 3.º — 45 — 150; 4.º — 40 — 400; 5.º — 50 — 500; 6.º — 60 — 600; 1.º mez — 70 — 650; 2.º 400 — 700; 3.º a 6.º — 120 — 840; 7.º a 12.º — 150 — 900.

17. Vê-se se o leite materno é nutritivo; 1.º) se é bem branco e não azulado e aquoso e pela analyse chimica, (quando nasce o 1.º filho convém mandar examinar o leite num laboratorio de analyses em São Paulo); pelas boas digestões da criança e as evacuações que devem ser homogeneas, amarellas, com o aspecto de ovos mexidos, sem cheiro e sem grumos; 3.º pela alegria da criança, poucos gritos, somno facil após mamar, tez clara rosada, carne firme, appetite; 4.º) pelas pesagens periodicas da criança.

18. O uso das pesagens é importantissimo o faz-se em balança commum ou especial (pesa-crianças, pesa e mede crianças de Variot), com a criança nua, antes de um banho de 30', em horas fixas, diariamente nos 15 primeiros dias, e, si tudo corre bem, mais tarde 1 vez por semana ou, nos ultimos mezes de cada 15 dias, registrando-se os resultados na caderneta. As pequenas variações diarias não regulam, só a média de varios dias é importante.

19. Tambem dá indicações o estado da sultura sagital, cujos ossos não devem cavalgar, e da fontanella anterior « a balança do pobre »; si a moleira estiver deprimida, concava, a criança está doente, (a membrana da moleira cobre um liquido

que proteje o cerebro e contem substancias nutritivas; a criança mal alimentada utiliza-se destas substancias, os ossos aproximam-se e a membrana se deprime).

20. O leite é bom e bem dirigida a amamentação quando dá estes resultados: O peso médio da criança ao nascer é de 3 kilos (nos 3 ou 4 primeiros dias diminui porque quasi não mama e expulsa o meconio, etc.); augmenta em média por dia: 1.º mez — 25 gr. por dia; 2.º, 25; 3.º, 22; 4.º, 20; 5.º, 18; 6.º, 17; 7.º, 15; 8.º, 15; 9.º, 12; 10.º, 10; 11.º, 8; 12.º, 6. Si não augmenta assim, é mal nutrida; e, si excede demais esses numeros, é nutrida demais e está em vias de soffrer affecções digestivas e rachitismo.

21. A alimentação demasiada e a alimentação sólida prematura produzem os rachiticos, osses infelizes de pernas arqueadas costas curvadas, cabeça enorme (a principio engordam, mas depois têm diarrheã e de-pois vem a morte ou o rachitismo).

Ha superalimentação quando: 1.º) as vezes de tomar o leite são muito approximadas; 2.º) si se dá o seio 20 ou 30 minutos; 3.º quando o leite é muito rico em manteiga, nesse caso quem amamenta deve comer menos carnes e feculentas e tomar mais liquidos, fazer exercicios e dar em cada mamar só o 1.º leite dos 2 seios (pobre em manteiga); o resto a mãe o tirará; si o leite é pobre em manteiga, dá-se o seio depois de tirar o 1.º leite; 4.º) quando o tempo é muito quente (pois ahi o organismo infantil depende menos).

22. EMPREGO DA BALANÇA. Se a criança tem obras frequentes, liquidas, às vezes mal digeridas, vomita, tem erythema do assento, após mamar em vez de dormir grita (não de fome, mas pela digestão difficil e dolorosa) — é que mama a toda a hora. Fixae-lhe as horas de mamar e a balança, após alguns dias mostrará que ella augmentou.

Se mama com intervallos de 2 ou 2 1/2 horas, mas as obras são frequentes, as micções abundantes, tem regurgitações e a balança mostra que augmenta de 40, 50, 60 gr. por dia: está superalimentada, vae ter gastro-enterite com diarrheã e febre. Pesando-a antes e depois de mamar, vereis que em menos de 5 minutos tomou 100, 150, 200 gr. de leite. Deixe-a mamar só 1, 2, 3 minutos e tudo desapparecerá em menos de 24 horas.

Se mama tempo certo e a horas certas, mas parece que não aproveita, augmenta muito pouco, estacina ou diminui de peso, dorme pouco, é rosnador, suas obras e urinas são raras, se pesando-a antes e de-pois de mamar, se vê que em vez de 70 gr., por exemplo, toma só 30 gr. de leite em 10 minutos e dando-a ao seio mais 3 minutos e, pesando-a, apenas tomou

mais algumas grammas; si pesando-a assim, 3 vezes ao dia, os resultados concordam: a mãe é insufficiente e é preciso o aleitamento mixto para evitar o rachitismo. Complete 2, 3, 4 vezes de mamar por 2, 3 ou 4 frascos de 25, 30, 40 gr. de leite esterilizado, começando por pequenas doses.

A's vezes a insufficientia é passageira, a mãe pensa não ter bom leite e dá o de vacca, produzindo a superalimentação. O vomito indica que o estomago está repleto; mas muito pouca alimentação tambem dá vomitos.

23. A partir do 7.º mez 56% das mulheres são insufficientes para aleitar; no 8.º, 45%; 9.º, 62%; 10.º, 78%; 11.º, 87%; 14.º, 88,5%; a partir do 15.º, todas.

25. São difficuldades no aleitar: 1.º) o defluxo, que faz a criança deixar o seio varias vezes para respirar; ponde-a de novo ao seio e trate o defluxo; 2.º) a inflammation da mucosa da bocca, que atrapalha a sucção; vigiae o quanto de leite é tomado, limpe-lhe a bocca após mamar com algodão hydrophilo em agua de Vichy; 3.º) a perfuração do céu da bocca; recorre ao aleitamento artificial; 4.º) labio fendido; dae grosso bico de mamadeira muito permeavel ou leite na colher; 5.º) crianças preguiçosas: tratae ama (com a criança della); a ama tira o seu leite e o dá na colher á preguiçosa; pondo esta em seguida ao seio, faz o leite correr-lhe á bocca, e então a preguiçosa mamará; 6.º) crianças que rejeitam até a colher de leite; molhae uma sonda (de borracha vermelha n. 14 ou 16, com capsula de vidro graduado), ponde-a na base da lingua do menino que a irá engulindo; empurrae-a até 45 cm. (ahi comprehendida a bocca); apertae entre 2 dedos a parte visinha da capsula e ponde nesta o leite da mãe (com ou sem o tira leite); desapertando os dedos o leite desce; tirae a sonda com movimento rapido para evitar a volta do leite; no fim de alguns dias alternae sonda, e leite na colher; depois colher e seio; em fim só seio.

O desmamar

25. O alimento lacteo exclusivo é o unico que convem até 10 mezes. Si depois de 6 ou 7 mezes a criança ao seio perigar, dae em complemento leite de vacca esterilizado puro.

Desmamae gradualmente, substituindo do 10.º mez em diante (nunca antes da criança ter 4 dentes) 1 ou 2 vezes por dia o seio por outras tantas refeições de leite com farinha de cereales (que são ricas em substancias phosphoradas tão necessarias á constituição dos ossos e outros tecidos do organismo).

A criança antes, não tem no estomago succos digestivos capazes de digerir alimentos sólidos e, si os comer, tem: indigestões, dyspepsia, inflammções do estomago, inchaço do ventre e suas consequencias; enfraquecimento, rachitismo, tuberculose.

27. Evitae a desmama: 1.º) durante os grandes calores quando as affecções digestivas são frequentes; 2.º) durante o aparecimento de um dente; 3.º) durante qualquer indisposição da criança.

28. O aleitamento materno pode ir até 15 mezes (no maximo) auxiliando a digestão de outros alimentos. Tudo além, o crescimento da criança é mediocre ou retardado.

29. O leite deve ser o unico liquido para preparar mingaus de farinha de cereaes. (trigo, cevada, centeio, aveia, milho, araruta, arroz, etc.). Os primeiros mingaus serão bem ralos (para serem bebidos por mamadeira de officio um pouco largo); Dilui 1 colher das de chá de farinha de trigo num pouco de agua fervendo e rarefae-o em seguida com 150 ou 200 gr. de leite de vacca e ferve brandamente 16 m.

Preparo do mingau: Farinha — 1 colher; leite — 400 cm³. ou 7 colheres das de sopa tomado do leite do dia; assucar 5 gr. Delui a farinha num pouquinho de leite para obteres uma massa fluida e mexei para tornal-a homogenea; levea o resto do leite á ebulição; deitae-o pouco a pouco, mexendo sempre, sobre a farinha diluida. Aquecei esta mistura com precaução até tomar a consistencia desejada. — Em alguns casos pode-se pôr extracto de Malta (menos de 1/5 de colher das de café) mas quando o leite está apenas morno (abaixo de 40.º).

30. Começae com um mingau por dia, mais tarde 2 e emfim 3. Ahi, desmamae: comprimi o seio com algodão e tiras de crepe Velpeau, bebei menos e recuae absolutamente o seio, no qual podeis por tintura de genciana ou aloes (amargo).

31. A farinha de arroz e a de araruta empregam-se de preferencia no verão, pois são contra a diarrheia e as de aveia, centeio, milho, são contra a prisão de ventre.

32. Dae sempre a mesma farinha (para evitar que a criança se torne caprichosa, regeste tal ou tal farinha e coma irregularmente). A' noite, nenhum alimento; si a criança grita, uma colherada de agua fervida. Não é raro no momento de desmamar perder 150 ou 200 gr. em poucos dias.

33. As farinhas de conservas, farinha lactes, leite condensado, etc. dão scorbuto infantil; e dadas antes ou após o desmamar com exclusão do leite, tornam o esqueleto rachitico, retardam o andar. As que tem cacão tornam difficil e lentas as funcções intestinaes, tornam nervosas e pallidas as crianças, não deixam andar, diminuem o appetite, depois dão prisão de

ventre. O caco é difficil de digerir pela abundancia de gorduras; tem muito o nocivo acido oxalico, e theobromina, excitante perigoso para a criança; só se ajunte, pois, de tempos em tempos ao leite.

34. Até 2 annos dae só leite e farinhas. Mas si muito necessario, dae tambem bolos seccos, um ovo, extracto de carne e começas a dar as farinhas de legumes. Alguns permittem purées de batatas com leite, muito ralas e um pouco assucaradas (*a batata é antiscorbutica*); esmagada no leite, purée de castanhas e o de cenouras. (*O ovo dá prisão de ventre, nem sempre é digerido e a clara se putrefaz facilmente no tubo digestivo*).

35. Quando a criança já tem 2 annos, purée de batatas, farinha de lentilhas, feijão, ervilha, arroz, castanhas, legumes, um pouco de peixe, carne de frango, costeletas de carneiro, mais tarde carne (tostada, bem picada e não todos os dias, sendo arthritica não antes de 3 annos); macarrão, massas; nos poucos substitue a agua cuidadosamente filtrada ao leite (o filtro lava-se e ferve-se 2 ou mais vezes por semana). Refeições horas certas e absolutamente nada nos intervallos, nem bebis das nem leite. Evitae chá, café, licores (*prejudicam o sistema nervoso*). Pão, sopas, panadas, são indigestos. Perto de 3 annos dae pão só torrado, sopa de caldo de carne com ou sem ovo. Salvo alguns fructos cozidos e passados — peras, maçãs, pecegos, damascos, ameixas, não deis fructos ás crianças, muito menos crus.

Aleitamento mixto

36. O dever sagrado da mãe amamentar ao filho não pôde ser cumprido quando o medico verifica: defeito na quantidade e qualidade do leite, que pôde ser muito fraco; estado defectuoso do bico dos peitos; mau estado de saude da mãe: anemia, affecções do peito e nervosas, etc.

37. Recorre-se então e na ordem de superioridade: ao aleitamento mixto, ao al. pela ama, ao al. artificial.

38. No al. mixto a amamentação materna deve ser o mais abundante possível. Dá-se o seio e completa-se com o leite de vacca ou cabra; se a mãe tem obrigações imperiosas, substitue 1, 2, 3 vezes de mamar por outras tantas de mamadeira.

No 1.º modo, os fermentos do leite materno ajudam a digestão do da vacca; no 2.º, a glandula mamaria irá dando menos leite, salvo si se der a mamadeira 1 ou 2 vezes só.

39. Havendo gêmeos, dá-se para um delles o seio uma vez e a mamadeira outra vez; inversamente para o outro gêmeo.

Aleitamento pela ama

40. A ama deve ter: talhe medio; 20 a 30 annos; bons dentes; reios de grossura media, rechonchudos, duros e nodosos á mão, sulcados de veias azuladas, bicos salientes e o leite analysedo: ter dado á luz ha 2 mezes no minimo (menos pode ter insufficiencia de leite) e 5 no maximo (acima o leite pode ser muito velho, mal digerido e seccar muito depressa); isso para um recém-nascido; para uma criança de 4 a 6 mezes, a ama pode ter dado á luz ha 8 ou 10 mezes.

Não possuir: a rasgadura do lobulo da orelha fendido pelo brioço (signal de lymphatismo); cicatriz de adenite suppurada (vêde as glandulas do pescoço, nuca, virilha); traços de rachitismo nos membros inferiores; signaes de variola (quem a teve é muito disposta á tuberculose); ganglios volumosos, alopecias em clareiras do couro cabeludo e em golpe de machado, das sobranceiros. Ser isenta de vicios moraes sérios: embriaguez, colera, crueldade, immoralidade, etc. Ficar vivendo com os paes da criança (*as que se criam fóra morrem na maioria ou têm rachitismo, tuberculose, inflammação do apparelho digestivo, etc., devids a falta de cuidados*). Não ser: empregada de officina, anemica, obesa, suspeita de hysteria, epilepsia, syphilis. Vêde se o filho della tem boas obras, não tem erethisma das nadegas, si o esqueleto é normal, sem traços de rachitismo, si não tem defluxo purulento e rebelde, fendas labiaes ou commissuraes, cicatrizes de pemphigo, descamações palmares ou plantares, etc. Fiscalisae-a severamente quanto ás crendices nocivas, quantidade de leite (pesando a criança), hygiene, solicitude, cumprimento das regras da puericultura. O medico é que a deve escolher, após exame cuidadoso. A criança syphilitica só deve mamar na mãe e não na ama (*pois esta transmite a syphilis*). Mandae examinar o leite e o sangue da ama em um laboratorio de analyses. Em S. Paulo o «Consultorio para lactantes» á rua Florencio de Abreu, faz os exames gratuitamente.

Aleitamento artificial

41. O leite de vacca, o de burra (*o que mais se aproxima do da mulher*), o de cabra (*que nunca contém o germen da tuberculose*) não são os destinados pela Natureza á criança e substituem desvantajosamente a amamentação materna, quando esta é impossivel.

O leite de mulher, de jumento, de vacca, de cabra, contém, respectivamente: albuminoides — 16, 20, 35, 37; gorduras — 34,

76, 37, 43: hydro-carbonados — 61, 60, 49, 36; sões — 2, 4, 7, 8; água — 887, 910, 879, 876. A razão destas variações tem de se adaptar cada leite ás necessidades de cada especie animal. Ha uma discordancia entre as necessidades humanas e a correspondencia alimentar de outros animais; o leite de vacca é muito mais rico em albuminoides e muito pobre em hydratos de carbono — mas a criança, muito sensivel ao frio tem necessidade da calor dada pelos hydratos de carbono, ao passo que os albuminoides, que se transformam em energias nervosas e musculares, lhe são inuteis nos primeiros mezes de repouso absoluto e quietude psychica.

Mesmo juntando lhe agua assucarada, ha profundas differenças, que nunca o equalarão ao materno: nos proteicos do leite materno o lactalbumina está para a caseina como 1: 2 ou 3; no de vacca 1: 7; lactalbumina e caseina de um differem das de outro pela dose de enxofre, phosphoros, acidos animados e portanto na digestibilidade e aproveitamento; o coaço no estomago da criança é compacto e velumoso com o leite de vacca, fino e leve com o materno; as albuminas animais têm especificidades proprias e niso se fundam as soro-reacções precipitantes para reconhecerem as especies animais.

42. Não ha leite puro (de animal) qualquer que seja sua proveniencia, qualquer que seja a estação do anno. Esterilize-o e conserve-o em lugar fresco.

O leite, quando sõe do ubre, já pode ter 230 micrbios por c. c. [porque entram pelos canaes galatophoros ou p r causa de nante ou da rara mastite infectuosa; 2 hs. depois pode ter c. c. 9.000; em 24 hs. mais de 5 milhões. O calor lhes favorece a multiplicação: a 15° após 15 hs. — 150.000 por c. c., a 25° — 72 milhões; a 35° — 165 milhões.

Deses micrbios são saprophytas (secretam toxinas perigosas): 1.º os fermentos lacticos que azedam o leite, decompondo a lactose em acido lactico; não resistem a 70°; 2.º fermentos de caseina que coagulam; resistem pelos esporos á fervura e até 115 — 120; alguns são pathogenos talvez para as crianças; 3.º m. chro-mogenos que tornam o leite azul, vermelho, violeta, amarello; 4.º micrbios que dão consistencia viscosa, á custa da lactose; 5.º fermentações diversas, como a que dá cheiro rançoso, sabor amargo (também devido á batata, artemisia, etc., ingeridos pelo animal, á idade do animal, lortação avançada, affecções da teta.) São pathogenos: 1.º os da escarlatina e diptheria passados ao leite pelas mãos ou recipientes da escorlatina e diptheria passados ao leite pelas mãos ou recipientes das mães dos empregados convalescentes; 2.º os da febre typhica e cholera, na agua com que se « molha » o leite ou se lava a tasilha; 3.º os da mama, cauda, etc., do animal e que dão a gastro-enterite dos lactantes; 4.º os introduzidos no corpo dos ammaes pelas proprias diarrhéas, pelas ferragens, pelo solo, pelas fer-

das dos plantas; 5.º os da tuberculose (com toxinas carhaticas), peripneumonia, febre de Malta (cabra), os da suppuração (deixam fias no leite) e mesmo o da raiva.

Numerosas doenças do gado podem alterar o leite e causar accidentes humanos: a febre aphtosa, a gastro-enterite, a erysipela, a mamite suppurada, etc. Além dos micrbios que transformam o açúcar em acido lactico, a manteiga em acido butyrico, fermentos de caseina que coagulam, mic. que formam plomazinas, toxinas, gizes, emvenenando-o, ha no leite deposito de sujeiras. As mamas podem semear o vibrão cholérico no leite e parece que o coli-bacillo (*e outros*); o ar leva lhe os micrbios do feno e outros. Um grande numero de crianças que morrem de meningite ou outras manifestações da tuberculose, foram contaminadas no periodo do aleitamento.

Eis a duração da vitalidade dos m. do cholera, febre typhica, tuberculose: no leite — 6 dias, 35, 10; manteiga — 32, 27, 30; queijo branco — 0, 1, 2; soro de leite — 2, 1, 14; queijo — 1, 3, 15.

43. Em casa matam-se os micrbios (mas as toxinas infelizmente não) pela fervura ou ebulição e pela esterilização. O leite fervido se digere tão bem como o cru.

44. A fervura só é boa assim: 1.º o vaso perfeitamente limpo e o leite fresco (não infecto e esquentado pelo sol durante horas; ferver, 10, 15, 20 hs. após ordenhar, não impede as diarrhéas; o leite já está cheio de toxinas que a fervura não destróe); 2.º aquecendo se o leite, chega um momento, a 75 ou 80.º, em que se formam grossas bolhas e o leite « sobe»: mas ainda não é fervura; tire a fóra a pellicula da superficie (para a proporção de caseina se approximar da do leite materno e para e-capar o vapor), o leite desce e continua o aquecimento durante 5 m. (agora a fervura foi a mais de 100° e 101.º, o que basta para privar-o dos fermentos lacticos e dos m. pathogenos); a ebulição além de 5 m. é nociva á criança (por causa da ebulição consideravel do leite ao ar livre, a qual o transforma); 3.º conserve o leite fervido num vaso bem asselado e exato, com tampa, ao abrigo da poeira e do ar, em lugar fresco; 4.º empegue-o dentro de 24 hs. (os sporos dos fermentos da cozinha não são destruidos pela ebulição); 5.º repeti a ebulição varias vezes no dia (o leite pode se reinfectar ao contacto do ar).

45. A unica mamadeira que não é perigosa é a chata, sem tubo, á qual adaptaes na hora da refeição o bem fervido junto com ser virado no avesso, bem escovado e bem fervido junto com a mamadeira que previamente se lava bem. Immediatamente após a refeição, a mamadeira e o bico (que viras no avesso e escovaes), lavae-os em agua fervente e mergulhae-os em agua

fria (fervida, boticada ou com sal marinho) num vaso tampado, até es empregardes de novo e ahí tervei-os outra vez. Deve-se ter muitas mamadeiras e bicos (*que se gastam na agua fervente*).

46. Melhor é a esterilização com o aparelho Soxlet (*operfeição por Chavanne, Budin, Gentili, Rodet; chega a 100.º sem as mudanças moleculares do leite fervido; o leite não se re-infecta*). 1.º Pondo em cada frasco a porção de leite fresco, com agua e assucar necessaria para cada refeição (não exceda 2/3 do frasco); 2.º pondo a rolha propria; 3.º immergi os frascos até aos gargalos na caldeira, que tem agua fria, tampae a e mantende em ebullição 40 ou 45 m.; 4.º retiraes os frascos e, quando a depressão da rolha é completa, guardae-as em lugar fresco, tendo o cuidado de não tocar nas rolhas.

47. Não useis o leite se a rolha não estiver deprimida (*pelo vacuo relativo do interior, pois, escapando-se ar e vapor no fervir, a pressão atmosphérica a deprime—se o frasco ou a rolha não estão estrogados*); no momento da refeição aquecei o frasco a 58.º em banho-maria (em breve vos habituaes a conhecer com o contacto) e substitui a rolha pelo bico de mamadeira; utilisae immediatamente todo frasco aberto: principiado, não pôde servir outra vez (*é bastante um frasco não esterilizado ou alterado para produzir doenças*); lavae em seguida os frascos com agua fervente adicionada de bicarbonato de soda, limpae com areia humida a parede externa, vasculhae -os bem, lavae-os 2.º vez com agua fervente e 3.º com agua fria filtrada; ponde as rolhas — limpas e escovadas com agua fervente — de cabeça para baixo no porta-garrafas.

48. Podeis fazer um aparelho caseiro com: 1.º frascos communs de pharmacia; 2.º rolhas de cortiça (fervidas sempre antes de as collocardes nos frascos), furadas ao centro de lado a lado no sentido do comprimento: encheis esse canal com tapulho de algodão em rama, diariamente renovado, (*para passar o vapor durante a ebulição e depois filtrar o ar, impedindo a invasão dos microbios*); 3.º um cesto porta-garrafas de arame; 4.º um caldeirão para o banho-maria.

48. Fazei o possivel de dar o seio pelo menos 3 ou 4 mezes, e, na impossibilidade absoluta, os 1.º dias ou 1.º semana, total ou parcialmente. É difficil criar uma criança sem perigo com leite de vacca nos 1.º mezes. As regras não bastam; tactene, vêde como digere o leite, como são as obras, si vomita e recorrei sempre á balança.

49. Quantidade por vez: Leite 2/5, agua 1/5, e assucar: 1.ª semana — 50 gr.; 2.ª 45 gr.; 3.ª 60; 4.ª 75. Leite 3/4, agua 1/4, e assucar: 6.ª semana 90 gr.; 3.º mez — 120. Leite puro e assucar: 4.º mez — 135 gr.; 5.º — 160; 7.º — 180;

9.º a 12.º — 200 a 220. Se não fôr supportado a principio, leite puro, ponde pouca agua (*muita agua no leite dá obras frequentes e diarrhéas, dilatação do estomago, perturbações digestivas, dyspepsias chronicas*). O exagero de assucar dá prisão de ventre e mesmo obesidade. No momento do leite ir ao fogo, em vez de agua, não mistureis cosimento de avela ou cevada, agua panada ou com infusão de plantas (*alteram-se muito facilmente*).

50. Vezes de dar o leite: Até a 4.ª semana, 9 vezes, de 2 em 2 horas, daí ao 5.º mez — 7, com intervalo de 2 1/2 horas; do 5.º ao 12.º mez — 5, intervalo de 3 horas.

51. Alguns preferem o leite de cabra, a quantidade precisa tirada na hora, depois de lavar a teta com agua e sabão e bebido em seguida; a agua fervida, si se ajuntar, será aquecida.

52. Durante os 10 primeiros dias conviria dardes leite de jumenta em quantidade pouco maior que a do de vacca, aquecido em banho-maria (não se esteriliza) e conservado em vaso fechado e fresco. A partir do 11.º substitui o 1 ou 2 vezes pelo de vacca esterilizado, e do 15.º em deante dae só este.

53. Ponde a criança ao Joelho, a cabeça um pouco alta na posição de mamar no seio; assieta-a durante toda a refeição; inclinae a mamadeira de modo que o leite desça no bico (*senão é engulido muito ar e o estomago e intestinos ficam dilatados*); fazei-a beber lentamente, retirae-lhe a mamadeira de quando em quando e deixae-a respirar; nunca a deixeis só, com a mamadeira; jogae fóra o leite restante no fundo do vaso (*poderia azedar-se*).

54. Antes de 1 anno não empregueis chicara ou colher (*a criança num gole toma muito leite e reclama, clém de engulir, muito ar*).

55. O bico deve ter: orificio não muito largo (*para evitar engulir muito depressa*); borracha flexivel, não vulcanizada, não toxica e sem odor; fórma simples, a poder virar-se no avesso (*para evitar os grumos do leite que dão infecções gastro-intestinaes*). Não useis chupetas; a alteração dá colicas e diarrhéas). Qualquer vaso de beber leite — colher, copo, mamadeira, etc. — não pôde ser de estanho ou chumbo.

56. São bons os lites homogeneizados (não os useis muitos mezes) e peptonisados. Em geral abstende-vos das composições que o commercio recommenda para substituir o leite e os alimentos já indicados.

A quantidade de leite que a criança normal consome diariamente, os 3 primeiros mezes — é a 6.ª parte do peso de seu corpo; no 2.º trimestre — a 7.ª; na 30.ª semana — 8.ª. Outra regra, para 24 horas, depois que ella tem 1 mez: multiplicaes o n.º de centímetros de sua altura por 14.

O grito das crianças

57. O grito de nascimento é normal (*ou ar dilata os pulmões e faz deor*); nos dias que seguem o nascimento o recém-nascido deve gritar (desconfie dos que não gritam). A criança quando está muito apertada no cueiro, ha calor excessivo, cambisa mal posta, alfinete ou insecto que a picam, erupção dentaria; o grito de fome não existe, mas sim o do gulozo. Para as que dormem de dia e gritam de noite (*não distinguem a luz da treva*) — passeio a tarde; para as que gritam na 2.ª parte da noite com continuidade desesperadora (*têm febre*) — lã-tijas de agua quente no berço; para os que gritam na 1.ª parte (*terrores nocturnos, de alimentação mal regulada*) — refeição só muito leve, antes de deitar.

58. No erythema das nadegas, são continuas e acompanham-se de agitação; cessam no despir. Nas affecções osseas e articulares são continuas, intensissimas, exasperadas pelo menor movimento (*é possível haver fractura do osso dos membros*). Os ganglios inflamados das virilhas, do pescoço, produzem gritos. Os após o mamar — são talvez de herpes, aphtas, stomatite, dentição; no engulir — affecção laryngea. Os dos dyspepticos se ouvem principalmente no momento da digestão e cessam muitas vezes após regurgitações ou emissão de gaz; 30 m. após o mamar — excesso de acido no estomago; no fim da digestão — falta de acidos.

59. Os dos intestinaes são-n'o por accessos bruscos: cessam após a evacuação de obras verdes ou viscosas ou mal digeridas ou que encerram, residuos de membranas. Os da heria são afogados e continuos e augmentam com os esforços da defecação. Os das doenças de ouvidos — continuos, incessantes, exaggerados quando a criança é estendida, ou se imprimem movimento brusco na cabeça ou se puxa o lobulo da orelha, ou se apoia sobre o mastoide, ou no engulir.

As obras das crianças

60. Nos 2 ou 3 1.ª dias após o nascimento, são espessas, verde-escuras, pegajosas (meconio). No 1.º mez, 3 a 4 por dia; 6 mezes seguintes, 2 ou 3; 2.º anno 4 ou 2. Acima, começo de diarrhea; nenhuma, prisão de ventre.

61. As das crianças do peito, v. § 47. As das crianças de mamar são mais pallidas, mas espessas como betume, de odor azedete.

62. Indicam doença, quando: verdes ou verdes misturadas de branco (gastro enterite catharral, 4 a 10 por dia); tem

grãos brancos — são grumos de caseina do leite não digeridos; mal ligados e logo liquidos — diarrhea; muito duras — prisão de ventre; brancas, 4 por dia — dyspepsia gastro-intestinal chronica; sanguinolentas, dysenteriformes ou grumos roseos — seria inflammção do intestino; incolores, liquidas ou como agua pintada por gemma de ovo, com ou sem grãos semelhantes a arroz — cholera infantil, estado grave.

Cuidados no nascimento

63. *Antes de tudo* com, as mãos cuidadosamente limpas, lave os olhos da criança (angulos, palpebras, pestanas) com algodão hydrophilo, esterilizado, embebido em agua fervida ou com agua borica, que jogareis fóra após a lavagem; afastando as palpebras, deixae cair nos 2 olhos 1 ou 2 gottas de solução de nitrato de prata a 2 p. 100 ou a 1 p. 150; tire o excesso de nitrato que reflue no bordo das palpebras; (emprega-se com menos successo solução de acido citrico a 5 p. 100 ou algumas gottas de summo de limão ou no menos agua fervida). Se apparecer nos dias immediatos certa vermelhidão e secreção amarelada collando as palpebras, chamae subito o medico.

E' para evitar a ophthalmia dos renascidos, que produz 1/3 dos cegos. A mãe, antes de dar a luz, usará lavagens de sublimado a 1 por 1.000.

64. Limpae cuidadosamente, desde o nascimento, a entrada das fossas nasaes com bolinhas de algodão embebidas em solução antiseptica (*para evitar coryza agudo purulento*).

65. Alguns minutos após o nascimento, quando as pulsações cessem completamente no cordão umbelical (percebe-se, apertando-o entre os dedos) amarrae-o fortemente a 3 ou 5 cm. do umbigo da criança, com um fio de linho duplo, esterilizado ou fervido: passae o fio sob o cordão, deixae as 2 pontas no sitio, passae um delles 2 vezes ao redor do outro e apertae fortemente; a 5 cm. mais adiante fazei outra ligadura; cortae o cordão com tesoura fervida ou passada pelo fogo, separe as 2 pontas do fio e atae-as no meio da parte accionada e fazei uma 2.ª ligadura circular ao nivel do sulco já formado. Se a ligadura não é bem apertada, pode apparecer hemorragia.

66. Se ha morte apparente ou demora a respiração: 1.º) tire com o dedo pequeno as mucosidades do fundo da bocca e da garganta da criança; 2.º) assope-lhe energicamente no rosto e no peito; 3.º) mergulhae-a num banho muito quente, friccione-lhe bem todo o corpo; 4.º) agarrae-lhe na lingua com os dedos cobertos por um lenço e puxae-a para fóra da

bocca de modo rythmico 18 vezes por minuto. Perseverar 4 horas (já se viu o viver após 15 m.).

67. Limpae-a, com toalha embebida em azeite fino (ou vaselina-esterilizada), da gordura que lhe cobre o corpo; lanhae-a, ensabeoa-a; ponde-a 5 m. num banho a 35°, de agua que foi fervida, com um pouco de acido borico (ponde-a sempre enquanto a ferida umbelical não estiver cicatrizada); entao que agua do banho penetre nos olhos e nos ouvidos; entao que agua do banho penetre nos ouvidos (a agua suja pode dar ophthalmia e suppuração do ouvido) lavando o resto numa bacia á parte com toalha limpa embebida de soluçao de acido borico a 2 %; enxugae-a bem e polvilhae-a com talco.

68. Depois de a pesardes, cuidae muito bem do umbigo (para evitar hernias, erysipelas, hemorragias, etc.): embrulhae-a em algodão phenico (ou gaze esterilizada) renovado todos os dias após cada banho até a queda do umbigo (5.º dia mais ou menos). O penso é mantido por uma faixa de flanela apertada moderadamente ao redor do ventre até 6 semanas (para prevenir as hernias umbilicæes).

69. Se após a queda ha ligeira distillação, lavae com cuidado a cicatriz com algodão hydrophilo e sublimado a 4 p. 1.000; se ainda ha odor, polvilhae com pó de aristol; se a distillação persiste, comprimi com os dedos os arredores da cicatriz para saltar o fundo e passeie tinctura de iodo no botão carnudo, que é a causa.

Crianças nascidas antes do tempo ou fracas

70. O debil tem grande tendencia a esfriar-se, pesa menos de 2.500 gr., é inerte, e mais do que nos outros o tubo digestivo e a pelle são os órgãos mais vulneraveis.

71. Embrulhae-o todo em algodão em rama debaixo do vestuario e collocae no berço botijas de agua quente.

72. Se é muito fraco ponde-o assim vestido, prendendo-lhe as mãos (para se não resfriarem ou se despirem) na chocadeira, (que reduz a metade a mortalidade): uma caixa tendo no compartimento inferior esquentadores de gres (ou botijas de agua ou melhor, a electricidade) e no superior uma tampa de vidro para se ver a criança.

73. Mantende regular a temperatura do thermometro que ha dentro desde 25° até 28°, 30° e mesmo 33° — (mas já acima de 26° a criança está em transpiração e não cessa de agitar-se e gritar); detende-vos quando a temperatura rectal subida de de novo pouco a pouco, oscilla entre 36° e 37° e de abaixando até 34° á medida que a criança augmenta.

74. Não mudeis todas as botijas ao mesmo tempo: todas as duas as 2 ou 3 horas mudae 1, 2 ou 3 conforme a temperatura exterior (manter-se-a assim constante a temperatura).

75. Se a temperatura rectal é menor de 26°, ponde a criança num banho cuja temperatura é superior 1.º á da criança, augmentando-a aos poucos até 38°.

76. Tiree a criança, esperando que a temperatura da chocadeira volte á normal, só para alimental-a e vestil-a.

77. Usaie a chocadeira 1, 2 semamas e algumas vezes 6, até que a criança augmente bem, tenha 2.250 gr. e obras nutriaes.

78. Fervei-lhe a roupa. Antes de mamar limpae-lhe a bocca com algodão esterilizado e agua alcalina. Afastae della toda pessoa doente, mesmo de defluxo. Desinfectae a chocadeira, antes de ahi pôr a criança. Dae-lhe banhos quentes com agua fervida (prudencia nas fricções alcoolicas).

79. Quando apparece sclerema (endurecimento do tecido cellular sub-cutaneo, principalmente nos pés, na barriga das pernas, nas coxas) ponde a criança na chocadeira. Para evitar-o: massagens diarias de 5 m. 3 vezes por dia.

80. Se ha cyanose (falta de respiração, tegumentos do rosto azulados e negrejantes, labios violaceos) tiree-a da chocadeira, despi-a, fricçionae brandamente o thorax, suspende-a pelos pés, de cabeça para baixo; mergulhae-a num banho quente sinapisado (v. banhos) e ahi fazei-lhe ligeira massagem, e, se ainda não respira, mergulhae-a 1 ou 2 segundos em banho frio e ponde-a logo no banho sinapisado; podeis fazer isso varias vezes. Depois de reanimada, vesti-a e ponde-a na chocadeira, e agora seria bom o balão de oxygenio. Vigiae a alimentação.

81. Os debeis devem ser nutridos ao seio pela mãe ou pela ama: é uma regra absoluta, sem a menor excepção. Sendo isso impossivel, dae metade leite de jumenta e metade agua distillada com 3 gr. de assucar por 100; ou leite humanizado de Backaus. Pode-se ajudar a digestão do leite com pepsina ou papaina ou dyspeptina (succo gastrico do porco).

82. Quantidade do leite em gr.: no 2.º dia, para crianças pesando respectivamente 1800 gr.-2200 gr. e 2500 gr. — 145, 128, 180 gr.; 3.º dia — 160, 175, 256; 4.º — 210, 226, 295; 5.º — 225, 308, 355; 6.º — 250, 324, 370; 7.º — 280, 335, 375; 8.º — 285, 350, 385; 9.º — 310, 380, 415; 10.º — 320, 360, 425. Nos 10 primeiros dias dae de mamar de 1h. e meia em th. e meia. A partir do 10.º dia, a quantidade igual a 1/3 do peso do corpo e mais 20 ou 40 gr.; quando attinge o peso normal é proporcionalmente menos consideravel.

Banhos

85. Dae banho geral todos os dias, durante o dia, unico nas 24 h. sem prejuizo da limpeza parcial; tepido (34.º, 35.º ou 36.º — use thermometro de banho, não confieis nas vossas mãos) e de curta duração; friccionaes com toalha humida principalmente o peito, e costas (para prevenir as molestias dos orgãos respiratorios); ensaboaes e escovae a cabeça *mesmo quando ha constipação de cabeça*; enxugae-a bem com toalhas aquecidas (para evitar dor de uvidos, constipação de cabeça, etc.). Se ainda assim apparecerem as crostas na cabeça (que, como o usagre fazem soffrer e atrazam o desenvolvimento) untas-as com glicerina ou vaselina e esfregae com escova ou algodão impregnado de oleo de amendoas doces ou untas-as com azeite. Não deixeis ir agua de sabão nas narinas (v. n. 159).

84. Depois polvilhae-a com talco ou uma mistura em partes iguaes de talco e subnitro de bismutho. Se « assarem », ponde algodão cheio de talco nas dobras do pescoço, sovaco, virilhas, nadegas; ponde a criança alguns minutos sobre um cobertor de lã em logar quente, vestida com camisa de flanela, membros livres para se mexerem. A bacia deve ser especial, só della.

85. Quando tem 15 mezes, 2 vezes por semana ponde no banho 500 gr. de sal (fortificante); podeis ajuntar ainda 200 a 250 gr. de folhas de nogueira (adstringente).

86. O banho com infusão durante 1 hora de flôr de tilla com bracteis 100 gr., folhas de lorangeira 40 gr. é calmante, dá-se á tarde, quando a criança é agitada de noite.

87. Banho sinapisado: põe-se um sacco de panno com 75 ou 100 gr. (3 gr. por litro d'agua) de farinha de mostarda no banho que não excederá 35.º e mexe-se durante todo o banho.

88. Quando avermelham as nadegas e os arredores do anus, fazei branda loção com algodão hydrophilo em agua feruida amidonada e cobri-os de vaselina. Se ha escoriações do tornozelo e calcanhar, ponde vaselina, envolvei-as em algodão e predeis as pernas.

89. Quando tendes certeza de que o leite materno defeituoso dá eczema, recorrei ao aleitamento mixto. As erupções de crosta na pelle são em geral contagiosas — predeis as mãos da criança, para não propagar o mal em si propria (sua pelle é muito vulneravel: á menor arranhadura os microbios penetram nas comadas profundas e as inflamam).

90. Sempre que a criança evacuar ou urinar, mudae-lhe as roupas sujas, lavae-a ou limpae-a com panno humido e pulverisae-a com talco. A retirada das materias será muito facilitada pelo deposito, após cada limpeza, de um pouco de lanolina (em

tubo). Desde bem ce-lo acostumae a criança no urinol, pondo-a logo que acorde; com 6 mezes começa a tornar-se limpa.

Vestuario

91. A criança é muito sensivel ao frio, e, a quererdes corrigi-la, pôde ter rheumatismo, bronchites e pneumonias mortaes (a zona de resfriamento da criança é bem maior que a do adulto em relação ao peso: uma de 4 kilos tem 30 dm.² de pelle e um adulto de 70 kilos — 200 dm.², isto é, 17 vezes mais pesado, tem uma área apenas de 6 ou 7 vezes maior).

92. Seu vestuario deve impedir-a de se resfriar e mantel-a (é tão fragil, que, tomando-a no lombo podreis ferir-a, a columna vertebral soffre movimentos de flexão exaggerada).

93. Kil-o, na ordem de vestir: 4.º) camisa de morim aberta atraz (para não obrigar á movimentos que a magoem); 2.º) cinta de flanela, até 2 mezes (para comprimir um pouco o umbigo); 5.º) fralda de linho quadrada, dobrada em triangulo entre as pernas, presas por alfinetes de fralda — para receber as dejecções; 4.º) sobre a fralda, cueiro de flanela descendo 1 palmo e meio abaixo dos pés, com o qual envolveis o tronco (não muito apertado) deixando livres os braços; fixae o cueiro por uma faixa de panno de 12 ou 15 centimetros de largura, deixando livres os movimentos das pernas; si o tempo é frio ou a criança tracea, um 2.º cueiro; 5.º) paletotzinbo de flanela ou de malha fina de lã, abotoado nas costas (mesmo no calor, para evitar affecções pulmonares: a lã é isoladora, preserva da evaporação rapida do suor e dos resfriamentos); 6.º) vestido largo, abotoado atraz e do comprimento do cueiro, de piqué ou algodão lizo ou flabella, conforme a temperatura. Fóra do leite, envolvei-a ainda em chale ou manteleta.

94. Se é robusta, aos 6 mezes, em vez de cueiro um triangulo de flanela com coz. abotoado, parecendo calças e esinha de flanela de coz alto abraçando o tronco; vestido curto e sapatinho de lã.

95. Nos primeiros dias, touca de piqué ou cassa (dispenzavel si tem muito cabelo); para a rua: de flanela no frio e de algodão no calor. Nunca lhe exponhaes a cabeça ao sol (produz fluxões meningeanas).

O somno

96. A criança tem direito ao melhor quarto, no minimo de 27 m.³ por pessoa, bem arejado, claro, bem isolado (a luz não deve ir directamente na criança) e sem iso pôde tornar-se rachitica, escrofulosa, anemica.

O sol, graças a seus raios caloríficos, químicos e luminosos é indispensável à vida; sanha a habitação, matando, quando a luz é prolongada, os microbios e até os esporos; favorece as trocas nutritivas, augmenta a absorção de oxigênio e a eliminação de ácido carbonico. Onde não entra o sol entra o medico.

97. No verão, deixae as janellas abertas todo o dia menos nas horas de muito calor ou vento; no inverno, algumas vezes, tirando-as antes a criança do quarto: as correntes de ar podem provocar males serios e até irremediaveis. Para a transportar alguns usam a pasta; o fundo é um travessetei guardado de feltro e a coberta é presa por fitas. As crianças não deveriam dormir nos quartos onde ficam durante o dia (teria então 2 quartos). Reduzi ao minimo a mobilia do quarto, que deve ter a temperatura de 16° a 18°.

Suas trocas respiratorias, relativamente ao seu pequeno tamanho, são bem superiores ás dos adultos.

98. Preferi a luz electrica e, na falta, a vela; o foco luminoso fóra do dormitório, mas que os raios de luz ahí penetrem.

O gaz, o kerosene e o aceite viciam o ar, espalham um mau cheiro e podem causar incendios e explosões. — Um menino produza por hora 10 litros de ácido carbonico; um rapaz, 17; um adulto em repouso, 30 e em trabalho, 36; a vela, 15; lampada de kerosene, 58; bico de gaz, 90. — As velas de sebo produzem acroleina, queimando glicerina, muito irritante; o kerosene — ácido sulphurico; o gaz — impurezas sulphurosas, amoniacas e de terra oxydo de carbono, que dá anemia, e, asphyxia, sendo muito. — No Brasil a elevada temperatura externa prejudica o renovamento do ar por diminuirem as diferenças de pressão que fazem as correntes de ar.

99. Tapetes e tapeçarias são ninhos de microbios, impedem o renovamento do ar e a limpeza do soalho; as cortinas lavaveis e bem abertas podem ser uteis, moderando a luz do sol.

100. Não empapeleia a parede (a não ser com lincresta, telha, salobra, impermeaveis á agua e lavaveis); conviria a pintura lavavel e linoleo no soalho (para as passadas ricas). Passae pano humido no soalho em vez de varref-o.

101. Nos 31.º dias evitae ao recém-nascido a luz muito forte, a que depois o ireis habituando aos poucos. A luz nunca deve vir de lado, porque entorta os olhos, mas sim de frente ou de costas.

102. O berço nunca será de balanço. Preferi o de ferro, alto (para evitar os animais domesticos), de malhas abertas para a passagem do ar. O colchão ou dous colchões, de palha de mi-

lho bem ripado, de milho alvo, de crina vegetal (e não de penas ou lá, que são quentes). A roupa — de algodão; as cortinas — de lavar e ralas que evitem as moscas.

103. Cobri o interior do berço com um pano branco de piquê; ponde sobre o colchão: lençol, panno de tolie, quadrado de feltro ou de tecido impermeavel (para as sujeiras) e outro lençol.

104. Renoveae sempre as roupas e resguardas; bastei e exponde ao sol diariamente os colchões e almofadas.

105. Deitae a criança de lado (de costas, se tomata, pode suffocar-se) alternando os lados (para evitar a deformação do crânio), a parte superior do corpo mais elevada, a cabeça e o alto do peito descobertos, as coberturas presas sob o colchão.

106. Não a embaleis, nem lhe deis pancadinhas nas costas para a fazerdes dormir ou calar-se. Não a distraiaes com gritos, choques e sacudidelas.

O sono deve vir naturalmente e não pela hypnose da cantilena ou dos movimentos rythmicos. Os movimentos provocam vomitos, perturbam a digestão, e o cerebro tenro, podendo dar meningite ou outras perturbações graves.

107. A criança deve sempre dormir sózinha no berço (e não com a mãe que pode suffocal-a), no meio do barulho normal da casa (menos gritos, pancadas fortes, etc. que a assustam e podem occasionar desarranjos nervosos, convulsões, etc.) Não a adormeçais nos braços.

108. Não a deixeis sempre no berço: carregae a, quasi verticalmente, mas não cedae a todos os seus caprichos, ao seu menor grito.

109. Habituae-a a dormir regularmente, ás 7 ou 8 da noite. Regrar a alimentação é o melhor meio de obter um sono calmo e profundo. Não dorme bem quando não está enxuta, tem fome, frio, e magoada por insecto, alfinete, fita apertada. No frio ponde 1 ou 2 botijas de agua quente no berço, sem contacto com o corpo. Para evitar a insomnia — passeio á tarde e banho morno antes de deitar, deixando-a um momento despida e livre.

110. Sono agitado: interrompei-o e procurei a causa: insufficiencia de alimentação, má digestão, colicas; se nada disso, desconfiae do nervosismo hereditario e dae calmantes (só a conselho medico) bromureto ou chloral (nunca preparações opiaceas). Se é desmamada, vigiae a alimentação da tarde e os liquidos, causa frequente de agitação, suores e terrores nocturnos.

Passeios e brinquedos

111. É bom para a criança e indispensável para a mãe passear diariamente; pôde sair no fim de 15 dias; no inverno, ou tempo frio, no fim de 6 a 7 semanas.

112. A principio, meia hora; mais tarde prolongae o mais possível, sem imprudencia: não saia com chuva, vento, tempo frio ou humido (para evitar affecções das vias respiratorias); no verão, só de manhã e de tarde; no inverno — no meio do dia; quem a carrega não deve sentar-se, se a temperatura não excede 15°. Não a despaís logo após a entrada: tire-lhe as roupas pouco a pouco.

113. Pequeninac, leve-o só nos braços, sob o chaile ou manta; mais tarde em carrinho de rodas optimas em chão suave (as extremidades dão vomitos e perturbações nervosas do estomago); sempre bem abafada e, quando não faz muito calor, uma botija de agua quente no carro.

114. Evitae as agglomerações de crianças (por causa da poeira). Raro é o baile infantil que não dê epidemia de: tosse comprida, sarampão, diptheria. Estrea e a varicella, as parotidas e a escarlatina (a 1.ª manifestação é catarrho das mucosas nasal, pharyngea, laryngea, ocular, e suas secreções ficam exaggeradas) passam pelo beijo entre ellas, no rosto ou labio, e pelos apertos de mão. A syphilia e a tuberculose passam nos beijos dos adultos para as crianças.

115. Usee só brinquedos lavaveis, solidos e incolores. Evitae os de cobre, chumbo e outras substancias venenosas, os coloridos com anilina ou chumbo; os enjoo; os de limpeza difficil; os que podem ferir, ser destruidos, abertos, engulidos (botões, moedas, sementes, fragmentos de casca de pão e biscoitos amolecidos); os que provocam a sucção inutil; os cobertos de pelle ou penas; a boneca de marmelada, as-ucar ou pão.

O andar

116. No 7.º ou 8.º mez a criança pode engatinhar no tapete ou linoleo e no 9.º ou no 10.º dará os 1.ºs passos. Não a obrigue a andar: ella deve andar espontaneamente e sem auxilio.

As crianças nutridas no seio andam a 12, 14 mezes; as de mamadeira ou de alimentação solida precece a 18, 24 mezes e mais atada; as de meninas mais cedo que os meninos. Causas de atraso: rachitismo ou outras doenças do esqueleto, hydrocephalia, paralyza infantil, sclerosis cerebrae.

117. Desde que anda, é bom, cedo e á tarde, friccionar-lhe as pernas, rins e costas com agua de Colonia; e, 2 vezes por semana, dar-lhe um banho algado.

118. Quando indica o momento favoravel para os 1.ºs passos, fazendo esforços para se erguer, ponde-a num grande cesto de vime rectangular

Pantagens: Apenas a força muscular se desenvolve e os membros enrijem, agarrar-se ás bordas do cesto, levanta-se e passeia em volta, apoiando-se nas bordas. Se cae, a queda é amortecida pelo cobertor que o forra. Prisioneira, fica subtraída aos accidentes da falta de vigilancia. Desenvolve os braços, o peito, tronco, pois faz gymnastica com todo o corpo. Pode ser levada no cesto ao ar livre, ao jardim e estar sempre junto da mãe.

119. Evitae: 1.º a precocidade dos 1.ºs passos (produz as pernas tortas, defeitos na conformação dos pés, attitudes viciosas das costas); 2.º o cansaço; 3.º as 1.ºs sessões devem ser curtas; 4.º os traumatismos causados pelas quedas ou pelo mau costume de segura-la pelo braço.

120. O systema de engatinhar, erguer-se e andar, apoiando-se em cadeiras, etc., é bom, mas não evita as quedas dolorosas. São maus: o de segura-la com as mãos (não dá logar ao esforço da criança); o de segura-la por uma das mãos (produz deslocamentos ou fracturas no pulso ou no braço); o de carrinhos de empurrar, dos cestos de vime onde se enfia a criança (comprimem o peito e deformam as pernas, obrigando-a a conservar-se de pé quando o cansaço e a fraqueza dos ossos e dos musculos já o não permitem).

121. Quando principia a segurar-se sentada — entre 6 e 9 mezes — pode sentar-se só meia hora (para evitar desvios da columna vertebral, de formações do peito e perturbações digestivas) numa cadeira fechada na frente por uma travessa, pés da cadeira bem afastados e uma travessa para repousar os pés da criança.

Vaccinação

122. Para evitar ou atenuar a variola, vaccinae a criança sempre antes de 6 mezes ou entre a 4.ª e 6.ª semana e, em caso de epidemia, nos 4.ºs dias (até no 4.º); no entretanto convém esperar que ella volte a seu peso de nascimento, mamae bem e tenha normaes suas funcções.

123. Convem não vaccinar durante: qualquer indisposição, o trabalho de dentição, o desmamar, os grandes calores. Espetiae que se cure de eczema, ecchyma, impetigo (quando os tem), mas sendo necessario, vaccinae, cobrindo de um penso oclusivo para evitar a auto-inoculação. Não vaccinae, havendo epidemia de erysipela.

124. Vaccinae no braço (e não na perna e coxa) o mais possível (não mais baixo que a inserção do deltoido). Antes,

enabone-o, lave-o com agua fervida, alcool ou ether (não antiseptico, que destróem a vaccina); fervei ou passeae pelo fogo as pennas metallicas ou lancetas; estirae a pelle com a mão esquerda, ponde a vaccina e atravez desta fazei uma picadura (que é melhor) de 4 ou 2 mm. sob a epiderme ou scarificadura (menos dolorosas) superficiaes, parallelas ou em cruz, 2 ou 3 em cada braço; não façais sair sangue.

125. A coceira apparece muitas vezes no 7.º dia; ponde pó de amido ou vaselina boricada; si as picaduras se rodeiam de vermelhidão diffusa — cataplasmas frias de teculas de batatas preparada ou não com agua boricada. Entre o 15.º e 30.º dia cae a crosta.

126. Evitae: 1.º que um raspão ou pancada augmente a inflammção; 2.º que a materia vá aos olhos pela roupa ou dedos. O penso antiseptico deve ser indicado ou feito pelo medico que vaccina.

127. Se não pegou, revaccinae dahi ha um mez. — A immuniçãe começa do 6.º ou 7.º dia; não é definitiva: vaccinae de 5 em 5 annos.

Dentição

128. Os dentes apparecem mais ou menos de 3 em 3 mezes: Os incisivos medios aos 6 mezes e os lateraes aos 9; os 1.º molares pequenos aos 12; as presas aos 15; os 2.º molares pequenos aos 18.

129. Quando a criança tosse, emmagrece, tem diarrhea, nem sempre é devido a dentição: vêde a causa e tratae-a. A dentição não provoca convulsão, broncho-pneumonia, nem gastrite, mas alguns accidentes.

130. Accidentes geraes (que cedem á saída dos dentes): agitação, corrimento seroso nasal, vomitos, diarrhêa, erupções (mais cuidado no regimen alimentar); febre com agitação e insomnia (prolongado banho morno de tília á noite ou bromureto de potasio ou sodio, 0,30 ctgr. em 4 vez numa colherada de leite na ultima refeição da tarde). Accidentes locais: prurido dentario; congestão, tumefacção, dôr das gengivas — os cuidadores da bocca os impedem ou atenuam (v. n. 14); alguns usam (para exercitar as gengivas) o chupador de marfim ou osso para a criança morder (por ser duro, outros o substituem pelo bastão de malvaesico); alguns medicos scarificam a gengiva com bisturi, mas outros temem que a abertura se feche e se infecte; contra a dôr — xarope de Delbarre, Vigier (ou: Borato de soda 1 gr., Mel rosado 30 gr. — estender com algodão) que se une á fricção branda da gengiva com o dedo, varias vezes por dia.

131. Havendo inflammção violenta das gengivas e da bocca, aphtas, perturbações digestivas graves, convulsões — chame o medico. Nas doencas agudas, febris, limpae a bocca e os dentes com solução alcalina.

132. Se os dentes são prematuros — ponde ponta de esbo no seio da mãe. Para dentes atrazados — ar, banhos salgados, phosphato de cal e tratamento do rachitismo.

133. Para prevenir a carie (porta de entrada da tuberculose) vigiae os dentes de leite; tire os residuos alimentares; escovae a face anterior e posterior dos dentes; lave a bocca após as refeições por meio de agua com um pouco de borato de soda; não useis dentifricios e nem lavagem com sabão: evitae alimentos acidos (fructas acidas) ou que soffrem fermentações acidas (xaropes, bons-bons, confeitos, doces).

134. Mandae examinar a bocca todos os 6 mezes e após cada affecção. Havendo carie — obturaa a: poucas extracções, mas conservação até a erupção dos dentes definitivos (para evitar irregularidade de collocação dos novos dentes).

Doencas

135. Fazei analyse das urinas 2 vezes por anno. Vêde se as roupas são carregadas de saes, são ictericas ou sanguinolentas.

136. A temperatura da criança é cerca de 37° e eleva-se no defluxo, digestão penosa, fermentações intestinaes. Applice systematicamente o thermometro medico, de mercurio: deitada a criança sobre um lado, levantae a nádega opposta e introduzi 3 minutos a cuba de mercurio untada de vaselina; limpae o th. com agua boricada fria ou em solução de sublimado (4 gr. por 1 litro de agua).

137. Para doença ligeira remedio caseiro. Se apparece agitação ou abatimento consideravel, febre, vomitos repetidos, tosse rouca ou outros symptomas serios: 1.º) chamae o medico; 2.º) arelje o quarto, muda as roupas, cuidae do asseio do corpo, etc.; 3.º) evitae remedios activos, como os contra lombrigas, vomitorios, etc., sem ordem medica.

138. Se a indiçãe é subita (queimadura, ataque de falso croup, convulsão) convém estardes preparada com: os primeiros socorros até o medico chegar: 1.º) um frasco de ether; 2.º) sinapismos Rigolot; 3.º) uma solução de acido picrico composta de 4 litro de agua fervida e 2 gr. de acido picrico; 4.º) um pacote de algodão iodoformizado e outro de algodão phénico; 5.º) ligaduras de linho ou de algodão.

139. Deffluxo. Causas: resfriamento (corrente de ar, passeio em dias húmidos e chuvosos) e introdução de agua de sabão nas narinas; se chronicas: fossas nasaes estreitas, vegetações adenoides; na 2.ª infancia: escrofula, lymphatismo, etc. — Envolvei pés e pernas em algodão em rama recoberto de tafetá gomado; oleo quente na parte media da testa, entre as sobrancelhas; com palito, ponde vaselina boricada na entrada do nariz, force a cabeça para traz e para baixo até a vaselina derreter e entrar.

Se é grave e não deixa mamar, ponde ainda uma vasilha com agua quente perto da criança; fazei-a respirar o vapor alguns minutos (repeti quantas vezes precisardes). Se é constipação ligeira, sem febre nem abatimento — permanencia no quarto e algodão em rama como acima.

140. Inflamação de garganta. Esta e o deffluxo dão quasi sempre bronchite e pneumonia. — Dae bebidas quentes, pedilúvios, sinapismos na parte média do peito; em casos graves, vomitorio de ipeca; accessos de tosse — umas gottas de tintura de belladonna e aconito. — Toda inflamação de garganta suspeita — pinçada com agua boricada ou sumo de limão puro, até vir o medico.

141. Croup (geralmente dos 2 aos 5 annos). A criança no 1.º ou 2.º dia da molestia (ainda é diptheria) fica ligeiramente indispuesta, queixa-se de insignificante dor ou de embarraco na garganta, mas continua a brincar: do 2.º para o 3.º dia a voz é rouquenha, de repente, a respiração se torna difficil, a criança levanta a cabeça, estira o pescoço, encho-se de suor, anseia.

Sempre que se queixar da garganta, examinae se os ganglios debaixo do queixo estão augmentados; depois outra pessôa atrás lhe fixe a cabeça com as 2 mãos; abaixae-lhe a lingua com o cabo de uma colher e, se ha pontos brancos no fundo da garganta é provavel o croup: correi ao medico, pois nesse periodo é quasi certa a cura com injectão de serum anti-diptherico. A demora obriga á operação e pode trazer a morte.

142. A bronchite (inflamação dos bronchios, começa por um deffluxo, parece contagiosa e pôde transformar-se em b. capillar e em broncho-pneumonia. Na b. simples a criança não excede 38°, tosse, mas não revela dor e respira bem — permanencia no quarto a 18° (não menos) renovae o ar, mas evitae resfriamentos; dae banho tepido, esfregando o peito e as costas com panno embebido na agua do banho; enxugae-a com presteza, envolvei-a em roupas quentes, cobri com cobertor, leve-a ao leito, dae-lhe bebida quente (infusão de polygalas, violetas, etc., pura ou com x.º de tolu) com gottas de eugnae (para su-

doração). São condemnados: vesicatorios, tintura de iodo, oleo de croton (ulceram a pelle e os microbios entrarão). Mudae a roupa suada, vestindo outra anteriormente aquecida. Sendo muito joven, mudae-a muitas vezes de posição. — Quando o b. está sarando, a tosse se torna catarrhenta: dae vomitivo de ipeca para expellir o catarrho. — Se a temperatura tende a subir, a respiração é difficil, a tosse secca, pigarrenta, é que se agrava a doença: chamae o medico.

143. Collicas: vigilancia no regimen da criança ou da ama; mantendo calor no ventre: algodão em rama e cataplasmas de linhaça regadas ou não de laudano; fomentação no ventre com oleo de macella camphorado, ou banhos calmantes de tilia 5 a 10 m. a 36°.

144. Diarrheas ligeiras: vigilancia no regimen da ama, na esterilização do leite, na limpeza e cuidados da mamadeira; accrescentae mais agua ao leite. Se dura mais de 4 dia, chamae o medico.

145. Prição de ventre: massagem do ventre 5 m. todas as manhãs, passando circularmente a palma da mão untada de vaselina ou talco com pequena pressão; introduzi no recto uma sonda molle de Nellaton n. 18, ou um thermometro untado de vaselina, ou suppositorio de cacao; ou dae-lhe clyster de agua salgada (60 gr. nos 6 1.º mezes, 4 colheres de sopa; 100 gr. até 1 anno; 150 gr. depois; a agua é fervida) ou de agua com azeite; para não habituar-se ao clyster ou suppositorio, variae-os ou dae alguns dias uma colherada de magoeira inglesa num pouco de leite, antes da refeição da tarde, ou dae lactose, em agua fervida, tepida muito assucarada, ou dae mel, antes de mamar. — Se o leite materno é insufficiente, dae uma mamadeira de leite de vacca.

Para criança de mamadeira, dae agua lactosada a 40%; a nata pode ser util; evitae o excesso de alimentação. Se tem mais de 9 mezes supprime, o ovo ou creme de arroz, ás vezes, basta. Não deis antes de 8 mezes xarope de chicoria, ruibarbo, mannã ou oleo de ricino; nenhum purgativo sem ordem medica.

Se a digestão é difficil, ajuntae ao leite um pouco de agua de Vichy, de Vals, ou 1 colher das de café de agua de cal ou uma polegada de bicarbonato de sodio por mamadeira.

146. Queimaduras. Não levanteis a pelle; mergulhae a parte queimada numa solução de acido picrico a 2 p. 1.000 ou banhae-a com algodão embebido nessa solução; cobri a parte com gaze iodoformizada e algodão phenico.

147. Ataque de falso croup. É um ataque subito, de suffocação com tosse rouca e respiração sibilante, geralmente de

noite e no meio da melhor saúde apparente ou no decorrer de ligeira constipação. Enquanto não chega o medico: 1.º applica-se sobre o pescoço, na frente, esponja embebida em agua muito quente, renovada cada quarto de hora, ou cataplasma de linhaça; 2.º fazei a beber leite ou tisana muito quentes. Repouso e silencio. Acabado o accesso, um vomitorio de ipecá.

148. Convulsões. A criança perde de repente os sentidos; os olhos tornam-se fixos primeiro e depois agitam-se em movimentos desordenados; o rosto torna-se azulado, contorcione-se; a bocca espuma; o pescoço enteza-se e o corpo fica rigido; os braços agitam-se em movimentos sacudidos e torcem-se de diferentes modos; as pernas tornam-se rigidas.

Despi-a immediatamente, dae-lhe ar, mergulhae a num banho muito quente (de tilia ou valeriana) 10 a 15 m. enquanto lhe molhae a cabeça com agua fria ou vinagrada por meio de uma esponja. — Enquanto se prepara o batho, fazei-a respirar umas gotas de ether num lenço e applicae-lhe sinapismos Rigolot nas barriga das pernas (alguns o prohibem, pois pôde dar nova convulsão). Acabada a convulsão, se é devida á prisão de ventre, dae clyster de agua e azeite (ou de 4 ou 2 côpos de agua morna e 1 colher das de sopa, de sal grosso — ou 3 a 4 de oleo ou 3 a 4 de glicerina); se é indigestão, provoca o vomito com penna de gallinha ou dedo na garganta. Dae bromureto de potasio, a conselho medico.

O ataque só se considera terminado após uma abundante crise urinaria. Depois, calma absoluta; dieta hydrica, só retomar a alimentação após algumas horas. Criae a criança no isolamento, silencio, velae pelo bom estado do tubo digestivo (nem prisão de ventre nem indigestão); evitae-lhe as emoções, os excitantes (sinapismos, vesicatorios, banhos salgados, de mar, sinapismos, sulphureos, chá, café etc.).

Causas predisponentes: a idade — mostram-se nos 6 primeiros meses, são frequentes até 2 annos, depois raras e desapparecem aos 7; a herança neuropathica, auxiliada pelo alcoolismo, syphilis, tuberculose (para estas criancas tudo pôde causar convulsão); rachitismo, syphilis, tuberculose, escrophula, impaludismo, perturbações gastro-intestinaes.

Causas occasionaes: dentição dolorosa; indigestão (alimento demais ou grosseiro); vermes intestinaes; polypos do recto; atresopia; orificio herniario; hernia; picada de alfinete, quicadura, vesicatorio; emoções; terraeas; queda com a cabeça; angina; escarlatina, sarampo, variola, impaludismo, começo de paralyisa infantil, alcool no leite da ama, azido de carbono, fructo de belladonna, leite de vacca; poço alcoolizada, opio, bromoformio, acido phenoico, iodio, extracto de feto uschu, chumbo, santonina, strychnina;

pneumonia, broncho-pneumonia, croup, laringite, estrivosa, laryngo-spasmo, quinta de coqueluche, corpo estranho nas vias respiratorias ou no ouvido; crises nas doenças cardiacas congenitas, nephrite, uremia, calculos renaes e vesicaes, otite média suppurada, etc.

A syphilis nas crianças

149. Não acceiteis por esposo ou esposa uma pessoa que não se sujeite a exame medico, provando que não tem tuberculose, syphilis, em phase de virulencia, alcoolismo habitual, epilepsia, lepra, cancer ou varias formas de loucura, molestias essas que desgraçam a descendencia.

Quem se casa, sabendo-se syphilitico, é um criminoso, pois deixa uma herança maldita; filhos fracos, rachiticos, degenerados, monstros, quando não nascem mortos; a syphilis não poupa um organ sequer; ha syphilis do systema nervoso, do apparelho respiratorio, urinario, digestivo, glandular, etc.; não se deve considerar só a da pelle ou das mucosas; ha febre syphilitica, hysteria de origem syphilitica, anemia syphilitica. O intervalo indispensavel entre a infecção syphilitica e o casamento é de 3 a 5 annos de tratamento rigoroso.

A syphilis pôde ser transmittida num côpo, numa navalha, etc., e a pessoa ignorar que é doente, por ter apparencia sadia; o proprio exame do sangue não a descobre (a reacção de Wasserman falha em 50 %).

150. Eis alguns signaes da heredo-syphilis nas crianças: nasce fraca, tem erupções na pelle, ás vezes sob a forma de bolhinhas nas mãos, pés ou articulações (pemphigus). A's vezes são gordas, rosadas, e d'ahi a 2, 3 ou mais mezes tem um defluxo renitente (coryza), ou chora continuamente, dois symptomas de syphilis.

Quanto aos dentes: são signaes de syphilis na criança todos os dentes anões ou dois anões entre outros normaes; falha de um ou dois caninos, de um a dois incisivos lateraes, que ficam dentro das gengivas; deslocação de dentes para dentro ou para fóra da linha dentaria; dupla linha de dentes; dentes estriados, caninos bifidos, incisivos pontudos em lugar de cortantes; a parte cortante do incisivo cavada em forma de U; ausencia de dentina (incisivos em forma de chave de parafusos), molares rochosos no plateau; muitas cúspides nos grandes molares, dando o aspecto de flor; eminencia mamillar supplementar, pouco pronunciada, de forma redondada na face interna dos primeiros grossos molares superiores. — Em caso de suspeita de syphilis leveis vosso filho ao medico.

O ensino da musica pelo processo analytic

A applicação do processo analytic ao ensino da musica é uma novidade sómente para aquelles que não acompanham de perto o progresso pedagogico dos paizes adiantados.

Ha alguns annos, lemos um artigo do Sr. P. Landormy, conceituado pedagogista francez, publicado no volume I da *Revue Pédagogique* de 1905, em que resume perfectamente o processo que o illustre professor Cardim, com feliz resultado, pôz em pratica nas Escolas que com proficiencia dirige.

Julgamos oportuna a traducção desse interessante artigo justamente na occasião em que se cuida de estender a applicação desse processo aos nossos grupos escolares, conforme preceitua o novo programma vigente.

E' pena que, tal processuação exija, da parte do mestre, predicados extraordinarios: só pôde empregar, com exito, esse processo um maestro ou um professor que tenha ouvido educado e bons conhecimentos musicaes. Por isso, em poucos grupos o resultado obtido poderá equiparar-se ao que se admira na Escola Modelo, na qual prelecciona essa disciplina, com incansavel ardor, o maestro João Gomes.

Eis como pensa o citado autor que se deve ensinar musica vocal aos alumnos do curso preliminar:

« Começa-se por ensinar-lhes canções populares muito simples. Quando as souberem bem e acharem prazer em cantal-as, procura-se guial-os progressivamente no aperfeiçoamento de seu canto. Pede-se-lhes que não gritem, mas emittam sons puramente musicaes, sem forçar a voz, nem deixal-a desfallecer, com rythmo e, todavia, sem dureza. Recomenda-se-lhes que ouçam o canto dos mais afinados e escutem uns aos outros, quando cantam em conjunto, para que produzam uma toada agradável e não insupportavel ruido. Sendo possivel e necessario, dá-se-lhes o exemplo: imitam-se primeiro suas faltas, depois procura-se cantar bem, sem arrastamento da voz, sem elevações repentinas, sem enfraquecimento. Esforça-se em fazel-os comprehender que cantar bem é uma arte e que se pretende exercita-los nessa arte, na medida de suas forças. Assim, interessam-se não sómente pelo que cantam, mais ainda pela

maneira como cantam, e a musica lhes apresentará debrado attractivo.

Até aqui nenhum estudo de solfejo, nada de technica, nada de theoria; fez-se appello unicamente ao seu instincto musical, ao seu gosto natural.

Essa primeira educação do ouvido reclama os maiores cuidados. E' preferivel não manda-los cantar, a permittir-lhes a illusão de que se exercitam em musica, quando se entregam a um esforço muscular brutalemente *escovado*, cuja violencia é o fim unico, o unico interesse.

Quando o ouvido dos alumnos tornar-se mais sensivel ás bellezas musicaes, inicia-se o aprendizado do solfejo, mas por meios bem differentes dos que se empregam de ordinario.

Um dia em que pareçam dispostos á attenção, escolhe-se o mais simples de todos os cantos aprendidos; escreve-se a sua notação no quadro parietal e pede-se-lhes que o entoeem de novo olhando para essa notação, ainda de nenhuma significação para elles, mas, da qual seguem necessariamente o desenho ao ler as palavras escriptas sob as notas.

Então faz-se-lhes notar que, cada vez que a voz se eleva ou se abaixa, a linha das notas eleva-se ou abaixa-se igualmente. Nisto se resume a primeira lição de solfejo; já aprenderam bastante nessa lição. Nos dias subsequentes contenta-se em fazel-os observar, com o auxilio de outros exemplos, que ha sempre correlação entre o gráu de elevação da voz e a posição na pauta dos signaes representativos dos sons.

Agora, annota-se no quadro todo o canto novo dado á classe. Certamente, por si já conseguem descobrir ou adivinhar algumas cousas que se pretendiam ensinar-lhes. E isso tudo, aprendem com prazer e muito bem, por que as aprenderam com seus proprios esforços.

Tempos depois, abeira-se de um assumpto mais difficil: applica-se-lhes que, no canto, não se eleva a voz de um modo continuo, não se imita a sereia dos vapores, o apito das locomotivas, nem o zunido do vento através das fendas de portas e janellas, porém, salta-se de um som a outro, sem transição. Esses saltos são mais ou menos longos, segundo os casos. Os menores constituem os gráus do que se chama a escala, e são esses gráus que representam as notas sobre a pauta.

E' claro que se não distinguem ainda os tons e a-mittones, a tonica, a dominante, etc., e já se fica muito satisfeito de terem reconhecido que, quando a voz sobe ou desce um gráu, as notas que, representam os sons emittidos, estão juxtapostas na pauta musical. Nova série de exemplos a dar e experiencias a fazer.

Os alumnos já sabem o bastante, não para decifrar um novo canto, mas para reconhecer, pela leitura, o texto de um novo sabido, para distingui-lo do de outro canto.

Pouco a pouco, procedendo-se sempre pela *analyse* de peças musicas familiares a seus ouvidos, consegue-se explicar-lhes o sentido de todos os signaes usados para indicar a altura, a duração dos sons: faz-se-lhes observarem que ao cantar « Au clair de la lune » demoram duas vezes mais tempo na quinta nota do que em cada uma das quatro primeiras e ensina-se-lhes assim a distinguirem as colcheias das seminimas. Noutra occasião, fala-se-lhes na minima e na semibreve.

Quando as principaes questões do solfejo forem tratadas assim, partindo-se do concreto, é util então resumir os conhecimentos adquiridos numa exposição synthetica e abstracta das regras da notação musical.

Comtudo não se deve esquecer que essas regras não apresentam sentido algum, uma vez que se não observaram os factos musicas de que são a traducção em signaes graphicos.

Um alumno que canta com justeza, com rythmo, não sabe o que é um compasso nem um intervalo; nada se adianta em mostrar-lhe como se nota, com os olhos, os intervallos, se não se começou por attrair-lhe a attenção para os processos naturaes de sua arte instinctiva.

Em summa, em quanto muitas vezes se ensina primeiramente aos discipulos os signaes de uma linguagem que ignoram ou que mal baluciam, pedindo-se-lhes — coisa incrível! que traduzam esses signaes nessa linguagem — deve-se, pelo contrario, exercita-los antes em falar bem a linguagem musical, para depois revelar-se-lhes os signaes convencionaes. Em seguida, convida-se-lhes a reconhecerem certas phrases musicas, pela sua notação, a traduzir cantos, pela sua representação figurada, enfim, chega-se a mais difficil das verções, a que consiste em restituir aos signaes escriptos seu sentido musical.

Ha, pois, uma revolução a operar-se no ensino da musica vocal, revolução analoga a que se effectou no ensino das linguas vivas: a pratica deve preceder e preparar a theoria.

Conbe ao professor Cardim a gloria de tornar uma realidade essa imprescindivel e urgente modificação.

Em vista dos brilhantes resultados evidenciados, sobretudo no 4.º anno da Escola Normal Primaria, não pôde pairar mais duvidas em nossos espiritos, de que essa é a verdadeira trilha, que d'ora avante devemos palmilhar, para o bom ensino de tão agradável e educativa disciplina.

S. Paulo - 41 - 3 - 1919.

C. F.

PEDAGOGIA PRATICA

LINGUAGEM ESCRIPTA

III

O ensino da lingua materna deve ser o mais pratico possível. Nada de theorias superfluas ou grammatiquices descabidas. O ideal, nesta disciplina, é alliar os varios exercicios ás multiplas necessidades da vida quotidiana.

Tal valor consagro ao ensino de REQUERIMENTOS, OFFICIOS e PROCURAÇÕES, indispensaveis a todos que se queiram dirigir por si na sociedade, que que adoptei no grupo escolar « Dr. Padua Salles » de Jahu a obrigatoriedade destes documentos nas classes de 4.º ANNO.

Eis como se deve proceder, para tornar o estudo mais attractante: falta um alumno á aula — tem elle que requerer á autoridade competente (neste caso o director do estabelecimento; nas escolas isoladas o respectivo professor) a justificação das suas faltas, acompanhando a sua petição de um bilhete, devidamente assignado por seus paes ou tutores.

MODELO DO REQUERIMENTO

Ilmo. Sr. Professor Oscar Leme Brisola D. D. Director do Grupo Escolar « Dr. Padua Salles ».

Antonio Carlos, alumno do 4.º anno deste estabelecimento de ensino, tendo deixado de comparecer ás aulas nos dias 22 e 23 do corrente mez, por motivo de molestia em pessoa de sua familia, conforme prova com o documento junto, vem, respeitosamente, solicitar de V.ª S.ª a necessaria justificação das referidas faltas.

Nestes termos,

P. deferimento.

1\$500

Jahú, 25 de Setembro de 1919
E. S. Paulo
Antonio Carlos

O bilhete do pae poderá ser concebido mais ou menos, nos seguintes termos :

Jahú, 25-9-916.

Ilmo. Sr. Director :

Communico-vos que meu filho Antonio Carlos, alumno do 4.º anno desse estabelecimento de ensino, deixou de frequentar as aulas nos dias 22 e 23 do corrente por motivo de doença.

Do Am.º e Cr.º Obr.º
João Carlos.

No segundo semestre, a justificação de faltas passará a ser solicitada por meio de OFFICIO.

EXEMPLO

N. 4

Jahú, 25 de Outubro de 1916.

Ilmo. Sr.

Tenho a honra de encaminhar-vos o incluso documento, solicitando justificação das faltas que eu déra nos dias 21 e 22 do corrente mez por motivo de força maior.

Aproveitando-me da oportunidade, apresento-vos os meus protestos de estima e consideração.

Elza Carvalhas

Ao Ilmo. Sr. Prof. Oscar L. Brisola D. D. Director do Grupo Escolar «Dr. Padua Salles».

Uma vez que já saibam fazer os precedentes exercicios, independentemente de qualquer intervenção estranha, passar-se-á a um exercicio ainda mais interessante — a PROCURAÇÃO.

O alumno, que faltou, coratitas, dentre os collegas, um procurador para solicitar da autoridade competente a justificação das suas faltas.

MODELO DA JUSTIFICAÇÃO

Pela presente justificação, por mim feita e assignada, constituo meu bastante procurador nesta cidade de Jahú, ao sr. José Soares, para o fim especial de solicitar do Director do Grupo Escolar «Dr. Padua Salles» a justificação das faltas que eu déra nos dias 1, 2 e 3 do corrente mez. Para o que lhe concedo amplos e geraes poderes, mesmo o de substabelecer esta, si preciso fór.

2\$000

Jahú, 4 de Julho de 1916
Antonio de Oliveira
Federal

300 rs.

Reconhecimento da firma

Estado

Estes trabalhos poderão ser feitos, indifferentemente, — ou nas aulas de LINGUAGEM RECEPTA ou mesmo nas de EDUCACAO CIVICA — porquanto, a nosso vêr, lingua e patria são entidades indissolaveis.

Entretanto, se os alumnos já souberem guisar-se por si, poderão fazê-los em casa, poupando assim maior serviço aos professores e collaborando mais eficazmente na formação da sua personalidade.

Jahú, Março de 1917.

Oscar Leme Brisolla.

DISCIPLINA ESCOLAR

IV

Uma das grandes dificuldades a vencer nos grupos do interior é a falta de frequência methodica ás aulas dos estabelecimentos.

A molestia existe. Vejamos as suas causas e as raizes do mal, para applicarmos, com segurança, remedios efficazes. As causas faltam, — ou por incuria dos paes, que as abandonam á lei da natureza; ou porque necessitam dos seus serviços em casa; ou porque desejam explora-las, arranjando lhes um emprego em tão tenra idade; ou porque fogem por falta de estimo e amor á escola, ou, finalmente, por motivo de molestia. Este é o unico plausivel e justificavel. Tenho observado na direcção do grupo escolar «Dr. Padua Salles» de Jabú, á cuja testa me encontro desde Setembro de 1914, o pouco interesse de alguns paes em auxiliar-nos em nossa espinhosa missão educadora; tenho recebido pedidos escriptos ou verbaes para que dispense este ou aquelle alumno para ajudar sua mãe nos serviços domesticos, auxiliar o pae no armazem, ir buscar jornaes á estação, etc.; tenho visto meninos fugirem, vergonhosamente, ás aulas, em companhia de garotos, para tomarem banhos nos rios ou chuparem laranjas nas chacaras; tenho presenciado tambem o pouco caso de alguns professores em relação á frequência de sua classe, e a sua falta de esforço e boa vontade em tornar agradável e atrahente o ensino que ministram.

Dizem mesmo muitos delles, desabuzadamente, que «o magisterio é um meio de vida, não um meio de morte».

Por tudo isto, e por mais alguma cousa, é que não temos a frequência que deveriamos ter.

Além disso, directores ha que difficultam enormemente o problema, prohibindo, terminantemente, a frequência de alumnos descalços, embora limpos e asseadaes. Sejamos menos rigoristas neste ponto.

Somos um povo indisciplinado. E isto, a ponto de não podermos contar com os alumnos matriculados, porque amanhã, pelo mais futil motivo, sem darem a menor satisfação ao director do estabelecimento, os referidos paes matriculam os seus filhos em outra escola, porque fica mais perto, ou porque lá o professor fornece todos os materiaes escolares, ou porque foram insultados pelos collegas, ou... para que continuar? Ainda nos

consideramos felizes se, acompanhando a um pedido de eliminação, recebemos algumas palavras de agradecimento!

As mais das vezes, é a ingratitude que nos fere: o mestre não ensina... não me chama á lição... é violento... insulta-me sempre.

Fossem taes palavras ditas a um pae energico e consciouso dos seus deveres, e tal filho seria severamente punido.

Mas... nem todos pensam da mesma fórma.

Donde as reclamações injustas e constantes, as accusações infundadas contra funcionarios abnegados.

O professorado e o clero — eis as victimas eternas da maledicencia humana.

Se, por uma infelicidade, um dos seus membros commette uma falta, punhados de lama chovem sobre o nome da classe.

Vejamos, porém, como proceder em relação á frequência.

Leis, — temol-as as melhores e as mais sabias do mundo.

Faltam-nos apenas, para que as possamos executar, o espirito pratico dos norte-americanos e a energia dos allemães.

Além disso, viria a sua execução trazer enormissimas despezas ao Governo do nosso Estado, que já muito tem feito em prol dos nossos pequeninos patricios.

Não vou, portanto, apresentar nenhum projecto de lei neste sentido.

A «Consolidação» ahí está, com seus maravilhosos artigos referentes á obrigatoriedade do ensino, á espera de que se os executem.

Bastaria sómente que tornassemos effectivas as disposições regulamentares, constantes do art. 202 letra d §§ 1.º e 2.º da Consolidação das Leis do Ensino, para que cessassem por completo os abusos inqualificaveis das faltas arbitrarías.

Entretanto, enquanto não dispuzermos de outros meios legaes e mais energicos para a repressão da onda dissolvente de anarchia, que ameaça aluir os vigorosos alicerces do nosso aparelho escolar, procuremos attenuar a falta, nós, directores de grupos, estimulando os alumnos ao cumprimento do dever, e solicitando sempre a valiosissima cooperação paterna.

Mensualmente poderão ser distribuidos aos alumnos premios de assiduidade absoluta, como sejam: melhoria de notas, cartões de merito, pequenos objectos escolares, etc..

Quando um alumno falta, deverá trazer no dia immediato, um bilhete do pae, solicitando a necessaria justificação. E, se por uma eventualidade, deixar o alumno de comparecer ás aulas por dois ou tres dias consecutivos, sem que traga a participação exigida, deverá o professor da classe enviar ao pae uma circular, de accôrdo com o seguinte

MODELO

ESTADO BRASILEIRO - DE SÃO PAULO



GABINETE DO DIRECTOR

Jahú, de _____ de 1916

Ilmo. Sr. _____

Communico-vos, para os devidos fins, que
voss. filh. _____
alumn. _____ do _____ anno deste estabelecimento deixou
de comparecer ás aulas nos dias _____
sem a necessaria participação.

Certo de que não deixareis de auxiliar-nos
em nossa missão educativa, tomando as providen-
cias necessarias, subscrevo-me, com a mais alta
estima e grande consideração, vosso

Atto. Amo. e Crd. Obro.

Este systema de circulares tem dado excellentes resultados
em nosso estabelecimento, tendo sido muitos *fuzões* colhidos de
surpresa em suas malhas. Pelo que muitos paes têm vindo, es-
pontaneamente, a esta Directoria trazer-nos os seus applausos
pela nossa feliz iniciativa e agradecer-nos o visível interesse
que manifestamos pela educação dos seus filhos.

Jahú, Outubro de 1916.

Oscar Beme Brisolla

Ensino da leitura pelo methodo analytic

Do Inspector B. M. Tolosa

Para facilidade da processuação do ensino da leitura ás
crianças analfabetas, convém dividir o trabalho em quatro
phases: — 1.ª phase: *Da sentença*; — 2.ª phase *Da palavração*;
3.ª phase — *Da syllabação*; 4.ª phase — *Da delectação*.

I — Da Sentença

Esta phase é precedida de alguns exercicios preparatorios
de linguagem oral, com o intuito de adestrar, orientar as
crianças recém-matriculadas sem cohesão alguma entre si, e,
portanto, sem espirito de classe. De pois trataremos deste ponto.
Por enquanto supponho taes exercicios feitos e treinados con-
venientemente as crianças nos primeiros trabalhos escolares.

E' nossa intenção, agora, prevenir os professores contra as
causas de tédio, que as crianças encontram nestes trabalhos.
Essas causas serão determinadas pouco a pouco no correr deste
artigo, cujo desenvolvimento, para maior naturalidade, não obe-
decerá á ordem alguma preconcebida.

Começamos pedindo aos professores que não confundam os
exercicios de linguagem oral, as deições de cousas, com os
do ensino de leitura. Todas essas disciplinas figuram nos hora-
rios, cada uma no seu tempo certo, e todas concorrendo com
exitto para a aprendizagem da leitura. No tempo determinado
para a leitura, o que se deve praticar é leitura e não linguagem.
E' perigoso fazer longa digressão para conseguir-se uma sen-
tença da criança, quando tal sentença deva ir para o quadro-
negro como expressão graphica do pensamento da mesma. *Sen-
tença conseguida deve ser immediatamente escripta.*

Outra fonte de aborrecimentos para os alumnos é a *sentença
completa*. A criança, em sua vivacidade natural, responde vi-
vamente, e intelligentemente, por sentenças ellipticas. A sentença
completa não é natural, é forçada, mata a actividade infantil,
é a primeira dose de narcotico que damos aos alumnos. Entre-
tanto, a 1.ª sentença escripta deve ser completa. Veremos logo
como se resolve essa difficuldade.

Muitas professoras repctem as sentenças até que fiquem as
mesmas dominadas, não digo *deceradas*, porque esta expressão
é motivo de pavor. Forçam as crianças a uma decoraçáo ma-

una de ellas, y por lo mismo el aprendizaje de que se trata resulta más sencillo. De acuerdo con la clasificación anterior un lenguaje puede ser usual, literario, o clasificado en: un, bilingüe, o poliglota. De, más o menos, las tres a cuatro lenguas.

Una vez he estudiado brevemente los ejemplos anteriores para preparar el grupo de la clase. En un gran número de grupos escolares, como en el caso de la clase en el caso mencionado anteriormente, se ha pensado en preparar algún.

El primer caso de la clase anterior: el caso de la lengua y el caso de la lengua. Toda o parte de la lengua de una lengua y de la lengua de la lengua de que se trata puede ser utilizada en ella.

Segundo: un caso de la lengua anterior, pero después de haberse ya estudiado.

El primer caso de la lengua anterior, de la lengua anterior, de la lengua anterior. El caso de la lengua anterior, de la lengua anterior, de la lengua anterior. El caso de la lengua anterior, de la lengua anterior, de la lengua anterior.

Segundo: un caso de la lengua anterior, pero después de haberse ya estudiado. Segundo: un caso de la lengua anterior, pero después de haberse ya estudiado. Segundo: un caso de la lengua anterior, pero después de haberse ya estudiado.

El primer caso de la lengua anterior, de la lengua anterior, de la lengua anterior. El caso de la lengua anterior, de la lengua anterior, de la lengua anterior. El caso de la lengua anterior, de la lengua anterior, de la lengua anterior.

Segundo: un caso de la lengua anterior, pero después de haberse ya estudiado. Segundo: un caso de la lengua anterior, pero después de haberse ya estudiado. Segundo: un caso de la lengua anterior, pero después de haberse ya estudiado.

El primer caso de la lengua anterior, de la lengua anterior, de la lengua anterior. El caso de la lengua anterior, de la lengua anterior, de la lengua anterior. El caso de la lengua anterior, de la lengua anterior, de la lengua anterior.

Segundo: un caso de la lengua anterior, pero después de haberse ya estudiado. Segundo: un caso de la lengua anterior, pero después de haberse ya estudiado. Segundo: un caso de la lengua anterior, pero después de haberse ya estudiado.

un caso de la lengua anterior, de la lengua anterior, de la lengua anterior. El caso de la lengua anterior, de la lengua anterior, de la lengua anterior. El caso de la lengua anterior, de la lengua anterior, de la lengua anterior.

Segundo: un caso de la lengua anterior, pero después de haberse ya estudiado. Segundo: un caso de la lengua anterior, pero después de haberse ya estudiado. Segundo: un caso de la lengua anterior, pero después de haberse ya estudiado.

El primer caso de la lengua anterior, de la lengua anterior, de la lengua anterior. El caso de la lengua anterior, de la lengua anterior, de la lengua anterior. El caso de la lengua anterior, de la lengua anterior, de la lengua anterior.

Segundo: un caso de la lengua anterior, pero después de haberse ya estudiado. Segundo: un caso de la lengua anterior, pero después de haberse ya estudiado. Segundo: un caso de la lengua anterior, pero después de haberse ya estudiado.

- 1. El primer caso de la lengua anterior, de la lengua anterior, de la lengua anterior.
- 2. El primer caso de la lengua anterior, de la lengua anterior, de la lengua anterior.
- 3. El primer caso de la lengua anterior, de la lengua anterior, de la lengua anterior.
- 4. El primer caso de la lengua anterior, de la lengua anterior, de la lengua anterior.

El primer caso de la lengua anterior, de la lengua anterior, de la lengua anterior. El caso de la lengua anterior, de la lengua anterior, de la lengua anterior. El caso de la lengua anterior, de la lengua anterior, de la lengua anterior.

Segundo: un caso de la lengua anterior, pero después de haberse ya estudiado. Segundo: un caso de la lengua anterior, pero después de haberse ya estudiado. Segundo: un caso de la lengua anterior, pero después de haberse ya estudiado.

El primer caso de la lengua anterior, de la lengua anterior, de la lengua anterior. El caso de la lengua anterior, de la lengua anterior, de la lengua anterior. El caso de la lengua anterior, de la lengua anterior, de la lengua anterior.

Segundo: un caso de la lengua anterior, pero después de haberse ya estudiado. Segundo: un caso de la lengua anterior, pero después de haberse ya estudiado. Segundo: un caso de la lengua anterior, pero después de haberse ya estudiado.

cial, essas letras exprimem apenas grãos de possibilidades. Só mais tarde exprimirão também grãos de aproveitamento.

Para a boa marcha do desenvolvimento desta disciplina, pôde-se dividir a matéria em quatro phases, correspondendo cada uma dellas a uma feição particular das lições.

A 1.ª phase — em que se trabalha sobre *sentenças* — é preparada convenientemente, nos primeiros dias de aula, por exercícios de palestras, de que falaremos logo.

A 2.ª phase — em que se trabalha sobre *palavras*, — é convenientemente preparada pela 1.ª phase, pela leitura das variadíssimas sentenças.

A 3.ª phase e a 4.ª — a das *syllabas* e a das *letras* — sendo sufficientemente preparadas pela 2.ª phase — não exigem numerosos exercícios, pois pelos trabalhos da 2.ª phase, *syllabas* e *letras* estarão muito conhecidas.

A 1.ª phase é desenvolvida em dois passos, não diremos successivos, mas simultaneos, visto que, depois das 4.ª lições, é quasi impossivel separa-los.

1.º passo — *Leitura de sentenças dadas pe'as proprias crianças.*

2.º passo — *Leitura de sentenças dadas pe'a professora.*

Estes dois passos levam as crianças rapidamente e seguramente ao reconhecimento de *muitas palavras*, o que é justamente o objectivo da 1.ª phase.

Pelo *methodo analytic* — a criança aprende a ler por via da analyse. O seu caminho para a descoberta da arte da leitura é a *analyse*. Não devemos esquecer que o *methodo scientifico* tem duas faces: a *analyse* e a *synthese*. O caminho humano em suas investigações procede por estas operações complementares. Uma completa a outra. Mas, não é indifferente o ponto de partida. Este deve ser a *analyse*. Começando por esta, a *synthese* vem naturalmente, por uma actividade propria da mente humana. Se, porém, começarmos pela *synthese*, raramente, e com muita difficuldade, volveremos á *analyse*.

O caminho natural é a marcha partindo da analyse, não para chegar á *synthese*, mas para a consecução da verdade. Depois volta-se atrás, por via da *synthese*, para a verificação dos resultados obtidos.

E' por isso que chamamos o ensino da leitura, actualmente preconizado em nossas escolas, *methodo analytic*, porque parte da *analyse*. A denominação de *analytico-synthetico* proposta por alguns professores, não traz vantagem alguma, além da de augmentar a confusão, que já reina entre estas duas palavras.

Do que dissemos se depreheende facilmente que as primeiras faculdades da criança que devemos desenvolver são as faculdades de analyse.

Mas, vejamos como se consegue isso praticamente.

1.º PASSO

A professora mostra á secção um objecto qualquer: um *livro*. Nenhuma sentença preconcebida, é a que sabir na occasião. Dá o livro á Aurora, ou ao Raul (alumnos da classe).

Prof. — De quem é o livro? pergunta á classe.

Um alumno — E' do Raul, ou — E' da Aurora.

Aqui ha um escolho que aliena muitas vezes a sympathia das crianças aos exercicios de leitura: é a *sentença completa*.

Realmente, a sentença, que tem de ir para o quadro-negro, deve ser uma *sentença completa*, com todas as suas palavras visiveis. A resposta da secção é realmente para ella um *sentido completissimo*, apesar da sua forma elliptica. Não é preciso ensinar ás crianças a formação das *sentenças completas*, pois isso todas ellas sabem fazer, quando é preciso.

Para escrever a sentença completa, agora necessaria, a professora pôde proceder por duas *formas*.

Uma: — E' da Aurora — respondeu a secção.

Professora: — Eu vou escrever isso, e escreve pronunciando cada palavra:

O livro é do Aurora

Sentença tão clara como a da secção.

Outra: — E' do Raul — respondeu a secção.

Professora: — Sim. Eu vou escrever isso. E pergunta:

— O que é que vou escrever?

Noventa e nove sobre cem vezes, as crianças responderão —

— *O livro é do Raul.*

Porque agora a sentença completa corresponde a uma necessidade do exercício em via de realização.

E não ha o aborrecimento da professora, quando o alumno dá a resposta elliptica:

Prof. — Assim não. Fale direitinho. Como é que se diz?
E as crianças, perplexas, nada entendem, pois que ellas responderam tão bem e a professora diz que não está — *direitinho*.

Esta primeira sentença não é uma *synthese*, é um *todo*. E como um *todo* que a criança a vê. Naquelle *todo*, cujas partes o alumno não distingue ainda, é que se deve fazer uma analyse de seus elementos. Analyse, não decomposição. Naquelle *todo* está o seu pensamento legitimo. O objectivo deste passo é justamente o reconhecimento das partes desse *todo*, isto é, das palavras que o formam. Isto só se pode conseguir pela *analyse*. Mas, *analyse* não se ensina. E aprender sem ser ensinado, só vendo fazer. Eis como procede a professora: Toma o *todo* (*O livro é do Raul*) e escreve pronunciando (reconhecendo) cada palavra a medida que a vaee escrevendo, isto é, vaee analysando o *todo*. A secção acompanha a professora neste trabalho e vaee vendo que aquelle *todo* se compõe de partes, e o logar que cada parte occupa no *todo*, aprende a *analysar* vendo *analysar*.

Não deve ser preocupação que *toda a classe* aprenda *todas* as palavras da sentença. Sendo a sentença *simplex* *vehiculo* da palavra, esta é que precisa ser dominada e não a sentença, tal como de um medicamento se faz questão da assimilação da droga principal, e não da que vehiculou aquella.

Aqui, as crianças deixadas em plena liberdade, e solicitadas em seus pendores naturaes, cada uma *absorve* da sentença o que mais lhe agrada. Uma dominará primeiro — *Raul*; — outro, de preferencia — *o livro*. Não importa por onde comece ella sua primeira analyse. Tanto lhe vale *Raul*, como *o livro*.

Continuemos.

Professora — Eu queria que o Raul abrisse o livro. Um de vocês vaee dar essa ordem. Quem quer?

Neste ponto a professora não deixará que cada criança fale á vontade. Quem quer falar deve pedir licença para falar, e como não pode falar sem pedir licença, deve apenas levantar a mão direita para obter essa permissão. Assim os mais activos, naturalmente serão os primeiros a levantar a mão, porém, ficarão *pressos* até que o ultimo alumno se manifeste. Ha neste proceder uma vantagem de consequencias futuras preciosas. Um

alumno apathico não levantou a mão. Não deve ser reprehendido, nem ordenado a fazê-lo, mas sim solicitado.

Professora — João, porque não levantou a mão? Não quer mandar o Raul abrir o livro? Você não sabe mandar?

E o pequeno, vendo-se assim solicitado, reconhecido ao intuito, que o domina, e levanta a mão. Pode ser que não venha a formular a ordem, por uma incapacidade qualquer momentanea, mas não ficou inactivo, fez um salutar exercicio physico, levantando a mão, em obediencia a um esforço da propria vontade. Isto repetido carinhosamente muitas vezes acaba por exercicios de ordem mais elevada.

E um erro mandar um determinado alumno fazer ou dizer qualquer cousa. A solicitação será feita á secção toda, e só depois que todos reagirem a essa solicitação, é que se determinará quem deve fazer ou dizer. Essa regra é constante em todos os exercicios escolares.

Afinal:

Prof: — Alfredo, manda o Raul abrir o livro.

Alfredo — Abra o livro, Raul.

Prof. (á secção): — O que vou eu escrever agora?

Secção (ou um alumno somente): — Abra o livro, Raul.

Prof. — Escrevendo por baixo da 1.^a sentença e pronunciando cada palavra, de modo tal que não quebre a unidade da sentença:

Abra o livro, Raul.

Convida-se a secção a lêr a 1.^a sentença. Cada alumno depois de examinar mentalmente a mesma, levanta a mão, como pedindo licença para lêr. Não se conceda essa permissão sem que o ultimo alumno tenha levantado a mão. Então escolhe-se um para lêr.

Neste ponto, se alguma criança não se lembrar da 1.^a sentença, não se lh'a deve ensinar.

Convida-se a classe para lêr a 2.^a sentença, seguindo a mesma ordem. Procure-se a 3.^a sentença, seguindo a mesma marcha. O Raul naturalmente obedeceu á ordem, que lhe foi dada.

Prof. — Quem pôde me dizer o que Raul fez?

Secção (levanta as mãos).

Prof. — Diga você, João.

João — Raul abriu o livro.

Prof. — Que vou eu escrever agora?

Secção (levantando a mão): —

Professora: — ?

Secção (ou um alumno indicado) — Raul abriu o livro.

Professora: — Escrevendo a 3.^a sentença da mesma forma anteriormente empregada.

Terminada a lição, provavelmente o quadro-negro apresentará o seguinte:

O livro é de Raul.
Abra o livro, Raul.
Raul abriu o livro.
Fecha o livro, Raul.
Raul fechou o livro.

Cada vez que é escripta uma sentença, a classe é convidada a ler as anteriores nesta ordem: escripta a 2.^a, são lidas a 1.^a e a 2.^a; escripta a 3.^a, serão lidas a 1.^a, a 2.^a e a 3.^a, e assim successivamente.

Como o mesmo objecto, o *livro*, pôde-se formar outras séries de sentenças, por quatro ou cinco lições. Temos como boa norma, aconselhada pela experiencia quotidiana, que não se deve repetir lição.

No fim de cinco ou seis lições, um objecto deve estar sufficientemente esgotado, devendo-se passar a outro.

Do 1.^o objecto haverá, por exemplo:

A

A série de sentenças acima fornece um fundo de palavras regulares, que serão registadas em um caderninho qualquer.

Essas palavras serão empregadas, em exercicios retrospectivos do 2.^o passo, em novas e variadissimas sentenças.

B

No desenvolvimento do 2.^o passo não ficará a professora adstricta unicamente a essas palavras. Havendo necessidade poderá empregar outras palavras, processando pelo 4.^o passo, isto é, pronunciando toda palavra nova que escrever.

Não mais coíbe a observação do numero muito grande de palavras que concorrem em cada lição, pois que não se exige que cada criança aprenda todas as empregadas. Por isso pouco importa que cada lição tenha 10 ou 20 palavras, uma vez que muito contentes ficamos quando cada alumno domine tres a quatro palavras diariamente. As outras palavras, méros componentes da sentença, vehiculo daquellas, não são forçosamente assimilaveis, muitas serão relegadas como residuos de um trabalho de assimilação.

Para cada objecto haverá uma série de 4, 5 ou 6 lições, que fornecerão como estas listas, outras listas de palavras novas.

A

Eis a lista da 1.^a série figurada aqui.

1.^a

O livro é de Raul.
 Abra o livro, Raul.
 Raul abriu o livro.
 Fecha o livro, Raul.
 Raul fechou o livro.

2.^a

O livro tem figuras.
 As figuras são bonitas.
 Raul gosta das figuras.
 Veja as figuras, Raul.

3.^a

O livro tem muitas folhas.
 As folhas são brancas.
 As figuras são pretas.
 As letras também são pretas.

4.^a

O livro tem lições boas.
 Cada lição tem uma figura.
 Esta figura mostra uma menina.
 A menina lê num livro.

5.^a

Eu leio minhas lições.
 As lições são grandes.
 Leio também lições pequenas.
 A lição de hoje é bonita.

B

1. ^a	2. ^a	3. ^a	4. ^a	5. ^a
o livro é do Raul abra Raul abriu fecha fechou	tem figuras as figuras são bonitas gosta das figuras veja	muitas folhas as folhas brancas pretas as letras também	lições lições boas cada lição uma figura Esta figura mostra uma menina a menina lê num livro	eu leio minhas lições as lições grandes leio pequenas de hoje bonita

Tendo em conta as diferentes locuções formadas com os determinativos qualificativos e preposições usadas nas sentenças anteriores, contamos como empregadas mais ou menos quarenta palavras, que serão collocadas em um caderninho de apontamentos, na forma acima.

De accordo com o espirito que domina os trabalhos, a secção, do conjunto dominará, senão todas, ao menos, a maioria das palavras collocadas. Cada alumno, porém, em particular, dominará apenas dez a quinze, se muito, palavras diferentes para cada um d'elles.

Temos como certo que não é preciso que cada criança aprenda todas as palavras dadas actualmente, considerando como bom aproveitamento, as dez ou quinze aprendidas.

Como, porém, as poucas palavras dominadas não são as mesmas, para todos os alumnos, e para o ulterior desenvolvimento desta disciplina, ha necessidade de um vocabulario commum. Iniciamos outra serie de exercicios para tornar communs os vocabularios diversos conhecidos.

Estes exercicios nada mais são do que os excellentes respectos do *Meu livro*, do operoso prof Theodoro de Moraes, e constituem o nosso 2.º passo.

2.º PASSO

Tomando algumas palavras do caderninho, a professora formará novas sentenças, desconhecidas das crianças, que por ellas deverão ser lidas (por assim dizer decifradas).

Agora a professora escreve a sentença, silenciosamente, e convida a estudá-la mentalmente. O primeiro que descobrir o pensamento expresso na sentença levantará a mão, e esperará ordem para lê-la. Só depois que, dado o tempo razoavel, todos ou quasi tiverem levantado a mão, como manifestação de haver descoberto o sentido da sentença, será escolhido um para lêr.

Antes, porém, a professora interrogará o que não tiver levantado a mão:

— Porque não quer lêr? O que é que você não conhece nesta sentença? Mostre-me qual a palavra que você não sabe.

O alumno indicará com o ponteiro, a palavra ou as palavras que não conhece e as que conhece.

Essas lições devem ser naturalmente preparadas com a devida antecedência. A professora porém não deverá escrever toda a lição que tráz de casa, para depois mandar a classe lêr, como temos visto muitas vezes. A lição será posta no quadro negro sentença por sentença. Escripita a primeira sentença, será a classe convidada a estudá-la. Se alguém não levantar a mão,

a professora procederá como no 2.º passo, interrogando o alumno reservado qual a parte que não conhece. O alumno mostrará as partes conhecidas, sem nome-las, bem como as que não conhece. E' a unica coisa que se lhe pôde exigir. Sem cen para lêr, dizer a sentença. Já não pôde a professora escrever a 2.ª sentença que trouxe, mas sim uma outra, formulada na occasião, encerrando a palavra desconhecida do alumno que não pode lêr. Se este se offerecer para lêr, é que aprendeu a palavra desconhecida. Do contrario fará a professora outras sentenças, encerrando a mesma palavra, até que a palavra fique conhecida. Se, por acaso, não se conseguir esse resultado no correr da lição, não pensar mais nisso, e, no dia seguinte cuidar de outra lição.

E' a sua primeira analyse. Separou no todo as partes conhecidas das desconhecidas. Não pode chegar a *synthèse*, que é o sentido da sentença, por haver no todo partes sem significação para ella. A professora terá a cautela de não lh'as ensinar nem deixará que se lh'as ensinem.

Prof. (com espirito animador): — Não faz mal. Você não sabe essas palavras, mas vai aprende-las já. (Dirigindo-se a um dos que levantaram a mão). Leia você, Raul.

Raul, cheio da mais viva satisfação, lê a sentença, que representa um esforço seu, que é uma sua descoberta.

Os que levantaram a mão, com alegria, vêm confirmado o juizo que faziam sobre a sentença. Os que não levantaram, por desconhecerem esta ou aquella palavra, com os olhos fitos nos elementos desconhecidos, e os ouvidos attentos, esperam a leitura da sentença e aprendem o que não sabiam.

Admitta-se que a professora tenha formado a seguinte sentença: *Raul tem um livro de figuras*, que ainda não foi empregada nas lições anteriores. Se toda a classe se apresentou para lê-la, é que todos conhecem todas as palavras usadas. Mas figuremos o caso commum: Alguns alumnos não conhecem algumas palavras: *Raul*, ou *livro*, ou *figuras*.

Depois de lida a sentença por um dos que sabem, a professora formará nova sentença, com uma das palavras desconhecidas: *O livro de figuras é do Raul*.

E repetem-se as mesmas scenas. Assim com as palavras até hoje conhecidas dos alumnos, não as mesmas para todos, a professora fará variadissimas sentenças, que as crianças decifrarão uma a uma com summo prazer e aproveitamento.

Vejamos algumas, para não deixarmos de exemplificar sempre: *Vejo as figuras. Vejo o livro. As figuras são pretas. O livro tem folhas brancas. Raul y'a ce livres bonites. A menina é*

bonita. Esta menina é pequena. Eu leio a lição hoje. A menina mostra o livro. Raul mostra as figuras da menina, etc.

Estes exercícos tornam communs os vocabulários individuaes, podendo, conforme o estado da scena, abranger todas quarenta palavras, embora, para os nossos fins, não seja isto necessario, mas sim de utilidade.

Convém lembrar que taes exercícos não ficam adstrictos aos vocabulos empregados até agora. Novas palavras são sempre bem vindas, fiquem ou não immediatamente dominadas. A professora poderá sempre que achar util para formar uma sentença mais interessante, empregar qualquer palavra desconhecida, que será igualmente registrada no caderninho e empregada em novas sentenças.

A introdução da palavra nova se faz pelo primeiro passo, isto é, a professora a pronunciará quando a escrever. Repetindo essa palavra em novas sentenças, pelo 2.º passo, entrará ella para o vocabulario commum.

O numero de exercícos necessarios fica ao criterio da professora, unica que poderá ajuizar do gráo de aproveitamento de seus alumnos.

Volta-se então ao primeiro passo, com um novo objecto que trará novas observações, novos vocabulos, novas lições.

Esgotado o estudo de cada objecto, recorre-se ao 2.º passo para os exercícos retrospectivos, nos quaes serão empregadas as palavras anteriores, desde as das primeiras lições até ás mais recentes.

Recapitulando :

1.º phase — DA SENTENCIACÃO.

1.º passo — Da sentença e sua analyse.

2.º passo : Retrospecto : sentenças novas.

A marcha seguida nestes passos é differente, para cada um delles.

No primeiro passo, a professora pede a sentença á criança. Esta sentença, que a criança dá como um *todo*, a professora escreve analysando-a. A criança acompanha essa analyse e aprende a analysar.

No 2.º passo, a professora dá a sentença como um *todo*, uma sentença desconhecida dos alumnos. Estes analysam a sentença procurando reconhecer cada uma de suas partes, e logo em seguida, por uma actividade propria, combinando mentalmente essas partes, faz a *synthese*, lendo o pensamento en-

cerrado pela sentença. Esta *synthese* a criança fa-la por si mesma, nunca tivemos necessidade de lh'a ensinar.

E toda vez que tentamos *ganhar tempo* com lbe ensinar essa *synthese*, verificamos lamentavel fracasso.

A 1.ª phase fornece aos alumnos respeitavel vocabulario. E' sobre este vocabulario que tem a criança de elaborar a arte da leitura.

As palavras aprendidas constituem a materia prima da 2.ª phase do ensino.

Analysando as palavras conhecidas aprende a criança o mecanismo todo da leitura, chegando ao conhecimento perfeito e intelligente das syllabas.

Da mesma forma que a sentença conhecida, porque preferida pelo proprio alumno, serviu de vehiculo á palavra, a palavra conhecida tambem serve de vehiculo á syllaba, e os processos da analyse e da *synthese* são os mesmos da primeira phase.

O tempo de passagem da 1.ª phase para a 2.ª é determinado pela professora. Antigamente aconselhavamos essa passagem ao cabo de tres a quatro mezes de exercicio.

A experiencia, porém, modificou esse nosso modo de ver, e hoje pensamos que a classe, logo que tenha dominado 50 a 40 palavras, com esse vocabulario commum, pôde ser iniciada sem temor na 2.ª phase, cujo desdobramento comprehende varios passos, cada um dos quaes representam apenas uma série de exercícos typicos. Isto adianta de muito a aprendizagem da leitura.

De então para diante, a 1.ª e a 2.ª phase, inseparaveis, caminham parallelamente até o momento em que a classe está lendo realmente.

Estabeleçamos agora a 2.ª phase;

2 — Da palavração

Daqui para diante o estudo se faz exclusivamente no quadro negro, e sómente sobre palavras. As novas palavras que diariamente são introduzidas, pois diariamente a professora terá occasião e necessidade de fornecer novidades á classe, serão processadas de accordo com o 1.º e 2.º passo da 1.ª phase.

Os exercícos desta phase 2.ª, são muito variaveis, dependendo do ingenho da professora a elegancia e a variedade de

seus exercicios. Como suggestões apenas colleccionamos os que seguem, que são communmente seguidos na maioria das nossas escolas.

2.ª Phase: DA PALAVRAÇÃO

1.º passo. — Classificação das palavras conhecidas pelo numero de syllabas.

2.º passo. — Classificação das palavras conhecidas pela syllaba inicial.

3.º passo. — Classificação das palavras conhecidas pela syllaba final ou pela desinencia.

4.º passo — Classificação das palavras pelas flexões de genero, numero, gráo de significação, modos e tempos, etc.

5.º passo — Classificação dos monosyllabos conhecidos pela letra inicial e pela terminação.

A principio adoptavamos um passo mais ainda: Introducção de novas palavras. Este passo, porém, acompanha todos os outros desde a 1.ª phase, em todos os exercicios, de modo que se lhe não precisa assignalar processuação especial.

A experiencia mostra que os passos da 2.ª phase, não obedecem á ordem chronologica alguma. Póde-se iniciar os exercicios por qualquer um delles, e cada um delles, ou todos elles, são diariamente, em occasião opportuna, opportunamente empregados.

Entretanto quando as cousas correm regularmente, e os exercicios são feitos pela 1.ª vez, a ordem acima é boa.

Cabem aqui ligeiras observações de grande importancia. Vimos como a criança chega analyticamente da sentença sua, conhecida, ao reconhecimento de cada palavra. Depois em vez de procedermos por synthese, combinando com as palavras conhecidas novas sentenças, apresentamos á criança um *todo novo*, isto é, uma nova sentença. A criança vê o *todo* e procurando reconhecer cada palavra do *todo*, procede realmente por via analytica, e logo em seguida, por uma actividade sua unicamente, pois esta parte ninguem lh'a ensinou, ella formula o sentimento expresso, o que é realmente uma legitima operação de synthese fecunda em resultados no desenvolvimento ulterior das lições de leitura.

A criança, na familia, conhece uma cadeira, quando ella está nos dois ou tres annos de idade. Mais tarde sem que ninguém lhe ensine, ella descobre que a cadeira tem uma parte ella descobre o *encosto da cadeira*. Susa observações continuam; mais tarde ao seu espirito, pouco a pouco, os seus diferentes attributos. Logo em seguida, a criança vê as *pernas da cadeira*. Depois vê outras cadeiras e procede a sua classificação. Depois elle existem cadeiras de palhinha, de couro, de madeira, de panno, de ferro, conforme a materia que constitue as partes principaes da cadeira. A criança, de analyse que constitue as partes do conhecimento completo da *cadeira*, reconhece em analyse, chegou todos os attributos.

Essa é a verdadeira marcha na aquisição verdadeira de novos conhecimentos.

O adulto lê um livro uma vez. Descobre-lhe muitas bellezas, virtudes ou vicios. Passado tempo, lê-o segunda. Novas cobertos. Uma 3.ª leitura traz-lhe novas revelações. Vinte vezes que leia o livro, vigesimas novas revelações hão de se manifestar.

A marcha adoptada no ensino de leitura é a mesma. A criança vê as diferentes sentenças que representam seu proprio pensamento. Nessas sentenças descobre novas palavras entre as que já conhece. Ella entra á trabalhar sobre palavras conhecidas e começa a distinguir-lhes os attributos varios; e um exercicio de classificação, comparação, e modificação institue-lhe agradável e salutar applicação. Assim, ao mesmo tempo que adquire uma arte, a arte da leitura, concomitantemente o seu espirito adquiriu um desenvolvimento utilissimo a seu preparo para a vida pratica, ensinando-lhe, ou antes, preparando-lhe a solução dos diarios problemas da existencia.

Eccaremos agora a processuação dos diferentes passos que constituem a 2.ª phase tal qual a entendemos.

1.º PASSO

Classificação das palavras conhecidas pelo numero de syllabas

Prof.ª -- (Escrevendo uma palavra conhecida no quadro-negro): Vou escrever uma palavra que vocês conhecem. E escreve *boneca*, accentuando levemente cada syllaba, sem cuidado desnaturar a palavra.

As crianças que já praticaram a analyse das sentenças, na 1.ª phase, estão preparadas para esta nova analyse, que lhes

vae dar o conhecimento real da syllaba, dentro do vocabulo, como um organ palpitante de um ser vivo.

— Prof. — Diga essa palavra.

— Secção — Boneca.

— Prof. — (Contando nos dedos, á proporção que vae proferindo cada syllaba) Em quantas vezes disse eu essa palavra?

— Em tres, responderá a secção imitando tambem a professora.

— Prof. (Escrevendo outra palavra conhecida). — Vou escrever outra palavra que vocês conhecem, e escreve *folha*.

Repete-se a marcha anterior.

Prof. — (Escrevendo outra palavra, agora um monosyllabo) Vou escrever outra palavra, esta pequenina, mas que vocês conhecem bem, e escreve — *pão*.

A classe agora ficou sabendo que as palavras podem ser pronunciadas em uma só vez ou duas, ou em tres vezes.

Prof. — Agora vocês vão me dar uma palavra para eu escrever em baixo de *boneca*.

As vezes a classe não percebe bem o que se quer. Logo porém, alguma criança mais activa atinará com o caso, e todos saberão dar palavras de tres syllabas, duas ou uma para serem respectivamente escriptas em baixo de *boneca*, *folha*, e *pão*.

Este exercicio, pela sua simplicidade e fascinação que exerce sobre as crianças, deve ser dado com muita parcimonia. Parece que um atavismo cruel fa-las amarem apaixonadamente a syllaba, que tanto mal causa ao desenvolvimento ulterior do ensino da leitura.

Dous ou tres dias apenas. Depois jamais escreverá a professora uma palavra, de que, mentalmente, as crianças não contem as syllabas.

Estando no quadro negro alguns exemp'os, 3 ou 4 palavras de cada especie, isto é, 3 trissyllabas, 3 diassyllabas e 3 monosyllabas — estes serão empregados em sentenças immediatamente, formuladas na occasião pela professora, estudadas pela classe e lidas pelo alumno designado.

Não será preciso dar mais exercicios especiaes sobre este passo. Porém, a elle se deverá recorrer, todas as vezes que se fizer mister.

2.º PASSO

Classificação das palavras conhecidas pela syllaba inicial

Prof. — Vou escrever uma palavra conhecida para vocês lerem. (Escreve a palavra *boneca*, syllabando-a levemente). Em seguida escreverá tambem *bonito*, *bola*, *bom*, *bão*. Em seguida apontando a syllaba inicial de uma dellas, pedirá á classe uma palavra assim começada (sem pronunciar a syllaba). A

classe tem de olhar a syllaba, pronuncia-la mentalmente, já se vê, e procurar uma palavra nas condições.

No começo, muitas vezes, sabe muito despropósito. Uma criança dirá — *cavalle* por exemplo. A professora, carinhosamente e logo todos perceberão o engano. E, coisa notavel, incabulo agora intruso.

Temos visto em muitos quadros-negros, dezenas de palavras começando todas por *b*. Não gostamos desse exercicio. Quando a secção insistir no elemento *bo*, a professora empregando o 1.º passo da 1.ª phase, escreverá pronunciando a palavra — *barraca* ou *bude* ou *bico* ou *bezerro* — exemplificando a assim syllabas com todas as vogaes. Não ha inconveniente algum, antes é bom que sa-ím succeda, se a classe lembrar uma palavra como *cabello*, *cabide*, — que *b...* venha no meio do vocabulo.

A lição terminará empregando as palavras apparecidas no quadro-negro em variadas sentenças (3.º passo da 1.ª phase) que serão estudadas pela secção e lidas pelo alumno designado.

3.º PASSO

Classificação das palavras conhecidas pela syllaba final ou pela desinencia

Prof. — Vou escrever algumas palavras bem conhecidas de vocês.

a) E escreveu: — *bola*, *mala*, *mal'a*, *soia*... pronunciando cada uma, de accordo com o 1.º passo. Em seguida pede ás crianças outras palavras semelhantes. Fica entendido, que qualquer que seja o exemplo dado pela criança, vae esse para o quadro-negro, para que todos o vejam e o analysem, podendo mesmo servir de chave para outros vocabulos. Conseguidas oito ou nove palavras, organizar com ellas sentenças, que serão estudados por todos e lidas pelo alumno designado.

b) Prof. — Escrevendo: *caneca*, *boneca*, *peleca*...

c) Prof. — Escrevendo: *festa*, *lesta*, *esta*...

d) Prof. — Escrevendo: *galo*, *mato*, *conto*, *feito*, *leito*...

e) Prof. — Escrevendo: *vêr*, *lêr*, *andar*, *estudar*, etc. etc.

Este passo, como o anterior, introduz nas lições uma infinidade de novas palavras.

4.º PASSO

Classificação das palavras conhecidas pelas flexões:
genero, numero, grãos de significação, modo, tempo, pessoas...
palavras derivadas, palavras compostas...

Este passo é extraordinariamente fecundo pelo numero e variedade de exercicios que comporta. Aqui a palavra, qual Pro-
teu modifica-se, amplia-se, retrae-se, toma varias fórmulas para
exprimir a enorme variedade de expressões da linguagem, attra-
hido, empolgando a intelligencia infantil de modo absoluto.

Exemplos para flexões de genero:

Prof. - Escrevendo:

o menino	o homem	o boi	o gato	o gallo
a menina	a mulher	a vacca	a gata	a gallinha

o bom menino	o bom homem	o boi preto	o gato branco
a boa menina	a boa mulher	a vacca preta	a gata branca, etc.

o banco	o livro	um lapis	a caneta	a regua
a mesa	a penna	uma carta	o papel	o tinteiro, etc.

Todas essas palavras são tiradas dentre as já conhecidas dos
alunos. Se alguma ainda não pertence ao fundo da classe, a
professora, de accordo com o 1.º passo, escreve-la á pronun-
ciando-a, o que talvez não seja necessario, pois já terão as
crianças capacidade para lerem muitas palavras de primeira vista
nesta phase.

Em seguida serão os exemplos acima postos em sentenças,
de accordo com o primeiro passo de 1.ª phase. Como a questão
de forma não nos empolga totalmente a attenção, apresentamos
entre estes exemplos de flexões de palavras — homem, mulher,
rapaz, rapariga, gallo, gallinha, etc.

Exemplos de flexões de numeros:

Prof. - Escrevendo:

um livro	a penna	a caneta	um lapis	muitas pennas
dous livros	as pennas	três canetas	alguns lapis	uma penna, etc.

os bons meninos — as boas pennas — os livros amarellos — o livro ama-
rello — as tintas pretas.

Flexões de gráo: Nomes:

Prof. - escrevendo:

o gato	o cão	a mesa	o sapato
o gatinho	o cãozinho	a mesinha	o sapatinho
o gatinho	a gatinha	o sapatinho	o sapato
o gato pequeno	a gata pequena	o sapato grande	o chapéu
Joãozinho	Mariquinha	Antônio	Julinho, etc.
o cavallo	o capotão	o garrafão	o calção, etc.

Nomes de qualidades:

Prof. escrevendo:

grande	maior	lindo	branco	alto
pequeno	menor	mais lindo	mais branco	muito alto
		menos lindo	menos branco	altíssimo

Modos:

Prof. escrevendo:

Estudo a lição. — Estude a lição. — Estudar a lição. — etc.

Tempos e pessoas:

Tenho um lapis — Tive um papel — Terei um livro, etc.
Eu leio uma carta — Você lê a carta — Nós lemos carta — Ellas tem a carta.
Eu lerei a carta — Eu hei de ler a carta — Você ha de ler a carta etc.
Eu li a carta, elle leu a carta, nós lemos a carta, etc.

Palavras derivadas: carta, carteiro... casa, caseiro...
mez, mensal, horta, hortaliça, etc.

Palavras compostas: — guarda-chuva, guarda-roupa, qua-
dro-negro, etc.

Ao lado destes ha ainda logar para outros exercicios :

mensal — de mez	chapéo de palha	relogio de parede
annual — de anno	chapéo de feltro	relogio de bolso
diario — de dia	chapéo de panno	relogio de ouro
nocturno — de noite, etc.	chapéo de casimira	relogio de prata, etc.

O menino fala vagarosamente. | A menina responde delicadamente.
O menino fala de vagar. | A menina responde com delicadeza.

rico — riqueza	grande — grandeza	fundo
bonito — boniteza	alto — altura	fundura, etc.

etc. etc. etc.

5.º PASSO

Classificação dos monosyllabos conhecidos pela letra inicial e pela terminação

Feitas as differentes analyses desta 2.ª phase, não sabemos que mais difficuldades encontrarão as crianças.

Prof. — Escrevendo :	— tem,	fim,	com	um
	— vem,	sim,	som	num
	— sem,	vim,	tom	dum
	— cem,		bom	
	— bem,			

Paulo vem só; está sem o cão. O menino contou até cem laranjas. E contou-as bem. Agora elle sabe quantas tem.

Estamos no fim da lição. Hoje eu vim mais cedo á escola.

Sim, senhor, e você veio com um bom companheiro.

O som deste sino é bom.

O tom de tua voz está muito bom hoje.

Num livro ha muita cousas boas.

São historias dum menino que já sabe lêr.

Prof. — Escrevendo :	tem	fim	vai	boa	deu	cá	são	não
	tão	fez	vin	bem	dia	com	sem	num
	tres	faz	vou	bom	do	em	sim	no
		fia	vés	boi	do	tal	sua	nos
		foi	vem		dá		sua	nas
		fim	vim		dum		so	nos
			vão					

Paulo tem tres bolas tão bonitas. A côr do vestido de Maria é linda. Luiz faz tudo bem feito, etc.

Prof. — Escrevendo :	ao	a	ar	lar	ler	ir	por
	eu	as	ir	par	ver	vir	fôr
	ia	o	os	mar	ser		dôr
				dar	ter		

E uma variedade extraordinaria de outros exercicios, especialmente se aos monosyllabos justarmos tambem os dissyllabos graves, como fazem os americanos do Norte: *bola, capa, mesa...* portam-se, neste particular, como os verdadeiros monosyllabos.

O 5.º passo desta phase dá ao alumno a posse de muitos elementos vocabulares, pois naturalmente já deve ter elle analysado palavras taes como:

Bola, casa, dedo, figura, gato, gelo, giz, gosta, homem, hoje, hora, já, João, kilo, menino, noite, pé, pato, que, quando, quanto, quero, quiz, qual, rato, Raul, roda, rua, rico, sala, sino, taboa, titio, vou, vai, xarope, etc., para sé falarmos nas syllabas iniciaes. Tambem: braço, cravo, preto, três, trigo, prato, etc.

O 3.º passo, desta phase, deve ter levado o alumno a reconhecer as syllabas finais e varias desinencias. Devem já ter os alumnos conhecimento de: menino, menina; bolo, bola; Joaquim, marfim; balão, João; navio, rio; etc.

Tambem: rosa, formosa, presa; mata, sala, seis, pelo, vinho, linho, ninho, filho, milho, molho, filha, malha; laranjeira, maceira; caixeiro, livreiro; amolador, trabalhador; pensamento, casamento, andamento, etc.

O 4.º passo estudando as desinencias vocabulares completa este estudo.

A criança, que já viu, palpitando nas palavras suas differentes syllabas e assim tomou conhecimento de suas funcções, de suas reciprocas relações e variadas propriedades, completa o seu

estudo com os monosyllabos, que nada mais são do que seres unicelulares, semelhantes ás syllabas que foram vistas e reconhecidas no seio de cada palavra. Já agora para ella não ha mais segredos, neste terreno. Tudo foi examinado, experimentado, classificado.

A entrega do livro de leitura agora é o premio de tão longa quão variada jornada.

Não praticamos a 3.^a phase e a 4.^a por serem desnecessarias. Alem disso, o alumno educado pelo methodo analytic, não mais as acceita, pois reconhece a sua inutilidade. Elle já sabe ler ! Já conhece todos os segredos da leitura.

O banquete é sumptuoso. As mais finas iguarias despertam o appetite dos convivas. Os pratos são atacados com valor, apreciados com arte, saboreados com immenso prazer. Para logo a mesa apresenta os signaes da devastação geral. Foram-se embora os mais succulentos aecipipes. Restam agora ossos, espinhos e migalhas diversas da grande analyse gastronomica, recentemente terminada. Qual o conviva de mau gosto que, depois de farto, vai se occupar com os fragmentos restantes na mesa?

Assim é o ensino da leitura pelo methodo analytic. Estudadas inumeras e variadas sentenças que podem apresentar infinitas belezas de linguagem ; analysadas todas as suas particularidades ; reconhecidas as palavras e as numerosas funcções que exercem na phrase ; entrevista toda a sua vida syllabica em plena funcção vital ; qual o alumno que vae se preoccupar mais com syllabas mortas, esparsas, sem significação, que nada mais são do que os ossos e espinhos e migalhas regeitadas no banquete apenas terminado ?

Porque e para que dar syllabas ás crianças ? Durante o desenvolvimento das lições, sem contar as syllabas que viram e reconheceram palpitando nas palavras, tambem viram, cheios de vida, no corpo das numerosas sentenças : a, e, é, o ; á, as, os ; ás, aos ; eu, ia ; em, um ;

- boi, bem, bom, boa, bons, boas, bois ; ...
- cô, côr ; céu,
- da, de, do, das, dos, deu, dou, dia, dão, dez, diz...
- foi, fui, faz, fez, fiz, fia, fim, ...
- giz, gaz ;
- lu ;
- já ;
- me, mim, meu, mau, má...

- n, na, nos, nas, num, nem, não, nós, nós...
- pá, pô, por, poz, puz...
- que, quiz, quer, qual...
- rei, rol, rua ..
- sal, sol, são, sem, sim,
- tão, teu, tio, tua, tem, tres ;
- vai, viu, ver, vir, vim, etc., etc.

A marcha do ensino mostra mesmo que não ha necessidade de chegar á fragmentação do vocabulo.

Nos 1.^o dias de aula, quando a criança ainda não se adaptou ao meio escolar, a professora não dá leitura, faz apenas palestras visando ensinar a criança a ouvir, entender, reflectir e responder todas as solicitações educativas que a emocionam.

Assim a *phase da palestra* trabalha sobre sentenças, que são a materia necessaria para a iniciação da 1.^a phase, da phase chamada da *sentenciação*.

A 1.^a phase, portanto, não visa ensinar sentenças ás crianças. Estas já devem saber fazer sentenças. E lendo *sentenças* suas, que a classe chega ao conhecimento das palavras e de suas relações e funcções.

Assim a 1.^a phase trabalha sobre *sentenças*, mas são palavras que realmente a classe assimila.

Quando a classe tem dominado um sufficiente cabedal de *palavras*, deve-se passar á 2.^a phase — a da *palavração*.

A 2.^a phase — classificando, comparando, modificando palavras, visa mostrar ás crianças que as palavras se compõem de syllabas e como estas syllabas se comportam dentro do vocabulo, como orgãos vivos de um ser vivo.

E' por isso que ao completar a evolução didactica desta 2.^a phase, as syllabas, e sua engrenagem estão plenamente conhecidas das crianças.

Só o conhecimento das letras poderia aconselhar o estudo das syllabas : mas os numerosos exercicios de classificação, quando dá a intuição da syllaba, naturalmente tambem dá o valor das letras, especialmente o quinto passo, que classifica, estuda e analisa os monosyllabos conhecidos.

A denominação commum das letras do alphabeto e a sua ordem classica, devem ser estudadas de preferencia nas aulas de calligraphia, como geralmente aconselhamos e com proveito se vae realizando, em algumas classes.

Falamos, a principio, de uma phase preparatoria.

Vejamos em que consiste essa phase.

Trata-se ainda de uma classe de primeiro anno, que nunca esteve em escola alguma.

Na hora designada, no horario, a Professora está deante da secção A, por exemplo. As crianças não sabem os proprios nomes: não conhecem os nomes dos paes, irmãos, parentes, amigos e mais relações da familia; não conhecem as ruas principaes, os principaes edificios de sua vizinhança; nem as principaes pessoas gradas da localidade. Acrescenta-se a isso a localização dos objectos no espaço e no tempo; os principaes attributos das coisas.

Tudo isso constitue um substancial manual de observações e de exercicios da linguagem de primeira ordem.

Observando mais ou menos a ordem seguinte, a Professora poderá dar a seus alumnos a primeira educação, preparando-os para os demais exercicios escolares. Durante essas palestras, a criança vai realizando a sua adaptação ao meio escolar, como condição necessaria de bem aproveitar o tempo e os esforços feitos em seu favor.

Esse a ordem que aconselhamos, sem contido declararmos que é ella a melhor e a mais impecavel.

1 — Nome do proprio alumno; 2 — nomes dos paes; 3 — nomes dos irmãos; 4 — nomes dos principaes parentes; 5 — nomes de alguns conhecidos; 6 — idade dos alumnos; 7 — dia anniversario dos alumnos; 8 — nomes das principaes pessoas gradas; 9 — profissões dos paes, irmão e parentes; 10 — principaes ruas e caminhos da escola; 11 — principaes edificios da localidade... e outros que a Professora poderá crear se julgar ainda necessario.

A proeminência desta parte é facilissima.

A professora dirigindo-se a um alumno:

— Como é seu nome?

Se o alumno sabe, diz-lo; a professora corrige o, se for necessario, e passa adiante. Se, lo que não é muito raro, neste passo, o pequeno não souber dizer seu proprio nome, não deve a professora ensinar-lhe por motivo algum. Escarregará o alumno de indagar em casa, como se chama, para dizer no dia seguinte. O papel da professora consistirá apenas em corrigir as noções, pronunciado bem os nomes das crianças, quasi applicando-se ás pressões.

A mesma attenção terá durante toda esta série de exercicios. Nunca ensinará coisa alguma á criança, antes manda-la á proceder ás necessarias indagações para trazer-las á classe.

A criança sente-se com isto encorajada, cheia de animação pela confiança que a professora em si deposita, encorajado-a de investigar sobre sua propria vida social.

Já agora sabem as crianças entender bem, deitar a sua posição social, revelar-se como que consciencia de seu proprio destino.

A aprendizagem da leitura pôde, agora, ser iniciada com segurança e segurança.

Classe dos repetentes

Ha uma diferença muito grande entre esta classe e de que anteriormente vimos falando.

Geralmente, no inicio do anno lectivo, os alumnos repetentes são tratados como se nunca houveram estado na escola. É um erro lamentavel.

Convém, pois, ter em conta essa particularidade e proceder de forma a aproveitar o tempo que esses alumnos já despendiam na escola. O primeiro cuidado da professora deve, pois, ser o de descobrir o tab da que a classe faz, e tomado o, como ponto de partida, impulsionar os para a frente.

A classe dos repetentes, como qualquer outra, apresenta alguns alumnos quasi lendo, outros já a lerem; outros, chegando a uma leitura lamentavelmente confusa; e outros incapazes.

Esta classe de repetentes ao 1.º anno, deve com o tempo desaparecer, quando a taes classes forem mais racionalmente ministradas os exercicios analyticos de leitura.

Como essa classe de alumnos, pouco affligo a quasi 50% da matricula total do 1.º anno, preciso é dar um remédio a esse mal.

É o que vamos tentar fazer.

A turma mais adiantada, a que já está ao livro de leitura, pôde ser tratada convenientemente, aproveitando-se o que elle já sabe. Basta applicar-se ás palavras do livro de leitura os passos da 2.ª phase destas instrucções, servindo-se do quadro negro especialmente.

A turma, ou as turmas, que ainda não estão ao livro, devem passar por um exame, aim de se verem o numero de palavras conhecidas. É instante integrar qual o livro, que serviu de base ao ensino de leitura nos mesmos.

A classe está de pé ao quadro-negro. A professora toma da as palavras, que naturalmente foram usadas no anno anterior, e as escreve uma a uma, no quadro-negro, e se cruciar, se vai escrevendo uma a uma, os quadros-negros a não, ou em vez de lerem taes palavras, apenas levantando a mão, ou em vez de lerem taes palavras, apenas levantando a mão, quando ella se for pedindo semm signal que se conhecerem. Quando ella se for

lavras estiverem escriptas, serão estas empregadas em variadas sentenças, de accordo com os passos anteriormente expostos.

Num e noutro caso, é facil encontrar-se o verdadeiro caminho, bastando para isso achar o ponto de partida dos alumnos.

Uma outra questão, que reputamos importante, é da época da entrega do livro á classe. Preferimos entregar o livro á classe, quando esta já está, pelo menos, virtualmente lendo.

Ha, porém, opiniões, aliás valiosas, para se dar á classe o livro o mais cedo possível.

O livro, nas mãos dos alumnos do 4.º anno, é um perigo serio. Desde o dia em que a classe recebe o livro, os exercicios analyticos imprescindiveis são relegados para um plano inferior, quando não para o completo olvido. E as crianças começam então a receber um ensino de leitura pesado, moroso, *aprendendo* palavra por palavra, que a professora impacientemente pronuncia uma a uma, á medida que vaé surgindo na frente da classe. Nem se diga que é um receio infundado. Em nossas inspecções contamos varios factos destes.

Mas conciliando as divergencias, entreguemos logo á classe o livro, como preceitua o programma de ensino.

Então permittido nos seja levantar um caloroso appello á caridade profissional das senhoras professoras, rogando-lhes por tudo o que de mais sagrado haja na terra, que durante os exercicios do livro de leitura, não deixem, um só dia, de submeter as palavras do livro aos processos, que nestas instrucções apresentamos.

Vai nisso a salvação da classe.

Não se esqueçam jámais que não se trata exclusivamente de ensinar a ler. Com a leitura vão tambem valiosos e innumerables elementos formadores do espirito infantil, que fenecerá, como fenecendo vaé em alguns logares, por falta desta pratica salutar de *impeilir* cada alumno a *construir, por assim dizer, a sua arte de leitura.*

Adoptemos o livro, mas façamo-lo com honestidade.

Pensamos que, dos livros em circulação, o mais proprio é o *Meu Livro*, do prof. Theodoro de Moraes, o que mais satisfaz plenamente ás necessidades da 4.ª phase do ensino de leitura analytica.

Não queremos dizer que as demais cartilhas sejam impresentaveis. Todas ellas, ou antes qualquer dellas, passando através

dos exercicios aconselhados mais acima, preencherão perfeitamente seus fins, com mais ou menos cuidado. E é por isso que accetamos gostosamente qualquer dellas.

Sendo as instrucções, que agora escrevemos, para serem applicadas independentemente do livro, por isso mesmo, podem ser convenientemente e facilmente adaptaveis a qualquer cartilha das que estão officialmente acceitas.

A intuição analytica no ensino da leitura

PROFESSOR RAPHAEL CAVALHEIRO

DUAS PALAVRAS

Tem sido mui desviada a marcha até agora seguida pelos professores no ensino de leitura aos analfabetos.

Parece-me que culpa não cabe a ninguém; todos, com maior ou menor resultado, procuraram acertar e cumprir as determinações. O caminho, porém, seguido, tem sido nosso maior impedilho.

Folgamos, agora, em ter conseguido achar o trilho seguro, certo e natural. Elle será daqui por diante o nosso pharol.

Oxalá possamos conseguir o que até agora tem sido um sonho ou um problema, e dar-nos-hemos por satisfeitos.

S. Paulo, 13—6—1918.

A 1.ª série de lições — O 1.º passo

Até agora queríamos que a criança começasse a aprendizagem da leitura lendo sentenças e com a aggravante de fazermos questão que ella dominasse perfeitamente as sentenças das primeiras lições.

Assim praticavamos porque, dizíamos nós, foi essa a marcha natural pela qual a criança aprendeu a falar. Ha nesta afirmação um engano, que, passando despercebido, concorreu para a inefficacia do methodo analytico, hoje quasi que sem adeptos, devido ao facto.

O engano consiste, a meu vêr, no seguinte:

«A sentença é apenas um *vehículo* neste ensino, como a agua ou o xarope e os vinhos o são de medicamentos que queremos fornecer ao nosso corpo. E' por intermedio della que nós introduzimos no cerebro das crianças — *palavras*.

De facto, quando eu digo a uma criança: «este é papai», não é com o fim de que a mesma fale a sentença toda, mas sim de que diga o nome — *papai*. O mesmo se dá quando

eu lhe mostro, por exemplo, *uma gata* e lhe digo: «olha a *gata*», «este é o *gato*», etc. E' desta maneira que a criança aprende a falar, na sua 1.ª infancia.»

Se assim é, sigamos no ensino o mesmo caminho, a mesma marcha. Apresentemos ás crianças objectos, cousas ou animaes essas cousas nos suggerirem.

Claro está que essas palavras impressionarão differentemente ás crianças. Uma destas gostará mais de uma palavra, outra de outra, e assim por deante.

Dada a lição do dia, tomaremos nota das palavras empregadas, e todo o dia a lição será nova, embora se empreguem dessas palavras no cerebro da criança, de accordo com as impressões anteriormente recebidas e evitará a *decoração*.

No fim da primeira série de 5 lições, em que não empregaremos mais do que 5 a 5 sentenças, teremos um exercicio retrospectivo, com fim adequado, como adiante veremos.

1.ª lição

OBJECTO: — Uma bola de borracha commum.

GUIA: — Mostre ás crianças e converse a seu respeito com ellas. A' medida que for obtendo as sentenças que desija, em resposta ás suas perguntas, *chame a attenção das crianças*. Explique-lhes então, que o giz, na pedra, vai dizer a mesma coisa, e feito isso escreva a sentença, com boa calligraphia. Pergunte, em seguida, á classe «quem quer lér o que o giz escreveu». Os alumnos devem olhar bem e se quiserem lér darão signal levantando a mão. O professor observa, assim, quaes são os alumnos que estão *trabalhando* na lição, procurando encorajar os que não estiverem.

Em seguida mandará um ou dois alumnos lerem e continuarão com a lição.

Teremos assim o seguinte:

RESULTADO:

Eu vejo uma bola.
Essa bola é bonita.
A bola é de Maria.

(Tome nota das palavras, como na pagina 188.)

2.ª lição

OBJECTO : — Uma bola commum.
 GUIA : — Conversação a respeito da bola como na 1.ª lição.

RESULTADO :

Eu gosto da bola.
 Maria gosta da bola.
 A bola é redonda.

(Tome nota das palavras, como na pagina 188)

3.ª lição

OBJECTO : — Uma bola commum.
 GUIA : — Conversação como na 1.ª lição.

RESULTADO :

A bola é da menina Maria.
 Maria brinca com a bola.
 Maria gosta de brincar com a bola.

(Tome nota das palavras, como na pagina 188)

4.ª lição

OBJECTO : — Uma bola commum.
 GUIA : — Conversação como na 1.ª lição.

RESULTADO :

Eu gosto de brincar com a bola.
 A bola corre e pula.
 Ella corre no chão.
 Ella pula no soalho.

(Tome nota das palavras como na lição da pagina 188)

5.ª lição

OBJECTO : — Uma bola commum.
 GUIA : — Conversação como na 1.ª lição.

RESULTADO :

Esta bola é muito bonita.
 A menina Maria gosta muito da sua bola.
 Ella gosta da bola para brincar.
 A bola róla no chão.
 A bola róla porque é redonda.

(Tome nota das palavras como na pagina 188)

Palavras empregadas nesta 1.ª série

Eu	vejo	Essa
é	gosto	Ella
A — a	gosta	Esta
de	brinca	mu.to
da	brincar	sua
com	corre	uma
e	pula	bonita
no	para	redonda
chão	róla	
bola		
porque		
Maria		
menina		
soalho		

— 31 palavras

Applicação da 1.ª serie de exercicios

O dominio das 31 palavras até aqui fornecidas ás crianças não pode ser uma realidade, embora algumas dellas tenham sido repetidas muitas vezes. Não resta, porém, duvida em que essas palavras impressionaram differentemente a massa cerebral dos educandos e que, algumas dellas, estão dominadas. Agora,

no exercício retro-pectivo, verificaremos nós quaes são estas palavras e quaes as não dominadas; procuraremos que estas o sejam, também, formando com ellas outras sentenças para serem lidas, e iremos assim firmando um pequeno cabedal de palavras.

Estes exercícios retrospectivos devem ser assim processados: Forma-se a classe, com 10 ou 12 alumnos no maximo, em frente á pedra e em distancia conveniente. O professor, pelo seu cade-ninho de palavras, fórma uma sentença que escreve no quadro, conservando-se a classe em silencio. Escripita a sentença o professor perguntará á classe:

— Quem quer lèr o que o giz escreveu na pedra?

— As alumnas ou alumnos devem olhar e se quizerem lèr, levantarão as mãos, dando signal. Enquanto isso o professor verifica, sem trabalho, quaes são os alumnos que não podem lèr, porque não dominaram todas as palavras dadas na sentença. — E, interessante, ago-a, é que, tendo um alumno dominado 3 ou 4 palavras de uma sentença não a pôde lèr porque 1 só elle não sabe. Sobre esta palavra a sua attenção volta-se agora, duplamente.

Nesta observação o professor pôde indagar do alumno qual é o PEDACO que elle não sabe lèr, etc.

Bem verificado isto e tendo visto que toda a classe já trabalhou na leitura da sentença manda-se um alumno qualquer, dos que deram signal, lèr. Se este errar, o professor perguntará « quem quer ler melhor », e assim, até conseguir a leitura desejada.

O nosso trabalho agora consistirá em formar outras sentenças com as palavras que os alumnos não haviam dominado afim de que elles as leiam agora e possam graval-as no cerebro.

Todas as sentenças serão differentes das já dadas, o que evitarão os disparates obtidos pela decoração actual.

Os exercícios retrospectivos têm, pois, por fim firmar o conhecimento das palavras dadas e desenvolver os habitos de observação e leitura iniciando a analyse também.

Embora muitos exercícios possam ser feitos com as 31 palavras dadas, convem limitar o numero delles a cinco, afim de continuarmos com as lições posteriores.

EXERCICIOS RETROSPECTIVOS

As sentenças destes exercícios podem variar muito. O que é, porém, essencial e indispensavel é que o exercício seja feito.

A ordem das sentenças, também, nada altera. Desde que uma palavra não tenha sido dominada ella deve ser repetida uma, duas, tres vezes, nas sentenças seguintes, até que fique conhecida.

Os exercícios que mostramos em seguida são, pois, apenas para illustrar a processuação.

1.º exercício retrospectivo

Eu gosto da bola.
Eu vejo a bonita bola.
A bola da menina é bonita.
Ella é bonita porque rola.
A bola rola no soalho.
Esta bola pula no chão.
A menina gosta da bola.
A menina brinca.
Ella gosta de brincar.
A Maria é uma menina.
A Maria é muito bonita.
A Maria gosta da sua bola.
Esta bola do chão é bonita.
Esta bola é redonda.
Maria gosta de brincar.
Eu gosto de brincar.
A menina gosta de brincar.

2.º exercício retrospectivo

A menina pula no chão.
A bola pula no chão.
Eu vejo uma bonita bola.
Eu vejo uma bonita menina.
Eu vejo uma menina brincar.
A menina gosta de brincar com uma bola.
A menina corre e a menina pula no chão.
A menina corre e pula com a bola redonda.

3.º exercício retrospectivo

Maria é uma bonita menina.
Maria brinca com a bola redonda.
Esta menina é a Maria.
Essa é a menina com a bola bonita.
Esta é a bola redonda de Maria.
Essa é a bonita bola da menina.
Esta bola é para Maria.

4.º exercício retrospectivo

A bola bonita é de Maria.
 A menina gosta de sua bola.
 A menina brinca com a Maria.
 Maria, eu vejo a menina.
 Maria, vejo a menina a brincar.
 Eu gosto de sua bola.
 A bola é redonda?
 É redonda a sua bola?
 É para a menina esta bola?

5.º exercício retrospectivo

Maria gosta da bonita bola?
 Maria brinca com a bola?
 Essa bola é da menina?
 Essa bola corre e pula?
 Essa bola porque corre?
 Essa bola porque pula?
 Esta é a menina com a bola redonda.
 A menina pára a bola.

A 2.ª série de lições

6.º lição

OBJECTO — Uma laranja madura.
 GUIA — Conversação como na 1.ª lição.

RESULTADO :

O senhor tem uma laranja.
 Essa laranja está madura.
 Ella está madura porque está amarella.
 A côr amarella é bonita.

Tome nota das palavras dadas, dividindo-as em novas e conhecidas.

7.º lição

OBJECTO — Uma laranja *verde*.
 GUIA — Conversação como na 1.ª lição.

RESULTADO :

Essa laranja não está madura.
 Ella não é madura porque está verde.
 A cor verde não é amarella.
 Eu gosto mais do verde.

Tome nota das palavras dadas, dividindo-as em novas e conhecidas.

8.º lição

OBJECTO — Uma laranja.
 GUIA — Conversação como na 4.ª lição.

RESULTADO :

Eu gosto de chupar uma laranja.
 O menino também gosta de chupar a laranja.
 O menino só chupa laranja madura
 A laranja verde não se chupa.

Tome nota das palavras, dividindo-as em novas e conhecidas.

9.º lição

OBJECTO — Uma laranja.
 GUIA — Conversação como na 4.ª lição.

RESULTADO :

Essa laranja não é minha.
 Ella é do menino Paulo.
 Paulo não gosta de laranja verde.
 Elle gosta de laranja amarella.
 A laranja é muito gostosa.

Tome nota das palavras, dividindo-as em novas e conhecidas.

10.º lição

OBJECTO — Uma laranja.
 GUIA — Conversação como na 4.ª lição.

RESULTADO:

Essa laranja está inteira.
 Eu posso partir a laranja.
 Agora a laranja está partida em dois pedaços.
 Cada pedaço é uma metade da laranja.
 Esta metade tem gomos.

Tome nota das palavras, dividindo-as em novas e conhecidas.

Palavras empregadas nesta 2.ª série

CONHECIDAS	NOVAS
uma	tem
Esse	está
Ella	chupar
porque	chupa
A	posso
é	partir
bonita	partida
Eu	
de	
muito	
da	
Esta	
gosto	O
gosta	senhor
	laranja
	madura
	amarella
	cor
	não
	verde
	mais
	do
	menino
	tambem
	só
	se
	misha
	Paulo
	Elle
	gostosa
	inteira
	Agora
	em
	dois
	pedaços
	Cada
	pedaço
	metade
	gomos

14 conhecidas

34 novas

6.º exercício retrospectivo

Esta bola não é amarella.
 Ella é verde.
 O Senhor gosta da bola verde?
 O Senhor tem uma bola verde?
 Porque o Senhor não gosta da cor amarella?
 Paulo gosta muito da cor amarella.
 Elle tem uma bola da cor amarella.
 O Senhor gosta de laranja amarella?
 Eu gosto mais da verde.
 Porque o senhor Paulo não gosta da verde?

7.º exercício retrospectivo

A minha laranja não está madura.
 Eu vejo uma laranja não madura.
 Paulo chupa laranja gostosa?
 E' gostosa a sua laranja?
 Rola tambem a sua laranja, Paulo?
 Porque rola a sua laranja?
 Ella rola porque é redonda.
 Eu tambem gosto de chupar laranja.
 Eu só chupo laranja.
 Eu só gosto de chupar laranja.
 Só a laranja é gostosa.

8.º exercício retrospectivo

O senhor tem uma bola ou uma laranja?
 Porque o senhor não tem laranja?
 Porque eu gosto só da bola.
 Eu não posso partir a bola amarella.
 Eu só posso partir a laranja.
 Agora esta laranja está partida.
 Ella tem dois pedaços.

9.º exercício retrospectivo

Eu vejo um menino com uma laranja amarella.
 Essa laranja está madura e é do menino Paulo.
 Maria não tem laranja para chupar.

Ela só tem uma bola verde para brincar.
A partida do Paulo está muito bonita.
Com o Paulo eu não posso partir a laranja amarella.

10.º exercício retrospectivo

Esta é a metade da laranja.
Tem gomos esta metade, Paulo?
Maria, tem gomos a bola?
Não; a bola não tem gomos.
Cada bola tem sua cor e cada laranja também.
Eu vejo a cor da bola e da laranja.
Agora eu não vejo a cor da bola.

A 3.ª série de lições

11.ª lição

OBJECTO: — Um jarro commum, não muito grande.
GUIA: — Conversação como na 1.ª lição.

RESULTADO:

Isto é um jarro.
Esse jarro não é meu.
Elle é do menino José.
O jarro do José é muito bonito.
O jarro serve para pôr agua ou leite.

(Tome nota das palavras como na pagina. 488)

12.ª lição

OBJECTO: — Um jarro.
GUIA: — Conversação como na 1.ª lição.

RESULTADO:

O jarro tem uma bocca.
A bocca do jarro não é grande.
O jarro tem um fundo.
O fundo do jarro fica embaixo.
Eu vejo a bocca e o fundo do jarro.

(Tome nota das palavras como na pagina 488).

13.ª lição

OBJECTO: — Um jarro.
GUIA: — Conversação como na 1.ª lição.

RESULTADO

José comprou este jarro na feira.
Elle custou dois mil réis.
Este jarro foi barato.
Ha jarros muito caros.
Elles custam dez mil réis.

(Tome nota das palavras como na pagina 488).

14.ª lição

OBJECTO: — Um jarro.
GUIA: — Conversação como na 1.ª lição.

RESULTADO:

Este jarro é do menino José.
Elle ganhou o jarro de presente no dia do exame.
José fez um bom exame.
O exame não foi facil.
Por isso elle ganhou o presente.

(Tome nota das palavras como nas paginas anteriores).

15.ª lição

OBJECTO: — Um jarro.
GUIA: — Conversação como na 1.ª lição.

RESULTADO:

Esse jarro está vazio.
Agora elle tem agua.

A agua não é como o leite.
Eu conheço bem o leite e a agua.
O leite é tirado da vacca.

(Tome nota das palavras como nas paginas anteriores).

Palavras empregadas nesta 3.^a série

USADAS — 22		NOVAS — 44	
não	é	bem	conheço
Elle	tem	Isto	serve
do	vejo	jauro	rôr
menino	está	um	fica
o — o		Esse	comprou
muito		meu	custou
uma		José	foi
A		bonito	barato
grande		agua	Ha
Eu		leite	custam
Elle		ou	ganhou
dois		bocca	fez
muito		vacca	tirado
de		fundo	vasio
no		embaixo	como
um		Este-este	dez
Agora		na	presente
da		feira	dia
		exame	exame
		réis	bom
		caros	facil
		Elles	Porisso

(CONTINUARÁ)

GREMIO NORMALISTA (22 DE MARÇO)

Conferencia realizada pelo sr. dr. Carlos da Silveira, lente da
Escola Normal de São Carlos

(CONCLUSÃO)

22 de abril ou 3 de maio?

A verdadeira data do descobrimento do Brasil é, sem duvida alguma, a primeira; ha perfeito accordo de todos os moder-
nes investigadores, neste ponto da nossa Historia. A data de 3
de maio é inteiramente arbitraria e foi estabelecida não só por
ignorancia da verdade, como tambem porque o sentimento religio-
soso assim o quiz. Todos sabemos que o dia 3 de maio é con-
sagrado pela Igreja Catholica Apostolica Romana á festa da In-
venção de Santa Cruz; ora Cabral havia dado á posse o nome
de Vera-Cruz; «Terra de Santa Cruz» foi o nome pelo qual D.
Manoel substituiu o primeiro e, unicamente por tal motivo, tor-
nou-se usual celebrar o descobrimento a 3 de maio, desde os
inicios das primeiras parasitagens, por uma associação, que se
explica de modo facil.

Na incerteza daquelles primeiros tempos a tradição da des-
coberta a 3 de maio achou terreno para se enraizar bastante;
demais a época era propicia ao erro, num século de exaltamen-
to religioso e, para dizer a verdade, de fanatismo exacerbado.

Alguns recorreem á reforma do Calendario, feita em 1582
por Gregorio XIII, para elucidar o caso. Mas pela reforma, a
data commemorativa cabiria em 2 e não no dia 3 de maio. Allás
é extravagante fazer-se essa alteração para as datas anteriores á
reforma de 4-15 de Outubro de 1582 e ainda mais só para a da-
ta da descoberta do Brasil; é artificio desnecessario e admira co-
mo o visconde de Porto Seguro a elle tenha recorrido, assim co-
mo Beaurepaire—Rohan, o primeiro que se reportou á corrigen-
da gregoriana para explicar a antinomia.

De tudo isso resulta que o Brasil foi descoberto a 22 de
abril de 1500; comtudo, desde os começos da pseudocoloniza-
ção, por ignorancia naturalmente, e por motivos de crença reli-
giosa,

giosa, foi se estabelecendo o hábito de commemorar o facto em 5 de maio, data esta mantida pelo governo imperial na carta constitucional de 25 de março de 1824 e até marcada para a abertura das sessões legislativas, costume que o regime republicano também adoptou, conforme se vê na constituição de 24 de fevereiro de 1894.

Temos, pois, dois dias anniversarios: de um lado o tradicional, prestigiado pelas leis pátrias; de outro, o da carta de Caminha, com a verdade historica.

Outra duvida existente é quanto ao acaso da descoberta. Sem levar em conta o muito que sobre isto se tem escripto, de claro-me sympathico á corrente que combate o acaso. Houvera sido o descobrimento um século antes e eu acreditaria nos que affirmam o contrario; em 1500, porém, depois de uma era de arrojadas empresas, após um sem numero de viagens, em seguida a Colombo, ao Gama illustre, aos hespanhões Hojeda, Pinzon e Lepe, parece que é temeridade ou melhor ingenuidade pender para o acaso.

Accresce a circumstancia de virem na armada cabralina experimentadissimos navegantes, velhos marujos, sob cujo braço as naus se retorciam brandas e obedientes, como sóe acontecer aos macios e rosnadores gatos de A'ngora ao sentirem os afaços de mão amiga e carinhosa.

O facto de Pedro Alvares não levar da armada os assignalados padrões para levantar em novas terras de que por ventura se tomará posse, como era uso no tempo, não importa, bem como o de ter elle uma rota marcada para Calicut.

Até uma prova decisiva dos historiadores, continuarei a acreditar no afastamento proposital da costa de Africa, com a certeza de alcançar alguma terra nova, onde os hespanhoes não tivessem ainda lançado signaes de sua posse, terra ou terras essas que bem poderiam ter sido presentidas por algum arrojado explorador português, quizá o proprio Gama.

O silencio de Pero Vaz de Caminha a respeito dos incidentes da viagem, referidos e acceitos pelos historiadores (Rocha Pitta fals até em uma tempestade), parece concorrer para mostrar que não houve casualidade no feito e sim algum proposito.

Esta questão foi apresentada em 15 de novembro de 1819 ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro pelo proprio Imperador, o Sr. D. Pedro II, de saudosa memoria, seguindo-se a isso animada e interessante discussão em que tomaram parte o historiador J.^m Norberto, o grande poeta Gonçalves Dias, o conde Machado de Oliveira e outros.

Minhas aras. e meus ara.
Acabámos de passar em revistas os factos que antecederam á descoberta de nossa Terra e esboçámos céleremente a travessia de Cabral e factos consequentes.

Vimos o estado social do velho reino lusitano, durante o século XV, a grandiosa era que foi dos descobrimentos maritimos. Sentimos bem a majestade dos feitos brilhantes daquelles nautas, ao rememorar-lhes a gloria, gravada nas paginas immortaes que o cantor dos Lusidas traçou de um modo estupendo.

A sciencia, no emtanto, não tem veneração pelos heroes e, na sua faina investigadora, ella agita a poeira de ouro da lenda e descobre a « nudez forte da verdade », por sob o « manto diaphano da Phantasia » para me exprimir na phrase elegante do maravilhoso Eça, que tão formosamente arreava em obras magistraes, as suas analyse: cruas e inexoraveis.

A sciencia, pois, começa a nos fazer acreditar que ao lado da expansão natural já por nós rifeida no inicio desta desprentenciosa palestra, expansão propria de todas as gentes que, a modo de grandes colmeias, se desdobram em multi-plos exames; a sciencia, notae-o, descobre tambem na alma portugueza daquelle tempo, uma sede formidavel de ouro, o instincto goso-seiro da pilhagem, formado através de tantas gerações em luta, desde os primordios da Historia da peninsula ibérica.

A principio dá-se o conflicto entre os *Iberos* pacificos e os *Celtas* turbulentos, donde os *Celtiberos*; depois é o embate de *Phenicios*, *Gregos* e *Cartagineses* commerciantes e, portanto, aventureiros. Veem após os *Romanos* e dahi as pugnas d'fices com os *Lusos*. No século V os *Alanos*, *Suetos*, *Vândalos* invadem a peninsula a qual vae afinal cair ás mãos dos *Visigods*. Pelo século VIII apparecem os *Mahometanos* (arabes e mauritanios) que alli permanecem centenares de annos.

O remanescente de todos esses prontos memoraveis, desse caldeamento de tantas raças diversas, é um extranho caracter, mixto de religiosidade fanatica e de irreprimivel ganancia, qualidades estas que se compadeciam perfeitamente com o genio aventureiro daquelle rebento capetiano, o príncipe-conde Henrique de Borgonha, fidalgo ao qual Affonso VI de Leão e de Castella doára um territorio, em recompensa de serviços prestados pelo cavalleiro francès em correrias contra os mussulmanos.

Assim pois a primeira vez que Portugal apparece como circumscripção definida — o condado Portucalense, — sob a hegemonia do célebre genro do já citado Affonso VI, é elle habitado por uma população irrequieta e guerreira, com instincto bel-

lico muito pronunciado e ainda mais acentuado gosto pela pilhagem.

Fundada a monarchia pelo filho do borgonhês, continua o mesmo regime, de maneira que «as navegações grandes que fizeram», «por mares nunca dantes navegados», não foram inspiradas por motivos elevados e, desse modo, «as memorias gloriosas daquelles reis, que andaram dilatando a fé, o império», valem bem ás daquelles taes que «as terras de Africa e de Asia andaram devastando», conforme narra o poeta, com linguagem de assás louvavel franqueza.

Estados modernos, baseados em fontes authenticas provam, de sobejo, casos sem conta muito desabonadores dos feitos desses heroes terríveis, cujas façanhas enchem-nos de horror. Afonso Henriques, por exemplo, tem no seu passivo um extenso rol de actos de banditismo, como saoteador de castellos mouriscos. A caça ao mouro durou largo tempo. Depois, extincto esse manancial, restou o saque aos judeus os quaes, esgotados por sua vez (e com o auxilio do Santo-Officio, de D. João III em diante), deram margem a succão das outras victimas que um euphemismo historico chamou *colonias portuguezas*. Aquelles famosos capitães da India praticaram barbaridades de toda a sorte, no que só foram iguaes pelos conquistadores hespanhoes na America: era o regime da roubalheira e da depredação.

Porém notemos: era essa uma era de pujança, de esperanças, de enthusiasmo. Os perigos e as guerras não entravam a marcha aos esforçados barões que, na furia dos seus arremessos, foram muito além «do que promettia a força humana».

Eram épocas bárbaras, não há duvida, mas eram annos de luta, tempo em que nas rudes lidas de batalhas cruentas e nas travessias pelas ondas, tantas vezes encapelladas, do mar, nem sempre de feição, affirmavam-se os caracteres e esrijava-se a tèmpera do homem.

Portugal apresentava um valoroso núcleo de homens ousados, promptos ás aventuras mais arriscadas e capazes dos mais árduos sacrificios para servirem a el-rei e á Patria. A difficuldade das empresas dava fibra áquelles valentes, cuja energia provoca a nossa admiração.

Nadando em ouro com as proezas da India, do Brasil e outras, Portugal entra sem demora, por isso mesmo, num periodo de decadencia por excesso de riqueza. O laxo amolleceu depressa aquella outr'ora brava gente que não tremia ante o fragor das pelejas; tornam-se os portuguezes parasitas de suas colonias e tal parasitismo é a sua ruina, é a sua rapida e completa decadencia.

A molleza foi tal que, em 1578, na infeliz jornada de Alceger-Kebir, quando pereceu o «ultimo rei cavalleiro-idiotas que nos symbolisa a loucura anqueadora», conforme a expressão justa de Antonio Sergio, encontraram-se, dizem, pelo campo de batalha, dez mil guitarras que, dizem, pelo cambeado, para, sem luvida, quasi novos Orpheus, adormecerem o mouro e assim tomarem, ao Cérbero vigilante, a nova Eurybódice representada pela immensa Africa.

O escriptor nacional Manoel Bomfim, no seu livro «America Latino», estuda largamente essa questão da parasitagem rica sobre as conquistas feitas; é um estudo convincente. Nós não sabemos de modo positivo qual teria sido o resultado do trabalho portuguez na America (que é o que nos interessa) se o velho reino estivesse em toda a sua pujança quando da colonização.

Acreditamos, todavia, sinceramente, que foi um mal a decadencia ter começado no momento mesmo em que Portugal mais necessitava de potentes forças criadoras, afim de fazer brotar, nas zonas a se colonizarem, um governo forte sem teociedade e adaptado ás condições locais, um governo disciplinador por ser disciplinado, e organizador das energias nascidas do contacto da velha e apurada mentalidade europia sobre a terra virgem e fecunda do novo continente.

Em lugar disso porém que é que tivemos? A metropole decadente, dessorada, num depauperamento vertiginoso, não soube e não pôde criar aqui o prejudicialissimo systema de succão, afim de manter o maior tempo que possível fosse, o organismo fragil e anemiado do reino. Em breve se distinguiram no Brasil duas classes com tendencias oppostas: de um lado a *classe governamental* todo poderosa, representante de el-rei, essencialmente parasitaria, extorquindo vorazmente; de outra banda a *classe administrada*, o povo ignorante e desunido, supersticioso e fraco para trabalhar.

Tal regimen permaneceu todo o tempo do Brasil colonia. Ora, quando foi da independencia, a concepção de governo, que estava generalizada, aliás a unica que aqui podia existir, mudou os processos intolerantes até então mantidos pelas autoridades, era de que o governo, o poder supremo, é um *apparelio sugador*, com todas as prerogativas imagináveis, *o arreale de todas as melhores energias de um povo e independente de maneira absoluta de alguma coisa que se chamou alguas SOBERANIA POPULAR*. O governo era, para a quasi totalidade da nação um herdeiro directo e legitimo continuador da organização parasitaria que Portugal estabelecera longamente sobre nós.

Esses aparelhamentos perniciosos estiveram armado 300 annos sobre as chamadas classes productoras do paiz, mas productoras não para beneficio proprio se não para o seu parasita, donde todos os vícios de povo espoliado: o desanimo, a falta de iniciativa, e desinteresse, a falta de amor ao trabalho; uma ignorancia crassa, e superstição tocando ás rasas do fanatismo; emfim a apathia geral, tudo se esperando de cima, isto é, do governo-providencia, e um desejo unico e intenso nos individuos: SER EMPREGADO PUBLICO ou ser DOUTOR NALGUMA COISA, os dois processos rapidos, seguros e exclusivos para elevarem um qualquer lo povo á categoria superior incontrastavel.

Ainda não se apogaram os ultimos resquícios dessa maldada organização que Portugal estabeleceu sobre o Brasil, desde 1500 até 1822. Lêde, aras, e ara, lêde o livro de Manoel Bomfim, com animo calmo e reflectido e acharéis lá explicada a causa de muitos de nossos males passados, presentes e futuros.

Deus sabe o trabalho que têm tido os nossos estadistas para democratizar o paiz, apagando os vestigios de um passado que ainda perturba a nossa vida de povo civilizado.

E que 94 annos de independência não compensam 3 séculos de um regimen degradante...

Henrique Thomas Buckle, na sua afamada «Historia da Civilização na Inglaterra» attestou a nossa inferioridade com a sua celebre theoria dos ventos alizeos.

Carlos Roberto Darwin olhava-nos contristado, nada esperando do nosso povo.

James Bryce, notavel constitucionalista, tambem inglez, após recentissima visita pela America do Sul, em obra que já correu mundo, di-se sobre os sul-americanos, que não sabia se eram dignos da herança que nos coube na partilha dos territorios.

Gustavo Le Bon, sociologo francez de grande nomeado, frequentes vezes tem affirmado a nossa incapacidade, baseado no cruzamento das raças muito desigualmente desenvolvidas.

Ainda ha pouco, lendo um trabalho de Alfredo Fouillée, secundo publicista francez, livro publicado em 4.ª edição em 1901, lá encontrei os seguintes trechos: «Um viajante americano viu recentemente a obra dos emigrantes allemães que se estabeleceram no Brasil. Após uma experiencia de dois annos, diz elle, encontraes o colono allemão assentado á sombra de uma figueira plantada por seu predecessor portuguez. Para trabalhar em seu logar alugou um negro. Voltae alguns annos

após; ordinariamente só restará o negro: o colono allemão terá morrido de febre ou terá ido embora ».

«Ao longo do Amazona, segundo um outro viajante, as familias de raça branca para começarem a desaparecer pela terceira geração; tornam-se então victimas da escrôfala e o mal é sem remedio.»

Na Allemanha, segundo temos lido, todos esperam que vamos, de joelhos, humildemente supplicar a dominação germanica, a maior ou mesmo a unica ventura que poderá salvar a nós de nos dirijirmos.

Ahi tendes, pois, preclaro auditorio, através de julgamentos varios, o resultado do invento do Brasil e sua consequente dominação pelos portuguezes, aventureiros commerciantes do seculo XV, porisso que bem o diz Reclus, elles foram os successores dos venezianos e dos genovezes, de quem herdaram o tipo mercantil.

Eu não estou phantasiando: estou sim 416 annos após o nosso ancoramento no limiar da Historia, a referir os julgos dos espiritos mais lucidos do velho continente. Tais julgos serão VERDADES SCIENTIFICAS, productos de induções laboriosas e de rigorosas deducções, ou serão apenas CRENÇAS e CERTEZAS nascidas do sentimento, do habito da vontade ou de raciocinios falsos?

Cumpra que, pelo nosso esforço e pela nossa iniciativa, pelo nosso trabalho e pelo nosso espirito clarificante, apaguemos tão terriveis sentenças pronunciadas contra nós pelos expoentes da intellectualidade das grandes nações, e provoquemos os mesmos enthusiasmos e transportes de sympathia que, a estes expoentes, sóem provocar os Estados Unidos e de que a Argentina começa de participar.

Devemos ser descrentes do futuro, porque o mundo descobre em nós defeitos que realmente existem? Haverá remedio para tão desagradavel estado de coisas, qual o de sermos considerados inferiores, pelo clima e indignos, por mestiços do so'o que nos coube na partilha do mundo?

Os remedios parece-me, estão naturalmente indicados. Em primeiro lugar, por uma transformação intelligente extinguamos o que nos restar do aparelhamento governamental do povo commerciante, com laivos de parasitismo, sem razão algu-

ma de ser numa terra que tudo impelle para a agricultura, quando tudo está a indicar a nossa função de povo agrícola.

A sciencia social ensina que, ao passo que os governos dos povos commerciantes tem tendencias aristocraticas e sugadoras e são instáveis os governos dos povos agricolas são anti-parasitários e essencialmente estaveis e democraticos.

Adaptemos, pois, já que divorciados andam, o nosso aparelho governativo ao nosso povo, á nação brasileira.

Ainda não ha um anno o grande e saudoso patriota Affonso Arinos, dizia em São Paulo, em brilhante conferência: «Como corpo politico o povo brasileiro não existe. Elle é governado por uma reduzida e pouco brilhante aristocracia que não tem como a chilena a sua base na propriedade da terra cultivavel, mas na burocracia militar e civil. Sem ter parte no governo o povo não tem culpa nem dos abalos politicos ou das revoluções, nem da desorganização administrativa, nem dos desmandos de toda a ordem nem da consequente penuria financeira».

E' a these desse batalhador incansavel que se chama Alberto Torres, essa da falta de adaptação do nosso governo ás nossas necessidades.

Em segundo lugar tratemos de criar, quanto antes, a ESCOLA NACIONAL, que não possuímos; há escolas no Brasil, mas não há as ESCOLAS BRASILEIRAS, officinas onde se forjará o cidadão desta Patria, concio dos seus direitos E TAMBEM DOS SEUS DEVERES.

A escola brasileira, expoente maximo do sentimento nacional, educará o povo (não o instruirá sómente) pela propaganda desapaixonada e benefica, indispensavel e urgente das ideias assentadas que por qualquer modo concorram ao nosso progresso.

A escola, porém, sois vós srs. alumnos e sras. alumnas principalmente, sois vós cuja missão é tão agigantada, que o notavel philosopho Leibniz chegou a proclamar: «Dae-me a educação e eu mudarei a face da Europa em menos de um século!»

Esperemos, portanto, que o vosso patriotismo, alliado ao descortino dos nossos homens publicos, modifiquem a situação anómala em que nos achamos, expostos á curiosidade do mundo, como um vasto campo de experiencia, onde uma sociedade anarchica se debate e olhemos confiante para o futuro, sem temor das responsabilidades enormes que cada um de nós tem ás costas e sem desfalecimentos pelos juizos desfavoraveis dos sabios, cujas criticas devemos prestar em alto grau.

Os povos agricultores e instruidos constituem as sociedades fortes por excellencia e que realizam o lemma da nossa bandeira: são estaveis e progressistas.

Essa é a nossa rota. E assim como a Roma agrícola venceu os seus rivaes commerciantes, e ditou leis ao mundo, possa o Brasil agrícola vencer na luta pela vida e conquistar um alto grau de civilização real, facto que se dará fatalmente desde que tenhamos amor á terra, que nos vinculemos a ella e procuremos constantemente tratá-la com carinho — a nossa querida e formosa terra de Santa Cruz, cujo descobrimento, em conformidade ás nossas leis, estamos aqui commemorando.

A data de hoje faz parte das grandes festas cívicas nacionais que o legislador julgou dever destacar, para as commemorações em taes dias anniversarios constituirem um culto da religião da Patria, de que somos fervorosos crentes.

Em todos os cultos reúnem-se os fiéis e penitenciam-se das faltas commettidas, quando as ha, prometendo sempre, cada um de per si, todo o maximo esforço no sentido de um futuro melhor.

Façamos o mesmo aqui, neste templo da religião cívica (poisque toda a escola o é) e louvemos o «Gremio Normalista 22 de Março» pela iniciativa em realizar este acto de civismo, que acredito, será frequentemente e opportunamente repetido.

Dou á Directoria do Gremio e aos seus associados o meu mais sincero parabem.

Tenho concluido.

S. Carlos, 5—5—1916.

ARCHIVO

DISCURSO do Prof. Gualberto Nunes, proferido na Escola Normal de Guaratinguá, por ocasião do Centro Educativo - Cesario Motta.

Dignos Representantes dos Ex.^{mas} S.^{as} D.^{as} Secretario do Interior e Director Geral da Instrucção Publica.

Ex.^{mas} Senhoras.
Meus Presados Collegas.
Illustres Senhores.

Quando, ha meses passados, foi lançada entre o professorado publico desta cidade a idéa da fundação de um centro de estudos, uma agremiação de professores, destinada a cooperar com os poderes publicos em pró de todo quanto se referisse á instrucção publica, estavamos longe de supôr que a semente de tão modesta iniciativa fôra lançada em terreno tão fértil, de que pudesse resultar tão rapida germinação.

Acolhida com entusiasmo, quer pela quasi totalidade dos professores desta prospera cidade, quer por outros collegas que, residindo em localidades vizinhas commungavam no mesmo idéal, e, mais, por pessoas conceituadas do meio social em que vivemos, ás quaes, extranhas á classe, mas afeitas ás cousas do ensino, não era indifferente o programma que a sociedade a fundar-se se propunha a realizar, a feliz idéa foi em breve convertida em realidade, sendo fundado o Centro Educativo, que tomou por patrono a Cesario Motta, o grande e saudoso amigo do professorado paulista, o decodado paladino da instrucção publica, o laborioso administrador a quem se dêve a primeira reforma do ensino publico em São Paulo, reforma de que sahiram os solidos alicerces em que se assenta hoje o nosso excellenté aparelho escolar.

Não se supponha que o Centro Educativo « Cesario Motta » foi fundado tão somente para congregar os professores desta cidade e para proporcionar-lhes um ponto de reunião em que se pudesse effectuar larga e útil troca de idéas sobre os multiplos, e palpitantes assumptos referentes ao ensino e aos interesses da classe; não, o seu idéal foi mais alevantado, impondo ao Centro agisse em uma esphera mais vasta, extremamente ampla, quasi illimitada.

Não ha immediatista e muito menos vaidoso desta affirmação. Animados do desejo sincero de engrandar braço forte, na repartição technica do ensino, pelo chamado a superintender a em que, com elevada competencia, albeo ás injuncções que não condizem com os interesses do ensino e o prestigio da classe do professorado publico e, a par do largo descurto que sem forças dispersa², despertando o estimulo confortador e affirmado consocios, cujo numero atinge quasi uma centena de fundação inauguração, para, a pontos todos, reverterem os seus olhos para os problemas de interesse vital do Centro, empregando o melhor dos seus esforços em favor da realisação do respectivo programma tarefa difficil, sem dvida, mas para cujo cumprição apoio moral do benemerito governo do Estado.

Esse programma é vasto, quasi illimitado, repito, requer trabalho e « esforços perseverantes », mas eu confio muito e muito na lealdade e na dedicação das meus dignos compaheiros de jornada.

Amsnhã, entrará o Centro em franca actividade e, dentro em breve espaço de tempo, serão conhecidos os resultados da sua acção no ambito social em que vivemos, na sua a que pertence esta futura cidade e, quiçá, mesmo em todo nosso Estado.

Os applausos, as palavras de franco e sincera animação que nos chegam diariamente de todos os recantos de São Paulo, induzem-nos a alimentar essa esperança.

Se assim não fôr, não haverá ainda motivo para desanimos. Pois como muito bem disse Vicente de Carvalho, o principe dos poetas paulistas, o adoravel cantor das bellenas maritimas :

Quem perde uma illusão ridente
nada perde :

Pois outras illusões
Se abrem no coração, que é uma
coisa verde
Coberta de botões.

Cumprindo á risca os nossos estatutos, vamos quizasalmente nos reunir em proveitosos serões artisticos, litterarios, scientificos e puramente pedagogicos, com o elevado intuito de aprofundarmos os nossos conhecimentos. Seremos alumnos e seremos

mestres, sem vaidade, sem ostentação e sem mal entendido amor próprio. Seremos unidos, muito unidos, como irmãos de officio e procuraremos promover a mesma sincera união entre todos os membros de nossa humilde, mas nobre classe de servidores da causa santa da civilização.

Aprenderemos a manejar sem grande esforço a palavra e a penna, cultivando para isso, com acendrado carinho, a bella materna lingua nossa.

Cultuaremos com enthusiasmo a patria querida, instituindo um curso de brasilianismo, por intermedio do qual possamos torna-la perfeitamente conhecida de todos, como sendo o nosso grande, immenso Brasil, « plethorico de riquezas, apoplectico de felicidades, patria de todas as patrias, mãe de todos os expatriados », no dizer do poeta pedagogo, o immortal B. Jac, para que assim possa ella ser verdadeiramente amada e nós nos tornemos verdadeiramente dignos do nome de brasileiros.

A historia de nossa terra merecerá especiaes carinhos nossos: nenhuma data memoravel, de significação nacional, passará despercebida nesta casa, nem tão pouco deixarão de receber as nossas homenagens de veneração os cultos que personalizaram, cuja memoria abençoada fulgirá sempre nas paginas do grande livro.

Depois, estudaremos a vida dos grandes brasileiros, que se notabilisaram em todos os ramos da actividade humana e, em particular, a dos nossos mestres e guias, os educadores patrioticos e os estrangeiros, cujos legados são hoje o nosso melhor patrimonio.

Findará ahí o nosso programma? Não ainda.

Com as luzes que nos emprestarem os abalizados clinicos desta cidade, que bondosamente se filiarão a nós, procuraremos diffundir os conhecimentos sobre puericultura, com o intuito de annexar a esta casa uma associação de mães de familia, a exemplo das que, nos Estados Unidos da America do Norte e em varios paizes da Europa, vêm prestando inevitaveis serviços á obra meritoria de protecção á escola.

Oxalá se não veja em nossa iniciativa mais do que a intenção sincera de, em beneficio da educação, promovermos a necessaria, a indispensavel aproximação entre o lar e a escola o mutuo entendimento entre professores e chefes de familia, para que, estabelecida a acção conjuncta das duas auctoridades, de que absolutamente não pôde prescindir o ideal educativo, mais suave e efficaz se torne a obra ingentemente delicada da formação do homem de amanhã, das gerações porvindouras.

Dispensaremos tambem as nossas melhores attentões aos importantes problemas da frequencia e patronato escolares, comprehendendo este a assistencia material e moral da infancia.

Como resolve-los, porém? Encarando-os sob o triplice aspecto dos factores que devem intervir na sua solução: a escola, o lar e os poderes publicos.

Com relação á escola, vamos-nos esforçar para que ella se constitua cada vez mais uma « casa alegre », como a desejava o eminente Victorino Feltre, adaptando-a em tudo, criteriosamente, ás modulações da alma infantil,

« Desse tenro e debil ser cujo resguardo
E' do lar o cuidado e a alegria,
Esse fragil sacrario da esperanza,
Tão meigo, tão gentil, tão pequenino ».

Devemos querer com Lecomte de Lisle, o parnasiano amigo das crianças, que estas accorram á escola (como ao pomal as pombas mansas) e aquella seja como a queria Brunswick: « uma casa modesta, teita de luzes e harmonias, ampla, dotada de conforto, com muitas janellas abertas para um jardim », de modo que seja procurada pelas crianças como um segundo lar, cheio de encantos a attractivos, onde as esperam com desvelado e carinhoso amor.

« Attrahir e não repellir, encantar e não obrigar, distrahir e não fatigar, » tal deve ser o lemma da escola moderna.

A familia, segundo factor, deverá interessar-se pela frequencia dos alumnos, fiscalizando-a cuidadosamente, visitando a miúdo a escola e acompanhando de perto a marcha do ensino nella ministrado.

O terceiro factor, os poderes publicos, deverá ser invocado sómente nos casos extremos e, quando o seja, sua acção deverá ser immediata e effectiva, para que possam ser dirimidos os abusos de muitos paes, tutores ou responsaveis, que retêm crianças afastadas da escola, sob pretexto de falta de recursos, que nem sempre é procedente.

Neste caso, impõe-se ás municipalidades a execução rigorosa da lei sobre o ensino obrigatorio, assim, como o encargo patriotico da concessão de auxilios aos verdadeiramente necessitados.

Num pais de invejaveis riquezas, em que fulge o ouro e a produção agricola e pastoril se avoluma a ponto de reclamar o concurso valioso do braço estrangeiro, não pôde a miseria obstar a marcha da civilização. Por isso, cuidaremos tambem do patronato escolar: a assistencia material e moral da infancia.

Iniciaremos activa propaganda em favor da instituição das caixas escolares, procurando favorecer directamente a frequência escolar e, indirectamente, dar combate efficaz ao analfabetismo.

Sob o ponto de vista moral, o patronato procurará proporcionar um ambiente mais salutar á nossa infancia, afastando-a das ruas - antro em que medram todos os vícios e preparando-lhe um bem estar relativo á sã formação da personalidade futura.

Para esse fim, instituiremos bibliothecas e museus, ligas de bondade e de protecção ás plantas e aos animaes, faremos excursões pelos campos, emfim, propagaremos as excellencias do escotismo-escola por si só capaz de produzir a desejada regeneração.

Completando o seu programma, o Centro Educativo cuidará com interesse de todas as questões que se prendem ao ensino agricola, á educação artistica, á educação sanitaria do povo e ao ensino civico, pretendendo quanto a este instituir entre nós a admiravel iniciativa norte-americana do culto á patria no lar.

Dia virá, tenho esperança, e não remoto, em que, para commemorar condignamente as datas gloriosas de nossa historia, cada familia erguerá no lar um altar á Patria, encimado pelo pavilhão auri-verde, em homenagem ao qual, paes, mães, irmãos filhos e netos, em plena e ardorosa communhão civica, levarão a effeito as mais bellas, mais significativas, mais sinceras e commoventes commemorações patrioticas.

Minhas Exmas. Senhoras e meus Senhores, eu vou terminar. Muitos assumptos de palpitante actualidade e notoria importancia que serão objecto de estudos do Centro Educativo « Cesario Motta », deveriam ainda ser por mim passados em revista neste momento. Entretanto, não quero nem devo roubar mais tempo ao culto auditorio, que certamente anseia e com justa razão por ouvir a palavra persuasiva elegante e erudita do illustre conferencista, que vai dissertar sobre um thema suggestivo e de grande oportunidade.

Vou ceder o meu posto ao preclaro amigo e collega, ao meu illustrado ex-professor sr. João Lourenço Rodrigues, que muito obsequiosamente, provando o quanto é amigo dos seus companheiros de classe, annui cavalheiramente ao convite que tivemos a honra de dirigir-lhe, para emprestar o seu concurso brilhante a este acto, deferencia pela qual, muito deevanecida, a directoria do Centro se confessa extremamente agradecida.

Quanto a S. S. Exas, os Srs. Dr. Oscar Rodrigues Alves e Dr. Oscar Thompson, que, por motivos ponderosos, deixaram de comparecer a esta solennidade, não sabemos como melhor manifestar-lhes a nossa gratidão pelo gesto de nimia gentileza

com que attenderam ao nosso appello. Bem sabemos que ao concurso dos nossos numerosos amigos e collegas á iniciativa da fundação do Centro Educativo, viria juntar se o apoio valioso de S. S. Exas., que em tão alta conta recebem sempre as boas idéas que digam respeito á instrucção publica e ao professorado.

Homens de trabalho, que não poupam sacrificios para elevar o nivel do nosso ensino e o bom nome da classe dos professores publicos, nós lhe hypothecamos em pagamento á divida de gratidão de que se tornaram nossos credores, o penhor do nosso trabalho activo, sincero e desinteressado pela causa nobilissima de que têm sido denodados batalhadores.

Declarando inaugurado o Centro Educativo « Cesario Motta », eu faço um appello vehemente aos meus dignos consocios para que, unidos todos, sempre unidos, um só coração e uma só alma, luctemos pelo nosso ideal, com firmeza e com perseverança, desfaldando a bandeira do trabalho. Tenho dito.

NOTICIARIO

Os vencimentos do professorado publico. — A Directoria da Associação, sempre zelosa pelos interesses da classe, apresentou ao Congresso, por intermedio do distincto congressista, o dr. Piza Sobrinho, o pedido da melhoria de vencimentos, tão exiguos actualmente.

Atendendo o pedido feito, o illustre deputado produziu o brilhante discurso que abaixo transcrevemos, e que constitue para a classe do professorado motivo de gratidão e confiança.

O SR. PIZA SOBRINHO — Sr. presidente, a Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo deu-me a honra de ser o portador de uma representação que dirige á Camara, solicitando o augmento equitativo dos vencimentos da nobre classe que dignamente representa.

Sinto-me feliz em occupar pela primeira vez esta tribuna para, na confusão da minha inexperiencia (*não apoiados geraes*) justificar a aspiração razoabilissima dos professores paulistas. E' que, não tendo pelo successo da causa que esposei com satisfação, pois ella, a despeito da fraqueza da minha palavra, das deficiencias dos meus argúmentos (*não apoiados geraes*) triumphará por si só, porque é indiscutivelmente justa.

Ninguém, certamente, contestará que o professorado publico do nosso Estado é muito mal remunerado, e que os seus vencimentos absolutamente não são bastantes sequer para as necessidades mais urgentes da vida, quanto mais para o conforto material e a representação que elle deve ter na sociedade.

A Camara não desconhece a actual tabella de vencimentos desses modestos, mas heroicos obreiros de nossa civilização e de nosso progresso, que tão mal comprehendidos são ainda entre nós, e nem ao menos são rodeados do respeito e dignidade a que têm indiscutivel direito, pela elevada missão que desempenham.

A tabella vigente dos vencimentos do professorado é a do dec. n. 1259, de 50 de setembro de 1904, pela qual percebem os professores de bairro 2:400\$000; em cidades, 3:100\$000, e em grupos escolares, 3:500\$000 annuaes.

Ora, sr. presidente, os vencimentos de-a tabella são os mesmos da tabella do dec. n. 126, de 5 de junho de 1901, do Governo Provisorio!

Mesmo ha vinte e oito annos, quando as condições de vida eram innegavelmente melhores do que hoje, essa retribuição foi considerada insufficiente para a manutenção do professor, tanto que, no anno seguinte, a 8 de setembro de 1892, pela lei n. 88, se elevavam os vencimentos do professorado pela maneira seguinte: professores de escolas complementares, 3:600\$000 annuaes; professores intermedios (não diplomados), 2:400\$000; e de escolas modelos tinham os vencimentos annuaes de 4:800\$000, e os das escolas complementares, 5:400\$000. Os adjuntos de graticificação **pro labore**, 4:200\$000, sendo 600\$000 considerados como gra-

Esses vencimentos permaneceram inalterados até 30 de novembro de 1903, data em que foi, pela lei n. 896, decretada a sua redução geral de 15 %.

Foi já um tremendo golpe no bolso do professorado, que, se não era bem pago, ao menos percebia o necessario para as necessidades mais prementes da vida.

Não se ficou, porém, ahí: a 30 de setembro de 1904, foi expedido o dec. n. 1.239, estabelecendo uma tabella ainda inferior para os vencimentos dos infelizes educadores do nosso povo, que fossem nomeados dessa data em diante, e que formam hoje a quasi totalidade dessa classe.

Por essa tabella, percebem os professores das escolas de bairro (agora subdivididas em rurales e districtaes) 2:400\$000, os de escolas de cidade (urbanas), 3:400\$000, e os adjuntos de grupos escolares, 3:500\$000.

E' preciso que a Camara note que esses vencimentos estiveram quasi sujeitos, e soffrem ainda, a redução do imposto geral de uns tantos por cento, que recaem sobre todo o funcionalismo publico.

Por esta rapida enumeração se verifica um facto de veras singular: ao passo que a vida, entre nós, pelas vicissitudes proprias do progresso e da civilização, se foi tornando mais cara, mais difficil; ao passo que a nossa moeda, por diversos motivos, se foi tornando mais desvalorizada, os vencimentos do professorado publico foram minguando!

O que é preciso diminuir, agora, sr. presidente, é a distancia entre os dois pontos; é urgente evitar que a tabella e as necessidades do professorado, no seu caminhar em sentido contrario, se vão encontrar no infinito.

Tive o grande prazer de ler, ha dias, um interessante trabalho publicado pela nossa operosa Directoria Geral da Instrucção Publica, a cuja frente se encontra o illustre pedagogista dr. Oscar Thompson. Instaura-se esse trabalho, de palpitante oportunidade — «O analfabetismo no Estado de São Paulo. — Plano para extingui-lo».

Li-o com a attenção que sempre me mereceram os assumptos referentes á instrucção popular, e, satisfeito sobremaneira, a orientação que, sob a inspiração do emilente sr. secretario do Interior, se vai dar ao nosso problema vital — a extincção do analfabetismo no Estado de S. Paulo. O problema, dos mais graves, dos mais delicados de resolver, pelas insuperaveis difficuldades economicas que nos traria, pela multiplicação, pela duplicação immediata das escolas e suas installações, parece que será encaminhado por uma via mais racional e menos dispendiosa.

O primeiro passo indicado pela Directoria Geral da Instrucção Publica, para que possamos, se não attingir, ao menos nos aproximar do fim collimado, é tornar mais efficientes, por meio de diversas medidas, as escolas existentes actualmente.

A esse respeito, lê-se no referido trabalho, na excellente suggestão do competente professor dr. Sampaio Doria, que illustra uma das mais importantes cathedras da nossa Escola Normal, a seguinte ponderada observação: (Lê)

« Não bastará, porém, adoptar uma lei, pura e simplesmente, para que se logre a maravilha sonhada. Em todos os empreendimentos humanos, se se não levar em conta a psychologia do operario, que executa, cahiremos, sem remedio, na desillusão, no fracasso. Reformas em papel, por mais meritorias, não valem nada. Na campanha contra o analfabetismo, o primeiro olhar dos interessados deve convergir para o professor. Se elle não tiver interesse pessoal, tu do dará em nada. As administrações se esfalfarão, inutilmente: o nivel do ensino continuará terra a terra.»

E, mais adiante: (Lê.)

« Pois, na sua grande, patriótica e generosa empresa de alphabetizar o povo, o Estado precisa contar com a dedicação do mestre-escola. Sem elle, nada fará de util. Hoje, elles andam abatidos, na estreiteza asphyxiante de mesquinhos horizontes. Vivem pauperriamente!

Depois de lembrar uma gratificação, ao professor, de um tanto por criança que alphabetizar, como um meio de estimulá-lo na sua agrada missão, conclue o emerito educador. (Lê.)

« Tudo está em saber coordenar as forças que o Estado tem nas mãos. Um exercito sem commando não ganha batalhas. Mas sob a direcção de um general de genio, fará milagres. Assim, a legião obscura e heroica dos professores. Se algum houver que saiba e queira alliciar as suas forças, levantando-lhes o animo, melhorando-lhes as condições de vida, este algum lhes triplicará a sciencia victoriosa na campanha contra o analfabetismo ».

Não ha, pois, discussão sobre este ponto: o Estado, para extinguir o analfabetismo, sem grandes, sem impossiveis despesas, não só no actual momento, como sempre, precisa que o professor se vote exclusivamente ao sacerdocio da educação popular, livre de quaesquer outras preocupações, de maneira que anças em um anno.

E' o proprio director da Instrucção Publica, sr. presidente, quem, no trabalho a que me venho referindo, requer toda a actividade do professor para a missão altamente patriótica que o Estado lhe confia.

Diz o emerito pedagogista: (Lê.)

« O professor da escola isolada não mais poderá ficar na sala de aula, como até agora, de braços cruzados, esperando que as crianças venham á escola ou que seus paes tenham, por acaso, conhecimento da sua existencia na localidade. A sua missão é outra: é ir procurar alumnos, fazer-se conhecido no bairro, manter relações com os paes, convence-los da necessidade de educar os filhos, e, quando estes meios não forem suficientes, recorrer então ás autoridades competentes, para o fim de tornar compulsoria a matricula das crianças em idade escolar.»

Ora, o tempo de que dispõe o professor para o cumprimento consciante do seu dever, em tses condições, mal lhe gará para o seu trabalho na escola publica.

Não podendo o professor ir buscar, em trabalho estranho os meios de supprir a deficiencia dos vencimentos que lhe paga o Estado, está claro, terá este de provêr inteiramente as suas necessidades.

Depois, o ensino e a educação, no nosso estado social, requerem certa capacidade, e, sobretudo, muita dedicação. E' para isso que o Estado mantém custosas escolas normaes, onde torma profissionais aptos.

Póde applicar-se ao ensino uma feliz expressão do grande escriptor portuguez, Oliveira Martins: « O catechismo vale pouco em si, e vale nada ensinado pelo barbeiro da aldeia »...

Se quizermos ter, portanto, bons e dedicados professores, precisamos, se não pagal-os fartamente, ao menos não permitir que abandonem como está acontecendo, a profissão de si espíritos que, por inclinação, hejam abraçado, para ir buscar outro trabalho mais remunerado, o que talvez lhes não seja difícil.

Esse facto é comprovado pela verdadeira deserção dos moços das nossas escolas normaes, e pelo numero elevado de professores, já em exercicio, que se estão exonerando diariamente.

Tomemos, pois, as necessarias medidas para evitar que o nosso ensino publico, tão justamente reputado no país, não decaia do progresso a que attingiu, graças á abnegação da digna classe do professorado, e que não vá cair nas mãos inhabeis dos barbeiros da aldeia...

Diz o dr. Thompson, no seu relatório citado: (Lê)

« Convençamo-nos tambem de que o professor é a escola e de que ella não pôde palpitar, cheia de vida e de esperanças, se o professor fór um descrente da sua missão ».

A abnegação, porém, tem limites, sr. presidente. Não é possível ter abnegação, menos do que isso, ter trarquilidade de espirito para instruir intelligencias infantis, para bem educar os cidadãos de amanhã quando deixamos em nossa casa bocas que pedem pão. (Muito bem).

E está na consciencia de todos que o capital empregado na instrução do povo é um capital bem collocado e que se deve augmentar sem medo de cair na bancarrota. Esse capital crea um outro capital de maior valor; que é o homem instruido, o bom cidadão, o verdadeiro patriota. (Muito bem).

Ora, se a instrução é um capital, e isto não padece duvida, pagar melhor o professor que desenvolve esse valioso capital, tira-o das proertupações que o impedem de dedicar-se inteiramente ao ensino de seus alumnos, torna-o mais eficiente na sua elevada missão, é um acto de boa politica economica. (Muito bem).

Fazer o professor mais eficiente é bem empregar o capital, que produzirá farta mé-se de fructos, voltando para os cofres do Estado, em prazo relativamente curto, muitas vezes augmentado.

Isto, encarando-se o problema simplesmente pelo lado economico.

Por outros aspectos seja ceioso estadual-o. Bastaria dizer, ou repetir o que outros já disseram, com muito mais felicidade de expressão, que, resolvido o problema da instrução e educação do povo, resolvidos estarão todos os problemas sociais, ou, se se não quizer ser tão radical, largó passo se terá dado para resolve-los.

Eu pretendia, sr. presidente, e já ticha feito estudos nesse sentido, apresentar um projecto melhorando os vencimentos do professorado paulista.

Deixo, porém, de fazel-o, e com satisfação, porque o digno sr. Secretario do interior, a quem a causa da instrução em S. Paulo tanto já deve (apoiados graças), devidamente autorizado pelo illustre sr. Presidente do Estado, e auxiliado pela operosa Commissão de Instrução Publica desta casa, e auxiliado quasi concluidos os seus estudos no sentido de melhorar as condições do professorado e do ensino, de accordo com as forças do Thesouro.

E, folgo em registar que, dentro em breve, a modesta aspiração do professorado, de que trata a representação que vou ter a honra de enviar á mesa, será uma realidade.

E a Camara pode estar certa de que, amparando a causa do professorado, amparará a causa da instrução.

« O ensino primario é o baptismo social de todo o homem moderno », já o disse o grande paladino da causa da instrução em Portugal, o sr. Bernardino Machado.

E eu termino, sr. presidente, ainda com as felizes palavras do illustre estadista do paiz amigo, concitando os meus nobres collegas a erguer bem alto e firme a bandeira da instrução.

« Quem é que pôde ser livre sem o saber? Não conheça as leis da natureza e queira ser um operario, não conheça a lei moral, e queira ser homem e cidadão! Ser livre, é saber! Toda a outra liberdade é fatalmente o gerastre na industria e a desordem na sociedade; toda a outra liberdade é a victoria, não do direito, não do interesse social, mas exclusivamente da força, ainda que seja a força bruta. Só com a liberdade, que é o saber, se caminha em progresso para a egualdade, para a felicidade! »

VOZES — Muito bem! Muito bem!

(O orador é felicitado por todos os seus collegas presentes).

Vae a mesa a representação, que é lida, e enviada á Commissão de Instrução Publica.

NOTAS

Secretaria do Interior — Relatório de 1917. — Digno de leitura é este Relatório pelas copiosas e interessantes informações que traz sobre o importante departamento dos negócios do interior. Especialmente a instrução pública é cuidada com especial carinho, apresentando excellentes idéas, cuja proxima realização muito desejamos. O sr. dr. Oscar Rodrigues Alves acha-se seriamente interessado no desenvolvimento da educação popular paulista, não poupando esforço para levar a effecto as melhores idéas que estão na tela da discussão.

Annuario de Ensino de 1917. — Interessante sob todos os pontos de vista o Annuario de Ensino do Estado de S. Paulo, correspondente ao anno de 1917. Nelle o sr. dr. Oscar Thompson, director geral do Ensino, apresenta um conjuncto de idéas uteis, marcando assim uma nova orientação para o ensino paulista. As questões são tratadas com largueza de vistas, havendo promessas de novos committimentos em prol da causa popular da educação publica.

Centro Educativo Cesario Motta. — *Archivo Pedagógico*. —

Em Guaratinguetá installou-se o Centro Educativo Cesario Motta, cujos altos fins são o desenvolvimento de cultura entre professores e alumnos, que seriamente vão se entregando a estudos que dizem respeito á causa de educação. O Centro tem como organ o *Archivo Pedagógico* que vai plenamente desempenhando o seu papel de propagandista fiel do ensino publico.

Nossa demora. — Devido a cousas alheias á nossa vontade, a *Revista de Ensino* deixou de apparecer com a regularidade desejada.

O nosso anterior numero é o de Dezembro de 1917 a Março de 1918, sendo o actual a sua continuação e que inicia o 41.º volume.

A nossos assignantes, dos jornaes e revistas que conosco gentilmente permitavam, pedimos nos continuem a honrar com sua confiança.

Ao Professorado, para quem a *Revista* é especialmente feita, rogamos a remessa de sua necessaria collaboração. fonte principal com que contamos para continuar a corresponder á sua grande acceitação, e que a Redacção agradece.

Movimento Associativo

De conformidade com os Estatutos, realizou-se, em 2.ª convocação, a assembléa geral para eleição da Directoria da Associação Beneficente do Professorado Publico Paulista, e que teve logar a 8 de Janeiro, dando a eleição o seguinte resultado:

Ramon Rocá Dordal, presidente.
 Carlos A. Gomes Cardim, vice-presidente.
 Demosthenes Marques, 1.º secretario.
 Antonio P. Baptista, 2.º secretario.
 Hidro Deneer, thesoureiro.
 Domingos de Paula e Silva, director.
 Julio Cesar Goulart, director.
 Francisco de Azevedo, bibliothecario.
 Ernestino L. da Silva, bibliothecaric.

Conselho Fiscal.

Dr. Oscar Thompson
 Joaquim L. de Brito
 Frontino F. Guimarães.

Dando conta do estado social que continúa a ser o dos annos anteriores, o sr. thesoureiro apresentou o respectivo balanço, approvado pelo Conselho Fiscal, e em que os srs. associados pôdem verificar as condições felizmente animadoras, tendo havido augmento de patrimonio.

Balancete da Associação Beneficente do Professorado Público do Estado de São Paulo

Em 31 de Dezembro de 1918

RECEITA

Saldo de 1917	3.067\$760
<i>Recebido:</i>	
Mensalidades e joias	638\$000
Assinaturas e collecções da "Revista"	101\$000
Juros das apolices e da C. Economica	595\$797
<i>A receber:</i>	
Por diversos titulos	13.085\$890
Valor de 7 apolices do Estado	7.000\$000
De 50 collecções da Revista a 30\$	1.500\$000
De 10 " " a 45\$	450\$000
Movéis e utensilios: Valor dos existentes com 10 % de abatimento	624\$326
	<hr/>
	27.062\$773

DESPESA

<i>Pago:</i>	
Auxilios definitivos	110\$000
Ateutamentos	188\$000
Empregados, ordenados e percentagens	406\$400
Revista e expediente	206\$200
Auxilio aos professores bahianos	100\$000
<i>A receber:</i>	
Por diversos titulos	13.085\$890
De 7 Apolices	7.000\$000
De 60 collecções da "Revista"	1.950\$000
Valor dos movéis e utensilios	624\$326
Saldo em 31 de Dezembro de 1918	3.441\$957
	<hr/>
	27.062\$773

S. E. ou O.

S. Paulo, 31 de Dezembro de 1918.

O thesoureiro — Izidro Denzer

O presidente — Ramon Roca Dordal

CONSELHO FISCAL

Conferes. — Oscar Thompson. — Joaquim L. de Brito. — Frontino Ferreira Guimarães.

A Directoria Geral da Instrução Publica tem a seu cargo a redacção da « Revista », que voltou a ser editada a expensas do Exmo. Governo do Estado.

As sras. professoras e os srs. professores podem dirigir os seus trabalhos de collaboração, com este endereço:

Redacção da "Revista de Ensino".

Directoria Geral da Instrução Publica.

Rua do Ypiranga, n. 24.

Os membros da « Associação » continuarão a receber a « Revista » gratuitamente, e os não associados poderão obtela por assinatura annual de 1\$000.

Continuámos a receber grande numero de publicações, com as quaes permutamos:

- « Revista Escolar », Rio de Janeiro.
- « O Mogymiriano », Mogy-mirim.
- « O 11 de Junho », Gremio Normalista de Pirassununga.
- « Comarca », Mogy-mirim.
- « A Cidade », Atibaia.
- « O Commercio da Franca », Franca.
- « O Diario », Itapetininga.
- « O Municipio », Capivary.
- « Gazeta de Ubá », Cidade de Ubá.
- « O Luzeiro », Quatis da Barra Mansa.
- « A Semeadora », Lisboa.
- « A Escola Primaria », Rio de Janeiro.
- « Revista de Educacion », La Plata, Republica Argentina.
- « Revista Nacional de Agricultura », Bogotá.
- « Anuario Estatistico de S. Paulo », S. Paulo.
- « Hora Litteraria », Natal.
- « Revista da Escola Normal », S. Carlos.
- « Revista de Ensino », Natal.
- « O Pihalense », Espirito Santo do Pihal.
- « Revista Pedagogica », Escola de Aprendiziz do Ceará.
- « Diario da Tarde », Espirito Santo do Pihal.
- « O Ensino Obrigatorio em Atibaia », Joviano Silveira.
- « Bulletin de l'Amérique Latine », Paris.
- « Revista de la Facultad de Agronomia y Veterinaria ».

La Plata, Republica Argentina.

- « Boletim da Alliança Francesa », Paris.
 « O Movimento », S. Manoel do Paraíso.
 « Bulletin Officiel », Paris.
 « Memoria de Instrução Publica », Costa Rica.
 « El Monitor de la Educacion Comun », Buenos Aires.
 « Revista de la Educacion Fisica », Buenos Aires.
 « Revista de Educacion », Buenos Aires.
 « Patria », Recife.
 « Monitor Sul Mineiro », cidade de Campanha.
 « Le Messager de S. Paulo », Capital.
 « O Conservador », Nazareth.
 « Educacao e Pediatria », Rio de Janeiro.
 « Boletim Mensal del Museo Social Argentino », Tucuman.
 « Diario Oficial », S. Paulo.
 « La Revista Coloniale », S. Paulo.
 « O Commercio do Acre », Xapury.
 « A Federaçao Escolar », Porto.
 « Via Lactea », Piauhy.
 « Revista de Educacao », Lisboa.
 « Boletim de la Protectora de Niños, Pajaros y Plantas », Buenos Aires.
 « O Estimulo », organo do Gremio Normalista « 2 de Agosto », S. Paulo.
 « Revista do Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo », Victoria.
 « Revista de la Enseñanza », S. Salvador, America Central.
 « Jornal do Triangulo », Uberaba, Estado de Minas.

Para facilidade do serviço typographico, os artigos devem occupar uma lauda de cada tira de papel, escripta de um só lado. Recebe-se collaboraçao para o numero seguinte.

« A Revista » é distribuida gratuitamente a todos os srs. professores e professoras dos Grupos Escolares do Estado, alumnos do 4.º anno das Escolas Normaes, e os srs. professores de escolas isoladas que a requisitarem.

Deste modo, a Redacção espera que todos os srs. professores se interessarão pela « Revista », enviando sua collaboraçao, de modo que continuem a ser um repositorio seguro de observaçoens em relação a todas as disciplinas do programma.

Os Srs. Directores das Escolas Normaes e Grupos Escolares da Capital mandarão receber na Directoria Geral os exemplares da « Revista » destinados aos seus estabelecimentos.

Todas as procuraçoens para tratar de papeis dos srs. Professores serão enviadas ao secretario da Associaçao, prof. Demosthenes Marques ou ao sr. thesoureiro, prof. Isidro Denner, com a declaraçao de poderem ser substebelecidas.

Toda a correspondencia será dirigida á secretaria da Associaçao, para o prof. Demosthenes Marques, caixa do Correio n. 185, Capital.

Os srs. associados têm direito, gratuitamente, aos serviços do procurador social, que trata, nas repartiçoens publicas, do andamento de todos os papeis que dizem respeito ao exercicio dos srs. professores e professoras.

Revista de Ensino

A *Revista de Ensino* continúa a representar, na imprensa, a *Associaçao Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo*.

É o seu organo; a ella devem ser endereçados (rua Ypiranga, n. 24) os pedidos de assignatura e toda a correspondencia.

Expediente de 1 ás 2.

Está á venda o decimo volume da *Revista*, de 1916-1918, para completar as antigas colleccoens, preço 5\$000: e enviar pelo correio mais 500 réis de porte e registro.

Pedimos aos srs. assignantes, que ainda não mandaram reformar suas assignaturas, que queiram fazel-o, para evitar que lhes seja suspensa a remessa da *Revista*.

A importancia da assignatura, t\$3000 por anno, póde ser enviada em vale postal, ou em sellos do Correio.